



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**IMPRÓPRIOS PARA A HISTÓRIA
REBELIÃO, TEMPO E ANTINEGRITUDE EM
FERGUSON (2014-)**

Allan Kardec da Silva Pereira

Orientador: Prof. Dr. Arthur Lima de Ávila

Porto Alegre, RS.

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

IMPRÓPRIOS PARA A HISTÓRIA
REBELIÃO, TEMPO E ANTINEGRITUDE EM FERGUSON (2014-)

Allan Kardec da Silva Pereira

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de doutor em História.

Orientador: Prof. Dr. Arthur Lima de Ávila

Porto Alegre, RS.

2022

CIP - Catalogação na Publicação

Pereira, Allan Kardec
Impróprios para a História: Rebelião, Tempo e
Antinegritude em Ferguson (2014-) / Allan Kardec
Pereira. -- 2022.
249 f.
Orientador: Arthur Ávila.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto
Alegre, BR-RS, 2022.

1. Antinegritude. 2. Temporalidade. 3. Teorias da
História. 4. Racismo. 5. Violência policial. I. Ávila,
Arthur, orient. II. Título.

Allan Kardec da Silva Pereira

IMPRÓPRIOS PARA A HISTÓRIA

REBELIÃO, TEMPO E ANTINEGRITUDE EM FERGUSON (2014-)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de doutor em História.

Porto Alegre, 20 de dezembro de 2022

Resultado: Aprovado com conceito A

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Arthur Lima de Ávila (Orientador)
Departamento de História
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof. Benito Bisso Schmidt
Departamento de História
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Profa. Dra. Ynaê Lopes dos Santos
Departamento de História
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Profa. Dra. María Elvira Díaz-Benítez
Departamento de Antropologia Social
Museu Nacional (UFRJ)

Prof. Dr. Amilcar Araujo Pereira
Departamento de Educação
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Com especial amor e afeto para Gilvânia Matias.

Agradecimentos

“Essa é uma tese preta do início ao fim!” Foi com essa ênfase que a professora Ynaê Lopes definiu meu trabalho em certo momento da defesa, avaliação que muito me envaidece e que confirma o meu compromisso teórico. Um primeiro agradecimento, portanto, vai a todo um conjunto de autores e autoras negros que fizeram essa escrita ser possível. Esse espaço acadêmico também é nosso!

A confiança, o apoio e o incentivo do meu orientador, Arthur Ávila, foram de suma importância, desde os primeiros contatos. Uma inspiração e uma interlocução valiosa.

Sinto-me privilegiado com a banca que consegui montar para a defesa. Sou muito grato aos professores Benito Schmidt e Amilcar Pereira pelas observações e dicas absolutamente necessárias que me foram oferecidas na qualificação do mestrado. As professoras Ynaê Lopes e María Elvira Díaz-Benítez estendo minha gratidão pela disponibilidade e pelos comentários tão motivadores sobre meu trabalho.

Durante o período de créditos na UFRGS, tive aulas que realmente me transformaram enquanto pesquisador. O reconhecimento aqui vai, novamente, ao professor Benito Schmidt, por sua didática, provocações e discordâncias respeitadas: um verdadeiro exemplo de docência, que ainda muito me influencia. Professora Céli Pinto influenciou significativamente minha visão sobre teoria política e mundo contemporâneo. Em igual importância, gostaria de destacar a dívida imensa que tenho com os ótimos colegas que tive nesse período: Gabriel Gonzaga, um amigo brilhante, grande intelectual e dono das melhores conversas teóricas. Marcello Assunção é meu grande *parça* intelectual, alguém que me inspira em coragem no processo de crítica aos cânones historiográficos. Agradeço Luísa Valdez imensamente, por tudo, pela incrível companhia. Roger Camacho e José Jr., meus colegas de Ap., à “turma da teoria”: Vicente Detoni, Lívia Gallo, Pedro Batistella, Sandro Santos. Lembro também de Juliano Colla, Alan Alvão, Pedro Silveira, Jacson Schwengber, Tairane Ribeiro, Sulena Cerbaro, Eduarda Borges, Hariagi Nunes, José Zorzi, Manuel Matine, Diogo Quirim, Kelvin da Silva, Douglas Angeli, Débora Kreuz, Franklin Pinto, Gabriel Dienstmann, Guilherme Masi. Sou muito grato pelas trocas e receptividade também aos membros do corpus editorial da Revista Aedos, onde atuei, além da Sociedade Brasileira de Teoria da História e Historiografia.

Aos meus ex-alunos da UEPB, em Campina Grande, sou imensamente grato pela dedicação em minhas aulas, a paciência com os imprevistos e, sobretudo, com o imenso

aprendizado que tive com vocês. Foi uma experiência única enquanto profissional e pessoa. Aproveito aqui também, e agradeço aos meus amigos do “Black Twitter”/Facebook (brasileiros e norte-americanos), cujas trocas e compartilhamentos foram primordiais na formação da bibliografia preta que compõe meu trabalho.

Aos meus amigos, na Paraíba, sempre deixo claro minha gratidão. São eles dos meus grandes incentivadores: Diego Silva, Willams Lucian, Larissa Martins, Taianny Marques, Jerfeson Lima, Arthur Marcell, Jaqueline Lopes, Arilson Souza, Mikael, Betinha, Felipe Nobs, Nataly, Diógenes.

Meus familiares: minha mãe, Gilvânia, meu irmão, Anderson, meus avós, Otacílio e Goia, minhas tias, Nita, Doda, Gisele, meus tios Duda, Genival, Pedro, oferece-lhos todo meu amo e meu muito obrigado por tudo. Muito de mim é devido ao esforço e ao incentivo de vocês, pessoas humildes e de bom coração. Agradeço, por fim, minha namorada Larissa Diniz, razão da minha felicidade, amor e equilíbrio.

Resumo

Em 9 de agosto de 2014, na pequena cidade de Ferguson, no estado do Missouri, Estados Unidos, um jovem negro de 18 anos chamado Michael Brown foi assassinado por um policial local de nome Darren Wilson. Seu corpo ficou exposto para sua comunidade por mais de 4 horas no escaldante chão daquele verão. Já nesse momento, se deu uma repressão brutal da polícia contra as pessoas que tentavam congregar sua revolta pelo acontecido. Gritos e canções foram ecoados em um desafio frontal à brutalidade da sujeição. Protestos intensos duraram até o mês de dezembro daquele ano, quando a mensagem radical dos manifestantes migrou para outras pessoas igualmente revoltadas pela violência policial antinegra e sua lógica carcerária. A percepção de que os episódios de Ferguson marcavam uma falência do discurso pós-racial que defendia o “declínio da importância da raça” fez com que o embate entre “vandalismo/anarquia/radicalidade” x “respeitabilidade/reformismo” fosse repensado na cultura política negra. Frente a isso, inicialmente, *Impróprios para a História* reverbera as vozes que cantavam em revolta nos primeiros dias de Ferguson, situa os passos e os conflitos internos daqueles que recusavam o chamado à ordem das forças policiais. Em seguida, define o pós-racial e aponta como os grupos rebeldes combatiam também essa percepção do tempo. Após esses movimentos, reflete-se como o ordenamento geográfico de Ferguson racializava e limitava as possibilidades de vida de sua população negra em um processo de exclusão social de longa data. Essa condenação da negritude, em sua lógica carcerária, afetava pessoas como Michael Brown antes mesmo que ele fosse morto pelo policial Darren Wilson. Em seus últimos momentos, *Impróprios para a História* explica como, na esteira das manifestações e das construções políticas desenvolvidas nos anos seguintes em Ferguson, o abolicionismo prisional tem pautado os projetos de futuro possíveis para muitos ativistas em luta contra a antinegitude fundante dos Estados Unidos. Realizo esse caminho em um íntimo diálogo com um conjunto de autores negros, tentando aliar indisciplina e radicalidade na escrita da história.

Palavras-chave: Antinegitude. Temporalidade. Teorias da História.

Abstract

On August 9, 2014, in the small town of Ferguson, Missouri, United States, an 18-year-old black man named Michael Brown was murdered by a local police officer named Darren Wilson. His body was exposed to his community for over 4 hours, on the scorching ground that summer. At that moment, there was a brutal repression by the police against people who were trying to assemble their revolt over what had happened. Screams and songs were echoed in a frontal challenge to the brutality of subjection. Intense protests lasted until December of that year, when the protesters' radical message migrated to other people equally outraged by anti-black police violence and its carceral logic. The perception that Ferguson's episodes marked a failure of the post-racial discourse that defended the "decline in the importance of race" made the clash between "vandalism/anarchy/radicality" x "respectability/reformism" was rethought in black political culture. Faced with this, initially, *Improper for History* reverberates the voices that sang in revolt in Ferguson's early days, situates the steps and internal conflicts of those who refused the call to order from the police forces. Then, it defines the post-racial and points out how the rebels groups also fought this perception of time. After these movements, it is reflected how Ferguson's geographic ordering racialized and limited the possibilities of life of its black population in a long-standing process of social exclusion. This condemnation of blackness, in its carceral logic, affected people like Michael Brown even before he was killed by police officer Darren Wilson. In its last moments, *Improper for History* explains how, in the wake of the manifestations and political constructions developed in the following years in Ferguson, prison abolitionism has guided the possible future projects for many activists in the fight against the founding antiblackness of the United States. I take this path in an intimate dialogue with a ensemble of black authors, trying to combine indiscipline and radicalism in the writing of history.

Keywords: Anti-Blackness. Temporality. Theories of History.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** - “Dia de Protestos, Noite de Frenesi”, manchete do *St. Louis Post-Dispatch*, 11 de agosto de 2014.. 31
- Figura 2** - Gráficos de interações no *Twitter* contendo a #Blacklivesmatter.... **Erro! Indicador não definido.**
- Figura 3** - Cartaz de uma reunião anti-escravista de 1863 centraliza pessoas negras suplicantes..... 50
- Figura 4** - Manifestante segura um cartaz improvisado onde é possível ler: “Se não fosse um grande barulho vindo de St. Louis o mundo ainda estaria dormindo”. Ferguson, 17 de agosto de 2014.. 54
- Figura 5** - Policiais hiper-militarizados vigiam os manifestantes de Ferguson, Missouri, em 14 de agosto de 2014. Destaque-se a presença de um sniper e do supracitado LRAD 500X-RE em um veículo blindado.. 56
- Figura 6** - Pessoas negras performando o “*Hand’s Up, Don’t Shot*” em protesto pela morte de Michael Brown, em Ferguson, Missouri, 16 de agosto de 2014.. 61
- Figura 7** - *Tweets* comparando o avanço ultra-militarizado das forças policiais em Ferguson à situações de conflito urbano comuns em países “do Terceiro Mundo”.. 63
- Figura 8** - Em uma cobertura de notícias banal em que comentava um relatório positivo de emprego nos EUA (e não em um de seus programas com articulistas abertamente reacionários), a Fox News exaltava a alta nas ações da bolsa de valores Dow Jones uma semana após a morte de George Floyd, em maio de 2020. Com auxílio de um infográfico, a apresentadora Susan Li explicava como essa variação positiva nos cálculos do mercado parecia ser uma tendência notada já em outros grandes eventos raciais envolvendo morte ou sujeição de pessoas negras, como o assassinato de Martin Luther King, o caso Rodney King e a morte de Michael Brown 70
- Figura 9** - Anúncio do medicamento antipsicótico Haldol (haloperidol), década de 1970, exibindo um homem negro furiosamente com os punhos cerrados. Na manchete, a indagação: “Agressivo e beligerante?”..... 81
- Figura 10** - Capa do disco *Black Messiah* (2014), composto por D’Angelo..... 85
- Figura 11** - Resignado membro da KKK, já sem fósforos para queimar sua cruz supremacista, é ultrapassado pelo recém eleito presidente Obama, que caminha imponente rumo à Casa Branca e ao futuro pós-racial..... 99
- Figura 12** - “A Nova Face da América: Como os Imigrantes estão moldando a primeira sociedade multicultural do mundo”, capa da revista *Time* em 18 de novembro de 1993,

apontaria o futuro de uma nação multicultural/pós-racial. Acreditavam que assim se pareceria uma mulher com várias raças diferentes em sua linhagem.. 102

Figura 13 - Hank Willis Thomas. *The Cotton Bowl*, presente na coleção Strange Fruit, 2011. Digital c-print. 50 x 73 inches. © Hank Willis Thomas. Cortesia do artista e da Jack Shainman Gallery, New York.. 108

Figura 14 - “A história está de olho em você”. Cartaz presente em um protesto em frente ao Departamento de Polícia de St. Louis, 22 de outubro de 2014. 114

Figura 15 - “*QT People’s Park*” nas ruínas do posto *QuikTrip*, em Ferguson, 2014....119

Figura 16 - Ação em Nova York solidária aos manifestantes de Ferguson, Missouri, incentivando um boicote ao consumismo da Black Friday, 28 de novembro de 2014. Nos cartazes, além da emergente “*Black Lives Matter*” vemos as mensagens: “Nós não esqueceremos” e “Nós seremos ouvidos”.. 122

Figura 17 - Mapas do estado do Missouri e do condado de St. Louis..... 124

Figura 18 - Mapa com os 90 municípios de St. Louis County. Ferguson, marcada no número 31, é apontada através de uma seta. Ela faz parte da região metropolitana conhecida como Grande St. Louis..... 125

Figura 19 - Mapa de Segurança Residencial de St. Louis, 1937. As áreas são codificadas por cores, sendo as áreas vermelhas as piores, aquelas que teriam uma menor provisão de empréstimos por serem classificadas como “perigosas”. Majoritariamente, ficariam segregadas na área central da Grande St. Louis. 127

Figura 20 - Demolição televisionada de Pruitt-Igoe..... 129

Figura 21 - Versão racializada de uma caricatura sobre o estereótipo da “Rainha do bem-estar” (a versão original, criada pelo cartunista Stan Kelly, trazia uma mulher branca e loira). Vemos uma negra que estaria aproveitando os *tickets* de bem-estar social disponibilizados por governos do partido democrata para prover seus luxos (na imagem, dois Cadillacs)....131

Figura 22 - Floresta desmatada onde antes havia sido Pruitt-Igoe. Nos anos recentes, uma série de debates ocorreram em St. Louis sobre como revitalizar essa larga área.....133

Figura 23 - Canfield Green Apartments, Ferguson, Missouri, 12 de julho de 2019.... 139

Figura 24 - Crimes reportados pela polícia em Ferguson, do ano de 2010 até agosto de 2012. Note-se que a área de maior concentração de crimes (pentágonos vermelhos) era onde estavam localizados os complexos de Oakmont, Canfield Green e Northwinds... 140

Figura 25 - Dados da Agência de Proteção Ambiental (East-West Gateway Council of Governments, 2017) apontam que os três rios (e grande parte dos cursos d’água na área metropolitana de St. Louis) estão severamente “prejudicados” e “inseguros” (indicados em

vermelho no mapa) para práticas recreativas ou desenvolvimento pleno da vida selvagem. Ferguson, como se pode ver, estava rodeada por reservas hídricas com grau de poluição elevada..... 147

Figura 26 - Manifestantes em frente a uma névoa de gás lacrimogêneo pairando sobre West Florissant Avenue em Ferguson, Missouri, 18 de agosto de 2014..... 148

Figura 27 - Moradores de Ferguson reunidos em manifestação no “*QT People’s Park*”, 13 de agosto de 2014. Há de se notar que muitos tinham sobrepeso.. 152

Figura 28 - Uma equipe de mudança ajuda um morador de Canfield Green a se mudar de um apartamento perto do memorial de Michael Brown em 19 de novembro de 2014.....157

Figura 29 - Imagem postada pelo twitter oficial da rede de tv *NBC News*. Trata-se de sua primeira reportagem sobre o assassinato do jovem morto por um policial “após confronto físico”. A utilização dessa imagem específica não passou despercebida e foi duramente criticada por vários leitores negros..... 172

Figura 30 - Evidências apresentadas ao grande júri em Clayton, Missouri (onde foi realizado o julgamento). Fonte: St. Louis County Prosecutor Robert McCulloch/*The New York Times* 177

Figura 31 - Evidências apresentadas ao grande júri em Clayton, Missouri (onde foi realizado o julgamento)..... 177

Figura 32 - Evidências apresentadas ao grande júri em Clayton, Missouri (onde foi realizado o julgamento)..... 178

Figura 33 - Evidências apresentadas ao grande júri em Clayton, Missouri (onde foi realizado o julgamento)..... 178

Figura 34 - Evidências apresentadas ao grande júri em Clayton, Missouri (onde foi realizado o julgamento)..... 179

Figura 35 - Evidências apresentadas ao grande júri em Clayton, Missouri (onde foi realizado o julgamento)..... 179

Figura 36 - Evidências apresentadas ao grande júri em Clayton, Missouri (onde foi realizado o julgamento)..... 180

Figura 37 - Evidências apresentadas ao grande júri em Clayton, Missouri (onde foi realizado o julgamento)..... 180

Figura 38 - Evidências apresentadas ao grande júri em Clayton, Missouri (onde foi realizado o julgamento)..... 181

Figura 39 - Evidências apresentadas ao grande júri em Clayton, Missouri (onde foi realizado o julgamento).....	181
Figura 40 - Relatório de patologia forense do corpo de Michael Brown assinado pelo legista Michael Baden.....	183
Figura 41 - A foto de formatura de Mike Brown editada com os dizeres “Não Esqueça” valorizava o sentimento de luto e buscava manter acesa a vontade de justiça.....	194
Figura 42 - Postagens seguindo a <i>hashtag</i> #IfTheyGunnedMeDown. Note-se que sua criação por C. J. Lawrence se deu em resposta direta à condenação de Mike Brown provocada pela divulgação tendenciosa de uma fotografia sua pela NBS News minutos antes... ..	199
Figura 43 - Cartaz de divulgação do evento organizado por Jemele Hill.....	204
Figura 44 - Mural com os dizeres “Estendendo a Mão para o Futuro: Salvando Kinloch” expressando o desejo por dias melhores na cidade vizinha de Ferguson, taxada por muitos de “cidade-fantasma”. Um próspero subúrbio de maioria negra no começo do século XX, muitos dos seus moradores viam nos manifestantes de Ferguson um exemplo de obstinada esperança.	216

SUMÁRIO

Introdução.....	16
1 – “A rebelião é a linguagem dos que não são ouvidos”	26
2 – “E se destruíram muito era porque muito haviam sofrido”	55
3 – “Por que todos nós não podemos nos dar bem?”	89
4 – “Um imperativo geográfico encontra-se no coração de toda luta por justiça social”	124
5 – “Elemento corrosivo, que destrói tudo o que dele se aproxima”	160
6 – “É possível uma figuração emancipatória da negritude? Ou devemos esperar que os direitos da branquitude sejam democratizados?”	202
Referências.....	220

Impróprio

Impróprio é um termo sinônimo de inapropriado, inadequado, descabido, despropositado, disparatado, incorreto, errado, incoerente, incongruente, inútil, tolo. Em sua dimensão historiográfica, trata-se de uma contraconduta, uma trajetória errante em desafio a certos cânones. Impróprio: inoportuno, inconveniente, indevido, desaconselhável, desnecessário, incômodo, impertinente, deselegante, indiscreto, intempestivo. Um caminho arriscado, tortuoso. *O único caminho para pesquisadores negros?* Impróprio remete também a imprecisão, inexatidão, indeterminação, inconsistência, incerteza, desacerto e desajuste. Uma torção do texto histórico para além de sua usual função. Daí porque, histórias impróprias sejam consideradas, muitas das vezes, indecentes, indecorosas, indignas, imorais, obscenas, despudoradas. Elas procuram ir além do reformismo, radicalizam suas propostas, recusam um tipo de escrita que seja, ao final, mais apenas um “romance de resistência”. Nos protetos de Ferguson, as canções e frases de efeito que ouvíamos eram taxadas de dissonantes. Caminhava-se de forma errante por território hipervigiado pelas forças policiais antinegras. Não se aceitava o esquecimento do passado de sujeição, imposto como projeto de união nacional por meio de discursos pós- raciais. Lia-se o tempo de outra forma e fazia-se disso um elemento central na luta política. Tidas como impróprias, as pessoas em rebelião redefiniam os laços de comunhão social em espaços marcados como inabitáveis e carentes de vida. Elas abraçavam, afinal, a impropriedade como um campo de imensas possibilidades. Igualmente, desmobilizavam o imperativo da inocência e avançavam novas estratégias de enfrentamento à lógica carcerária. Centralizavam o abolicionismo penal como um legado que mantém viva a memória de uma tradição radical negra que recusa o ativismo de celebridades. Com tudo isso, elas vislumbravam um futuro diferente do que atualmente ainda é tido como apropriado e confortável (à Supremacia Branca e à historiografia canônica). Em suma: impróprio é tomado aqui como um conceito-chave, como um método indisciplinado onde o historiador se implica, conjuntamente com os sujeitos históricos, em uma oposição decisiva às presumíveis narrativas mestras do tempo, da historiografia e da antinegitude.

“There are no stories in the riots, only the ghosts of other stories”

John Akomfrah, *Handsworth Songs*, 1986

Introdução

A densidade apologética do apelo pelo reconhecimento é impressionante. Ela assume tanto a ignorância quanto a inocência do mundo branco. Se conhecessem a verdade, eles agiriam de outro modo.

Saidiya Hartman¹

Impróprios para a História fala do assassinato do jovem Michael Brown, por um policial, na cidade de Ferguson, Missouri, em 9 de agosto de 2014. Não serei neutro quanto ao caso: nas páginas que seguem, partindo de diversos prismas, argumentarei o quanto o racismo antinegro marcou essa interação. É do lado da vítima que estou. É compartilhando da raiva expressa por várias pessoas negras que se rebelaram após o ocorrido que escrevo. Esse, portanto, não é um retrato apaziguador ou otimista, afinal, literalmente um jovem negro morreu (como ainda tantos outros continuam morrendo lá nos Estados Unidos e cá no Brasil, nunca é demais recordar) e sua comunidade foi brutalmente reprimida por forças policiais.

Impróprios para a História trabalha as múltiplas temporalidades desse evento, os múltiplos ritmos que definem a vida negra. Como aquelas pessoas, em revolta, lidavam com as formas de protesto que vinham do passado? Havia em Ferguson algum “choque de gerações” entre a militância negra? Esses questionamentos desenvolvidos ao longo de *Impróprios para a História* nos ajudarão a pensar a “política da respeitabilidade negra” como uma política do tempo, pois ela não apenas aponta para a disputa acirrada que se dá entre conservadorismo/reformismo x radicalismo/abolicionismo nas revoltas negras, como também, em alguma medida, dá conta das distintas maneiras pelas quais o tempo é considerado no processo de transformação da sociedade. *Impróprios para a História* assume especial simpatia pelos impacientes, por aqueles que gritavam “Liberdade Agora!”. Mas, ao mesmo tempo, busca entender o quanto projetos de emancipação negra dependem da persistência, de um engajamento duradouro e nada apoteótico em prol de algo que, em grande parte, será colhido pelas futuras gerações. Isso está longe, como explicarei, de um mero fatalismo ou pessimismo descompromissado.

Ainda sobre as diversas temporalidades que o acontecimento nos conduz a problematizar, *Impróprios para a História* reflete sobre como rebeliões negras são repetidamente consideradas inoportunas. Quando muitos diziam que a revolta de Ferguson

¹ HARTMAN, Saidiya. *Perder a Mãe: Uma Jornada pela Rota Atlântica da Escravidão*. Tradução de José Luiz Pereira da Costa. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021b. Pereira da Costa. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021b, p. 212-213.

caminhava para uma radicalidade “despolitizada”, “desagregadora”, “anárquica” e “incontrolável”, eles indicavam que as pessoas amotinadas talvez não estivessem no “caminho certo” do progresso. A indisciplina destrutiva, os saques, os gritos improvisados, a errância dos passos e o “identitarismo” dos manifestantes eram elementos julgados comuns às experiências “fracassadas” de outrora, ou seja, símbolos do que sugeriam ser carência de maturidade política. Mapeando essa condenação, situando essa pouca expectativa que muitos atribuíam à revolta, opto justamente por fazer o contrário: abraço a impropriedade e exalto os métodos empregados pela turba obstinada em motim. E faço isso mostrando o quanto essas tradições radicais negras de luta contra a violência policial operam uma crítica mordaz a determinados imperativos de felicidade, progresso, liberdade e justiça em tempos de domínio sufocante do capitalismo racial. Sim, em *Impróprios para a História*, eu optei por acreditar nos vidros quebrados. Eu decidi por aceitar os incêndios impingidos por partes da própria comunidade em rebelião. Eu me dispus a ouvir e tentar reverberar (dentro dos limites da linguagem acadêmica e da observação estrangeira) a ruidosa rebelião sonora de Ferguson.

Por imposição dos sujeitos dessa história imprópria, sigo uma narrativa que vai e volta nos tempos, que toma o passado, o presente, as expectativas de futuros negros de maneira emaranhada. Como não poderia fazer isso, se uma das chaves da pesquisa é a desconfiança que a revolta promoveu na então bastante difundida ideia de que os EUA viviam tempos pós-raciais, ou seja, tempos de superação do passado antinegro que envergonhava sua democracia excepcional? A revolta de Ferguson, logo percebi, era uma profunda crítica aos projetos de nação multirracial, às inúmeras expectativas sobre a “superação” do racismo após a eleição do primeiro presidente negro, Barack Obama, bem como à outra série de símbolos de progresso, de que agora era o tempo de exaltar os “pretos no topo”. A comunidade fraturada, que (re)tomava as ruas, carregava em suas falas uma longa história *marcada* pela antinegitude. Escavando o passado da grande St. Louis (onde a pequena Ferguson se localiza), estudando as dinâmicas geográficas, demográficas, políticas e ambientais dessa região conhecida como “O Coração da América”, zona limítrofe entre o norte e o sul dos EUA, *Impróprios para a História* revela tanto os escancarados, quanto os insidiosos processos de “especialização da raça” e a “racialização do espaço”, que influíram numa série de limitações das possibilidades (ou projeção ao futuro, como queiram) das pessoas negras que lá viviam.² A morte de Michael Brown, como será demonstrado, foi apenas um fenômeno dentro de uma cadeia intrincada de eventos que constituem a antinegitude em Ferguson. Estando esse presente, portanto,

² MILLS, Charles W. *The racial contract*. Ithaca/NY: Cornell University Press, 1997, p. 41-42.

“povoado de fantasmas”³, foi imperativo escrever de forma indisciplinada (imprópria?) essa história.

Impróprios para a História medita sobre a figura de Michael Brown, seu corpo negro, gordo e *às margens* da sociedade. Nesse caminho, analisa a direta ligação entre a execração/demonização antinegra de Brown e aquilo que chamaremos de “lógica carcerária”, ou seja, a condenação da negritude que transcende espaços prisionais e paira sobre a sociedade civil como uma atmosfera.⁴ Com isso, um dos objetivos de *Impróprios para a História* – algo que me deixaria muito satisfeito de conseguir – será a desmontagem da exigência de que vítimas negras comprovem sua inocência. Ser impróprio para a história é não ceder a apelos do tipo. Não apenas por ser a condenação antinegra muito elástica, mas porque, essencialmente, essas demandas por inocência são deveras danosas/difíceis de alcançar plenamente por mulheres negras pobres, *queers*, deficientes, pessoas “com passagem”, indocumentadas etc. Meu trabalho busca radicalizar a leitura sobre esse rebaixamento social, ou seja, ele tenta ir *até a raiz*, procurando traçar as ligações do momento em que Brown fora assassinado com uma longa história, que tem no comércio transoceânico de africanos escravizados o seu lugar de gestação. Talvez esse seja um movimento arriscado e perigoso que eu faço. Porém, há determinados horrores antinegros que apenas experimentos indisciplinados no texto historiográfico conseguem ilustrar. Espero que as conexões imaginadas tornem isso possível.

Falando em possibilidades, acredito que essa seja a grande mensagem transmitida pelas vozes obstinadas de Ferguson: chegou o momento de pensar em alternativas, chegou a hora de alargar o pensamento, de questionar soluções revolucionárias que repetidamente não contavam com a experiência negra, ou melhor, que as excluía como impensáveis, intratáveis, imaturas, utópicas..., impróprias para a história. Modalidades de recusa à condenação antinegra, alternativas de reconexão comunitária, caminhos para a formação de assembleias de revolta, recursos possíveis na constituição da prática abolicionista negra, etc. São várias as possibilidades experimentadas *na esteira* de Ferguson. *Impróprios para a História* não dá conta de todos esses métodos. Na verdade, está muito mais apto a apontar seus desafios, os seus embates com forças contrárias e, sobretudo, está muito mais tentado a acreditar em sua importância para movimentos e ativistas negros em toda a diáspora. Faz isso, porém, sem se

³ Cf. ÁVILA, Arthur Lima de. “Povoando o Presente de Fantasmas: feridas históricas, passados presentes e as políticas do tempo de uma disciplina”. *Revista Expedições: Teoria da História e Historiografia*, v. 7, 2016, p. 189-209.

⁴ Cf. SHARPE, Chritina. “The Weather”. In: *In the Wake: On Blackness and Being*. Durham, NC: Duke University Press, 2016, p. 102-134.

colocar como um manual antirracista, sem se posicionar como obra missionária capaz de ensinar receitas para o sucesso negro (no mundo sob domínio da branquitude).

Impróprios para a História escreve sobre uma comunidade negra em revolta nos Estados Unidos, mas busca inserir-se no debate sobre raça, temporalidade e historiografia no Brasil. Sim, é lógico que a antinegitude assume uma escala global que faz com que o caso de Michael Brown seja tão parecido com o de diversos jovens brasileiros assassinados por forças policiais diariamente. É possível também traçar semelhanças entre a política do tempo pós-racial nos Estados Unidos e as técnicas de governança geridas pelo discurso da democracia racial aqui no Brasil. “Pretos no topo” ou “Black Excellence”, frases com forte viés neoliberal, parecem ter grande aceitação nos dois países. O abandono das geografias negras em detrimento da valorização dos espaços consagrados à branquitude também aproximam as reflexões entre essas duas realidades sócio-políticas. A lógica carcerária antinegra descrita em Ferguson e St. Louis, igualmente, guarda notáveis similaridades com o mundo securitário em que vivemos. O rebaixamento da humanidade, a dificuldade de se enlutar por pessoas negras “matáveis”, as sádicas cenas de sujeição de corpos negros transmitidas para o deleite televisivo do “horário nobre”, lá e cá, oferecem paralelos instigantes para se pensar a antinegitude. Em suma, há vários movimentos e aproximações a se fazer.

Porém, quando se trata de valoração das revoltas negras, *Impróprios para a História* opta por tomar um cuidado maior com as especificidades de cada situação. Não penso Ferguson como um exemplo ideal, nem tomo as rebeliões negras dos Estados Unidos com o objetivo de rebaixar e reclamar de uma suposta “passividade” das resistências negras realizadas aqui no Brasil. Isso seria leviano da minha parte com toda uma tradição corajosa de ativistas que obstinadamente desafiaram à antinegitude desde quando partiram os primeiros navios negreiros da África.

Impróprios para a História é a intervenção acadêmica de um homem negro, nascido na periferia de uma pequena cidade do nordeste brasileiro, uma região ainda muito desigual e violenta, cujas capitais e grandes cidades do interior estatisticamente estão entre as com o maior número de assassinatos no mundo. Parto da experiência de ter sido testemunha dessa realidade. Transformo em palavras muito da revolta que sempre tive com o mundo segregado no qual cresci. *Impróprios para a História* comunica um método em que a minha própria vida se vê como parte da sobrevida da escravidão. Do mesmo modo, *Impróprios para a História*

desenvolve-se como um projeto de afirmação do meu lugar de intelectual negro, pobre, periférico e indisciplinado frente a determinados discursos sobre pessoas negras na historiografia. Há muito de mim no abraço à impropriedade daqueles que se rebelavam em Ferguson, na compreensão daquelas pessoas que enfrentavam a respeitabilidade da branquitude e dos líderes negros conservadores enquanto lutavam pela abolição desse mundo.

Com isso, quando comento sobre figuras carimbadas do reacionarismo de direita americano, a exemplo de Dinesh D’Souza, Mike Huckabee, Matthew Vadum e Todd Starnes, desejo que o leitor de *Impróprios para a História* recorde que os interlocutores desses supremacistas brancos aqui no Brasil (gente da estirpe de Rodrigo Constantino, Olavo de Carvalho) fazem parte dessa mesma rede reacionária de mentiras, falsificações históricas e teorias da conspiração contra movimentos de esquerda que tem assolado o debate público atual. A ascensão do fascismo bolsonarista em anos recentes tem ligação direta com a difusão desses discursos mentirosos e antinegros nos Estados Unidos e aqui no Brasil. *Impróprios para a História* tenta provocar no leitor uma reflexão que trace um inevitável paralelo entre a nefasta condenação que a mídia *mainstream* norte-americana fez da rebelião de Ferguson, em 2014, e a escalada conservadora do trumpismo e do bolsonarismo nos anos seguintes. A perseguição que grupos supremacistas brancos fazem à *Critical Race Theory* (CRT) e à política de cotas nas universidades públicas brasileiras, só para citar um dos vários exemplos em disputa atualmente, escancara o caráter transnacional desses retrocessos.

Há um momento do livro *In The Wake: On Blackness and Being* em que Christina Sharpe comenta sobre *Memory for Forgetting*, um curso que ministrou com o objetivo de examinar duas histórias traumáticas: o Holocausto e a escravidão nos EUA/América do Norte. Em especial, ela destaca que, quando ensinou o curso cronologicamente, sentiu que muitos alunos tinham dificuldade em refletir sobre a escravidão e suas vidas posteriores, algo bem distinto da empatia que nutriam pela leitura do Holocausto. Alguns alunos até mesmo viam na escravidão um certo paternalismo que permitia aos escravos algum conforto possível (“Bem, eles receberam roupas e comidas; havia um tipo de cuidado ali”, argumentavam). Como alternativa, Sharpe diz que decidiu repassar uma cena do conhecido filme *Shoah* (1985), de Claude Lanzmann, onde Simon Srebnik (um dos três sobreviventes do massacre em Chelmno, que vivia em Israel) retorna à Polônia. Após ser inicialmente bem recebido, Simon se depara com os moradores locais progressivamente culpando os próprios judeus de

Chelmno por sua captura pelos nazistas. A cena, logicamente, chocou os estudantes, afirma a autora, que chega a os questionar se imaginavam a hipótese de Simon Srebnik não ter outro lugar para ir além de Chelmno ou a Polônia. Sharpe, por fim, recorda-os que esse foi o destino dos anteriormente escravizados e seus descendentes nos Estados Unidos pós-Guerra Civil (1861-1865): continuaram a viver nas *plantations*, rodeados daqueles que reivindicaram propriedade sobre eles e que lutaram (ou melhor, que lutam ainda) para estender esse estado de captura e sujeição, de maneira legal ou extralegal, até o presente.⁵

Exemplos como esses me levaram a refletir sobre que conduta teórica eu deveria adotar em *Impróprios para a História*. Havia um problema central ao trabalhar a revolta de Ferguson: como escrever a história de uma comunidade negra que não teve o seu luto respeitado? Como transmitir um sentimento de raiva e uma descrença na justiça formal através de um texto acadêmico? Lewis Gordon, como poucos, oferece um argumento bastante sucinto sobre o que ele chama de “decadência disciplinar”, ou seja, um afastamento do pensamento vivo através de uma “concepção deontologizada ou absoluta da vida disciplinar”. Nesse processo, segundo o autor, a disciplina passar a ser o mundo, e nesse mundo, a principal preocupação é a adequada administração de suas regras/regulamentos/métodos. Assim sendo, por mais que a consciência histórica assuma, do mesmo modo que as ciências, que as verdades históricas sejam contingentes, ela ainda se mantém presa na impossibilidade de relativizar suas normas disciplinares *para além de certos limites*.⁶ Estava eu diante dessas fronteiras e tendo que lidar com uma possibilidade bem peculiar de fontes: reportagens veiculadas em meios de comunicação geridos de acordo com valores de defesa da branquitude e da lógica carcerária. Como seria uma história que analisasse de forma imparcial as transcrições das audiências do júri que inocentou o policial Darren Wilson da morte de Michael Brown? Talvez ela fosse mais palatável a ouvidos respeitáveis diferentes dos meus. Porém, há situações (repito) em que agir de maneira imprópria às normas canônicas da historiografia torna-se um imperativo. Como explica Christina Sharpe:

(...) é preciso nos tornar indisciplinados. O trabalho que fazemos requer novos modos e métodos de pesquisa e ensino (...) articular um método de enfrentar um passado que não é passado. Um método ao longo das linhas de uma sessão, uma reunião e um rastreamento de fenômenos que afetam desproporcional e devastadoramente os povos negros em qualquer lugar que estejamos. Estive pensando neste encontro, nesta coleta e leitura em direção a um novo trabalho analítico, o despertar e o trabalho do rastro [*the wake*

⁵ SHARPE, Christina. *In the Wake: On Blackness and Being*. Durham, NC: Duke University Press, 2016, p. 11-12.

⁶ GORDON, Lewis. “Decadência Disciplinar e a De(s)colonização do Conhecimento”. *Epistemologias do Sul*, v.1, n. 1, 2017, p. 117.

and wake work], e estou interessada em traçar, mapear e coletar os arquivos do cotidiano da morte imanescente e iminente dos negros, e em rastrear as maneiras pelas quais resistimos, rompemos e perturbamos essa imanência e iminência estética e material.⁷

Nesse processo, poderia ser escusado dizer, mas aqui faço questão de ressaltar: *Impróprios para a História* referencia quase que exclusivamente autores negros. Isso se deu tanto por imposição do tema, quanto por uma deliberada opção minha. Trata-se, afinal, de buscar um cuidadoso trabalho de curadoria, com o objetivo de intervir no campo da teoria da história, pontuando-o com autores *estranhos*, não-habituais, negros demais para seu cânone peculiarmente muito branco.

Impróprios para a História é um escrito profundamente pessoal porque essa história, em suas múltiplas camadas de tempo e lugar, me afeta diretamente, redimensionam aquilo que eu entendo por dor, ou o que acredito ser liberdade, democracia, progresso. Essa história ainda em curso me convoca a questionar, principalmente, a *forma* de narrar aquelas cenas de sujeição replicadas nas inúmeras reportagens que eu lia/assistia: deveria elaborar uma espécie de romance de redenção? Uma tragédia de final previsível? Optando (se é que é possível haver escolha aqui...) por ser pessimista, eu replicaria a dor daqueles que sucumbiram? Sendo otimista, eu manteria intacta a ordem de poder que sustenta a violência antinegra? A tradição de autores e autoras negros citados me ofereceu um amparo inestimável diante desses dilemas. Sendo *Impróprios para a História*, portanto, um assumido trabalho de transformação pessoal e intelectual, eu modestamente espero que os leitores compartilhem esse espaço de abertura e redefinição de si.

No capítulo 1, intitulado “A rebelião é a linguagem dos que não são ouvidos”, descrevo as impressões iniciais sobre a revolta de Ferguson acompanhando os embates travados entre aqueles grupos que obstinadamente gritavam em protesto e os relatos iniciais massivamente condenatórios de sua radicalidade por parte da mídia *mainstream*. Ao mesmo

⁷ SHARPE, Christina. *In the Wake: On Blackness and Being*. Durham, NC: Duke University Press, 2016, p. 12. Pensando nesse texto como um meio de divulgação de conhecimento e ciente de que no Brasil, devido a processos histórico-sociais, há um *deficit* de proficiência em inglês entre alunos negros, optei por traduzir diretamente todas as citações. Não faria sentido discutir exclusão epistêmica e contribuir, de alguma forma, para mais essa. Para uma consulta mais elaborada acerca dessas disparidades, Cf.: BRITISH COUNCIL. “O ensino de inglês na educação pública brasileira: elaborado com exclusividade para o British Council pelo Instituto de Pesquisas Plano CDE”. São Paulo, SP: British Council Brasil, 2015. Disponível em: https://www.britishcouncil.org.br/sites/default/files/estudo_oensinodoinglesnaeducacaopublicabrasileira.pdf.

tempo, situo as discordâncias que esses “manifestantes impróprios” tiveram com organizações ativistas centralizadas em figuras carismáticas como Al Sharpton, Bob Avakian, Anthony Shaid e Malik Shabazz. A comunidade em rebelião estava fraturada quanto aos seus objetivos e abordagens ativistas: para uns, era preciso ter paciência e confiar nos órgãos formais de justiça, para outros, agitados em uma ruidosa polifonia de vozes, era imperativo recusar o chamado à ordem que policiais ultramilitarizados empregavam em sua contenção. Reflito aqui o quanto essa paisagem sonora do motim remetia ao subgênero do *rap* conhecido como *trap*, um termo que dava conta das diversas “armadilhas” que as comunidades negras pobres, como Ferguson, vivenciaram no contexto imediatamente anterior à morte de Michael Brown, uma época tida por muitos como pós-racial. A fugitividade da rebelião assume um caráter de “sabotagem epistemológica”, capaz de redefinir a arena do político e as noções de tempo adequadas em contextos de revolta. Encerro o capítulo com uma análise crítica daquele que foi o principal coro transmitido na esteira de Ferguson: *Black Lives Matter*. O que se contou/cantou sobre Ferguson no *doravante*, após os eventos “esfriarem” com a chegada do inverno, no final do ano, e a aparição de novos episódios de violência policial antinegra? Esse é um capítulo especialmente inspirado no trabalho de Saidiya Hartman, Shana L. Redmond, Paul Gilroy e Fred Moten, autores negros sensíveis ao poder da música/do som nos processos de comunhão e rebelião contra a antinegitude fundante do mundo moderno.

No capítulo 2 retomo uma frase do clássico *Os Jacobinos Negros*, de C. L. R. James, a poderosa “E se destruíram muito é porque muito haviam sofrido”, e decido estudar a revolta através dos seus passos (ou recusas em se movimentar) furtivos. O caminhar obstinado, a desobediência a ordens injustas, a (re)tomada de espaços da cidade para outros usos: um posto de gasolina incendiado como palco de um experimento político fora das coordenadas de respeitabilidade negra, em frontal oposição à brutalidade policial. Há aqui, mais uma vez, um abraço da impropriedade revoltosa, medida que questiona, afinal, quem eram os “verdadeiros *trappers*”, no sentido de “os reais saqueadores”, de uma Ferguson espoliada pelo capitalismo racial. As atribuições negativas recebidas pelas pessoas negras em revolta – loucas, indisciplinadas, vândalos – são ressignificadas em um movimento que busca, ao final do capítulo, refletir sobre a posterior desradicalização narrativa de Ferguson. O diálogo teórico mais direto aqui é: com o trabalho de Marquis Bey, através de sua instigante interpretação sobre a *anarcho-Blackness*; de Sarah Haley, interpretando o que seria uma “história sem décor” que destrói os prazeres estéticos da propriedade sob poder da branquitude, e Sara Ahmed, reivindicando a obstinação negra como uma conduta imprópria decisiva nos processos de transformação social.

“Por que todos nós não podemos nos dar bem?”, o questionamento feito por Rodney King, um homem negro de 25 anos que foi espancado por quatro policiais do Departamento de Polícia de Los Angeles, em 3 de março de 1991, e viu os agentes serem absolvidos em um controverso julgamento no ano seguinte (o que provocou protestos massivos em Los Angeles) intitula o capítulo 3. Este, porém, começa com uma discussão sobre a impensabilidade que acomete rebeliões negras como a de Ferguson, frequentemente guiadas por sujeitos com pouca adesão às gramáticas usuais de revolta. Surpreendendo muitos daqueles que viam aquela cidade como uma comunidade fragmentada e à beira da morte, a rebelião de Ferguson operou um desafio frontal à temporalização pós-racial. Contrariando os imperativos “pós-políticos”, “pós-ativistas”, e os discursos apressados sobre o “Fim da História”, Ferguson trouxe à cena uma revolta cuja descrença com relação ao progresso do tempo era central. Inspirado em Jared Sexton, para quem as lógicas do passado escravocrata persistem no presente “*na e como* permutação”, esse capítulo aponta como Ferguson desmantelou promessas de felicidade (a referência é novamente Sara Ahmed) oferecidas por projetos de nação antinegros nos EUA.

No capítulo 4, “Um imperativo geográfico encontra-se no coração de toda luta por justiça social”, tomo como mote a sentença de Frantz Fanon sobre a cidade do colonizado enquanto “um mundo cindido em dois” e discuto o histórico processo de segregação espacial da grande St. Louis, região metropolitana onde a cidade de Ferguson está localizada. Começando pelo *redlining* que separava bairros de acordo com a origem étnica dos moradores, passando pelo projeto Pruitt-Igoe e chegando até a recente crise dos empréstimos *subprimes*, analiso as várias formas como a antinegitude “especializou a raça” e “racializou o espaço” (na ampla referência que aqui faço aos trabalhos de Charles Mills e George Lipsitz) de Ferguson. Nesse caminho percorrido, baseando-me nas pesquisas de Lauren Berlant, Rob Nixon e Jasbir Puar, explico como o impacto nefasto do neoliberalismo na gestão do espaço geográfico se dá através de uma debilitação ambiental e alimentar que pune moradores negros de diversas maneiras insidiosas. Ao final, em um diálogo direto com AbdouMalik Simone, Katherine McKittrick e Clyde Woods, reconceituo o sentido de “inabitável” que tentava rebaixar Ferguson e sua população negra pobre.

O título do capítulo 5, “Elemento corrosivo, que destrói tudo o que dele se aproxima”, é extraído da obra de Frantz Fanon com o objetivo de descrever a execração social atribuível a pessoas negras como Michael Brown. Começo descrevendo de que maneira a forma como a imprensa noticiava as diversas revoltas de escravizados, planejadas ou realizadas durante o século XIX, contribuía para fortalecer o pânico social antinegro. Do surgimento das primeiras

prisões, passando pelo mapeamento censitário da população carcerária dos EUA, uma série de “avanços modernos” no controle social estiveram diretamente amparados no ressentimento antinegro. A condenação da negritude, de que fala Khalil Gibran Muhammad, empoderaria milícias supremacistas da Ku Klux Klan e autointitulados “vigilantes”, ambos responsáveis por uma série de açoitamentos públicos, execuções sumárias, violações sexuais e linchamentos de homens e mulheres negros de todas as idades no alvorecer do século XX. Pensando com Ruth Wilson Gilmore a constituição do Complexo Industrial Prisional e o hiperencarceramento de pessoas negras, chegamos até a “Teoria das Janelas Quebradas”, que surge em paralelo com o avanço neoliberal dos anos 80. No contexto das manifestações em 2014, muitos dos moradores pobres e negros de North County, a região da metrópole de St. Louis onde Ferguson se localiza, vivenciavam uma dolorosa “morte cívica” marcada por prisões arbitrárias devido a multas de trânsito e outras infrações menores absurdamente abusivas em sua tendenciosidade antinegra. Tanto uma parte da cobertura jornalística, quanto os incessantes comentários que remetiam Brown ao estereótipo do “bruto negro”, replicavam essa lógica carcerária antinegra que praticamente justificava a execução sumária cometida pelo policial Darren Wilson. Haja vista que mesmo no julgamento isso foi mobilizado em prejuízo do jovem negro, a parte final do capítulo cita a campanha *#IfTheyGunnedMeDown* como uma prática inventiva e crítica dessa condenação.

Por fim, o capítulo 6 se chama “É possível uma figuração emancipatória da negritude? Ou devemos esperar que os direitos da branquitude sejam democratizados?”, um questionamento de Saidiya Hartman que retoma uma parte da reflexão desenvolvida no final do capítulo 1 sobre o que foi feito *no doravante*, ou seja, após os dias de protesto em Ferguson, no ano de 2014. O dilema entre reformismo e abolicionismo retorna aqui quando comentamos a atuação de Joe Biden, atual presidente dos EUA, após a condenação do policial que matou George Floyd, em 2020, e quando discutimos o processo de comercialização do ativismo negro (o que Dylan Rodriguez chama de “*non-profit industrial complex*”) enquanto uma “moda” que “chegou para ficar” desde então. A intensificação do debate em torno do desfinanciamento da polícia, como explico, demonstra que essa ainda é uma arena com disputas semelhantes à de Ferguson. *Impróprios para a História*, como eu espero que já tenha ficado evidente, assume um posicionamento de defesa desta radicalidade (referenciando pensadoras ativistas como Angela Davis, Mariame Kaba e Joy James), defende um abraço às condutas rebeldes que têm obstinadamente desafiado o mundo antinegro em que vivemos.

1 – “A rebelião é a linguagem dos que não são ouvidos”⁸

O pensamento do Tremor surge de toda parte, músicas e formas sugeridas pelos povos. Músicas suaves e lentas, pesadas e percucientes. Belezas, grito aberto. Ele nos preserva dos pensamentos de sistema e dos sistemas de pensamento. Não supõe o medo ou a irresolução, estende-se infinitamente como um pássaro incontável, asas semeadas do sal negro da terra. Ele nos reúne na absoluta diversidade, num turbilhão de encontros. Utopia que nunca se fixa e que abre o amanhã, como um sol e fruto compartilhados.

Edouard Glissant⁹

A música é um método. Além de seus muitos prazeres, a música nos permite fazer e imaginar coisas que de outra forma seriam inimagináveis ou pareceriam impossíveis. É mais do que som; é um sistema complexo de significações e fins que medeiam nossas relações uns com os outros, com o espaço, com nossas histórias e momento histórico.

Shana L. Redmond¹⁰

A música negra é a organização social do tempo negro para a revolução.

Tavia Nyong'o¹¹

Em um dia de verão, tão quente quanto os dos primeiros filmes de Spike Lee, pessoas negras em Ferguson fizeram suas vozes serem ouvidas, mesmo que o discurso pós-racial e, até mesmo, a gramática de revolta das esquerdas de então não estivessem especialmente dispostos a escutar. Todas as revoltas negras, afinal, soam como refrões que quebram o tempo, convocando um passado tido por muitos como impróprio para a História.

Na tarde de 9 de agosto de 2014, na cidade de Ferguson, condado de St. Louis, estado do Missouri, um adolescente afro-americano de 18 anos, chamado Michael Brown, foi baleado e morto por Darren Wilson, um oficial de polícia branco que patrulhava o subúrbio de maioria negra Canfield Green Apartments. Seu corpo foi deixado descoberto na rua por

⁸ KING JR., Martin Luther. apud ROTHMAN, Lily. “What Martin Luther King Jr. Really Thought About Riots”, *Time*, 28 de abril de 2015, disponível em: <https://time.com/3838515/baltimore-riots-language-unheard-quote/>.

⁹ GLISSANT, Édouard. *O pensamento do tremor: La cohée du Lamentin*. Tradução Elnice do Carmo Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Gallimard/Editora UFJF, 2014, p. 22.

¹⁰ REDMOND, Shana L. *Anthem: Social Movements and the Sound of Solidarity in the African Diaspora*. New York: New York University Press, 2014. p. 1.

¹¹ NYONG'O, Tavia. *Afro-Fabulations: The Queer Drama of Black Life*. New York: New York University Press, 2019, p. 11.

aproximadamente quatro horas, enquanto policiais impediam que familiares e amigos se aproximassem. Logo um conjunto de manifestantes reuniu-se em frente ao Departamento de Polícia de Ferguson. Com as mãos erguidas, aquelas pessoas gritavam: “Queremos respostas!”, “Sem justiça, sem paz”, “Pare o terrorismo policial”, “Desarme a polícia”, “Mãos para cima, não atire!”.

O barulho que faziam rapidamente incomodou alguns dos observadores. A *CBS News* destacava o que seriam ameaças à polícia partindo de uma “grande multidão de residentes irritados”.¹² O ruído daquele coro de descontentes congregava uma comunidade massacrada por uma segregação de longa data e expressava, de algum modo, todo um universo de sonhos frustrados, medos e privações constantes.

Aqueles gritos também, em uma frequência outra, em uma escala dissonante, pareciam transmitir um intempestivo desejo de redefinir um futuro repleto de limitações que a antinegitude condicionava. Era possível sentir que aquela atmosfera estava impregnada de revolta. Já nas imagens e cantos iniciais, a impressão que se tinha era que a qualquer instante todas as promessas de insurreição poderiam ser cumpridas, tão intensa era a coragem daqueles pequenos grupos improvisando frases contra a rotineira violência policial, tão visceral era a audácia de uma mãe com filho no colo enfrentando as câmeras de televisão sedentas por imagens clichês de alguma “negra raivosa”. Naquele curto espaço de tempo da rebelião em massa, em nome de Mike Brown, mas certamente indo muito além dele, uma ruidosa assembleia arriscava gritar impérios contra o mundo antinegro.

Caminhando em oração pela avenida Canfield Drive, algumas pessoas tentavam apoiar a mãe de Brown, Lezley McSpadden. No local onde o sangue do jovem negro morto ainda manchava o solo, em círculo, tanto um grupo de pessoas idosas, de igrejas locais, quanto jovens que moravam ali perto começaram a cantar e a abraçar-se em uma repentina vigília carregada de indignação. O cair da noite intensificava os lamentos dessa revolta, acompanhada agora do fogo ateadado em outras manifestações. Na multiplicidade de vozes, exigiam saber quando a polícia iria oferecer respostas à comunidade enlutada. Muitos assumiam que aquela era sua primeira experiência com manifestações de qualquer natureza. Como e o que, então, deveriam gritar? Existiria um *flow* ou uma cadência própria para serem ouvidos?

Motins raciais faziam parte da longa recusa das pessoas negras à antinegitude nos Estados Unidos. Como exemplo, podemos citar revoltas ocorridas no Harlem (1935), em

¹² CBS NEWS. “Angry crowd gathers after Missouri police shoot teen”, 10 de agosto de 2014, disponível em <https://www.cbsnews.com/news/angry-crowd-gathers-after-missouri-police-shoot-teen/>.

Detroit (1943), Birmingham (1963), Filadélfia (1964), Watts (1965), Buffalo (1967), Cincinnati (1967), Miami (1980), Los Angeles (1992), Oakland (2009), entre tantas outras. Impróprias para a história, muitas dessas narrativas foram esquecidas na gloriosa teleologia do avanço democrático excepcionalista da América. A normalidade era que ocorresse um “oblivio imposto”¹³ desses incômodos levantes. Bastasse a Guarda Nacional conseguir pacificar/assujeitar a sublevação, entrava em cena uma operação discursiva ainda mais agressiva para continuar o descrédito: das páginas dos jornais à prosa dos historiadores, os chamados “motins raciais negros” eram taxados como a definição da irracionalidade e da imaturidade política.¹⁴ Se era assim repetidamente acontecia, o que levaria aqueles gritos da pequena e esquecida Ferguson a chamar a atenção de outros ativistas e das redes nacionais de tv? O que explica aquele não ter sido apenas um simples gemido, mas sim uma estrondosa convulsão sônica no processo de enfrentamento à antinegitude na história recente? Teria essa atenção recebida uma relação direta com a tenacidade com a qual a revolta continuou nos dias seguintes?

O que eu sentia era que aquela “angústia gutural”¹⁵ parecia rimar em um ritmo diferente. De fato, as primeiras imagens que encontrei provocaram-me um misto de surpresa e frustração. Elas desmontavam todas as expectativas sobre “tipos ideais” de revolucionários afro-americanos que eu teria. Fui sedento em busca de mais algumas entrevistas nos principais jornais dos Estados Unidos, em mídias como *Youtube* e *Tumblr*, eu ampliei o leque de possibilidades acessando vídeos privados contendo depoimentos de manifestantes, cheguei até mesmo a acompanhar algumas transmissões ao vivo das ruas de Ferguson, postadas no *Facebook*, discutidas calorosamente na instantaneidade do *Twitter*. Esperava encontrar “manifestantes profissionais”, com plena organização de pautas, com uma leitura acadêmica e formalizada da violência antinegra. Ansiava que os testemunhos confirmassem imediatamente qualquer leitura básica que eu tinha feito sobre as intersecções de raça, gênero e classe. Onde estavam os “novos Fred Hamptons” e seus discursos impecáveis articulando marxismo com teoria racial? Eu simplesmente não os encontrava.

Ao invés disso, porém, as entrevistas, no calor do momento, que eu via, captavam uma multidão ruidosa ao fundo. Aquelas pessoas que tentavam testemunhar algo para as câmeras de TV pareciam não conseguir expressar suas demandas com a eloquência característica de

¹³ TROUILLOT, Michel-Rolph. *Silenciando o passado: Poder e a Produção da História*. Tradução de Sebastião Nascimento. Curitiba: huya, 2016, p. 122.

¹⁴ Cf. BRUCE, La Marr Jurelle. *How to Go Mad without Losing Your Mind: Madness and Black Radical Creativity*. Durham, NC: Duke University Press, 2021.

¹⁵ LOWERY, Wesley. *They Can't Kill Us All: The Story of Black Lives Matter*. London: Penguin Books, 2017, p. 10.

muitos militantes afro-americanos. Eu buscava avidamente confirmações de que estava diante de uma revolução negra no séc. XXI, com líderes carismáticos oferecendo um manual de esperança e glória para toda uma raça. Mas não foi isso que encontrei no que vi de Ferguson, especialmente naqueles primeiros dias após a morte de Mike Brown. Em vez de uma réplica perfeita de um idealizado e uniforme legado ativista, eu me deparei com uma outra forma de lidar com o passado, muito mais imprópria e *assombrada*, repleta de tensões geracionais. As vozes em Ferguson pareciam cansadas de tudo, até mesmo de vários ativistas que a historiografia e cultura popular já haviam sacralizado.¹⁶

Nos protestos dos dias seguintes, muitas das pessoas que manifestavam em Ferguson demonstravam que não se submeteriam às ordens de uma polícia local cada vez mais áspera. Eram homens e mulheres comuns, mostrando-se capazes de uma recusa radical, intratável e obstinada à violência antinegra. Ferguson parecia um barril de pólvora que, antes de explodir, produzia um ruído ensurdecedor e selvagem. Em vídeos, *tweets*, cartazes, pichações, escombros de barricadas, fumaça de pneus queimados, a rebelião ia intensificando sua investida contra a ordem estabelecida. Como testemunhou o repórter Wesley Lowery: “uma demonstração que durante horas consistiu em um grupo de mulheres locais em pé e cantando em uma esquina, de repente evoluiu para uma corrente de corpos bloqueando o tráfego, ou uma marcha improvisada para o outro lado da cidade”.¹⁷

Diante dessa agitação, não tardou para que eu tivesse outras surpresas – significativamente menos interessantes, é verdade. Deparei-me com um conjunto de atores sociais engajados em conduzir uma leitura condenatória/reformista sobre aquela situação: o jornalista John Eligon, do *New York Times*, autor de um obituário difamatório no qual revelava que Michael Brown “não era um anjo”¹⁸; correspondentes do *Washington Post* ressaltando que, na autópsia de Brown, haviam encontrado a presença de maconha em seu corpo¹⁹; cheguei até o blogueiro conservador Pat Dollard, que publicou imagens de Michael

¹⁶ Sobre formas assombradas de se lidar com o passado, cf. GORDON, Avery. *Ghostly Matters: Haunting and the Sociological Imagination*. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press, 2008.

¹⁷ LOWERY, Wesley. *They Can't Kill Us All: The Story of Black Lives Matter*. London: Penguin Books, 2017, p. 6.

¹⁸ ELINGTON, John. “Michael Brown Spent Last Weeks Grappling With Problems and Promise”, *The New York Times*, 24 de agosto de 2014. Disponível em <https://www.nytimes.com/2014/08/25/us/michael-brown-spent-last-weeks-grappling-with-lifes-mysteries.html>.

¹⁹ WAX-THIBODEAUX, Emily; LOWERY, Wesley; MARK, Berman. “County investigation: Michael Brown was shot from the front, had marijuana in his system”, *The Washington Post*, 18 de agosto de 2014. Disponível em <https://www.washingtonpost.com/news/post-nation/wp/2014/08/18/county-investigation-michael-brown-was-shot-from-the-front-had-marijuana-in-his-system/>.

Brown “fazendo sinais” que remetiam à “ultraviolenta gangue dos *Bloods*”²⁰; Tom Correa, editor do *blog* reacionário *The American Cowboy Chronicle*, efusivamente argumentando que “os saqueadores de Ferguson” enfrentavam pouca resistência policial e que os lojistas estavam usando das próprias armas frente à letargia dos democratas a nível local, estadual e federal²¹; encontrei também o chefe de polícia do condado de St. Louis, John Belmar, afirmando que Brown havia tentado tirar a arma do policial em um “combate”²²; acessei a coletiva de imprensa onde o chefe de polícia de Ferguson, Thomas Jackson, divulgou um vídeo no qual alegava que Brown era suspeito de roubar uma caixa de charutos de US\$ 48,99, em uma conveniência, minutos antes de ser abordado por Darren Wilson (que não sabia da ocorrência)²³; acompanhei o porta-voz da polícia de Ferguson, Timothy Zoll, argumentar que estavam “protegendo a segurança do policial” ao não divulgar seu nome à comunidade²⁴; o governador Jay Nixon, que logo decretou “Estado de Emergência”; além de, claro, o presidente Obama, que delegou o procurador-geral Eric Holder Jr. para acompanhar de perto os desdobramentos do caso.²⁵ Todos eles estavam, à sua maneira, preocupados com o barulho *anárquico* das manifestações de Ferguson.²⁶

²⁰ DOLLARD, Pat. “Exposed: Michael Brown Was A Member Of The Ultraviolent ‘Bloods’ Street Gang”, 17 de agosto de 2014. Disponível em <http://patdollard.com/2014/08/meet-the-real-michael-brown-violent-gun-toting-gangbanger/>.

²¹ CORREA, Tom. “Anarchy in Ferguson”. *The American Cowboy Chronicles*, 22 de agosto de 2014. Disponível em <http://www.americancowboychronicles.com/2014/08/anarchy-in-ferguson-missouri.html>.

²² KOHLER, Jeremy. “Diferent Versions of the encounter that led to a fatal police shooting”. *St. Louis Post-Dispatch*, 11 de agosto de 2014. Disponível em https://www.stltoday.com/news/local/crime-and-courts/different-versions-of-the-encounter-that-led-to-a-fatal-police-shooting/article_29f84765-24f3-53bb-8ca3-77f780f79d8f.html.

²³ BBC NEWS. “Ferguson police: Michael Brown was robbery suspect”, 15 de agosto de 2014. Disponível em <https://www.bbc.com/news/world-us-canada-28806313>.

²⁴ SAUERWEIN, Kristina. “Police Won’t Name Officer Who Shot Unarmed Missouri Teen”, *Time*, 12 de agosto de 2014, disponível em <https://time.com/3103785/michael-brown-ferguson-st-louis-police-officer-name/>.

²⁵ TOPAZ, Jonathan; MCCALMONT, Lucy. “Obama sending Holder to Ferguson”, *Politico*, 18 de agosto de 2014, disponível em <https://www.politico.com/story/2014/08/ferguson-obama-eric-holder-110104>.

²⁶ É interessante aqui ressaltar o quanto grande parte desses primeiros relatos acerca da morte de Michael Brown tinham como referências várias coletivas de imprensa realizadas pelo chefe de polícia de Ferguson, Thomas Jackson, e pelo promotor local Bob McCulloch. Essas cenas buscavam controlar a narrativa, definindo a “paciência” como a temporalidade “racional” a ser seguida. Nesse processo, a figura do policial era de um “excelente oficial”, “gentil e quieto”, alguém que “não desejou que isso tivesse acontecido”. Em suma, havia toda uma construção discursiva de modo que a reação da multidão “enraivecida” apenas serviria para “limpar a reputação” do agente da lei. Cf. ASSOCIATED PRESS. “Copp who shot Brown didn’t know he was a suspect: chief”, *New York Post*, 15 de agosto de 2014, disponível em <https://nypost.com/2014/08/15/police-identify-officer-in-michael-brown-shooting/>.



Figura 1 – “Dia de Protestos, Noite de Frenesi”, manchete do *St. Louis Post-Dispatch*, 11 de agosto de 2014.²⁷

Em 11 de agosto, a manchete do jornal local *St. Louis-Post Dispatch* estabelecia uma divisão visual e ideológica da rebelião sônica. A fixação atenta na fotografia noturna, que enche a imagem com fogo, gás lacrimogêneo e fumaça, em meio ao título “Dia de protestos, Noite de Frenesi” (fig. 1), talvez não permitisse o grau de precisão que a legenda “Com o passar das horas, alguns em Ferguson se voltam para saques, violência” conseguia: todo aquele caos seria resultado da queima e depredação de um posto *QuikTrip*. Àquela altura, percebi que poucas estratégias conseguiriam ser mais efetivas na construção de um pânico moral antinegro.²⁸

²⁷ Disponível em https://www.stltoday.com/news/local/crime-and-courts/ferguson-day-two-wrapup-day-of-protests-night-of-frenzy/article_f9d627dc-e3c8-5bde-b2ab-7f0a3d36a083.html.

²⁸ ST. LOUIS POST-DISPATCH “August 11: Day of Protests, Night of Frenzy”, 11 de agosto de 2014, disponível em https://www.stltoday.com/news/august-11-day-of-protests-night-of-frenzy/html_6ca91d21-5d0d-557d-b110-23f85f6edd05.html. Sobre como as legendas (*caption*, em inglês, também tem um sentido de “captura legal”, “confisco”) instauram uma segunda ordem de violência e anexam às imagens uma condenação moral Cf. SHARPE, Christina. *In the Wake: On Blackness and Being*. Durham, NC: Duke University Press, 2016, p. 49; além de HARTMAN, Saidiya. *Vidas Rebeldes, Belos Experimentos: Histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encenqueiras e queers radicais*. Tradução de Floresta. São Paulo: Fósforo Editora, 2022, p. 40. Um relatório divulgado pela *Pew Research Center*, baseado em entrevistas telefônicas conduzidas pela *Princeton Data Source*, entre os dias 14 e 17 de agosto daquele ano, demonstrava a disparidade como brancos e negros enxergavam as manifestações em Ferguson: pessoas negras

Tentou-se mesmo estabelecer um discurso de que apenas uma parte obstinada da multidão estava agindo de forma irracional.²⁹ Reforçado por tais factoides, o uso de termos como “caos”, “turba” e “tumultos” repetidamente aparecia na cobertura de uma emissora supremacista branca, como a *Fox News*. Aquela era uma ardilosa estratégia para culpabilizar, a um só tempo, Mike Brown e a comunidade negra por “toda desordem”.³⁰ O motim negro, enfim, era considerado uma ruidosa performance fora do *timing*, uma radicalidade política de divisão racial que *deveria ter ficado* em um passado já superado. Em suma, desde as primeiras notícias, a revolta de Ferguson foi considerada imprópria para a História.

Essas reportagens, conseqüentemente, enfureciam os manifestantes. Ao *The St. Louis Post-Dispatch*, Laura Keys, de 50 anos, reclamava: “Eu não posso acreditar que essa é a tática que estão usando, trazendo à tona um assalto para fazer a vítima parecer que foi a pessoa que criou toda essa bagunça!”.³¹ Muitas pessoas recordavam do porquê que eram segregadas em Ferguson. Lógico, faziam o possível para sobreviver naquela “prisão a céu aberto”. Como não se revoltar com aquelas notícias? Certo que não esperavam muita coisa da supracitada *Fox News*, do *New York Times* e do *Washington Post*, gigantes da comunicação que sempre que possível permutavam a condenação dos “guetos negros”, como o faziam a sociologia, a história, a antropologia e outras ciências do saber disciplinar no começo do séc. XX.³² Mas, por qual motivo a mídia *mainstream* não enfatizava a disparidade racial tão gritante entre as forças policiais e a maioria da população? Ora, um “mundo cindido em dois”³³, no chamado “coração da América”, era uma aberração tão *impensada*³⁴ naqueles tempos de euforia pós-racial, ao ponto de fazer com que grande parte dos jornais não percebesse, em suas

eram duas vezes mais propensas do que as brancas a considerar que o assassinato de Michael Brown “levanta questões importantes sobre raça que precisam ser discutidas”; 65% dos entrevistados afro-americanos acreditavam que a polícia respondeu de forma desmedida aos protestos, enquanto apenas 33% dos brancos acreditavam nisso. Além disso, 52% dos brancos diziam confiar nas investigações da polícia sobre o ocorrido, quase 76% dos negros admitiam pouca ou nenhuma confiança nas investigações. Para conferir a pesquisa completa e os métodos utilizados, Cf. PEW RESEARCH CENTER. “Stark Racial Divisions in Reactions to Ferguson Police Shooting”, 18 de agosto de 2014, disponível em <https://www.pewresearch.org/politics/2014/08/18/stark-racial-divisions-in-reactions-to-ferguson-police-shooting/>.

²⁹ DIKEÇ, Mustafa. *Urban rage: The revolt of the excluded*. Yale University Press, 2017, p. 27.

³⁰ MILLS, Collen. “Framing Ferguson: Fox News and the construction of US racism”. *Race & Class*, v. 58, n. 4, 2017, p. 39-56.

³¹ MCDERMOTT, Kevin. “Ferguson Police ID officer Darren Wilson as shooter of Michael Brown”, *St. Louis Post-Dispatch*, 15 de agosto de 2014, disponível em https://www.stltoday.com/news/local/metro/ferguson-police-id-officer-darren-wilson-as-shooter-of-michael/article_033ddd67-ce7b-56d0-adf9-6887503d9420.html.

³² Cf. MUHAMMAD, Khalil Gibran. *The Condemnation of Blackness: Race, Crime, and the Making of Modern Urban America*. Cambridge: Harvard University Press, 2010. Além de CRENSHAW, Kimberlé; HARRIS, Luke; HOSANG, Daniel; LIPSITZ, George. “Introduction”. In: *Seeing Race Again: Countering Colorblindness Across the Disciplines*. Berkeley: University of California Press, 2019, p. 1-19.

³³ FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Tradução: José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p. 29.

³⁴ Discuto com mais detalhes a noção de “impensado” no capítulo 3.

reportagens sobre o “caos de Ferguson”, elementos que demonstrassem o mínimo daquilo que o relatório liderado por Eric Holder iria revelar em 2015?

“Ferguson é famosa por ter preconceito contra os negros”, denunciava George Chapman, um afro-americano de 50 anos que viveu na cidade a maior parte da vida, mas que havia se mudado recentemente, porque estava “cansado” da polícia. “A polícia nos para o tempo todo, não nos respeita. Eles nos tratam como se não fôssemos nada”, ele completava, em uma ladainha repetida por várias outras pessoas entrevistadas, testemunhas que eram de um assédio antinegro que se acumulava ao longo do tempo.³⁵

Chanel Ruffin, um residente de Ferguson de 25 anos, fazia questão de ressaltar o quanto os revoltosos estavam “agindo com base nas emoções”.³⁶ Ele fazia parte de uma juventude furiosa, frustrada, que não era ouvida. Compunham 64,3% da população com menos de 44 anos e sentiam que era preciso desesperadamente “fazer alguma coisa e fazer agora!”.³⁷ Muito mais do que uma simples metáfora a performar empatia, os cartazes e gritos com a frase “*Eu sou Mike Brown*” constatavam que grande parte daquelas pessoas também estavam tentando algo melhor, enquanto igualmente enfrentavam uma profunda falta de expectativas no futuro. Em uma mistura de raiva e desespero, bradavam em revolta. Já que durante toda a sua vida muitos eram chamados pejorativamente de *thugs*, alguns decidiram expressar o significado existencial daquele termo tão temido/condenável pela América Branca. THUG: “*The Hate U Give Lil’ Infants Fucks Everyone*” (“O ódio que você semeia para as crianças fode todo mundo”).³⁸ Constantemente, vistas como a causa de grande parte

³⁵ VON DREHLE, David. “The Long, Tangled Roots of the Michael Brown Shooting”, *Time*, 12 de agosto de 2014, disponível em <http://time.com/3104128/michael-brown-ferguson-cop-shooting-protests/>.

³⁶ Idem.

³⁷ UNITED STATES CENSUS BUREAU, disponível em <https://www.census.gov/quickfacts/fact/table/fergusoncitymissouri/POP010210>.

³⁸ Como explica Max Kutner, *thug* é um termo de origem hindi, cujo significado varia entre “ladrão” ou “vigarista”. Ele entrou no vocabulário do inglês no começo do século XIX, no contexto do avanço britânico na Índia, quando possuía um caráter definidor de várias modalidades de indianos “desviantes”. No final dos anos 1980, mas especialmente nos anos 1990, com as letras do cantor 2Pac [que tinha uma tatuagem escrito “*thug life*” no abdome], o termo é popularizado no chamado *gangstar rap*. Cf. KUTNER, Max. “A Brief History of the Word ‘Thug’”, *Newsweek*, 29 de abril de 2015, disponível em www.newsweek.com/brief-history-word-thug-326595. Seguindo um caminho trilhado em incontáveis audiências de criminalização do *rap* e de seus interpretes, quando o termo encarnou o caráter condenatório antinegro que estava em jogo em Ferguson e em vários outros episódios envolvendo manifestações de maioria negra, a palavra *thug* apareceu com frequência na cobertura jornalística. Em vez de apontar para o niilismo da juventude negra que vivia em bairros segregados marcados por desemprego e violência policial, ou mesmo refletir sobre o sentimento de rebelião iminente e antagonismo definitivo ao mundo antinegro que aquele estilo de “vida marginal” representava, os debates pareciam apenas ressaltar a frieza com a qual alguns jovens encaravam uma realidade difícil, além da sede “ambiciosa” por poder que nutriam. Em um contexto de pânico moral da “guerra às drogas”, a figura do *thug* vira um símbolo racializado de um jovem que precisava ser contido através da única linguagem que lhe era compreensível: a violência. Para mais informações sobre a condenação televisiva dos *thugs* negros como uma ameaça urbana, Cf. duCILLE, Ann. “The ‘Thug Default’: Why Racial Representation Still Matters”. In: *Technicolored: Reflections on Race in Time of TV*, Durham: Duke University Press, 2018,

dos males que afligia a família negra, muitas jovens mães solo provaram ali, mais uma vez, o quão decisiva é a orquestração de sua “sinfonia de raiva”, no processo de transformação comunitária.³⁹ Quanta ambição desperdiçada acompanhava a vida precária daquelas pessoas que estavam protestando nas ruas?! Quanta falta de reconhecimento estava em jogo naquela desobediência coletiva?! O que mais tinham a perder com aquela impropriedade?! Elas sabiam muito bem que o tempo do avanço da raça negra, que a superação das limitações racistas e que o progresso enquanto realização do Sonho Americano era uma panaceia. Por isso, destruíram viaturas, queimaram um posto de gasolina, quebraram janelas, atacaram propriedades.

Tudo aquilo era captado, à distância ou *in loco*, pelo olhar condenatório das câmeras de muitas emissoras de TV, sedentas que estavam por jogar em cadeia nacional mais uma exibição de “pornô de motim”, repleto de gritos animais e repressão policial antinegra.⁴⁰ Muito mais do que uma linguagem reparativa, muitas das vozes exprimiam uma destacada descrença na justiça distributiva, mesmo antes do veredito futuro, no qual um júri majoritariamente branco inocentaria o policial Darren Wilson. Não adiantava que o capitão Ron Johnson, o oficial afro-americano alçado à “estrela da crise de Ferguson”, tentasse “acalmar” a multidão revoltada, pedindo-lhes que esperassem, tivessem paciência e deixassem a justiça seguir o seu curso de tempo normal.⁴¹ As pessoas sabiam que apenas a insubmissão direta seria capaz de lhes libertar do “círculo infernal” em que viviam.⁴² Dentre os vários refrões que se ouvia nas noites de Ferguson, os que mais se destacavam, afinal, eram aqueles advindos de um idioma de abolição.

p. 261-283. Para uma análise de como “viver às margens” pode ser uma estratégia de enfrentamento ao poder, cf. HOOKS, bell. “A margem como um espaço de abertura radical”. Tradução de Jamille Pinheiro. In: *Anseios: Raça, gênero e políticas culturais*. São Paulo: Editora Elefante, 2019, p. 280-295.

³⁹ LORDE, Audre. “Usos da Raiva”. In: *Irmã Outsider*. Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019, p. 162.

⁴⁰ Como Elizabeth Alexander argumenta: “Corpos negros em sofrimento para consumo público têm sido um espetáculo americano há séculos”. ALEXANDER, Elizabeth. “Can you be BLACK and Look at This?": Reading the Rodney King Video(s)”. *Public Culture*, v. 7, n.1, 1994, p. 78-79. No contexto das *plantations*, por exemplo, homens escravizados eram usados como lutadores mandingo em espetáculos de divertimento para seus mestres. Cf. MANDINGO. Richard Fleischer/Dino Di Laurentiis. Estados Unidos. Dino Di Laurentiis Company, 1975. Filme-vídeo (2h7min). Sobre o conceito de “pornô de motim”, cf. RAZSA, Maple John. “Beyond ‘Riot Porn’: Protest Video and Production of Unruly Subjects”. *Ethnos*, v. 19, n.4, 2014, p. 496-524.

⁴¹ ALTER, Charlotte. “Meet Captain Ron Johnson, Star of the Ferguson Crisis”, *Time*, 16 de agosto de 2014, disponível em <https://time.com/3117241/ron-johnson/>.

⁴² FANON, Frantz. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008, p. 109.

As forças de segurança pareciam perceber o impacto daquele tremor sonoro. Já na terça-feira, dia 14 de agosto de 2014, o colunista-chefe da revista *Slate*, Jamelle Bouie, denunciava a dimensão autoritária da reação antiprotesto que policiais ultramilitarizados estavam empregando.⁴³ Além de bloquear as ruas, despejar quantidades absurdas de gás lacrimogêneo, lançar granadas *flash bangs* e disparar balas de borracha contra as manifestações, as equipes SWAT começaram a utilizar armas baseadas em ruído na tentativa de “abafar a voz e dispersar” as pessoas que gritavam em oposição aberta. Os chamados LRAD (*Long-Range Acoustic Devices*) haviam sido originalmente desenvolvidos após o *USS Cole* ser bombardeado no Iêmen, em outubro de 2000. Esse armamento seria empregado em diversas ocasiões, tanto externas, quanto domésticas: dissuasão contra piratas no mar, meio de orientação em emergências durante desastres naturais, dispositivo de controle em protestos, etc. Seu impacto significativo era assegurado através de uma projeção de som de mais de 2.000 metros e 149 decibéis, um índice muito acima do humanamente suportável.⁴⁴

Em Ferguson, porém, o seu objetivo de desnortear e silenciar as pessoas em protesto parecia não surtir o efeito desejado. Ao contrário, o som mais audível nas coberturas *online* e vídeos amadores eram carros buzinando freneticamente, sem que se tratasse da comemoração de algum título do *St. Louis Cardinals* ou dos *Rams*. As pessoas, incluindo um número considerável de crianças, subiam nos capôs dos veículos, dançavam ao redor.⁴⁵ Às alturas, “*Fuck the Police*”, de Lil Boosie, largava na frente como um despudorado hino informal dos revoltosos.⁴⁶ Sim, tudo aquilo lembrava muito um clipe de *trap*! Impróprio para a História, o ruído da multidão escandalizava diversos tipos de audiência.

No já mencionado obituário de Michael Brown publicado pelo *The New York Times*, o correspondente John Eligon recordava que o jovem tinha feito *rap* nos seus últimos meses de vida, com letras “contemplativas e vulgares”.⁴⁷ Erráticas composições de um adolescente negro, aquelas eram, afinal, performances sobre seu futuro. Recém-formado no colegial,

⁴³ BOUIE, Jamelle. “How a Demonstration Turned Into a Disaster”, *Slate*, 14 de agosto de 2014, disponível em <https://slate.com/news-and-politics/2014/08/ferguson-police-attack-protestors-with-tear-gas-rubber-bullets-on-site-reporting.html>.

⁴⁴ NEWMAN, Lily Hay. “This Is the Sound Cannon Used Against Protesters in Ferguson”, *Slate*, 14 de agosto de 2014, disponível em <https://slate.com/technology/2014/08/lrad-long-range-acoustic-device-sound-cannons-were-used-for-crowd-control-in-ferguson-missouri-protests.html>.

⁴⁵ NEW YORK DAILY NEWS. “Capt. Ron Johnson meets with protesters in Ferguson”. *Youtube*, 15 ago. 2014. 3min14s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D_DXtz_Hj44>. Acesso em: 24 novembro de 2020.

⁴⁶ BEST VINES DAILY!. “‘Fuck the Police’ Ferguson riots”. *Youtube*. 24 nov. 2014. 6s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Tf8bqCUI84w>>. Acesso em: 15 de abril de 2020.

⁴⁷ ELINGTON, John. “Michael Brown Spent Last Weeks Grappling With Problems and Promise”, *The New York Times*, 24 de agosto de 2014, disponível em <https://www.nytimes.com/2014/08/25/us/michael-brown-spent-last-weeks-grappling-with-lifes-mysteries.html>.

morando em um lugar esquecido por todos, menos pela polícia que odiava tipos como ele, Brown via no *rap* uma forma de gastar o tempo, de fugir da realidade fabulando uma narrativa na qual ele assumia minimamente o controle da situação. Aqueles versos tortuosos e um tanto confusos, indecentes demais para serem tratados como poesia por parte dos jornais que os divulgaram apenas com o intuito de difamação antinegra, eram acompanhados de *beats* sombrios de *trap*, um sub-gênero do *rap* surgido nos guetos de Atlanta, na Geórgia, no começo dos anos 2000. As chamadas *trap houses* eram espaços de inspiração e difusão dessa cultura musical afro-americana. Símbolos de um tempo, aquelas casas, muitas delas abandonadas, eram comuns em “guetos negros” dilacerados pela crise dos *subprimes*. Lugares, sobretudo, onde se traficava droga e “cozinhava” anfetaminas ou crack.⁴⁸ Como brilhantemente explica Jesse McCarthy, o *trap* surge em grandes cidades do sul dos Estados Unidos, em enclaves negros de estados conservadores, mais precisamente naqueles lugares onde o saudosismo do tempo das *plantations* tornara a vida das pessoas negras ainda mais difícil. “Irrompendo dentro de um inconsciente ferido”, em um contexto marcado pela proliferação de armas de alta potência [expostas aos montes nos cliques], militarização da vida cotidiana e pelo descaso neoliberal com o espaço civil, o *trap* refletia, *assombradamente*, os fracassos e as frustrações das aventuras neoimperiais dos Estados Unidos no Afeganistão e Iraque. Por trás de um aparente hedonismo e consumismo alienado, estavam questionamentos urgentes naquele tipo de música: o que era ser negro/negra e viver em lugares tão abandonados quando o sinal de progresso de sua raça era “projetado como o status de magnata corporativo, alcançado por Oprah ou Jay-Z”? Não seria a “armadilha”, a que se refere o termo *trap*, um desengano com eventuais “conquistas” negras na era pós-direitos civis? “A era da primeira presidência negra também é a era do *trap* – uma metáfora para uma promessa ilusória e idiota em que se cai, apenas para perceber que as coisas estão piores que nunca”, completa McCarthy.⁴⁹ As manifestações de Ferguson e o *trap*, nesse sentido, eram sintoma de um persistente desamparo: expressavam, de forma disparatada, o que anos de sujeição faziam na *psique* de uma comunidade; atestavam a quebra da ilusão no progresso do tempo, enquanto diziam que a vida nas prisões e nas ruas em 2014 era tão ruim quanto nos dias das *plantations*. Seria muito estranho, afinal, se as reclamações daquelas pessoas que vivenciavam essa conjunção de elementos não fossem feitas daquele jeito *impróprio* do *trap*.

⁴⁸ Análise a “crise dos subprimes” no capítulo 4.

⁴⁹ MCCARTHY, Jesse. “A Notes on Trap”, *n+1*, v. 32, n. 1, 2018, disponível em <https://www.nplusonemag.com/issue-32/essays/notes-on-trap/>.

Como explica Shana L. Redmond, a genealogia da música negra demonstra as distintas formas sobre como suas expressividades foram palco para experimentos de assembleia e luta racial. Tanto as canções das *plantations* e florestas do período colonial, quanto os *spirituals* de finais do séc. XIX, carregavam (geralmente de forma oculta) mensagens de revolta e táticas de sobrevivência.⁵⁰ W.E.B. Du Bois, certa vez, descreveu as canções negras como “a música de um povo infeliz, dos filhos do desapontamento. Falam de morte e de sofrimento, de anseios não explicitados por um mundo mais verdadeiro, de devaneios obscuros e de caminhos ocultos.”⁵¹ O cantar coletivo negro pode, portanto, funcionar como um “método de rebelião, revolução e visões de futuro” capaz de, como era o caso em Ferguson, oferecer um desafio frontal às “diferenças fabricadas usadas para desmobilizar, deter e destruir comunidades”.⁵²

O que se gritava em Ferguson transmitia essa frequência dissonante do *trap*, um ritmo que a América branca não consegue controlar, uma voz com uma forte inclinação para a cultura improvisada das ruas, uma sonoridade que assombra uma nação que jura ter superado, com a passagem do tempo, grande parte de suas bases antinegras. Era “a música livre daquelas que se encontravam cativas, a filosofia abolicionista expressa no interior do círculo, o grito e a música falada da luta” diria Saidiya Hartman sobre uma rebelião de detentas na prisão de Lowell Cottage, em dezembro de 1919, o que, certamente, também daria conta do que ocorria nas ruas de Ferguson, em 2014.⁵³ Em desafio àquela atmosfera sonora opressiva que o *LRAD 500X-RE* buscava impor, as manifestações, frequentemente, soavam como *slams* de poesia negra: rebeldes e indomáveis na coragem dos seus versos. Ali estavam diversas pessoas comuns comportando-se de maneira inadequada, fora de uma norma tolerável do que seriam manifestações legítimas. Não foi estranho, portanto, que os seus cantos recebessem condenações tão semelhantes às que uma variada tradição de música negra havia recebido no passado: indisciplinados, vulgares, inconvenientes, indevidos, incertos, deselegantes, incômodos, desajustados, obscenos, inúteis. Mais uma vez, em suma: impróprios para a História.

A Grande St. Louis era lembrada por muitos como “o lugar de onde havia saído Nelly”, um *rapper* de sucesso internacional no início dos anos 2000, cujas letras estariam

⁵⁰ REDMOND, Shana L. *Anthem: Social Movements and the Sound of Solidarity in the African Diaspora*. New York: New York University Press, 2014. p. 10.

⁵¹ DU BOIS, W. E. B. *As Almas da Gente Negra*. Tradução de Heloisa Toller Gomes. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 1999, p. 301.

⁵² REDMOND, Shana L. *Anthem: Social Movements and the Sound of Solidarity in the African Diaspora*. New York: New York University Press, 2014. p. 1.

⁵³ HARTMAN, Saidiya. *Vidas Rebeldes, Belos Experimentos: Histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encrenqueiras e queers radicais*. Tradução de Floresta. São Paulo: Fósforo Editora, 2022, p. 301.

distantes da ferocidade poética e da consciência revolucionária de grupos como A Tribe Called Quest e Public Enemy.⁵⁴ Em agosto de 2014, a impressão que se tinha é que, muito diferente dos *hits* de Nelly, o rap local estava dominado por artistas que, embora distantes de “poetas conscientes”, como J. Cole e Kendrick Lamar, pareciam abordar intensamente o longo histórico antinegro de sua cidade. *3 Problems*, por exemplo, era um popular grupo que ascendeu no início dos anos 2010, sendo bastante escutado por jovens como o próprio Mike Brown. Inspirados no *drill rap*, de Chicago, um estilo conhecido por ser especialmente violento, aqueles artistas expressavam um fatalismo dilacerante em relação a um futuro que comumente era limitado a ganhar dinheiro por qualquer meio ilícito. Os vários “RIP” que vemos nos comentários de clipes como os da música “*REAL*”, postada em 2013 no *Youtube*, dão conta de que seus membros tiveram um futuro interrompido, como Mike Brown.⁵⁵ Em “*REAL*”, escutamos suas rimas em meio ao que parece ser as ruínas de uma civilização negra devastada pelo descaso. O *trap*, como diz Jesse McCarthy: “[é] um som crepitante como uma longa malha de aço enredando vidas, vidas muito jovens, que clamam e insistem em ser ouvidas, insistem em contar a sua história, mesmo que a maneira como contam tudo garanta a contínua negligência e o desprezo fundamental da nação por sua condição”.⁵⁶

A exemplo de “*REAL*” do *3 Problems*, a exemplo do *trap*, os cantos em Ferguson soavam como um relato de pertencimento e exaltação de um lugar tido por muitos como “inabitável”. “De qual *quebrada* você veio?” “Proteja-a, represente-a, defenda-a!”, “Não é o lugar ideal de se viver, mas já que estamos aqui, precisamos que algo seja feito!” Então, sim, era comum ouvir canções que reclamavam dos policiais que invadiam o seu território: “Alguém reze pela minha cidade, alguém reze pela minha cidade!”.⁵⁷

A questão implícita naquela sinfonia de revolta era: podia a juventude negra revoltada, que se vestia como o *rapper* Chief Keef enquanto incendiava um posto *QuikTrip*, transmitir um refrão revolucionário para redefinir os nossos tempos? Os gritos daquelas pessoas que subiam em viaturas policiais depredadas deveriam ser pensados como puro divertimento e

⁵⁴ No início da tarde de 18 de agosto, Nelly chegou ao local com uma camiseta escrito #MIKEBROWN e tentou aconselhar algumas pessoas, dizendo que “elas teriam opções além de tumultos”. Alguém na multidão de manifestantes, rapidamente, gritou de volta contra o cantor: “Você tem opções, você é rico!” Cf. KAHARVEY. “Nelly makes appearance in Ferguson protests”, *The Grio*, 19 de agosto de 2014, disponível em <https://thegrio.com/2014/08/19/nelly-makes-appearance-in-ferguson-protests/>.

⁵⁵ 3 PROBLEMS. “Real @3Problems @3P_LilTay @_3PRellyRell”. *Youtube*. 27 ago. 2012. 4min43s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fla2rgQioA0>> Acesso em: 15 jun. 2020.

⁵⁶ MCCARTHY, Jesse. “A Notes on Trap”, *n+1*, v. 32, n. 1, 2018, disponível em <https://www.nplusonemag.com/issue-32/essays/notes-on-trap/>.

⁵⁷ NEW YORK DAILY NEWS. “Capt. Ron Johnson meets with protesters in Ferguson”. *Youtube*, 15 ago. 2014. 3min14s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D_DXtz_Hj44> Acesso em: 24 novembro de 2020.

falta de consciência racial?⁵⁸ Aqueles “*thugs*”, em suas regatas brancas e rostos cobertos com bandanas vermelhas, aquelas “mães disfuncionais”, poderiam ser ouvidos(as) com atenção? Ou mereciam tratamento semelhante ao recebido pelo *trap* que lhes inspirava, tido por muitos como um lixo musical, símbolo da ostentação alienada que tanto se afastava do *rap consciente* (*rap* “de futuro”?) dos anos 1990? Quem, afinal, buscaria compreender o que cantavam/gritavam? Os descendentes de alemães, irlandeses e ingleses, que moravam na “parte habitável” da cidade, aparentemente, estavam mais incomodados com o conteúdo impróprio das músicas que tocavam nos carros e com os xingamentos que os jovens faziam aos “respeitáveis colegas de Darren Wilson”. Poucos comentavam sobre a precariedade que inspirava a fúria da “turba negra” em rebelião. Como Rodney Carmichael ironizou certa vez: “quem são os verdadeiros *trappers*” [agora no sentido de “predadores”] nesses espaços cindidos pela antinegitude?⁵⁹

Em dissonância com um discurso de que o tempo apaziguaria os “distúrbios” raciais e levaria a América ao aperfeiçoamento de sua democracia tão única, aquele ruído das ruas transmitia um longo passado de insubmissão: das *plantations* até o sangue de Mike Brown encharcando as ruas houve muitas marchas e refrões contra a antinegitude.⁶⁰ A incompreensão dessas raízes profundas, certamente, tinha a ver com uma forma de experienciar o tempo. Os gritos por uma nova emancipação em Ferguson, em sua similaridade sonora e visual com o *trap*, promoviam um modo muito (im)próprio de “entrelaçamento temporal” com o passado.⁶¹ Robin D.G. Kelley afirma que, para além de estatísticas e relatos sobre a opressão que vivenciam, rebeliões negras, como aquela, funcionam como “a grande poesia”:

⁵⁸ Cf. OSTERWELL, Vicky. *In Defense of Looting: A Riotous History of Uncivil Action*. New York: Bold Type Books, 2020.

⁵⁹ CARMICHAEL, Rodney. “Culture Wars: Trap Music Keeps Atlanta On Hip-Hop’s Cutting Edge. Why Can’t The City Embrace It?”, *NPR*, 15 de março de 2017, disponível em <https://www.npr.org/sections/therecord/2017/03/15/520133445/culture-wars-trap-innovation-atlanta-hip-hop>.

⁶⁰ Como bem observa McCarthy, há uma ligação direta entre a assinatura do *trap* e as bandas marciais comuns nas regiões meio-oeste e sul dos Estados Unidos. Ainda no contexto colonial e da chamada Guerra Revolucionária, os homens negros, expressamente proibidos de portar armas, foram convocados para compor as fileiras das bandas militares, adquirindo, por esse motivo, grande destreza no trompete, pífanos e em instrumentos percussivos. A popularidade das marchas militares e das performances nessas bandas seria significativa ao ponto de serem incorporadas às cerimônias funerárias negras. Esse pano de fundo sônico, que teve em Nova Orleans um centro irradiador, persiste em grande parte da estruturação rítmica do *trap*. MCCARTHY, Jesse. “A Notes on Trap”, *n+1*, v. 32, n. 1, 2018, disponível em <https://www.nplusonemag.com/issue-32/essays/notes-on-trap/>.

⁶¹ HARTMAN, Saidiya. “On Working with Archives: interviewed by Thora Siemsen”, *The Creative Independent*, 18 abril 2018, disponível em <https://thecreativeindependent.com/people/saidiya-hartman-on-working-with-archives/>.

transportam-nos para outro lugar, obrigam-nos a reviver horrores e, mais importante, permitem-nos imaginar uma nova sociedade. Devemos lembrar que as condições e a própria existência dos movimentos sociais permitem aos participantes imaginar algo diferente, perceber que nem sempre as coisas precisam ser assim. É *essa* imaginação, esse esforço de ver o futuro no presente, que chamarei de “poesia” ou “saber poético”.⁶²

Pensar o tempo de outra forma, desnaturalizar o presente, desmontar condenações da negritude previamente estabelecidas. A poesia que se forma por meio das vozes que gritam em conjunto naquele espaço curto de tempo é um desejo feroz por habitar um futuro diferente do “agora”. As canções e o coro improvisado estavam cheios de “sonhos de liberdade” que moveram rebeliões anteriores, quando conjuntamente lutavam contra o racismo antinegro, o colonialismo, o sexismo, a homofobia, o imperialismo e a exploração capitalista. Eram, afinal, músicas repletas da força que encarna nas “escritas insubmissas negras” desde sempre: possuem a capacidade de deslocar a transparência e a autoridade disciplinar da História, aqueles sistemas de pensamento que, comumente, tratam as formas radicais/impuras/impróprias de sentir o tempo como *impensáveis*.⁶³

Tal qual o *rap*, de maneira geral, e o *trap*, em particular, não demorou para que aquela paisagem sonora, que rasgava a atmosfera antinegra e hipermilitarizada de Ferguson, fosse taxada de *demoníaca*, uma condenação que parecia não afetar o ímpeto de muitos dos manifestantes. Muitos ali, realmente, sentiam como se o Deus cristão, dos vários pastores presentes nas ruas, os tivesse abandonado. “Demoníaco”, como recordam as professoras Katherine McKittrick e Sarah Haley, a partir do pensamento da filósofa jamaicana Sylvia Wynter, é uma leitura conceitual fora do determinismo, da linearidade, dos padrões de certeza e cognoscibilidade estabelecidos pelo saber moderno ocidental.⁶⁴ É nesse sentido que as intervenções musicais/sonoras negras, tantas e tantas vezes consideradas *demoníacas*,

⁶² KELLEY, Robin D.G. *Freedom Dreams: The Black Radical Imagination*. Boston, MA: Beacon Press, 2002, p. 9.

⁶³ Sobre “escritas insubmissas negras”, cf. PEREIRA, Allan K. Escritas insubmissas: disciplinando a História com Hortense Spillers e Saidiya Hartman. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, v. 14, n. 36, p. 481-508, 2021, disponível em <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1719>. Ainda acerca do potencial contido no sonoro, segue a citação: “o sônico, marcadamente em suas formas musicais não linguísticas, fornece uma das melhores faixas para a opacidade, porque falha em lançar inteligibilidade ou transparência no papel de seu logos.” WEHELIYE, Alexander. *Phonographies: Grooves in Sonic Afro-Modernity*. Durham: Duke University, 2005, p. 68.

⁶⁴ Cf. MCKITTRICK, Katherine. “Reading the demonic”. In: *Demonic Grounds: Black Women and the Cartographies of Struggle*, Minneapolis: University of Minnesota Press, 2006, p. xxiv-xxxii; HALEY, Sarah. *No Mercy Here: Gender, Punishment, and the Making of Jim Crow Modernity*, Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2016, p. 229-230. Além de, é claro, a obra base para ambas autoras: WYNTER, Sylvia. “Beyond Miranda’s Meanings: Un/Silencing the ‘Demonic Ground’ of Caliban’s Women.” In: Carole Boyce Davies and Elaine Savory Fido, eds., *Out of the Kumbula: Caribbean Women and Literature*. Trenton: Africa World Press, 1990, p. 355-372.

oferecem uma interessante “sabotagem epistemológica”⁶⁵, na medida em que conseguem “subverter, derrubar, arruinar e minar” sistemas de saber normativos. Fazem isso através da inventiva forma como desnudam as dimensões limitadas e desiguais sustentadas por essas racionalidades. Nesse processo, “engendram alegria negra e atos colaborativos”.⁶⁶ O poder *demoníaco* das canções de protesto, na insubmissa rebelião daquelas pessoas sujeitadas pela antinegitude, atua como “formas de onda que desfazem as respostas fisiológicas e neurobiológicas negativas” sobre a vida negra.⁶⁷ No instante em que ocorrem aqueles atos indisciplinados, vemos a negritude sendo pensada de uma forma especial: “a mente e os sentidos coexistem, onde a mente ‘sente’ e os sentidos tornam-se teóricos”.⁶⁸ Aquilo que é *impróprio para a História* pode, enfim, acontecer: toda uma interpretação da teoria política, da temporalidade e da abolição negra é transmitida em zumbidos dilacerantes, em recusas vocais ao mundo que a Supremacia Branca impõe.

Em sua descrição do *ring shout* entre pessoas escravizadas no Sul dos Estados Unidos colonial, Sterling Stuckey nos mostra como aquele movimento circular de danças religiosas, sempre em sentido anti-horário, foi uma espécie de matéria-prima para a formação de uma nova “nação” negra na América do Norte. Por meio daquele ritual, um refrão a ser repetido implacavelmente corresponderia em seu caráter e batida rítmica aos tambores proibidos pelo esquema de vigilância/captura antinegra. No *ring shout*, as palavras estariam “tão carregadas de emoção” que, “depois de um tempo, se dissolviam em gemidos e gritos”, uma congregação de vozes, seguia Stuckey, decisiva para que pessoas “estrangeiras” de diversas origens, que haviam sido escravizadas juntas, marcassem a diferença entre um “nós, os negros” e um “eles, os opressores brancos”.⁶⁹ Como argumenta Sylvia Wynter, foi essa condição comumente marginal, proibida e oculta que fez com que a música negra focalizasse o “ataque a esse sentido [colonial] do tempo, sua libertação do tempo de um processo de mercado, sua insistência no tempo como um processo de vida”.⁷⁰ Cantar era uma forma de se libertar, mesmo que brevemente, do aprisionamento que o regime laboral das *plantations* promovia. Nos termos de Shana Redmond:

⁶⁵ HALEY, Sarah. *No Mercy Here: Gender, Punishment, and the Making of Jim Crow Modernity*, Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2016, p. 214.

⁶⁶ MCKITTRICK, Katherine. “Rebellion/Invention/Groove”, *Small Axe*, v. 20, n. 49, 2016, p. 88.

⁶⁷ Idem.

⁶⁸ WYNTER, Sylvia. apud MCKITTRICK, Katherine. “Rebellion/Invention/Groove”. In: *Small Axe*, n. 49, 2016, p. 90.

⁶⁹ STUCKEY, Sterling. *Slave Culture: Nationalist Theory and the Foundations of Black America*. New York: Oxford University Press, 1987, p. 27.

⁷⁰ WYNTER, Sylvia. apud MCKITTRICK, Katherine. “Rebellion/Invention/Groove”. In *Small Axe*, v. 20, n. 49, 2016, p. 87.

Esse som, embora detectável e rastreável, não pode ser contido ou totalmente parado, tornando sua disseminação mais fluida e seu impacto muito mais poderoso do que a palavra escrita. Enquanto as composições e organizações escritas e, mais tarde, seus intérpretes e performances muitas vezes foram banidos e proscritos, os sons e enunciados produzidos em seu nome não seriam silenciados.⁷¹

Captando isso, é de se imaginar que tais assembleias de descontentes fossem pensadas como momentos decisivos para quem vive tão opressiva sujeição. Saidiya Hartman é especialmente perspicaz ao concluir seu *Vidas Rebeldes, Belos Experimentos* – um livro repleto de “rebeliões sonoras” guiadas por mulheres negras – descrevendo a poderosa “carga emocional” desses encontros:

Todas as coisas ocultadas e guardadas bem no fundo são sentidas e exclamadas. É tudo tão terrível e tão belo. O peso do que aconteceu é palpável, a infinidade da mágoa e da traição articulada no ritmo do verso, transmitida no tempo da respiração. (...) O coro suporta tudo isso por nós. A etimologia grega da palavra *coro* remete ao ato de *dançar dentro de um espaço cercado*. O que articula melhor a longa história de luta, a prática incessante do radicalismo negro e da recusa, o tumulto e a revolta da franca rebelião do que os atos de colaboração e improvisado que se desdobram dentro de um espaço cercado? O coro é um veículo para um outro tipo de história, não aquela do grande homem ou do herói trágico, mas uma em que todas as modalidades desempenham um papel, onde um grupo sem liderança incita a transformação, onde a ajuda mútua fornece recursos para a ação coletiva, nem líder nem massa, onde as músicas intraduzíveis e aparentemente sem sentido cumprem a promessa da revolução. O coro impulsiona a mudança. É uma incubadora da possibilidade, um conjunto que sustenta os sonhos de algo diferente.⁷²

Um momento de raiva, um movimento improvisado capaz de exprimir uma vontade inabalável por ser livre, num tempo tão único, onde se é possível transmitir outro tipo de história: uma história imprópria, sem líderes, como uma hidra de muitas cabeças que se multiplica nos momentos mais críticos de sujeição antinegra.⁷³ O relato de Hartman é incrivelmente próximo à ebulição sonora de Ferguson que descrevemos. Essas são ocasiões que vibram intensamente em frequências diferentes das estabelecidas pelos padrões de

⁷¹ REDMOND, Shana L. *Anthem: Social Movements and the Sound of Solidarity in the African Diaspora*. New York: New York University Press, 2014, p. 13.

⁷² HARTMAN, Saidiya. *Vidas Rebeldes, Belos Experimentos: Histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encrenqueiras e queers radicais*. Tradução de Floresta. São Paulo: Fósforo Editora, 2022, p. 362, 364.

⁷³ Cf. LINEBAUGH, Peter; REDIKER, Marcus. *A hidra de muitas cabeças: marinheiros, escravos, plebeus e a história oculta do Atlântico revolucionário*. Tradução de Berilo Vargas. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

“respeitabilidade negra”, buscando, ao invés disso, oferecer uma alternativa corretiva à própria tradição “aceitável” dos protestos contra a antinegitude. Para Shana L. Redmond, isso poderia ser entendido como uma “franquia sonora”, uma forma de “desafio melódico” através da qual pessoas negras poderiam inventar uma coletividade, negociar e ambicionar diversas maneiras de ser.⁷⁴ Na prática, em Ferguson, esse enfrentamento traduzia-se na maneira como aqueles cantos reverberavam, de algum modo, o que ainda está por vir: um tempo e um lugar melhores do que o “agora”, um espaço, de fato, aberto, emancipado.

Ainda que as vozes lamentassem juntas na orquestração do coro, haviam forças diferenciais na composição das assembleias. Como geralmente acontece com rebeliões negras, isso foi motivo de deslegitimação política, jornalística e acadêmica. Muitos esperavam um discurso unificado e reclamavam do caráter turbulento e caótico daquela polifonia de vozes. Em termos estéticos, a aversão ao ruído ganha contornos ainda mais sérios quando estes partem de uma “turba negra pouco respeitável”. Indesejável e inoportuno, o *zumbido* de Ferguson parecia estranho a algumas gramáticas de revoltas comumente centradas em figuras carismáticas masculinas. Ao mesmo tempo, ele também incomodava o chamado à ordem de legibilidade e transparência que as forças policiais tentavam impor para começar as “negociações”. Sua rebeldia e estridência, portanto, agia em um modo de opacidade imprópria para história, uma prática de fugitividade que antevia as diversas formas de captura que cercam inúmeras rebeliões negras. Faziam isso, como sugere a epígrafe de Edouard Glissant, “na absoluta diversidade, num turbilhão de encontros”.⁷⁵

A vibração caótica daquela paisagem sonora parecia suspender o tempo nas noites explosivas de Ferguson. “Que horas são?”, “Até que horas vamos precisar gritar para que eles percebam que não esperamos as respostas de sempre?”. Gritar em comunhão era um dos sinais mais fortes de desobediência aos toques de recolher e às ordens para que dispersassem de determinados lugares. Para aquelas pessoas negras que há muito vinham sendo silenciadas, só restava o berro disparatado, a insistência em estabelecer por si próprias uma temporalidade

⁷⁴ REDMOND, Shana L. *Anthem: Social Movements and the Sound of Solidarity in the African Diaspora*. New York: New York University Press, 2014, p. 4.

⁷⁵ GLISSANT, Édouard, *O pensamento de tremor. La cohée du lamentim*. Trad. Enilce do Carmo Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Gallimard, Ed. UFJF, 2014. Sobre opacidade enquanto método, Cf. GLISSANT, Édouard. “Transparência e Opacidade” e “Pela Opacidade”. In *Poética da Relação*. Tradução de Manuela Mendonça. Lisboa: Sextante Editora, 2011, p. 107-117 e 179-185.

de revolta cuja duração era obstinadamente indiferente à cronometragem da repressão governamental e das expectativas de audiência televisiva.

Nesse sentido, e seguindo o filósofo e estudioso das implicações políticas do som Andrew Brooks, poderíamos pensar os “murmúrios da multidão” a partir do conceito de *undercommons*, elaborado pelos teóricos Fred Moten e Stefano Harney. Com uma origem associada à Inglaterra medieval, os *commons* eram espaços coletivos onde os camponeses estariam livres da alçada dos senhores feudais. No processo de colonização do chamado “Novo Mundo”, porém, a defesa desses “direitos comuns” sobre espaços públicos foi traduzida, em muitos dos casos, como um convite à expansão sobre territórios pertencentes às comunidades originárias. Como explicam Eve Tuck e K. Wayne Yang, no contexto neoliberal atual, lógica semelhante de direito à propriedade e deslocamento parece motivar o amplo processo de privatização e mercantilização de bens ditos comuns (ou seja, rios e mananciais, florestas, montanhas, etc.).⁷⁶ Seguindo uma rota contrária, a noção de *undercommons* parte de uma tradição radical negra que sempre se opôs a essa visão de mundo que permuta o ideal de cercamento colonial, e decide pensar sobre a possibilidade rebelde oferecida por outros modelos de espaço, centrados na fugitividade e em uma comunalidade radical. Para Moten e Harney, os *undercommons* são espaços situados “*no break*”, ou seja, nas entrelinhas de diversos lugares de poder. “Estudo negro”, “planejamento negro” seriam como espaços improvisados, onde os *undercommons* estabelecem distintas formas de recusar o chamado à ordem, promovendo experimentações sociais radicais.⁷⁷ Dessa forma, é como se os diversos ritmos transmitidos pelo “ruído da multidão” demonstrasse a possibilidade viva dessa sociabilidade *undercommon*. Cito Brooks:

Surgindo da força diferencial de muitas vozes soando ao mesmo tempo, o murmúrio é um modo de fala fugitivo que se move simultaneamente em múltiplas direções diferentes. Evita a captura e resiste a ser reduzido a uma expressão unívoca [...] A multidão, forma improvisada, gera ruído relacional cacofônico que não pode ser reduzido a uma demanda unívoca. O murmúrio indistinto e indecifrável da multidão é a dramatização de um ser em comum que ao mesmo tempo afirma interdependência e preserva incomensurável diferença [...] O som de um motim é uma enunciação coletiva que deforma a univocidade do discurso autoritário, produzindo afetivamente ruídos em que o potencial de criar coletividades pode ressoar e interagir. Assim concebido,

⁷⁶ TUCK, Eve; YANG, K. Wayne. “La descolonización no es una metáfora”. *Tabula Rasa*, n. 38, 2021, p. 61-111.

⁷⁷ HARNEY, Stefano; MOTEN, Fred. *The Undercommons: Fugitive Planning & Black Study*. New York: Minor Compositions, 2013.

podemos entender o murmúrio como uma figura sonora que anima a multidão amotinada.⁷⁸

Trata-se de um som que, na sua característica de escape e não delimitação significativa, “inventa uma nação” que não pode ser localizada nos mapas da respeitabilidade e das técnicas de captura da mídia, do saber disciplinado e da violência policial antinegra. Curiosamente, a impressão era de que, no auge daquele zumbido, estivessem secretando um futuro de abolição entre os seus. Parecia, afinal, que os cantos representavam uma estratégia para recusar detalhar qualquer manobra àqueles que só sabiam cobrar isso.⁷⁹ A fluidez e a multivocalidade do motim sonoro de Ferguson eram excessivas se comparadas aos atos políticos pacíficos que aparecem no noticiário apenas para confirmar a vitalidade democrática dos Estados Unidos. Ao mesmo tempo também, essas suas características *errantes* entravam em choque com tradicionais marcações do que seria um sujeito autônomo que resiste e possui agência política.⁸⁰

Essa história imprópria era cantada por muitas vozes que improvisavam a partir de uma escala de sofrimento e esperança aprimorada na duração de cada uma de suas vidas. Inspirado em Ralph Elisson, Paul Gilroy comenta como as tradições radicais de artes negras possuem uma tendência à relacionalidade, justamente porque a inventividade improvisada em *antífonas* (a prática de “chamadas e respostas”) permite que “as fronteiras entre o eu e o outro” sejam facilmente borradas. Esses encontros tendem a auxiliar (“mas não garantem”) sujeitos cujo eu racial está “fraturado, incompleto e inacabado”, permitindo-lhes simbolizar e antecipar “novas relações sociais, de não-dominação”.⁸¹ Vale ressaltar, todavia, que ainda que

⁷⁸ BROOKS, Andrew. *A Poetics of Interruption: fugitive speech acts and the politics of noise*. Tese (Doutorado em Filosofia). UNSW Art and Design, The University of New South Wales, 2017, p. 47-48. <http://unsworks.unsw.edu.au/fapi/datastream/unsworks:51053/SOURCE2?view=true>.

⁷⁹ Como ressalta Ashon Crowley: grande parte dos apelos para que os manifestantes, como os de Ferguson, fossem mais “estratégicos”, na verdade, eram usados para ordenar/controlar a revolta em uma estrutura mais convencional de protesto. Ao invés desse saudosismo, porém, o que muitas das pessoas sediciosas procuravam eram outras possibilidades. CRAWLEY, Ashon. “Otherwise Movements”, *The New Inquiry*, 19 de janeiro de 2015, disponível em <https://thenewinquiry.com/otherwise-movements/>. De fato, Oprah Winfrey, em uma entrevista de promoção de *Selma* (filme produzido e atuado por ela, lançado no natal daquele ano de 2014), após elogiar as diversas marchas que seguiam o rastro de Ferguson, chegou a reclamar nos seguintes termos: “sinto falta de algum tipo de liderança que saia disso [da opacidade] e diga: ‘É isso o que nós queremos. É isso que precisa mudar, e esses são os passos que precisamos dar para fazer essas mudanças, e é isso que estamos dispostos a fazer para obtê-las.’” CHESSUM, Jake. “Oprah Winfrey’s Comments about Recent Protests and Ferguson Spark Controversy”, *People*, 01 de janeiro de 2015, disponível em <https://people.com/celebrity/oprah-on-recent-protests-and-ferguson/>.

⁸⁰ Sobre o conceito de errância, cf. GLISSANT, Édouard. “A errância, o exílio” e “Uma errância enraizada”. In: *Poética da Relação*. Tradução de Manuela Mendonça. Lisboa: Sextante Editora, 2011, p. 21-30 e 43-50. Para uma problematização bastante interessante sobre o conceito de “agência” na historiografia da escravidão, cf. JOHNSON, Walter. “On Agency”. *Journal of Social History*, Nova York, v. 37, n. 1, 2003, p. 113-124.

⁸¹ GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: Modernidade e Dupla Consciência*. Cid Knipel Moreira São Paulo: Editora 34, 2012, p. 168.

a improvisação seja uma busca pela produção de novidade, ela também é definida por técnicas e regras cujo fundamento é dar uma base para o que possa gerar prática e repetição. Fred Moten vê esse estruturamento como uma “poética social do motim”.⁸² A improvisação negra nas ruas de Ferguson estaria, portanto, muito próxima daquilo que Rizvana Bradley, em conversa com Saidiya Hartman, define como uma “desordem generativa”, algo que não seria o “caos em todos os lugares”, mas sim uma “dissidência praticada da ordem”.⁸³

Esse ímpeto da multidão de *undercommons*, transmitido por vozes e um conjunto imenso de ruídos, terminou por disseminar-se por outros corpos e espaços. Pode-se, até mesmo, considerar que esse som dissipou-se por *transdução*, o processo físico por meio do qual uma energia se transforma em outra de natureza diferente. Para Kara Keeling, esse conceito, que ela interpreta a partir da recepção que Deleuze e Guattari fizeram do pensamento de Gilbert Simondon, permite uma melhor compreensão de processos que partem da intersecção de várias realidades: corporais, geográficas, econômicas, conceituais, biopolíticas, geopolíticas e afetivas.⁸⁴ Nesse sentido, *hashtags* como #Blacklivesmatter tiveram papel decisivo para transportar esse conjunto de sentimentos em forma de som e auxiliar na composição de uma espécie de “amada comunidade”, fora dos limites geográficos de Ferguson.

Não sem acirradas disputas, o ruído dos revoltosos inspirou os protestos em Baltimore após o jovem negro Freddie Gray ser morto sob custódia policial, em 19 de abril do ano seguinte. Na verdade, vale aqui ressaltar que Baltimore marca uma etapa onde a #BlackLivesMatter se transforma em um grito síntese para grande parte das manifestações contra o racismo antinegitude nos Estados Unidos. Criada em julho de 2013 pelas ativistas *queer* Alicia Garza, Patrisse Cullors e Opal Tometi, após o vigilante George Zimmerman ter sido absolvido pelo assassinato do adolescente negro Trayvon Martin na Flórida, a *hashtag* demorou um ano para ter alguma repercussão. No início das manifestações de Ferguson, haviam vários outros *slogans* (ou melhor, gritos transformados em *hashtags*) usados para criticar a brutalidade policial nas ruas e nas redes sociais: #HandsUpDontShoot, #NoJusticeNoPeace, #IfTheyGunnedMeDown, #Justice4All, etc. Apenas em novembro, no

⁸² MOTEN, Fred. “Seeing Things”. In: *Stolen Life*. Durham/London: Duke University Press, 2018, p. 187.

⁸³ BRADLEY, Rizvana; HARTMAN, Saidiya. “Regards for One Another: A Conversation Between Rizvana Bradley and Saidiya Hartman”, *Los Angeles Review of Books*, 8 de outubro de 2019, disponível em <https://lareviewofbooks.org/article/regard-for-one-another-a-conversation-between-rizvana-bradley-and-saidiya-hartman/>. É interessante também a aproximação que Bradley faz entre essa “desordem generativa” com a leitura da descolonização empreendida por Frantz Fanon em *Os Condenados da Terra*. Um movimento semelhante será esboçado no próximo capítulo da tese.

⁸⁴ KEELING, Kara. *Queer Times, Black Futures*. New York: New York University Press, 2019, p. 72.

contexto da absolvição de Darren Wilson, foi que #BlackLivesMatter teve um primeiro grande impulso, com centenas de menções no *Twitter* (fig. 2).⁸⁵

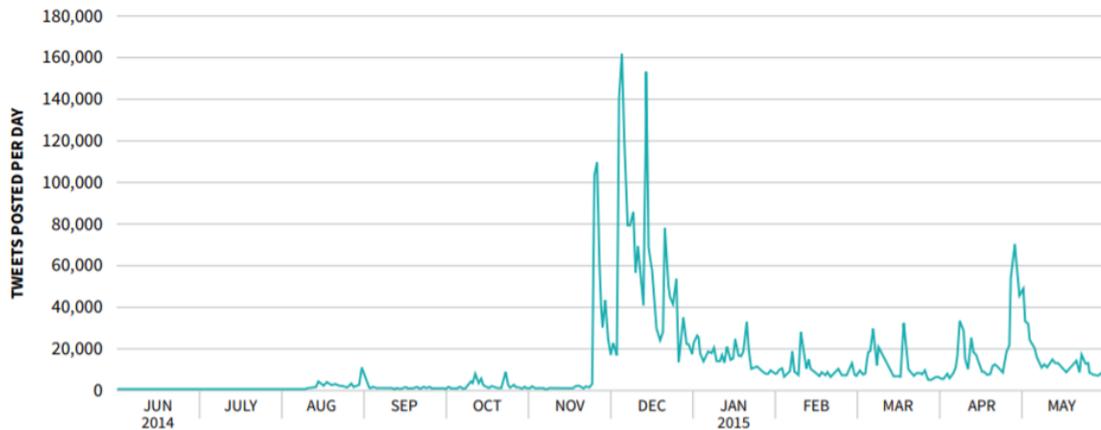


Figura 2 - Gráficos de interações no Twitter contendo a #Blacklivesmatter. Fonte: *Beyond The Hashtags*, p. 33.

A partir de então, há uma significativa transformação: de um circunscrito coro, o *Black Lives Matter* passa a ser visto como um fenômeno global que se confunde com a própria luta contra o racismo antinegitude na contemporaneidade. Foi nesse momento que Garza, Khan-Cullors e Tometi criaram um *site* oficial, através do qual foi possível divulgar e organizar novos “capítulos” em várias cidades dos Estados Unidos.⁸⁶ Sua intenção, a princípio, era menos impor regras e estabelecer diretrizes. De fato, como observa Wesley Lowery, a *hashtag* “inevitavelmente ganhou vida própria”, voou transmitindo o idioma da revolta de Ferguson para outras paragens, como Cleveland, Nova York, Baton Rouge, Rio de Janeiro, Londres, Paris etc.⁸⁷ Muitos dos que a receberam, porém, partiam de escalas distintas, cifraram sons diferentes, ou mesmo cercaram e desradicalizaram o ruído *undercommon* de Ferguson.

Para que nós, um povo pobre e oprimido, nos tornemos parte de uma sociedade significativa, o sistema sob o qual existimos agora deve ser radicalmente mudado. Isso significa que

⁸⁵ FREELON, Deen; MCILWAIN, Charlton; CLARK, Meredith. “Beyond the Hashtags: #Ferguson, #BlackLivesMatter, and the Online Struggle for the Offline Justice”, *Center for Media and Social Impact*, Fevereiro de 2016, disponível em https://cmsimpact.org/wp-content/uploads/2016/03/beyond_the_hashtags_2016.pdf.

⁸⁶ O Site está disponível no seguinte endereço: <https://blacklivesmatter.com/>.

⁸⁷ LOWERY, Wesley. *They Can't Kill Us All: The Story of Black Lives Matter*. London: Penguin Books, 2017, p. 81.

teremos que aprender a pensar em termos *radicais*. Eu uso o termo radical em seu significado original – descer e entender a causa raiz. Significa enfrentar um sistema que não se presta às suas necessidades e criar meios pelos quais você pode mudar esse sistema.

Ella Baker⁸⁸

Black Lives Matter se tornou um apelo para amar a negritude. Sua linguagem é a do desafio à Supremacia Branca. O seu método tenta ir além das limitações percebidas em outros movimentos negros no passado, que apelavam demasiadamente para um masculinismo carismático e respeitável. *Black Lives Matter* procura enfatizar a importância de *todas as vidas negras* e isso é sempre muito importante que se faça, pois comumente vidas negras *queers*, neurodivergentes, deficientes e indocumentadas tem suas demandas invisibilizadas. Porém, enquanto espalhava-se por outras ruas, o grito *Black Lives Matter* encontrava o histórico impasse da política opositora negra: reformar ou demandar o fim da sociedade civil como a conhecemos.⁸⁹

Para muitos, ao invés de investir contra as modalidades de valoração que definem vidas negras como indignas de importância, o mapa sonoro traçado por aquele grito acabou reforçando soluções pouco transformativas, que apenas demandavam maior inclusão ou reconhecimento em uma estrutura humanista cuja razão de ser é estruturalmente antinegra. Vejamos essa citação de Alicia Garza: “Black Lives Matter é uma intervenção ideológica e política em um mundo onde vidas negras são sistemática e intencionalmente alvo de morte. *É uma afirmação da humanidade dos negros, nossas contribuições para essa sociedade e nossa resiliência diante da opressão mortal*”.⁹⁰ [grifos meus]. Esses apelos por cidadania são comumente acompanhados de uma tentativa de provar a utilidade e produtividade dos negros na sociedade civil, como se fosse essa *a razão essencial para merecer respeito*. Não chega a ser estranho, portanto, esses pedidos de reconhecimento do papel dos negros na sociedade americana em particular, e no mundo moderno de maneira geral.⁹¹ De fato, não é uma questão

⁸⁸ BAKER, Ella. “The Black Woman in the Civil Rights Struggle: address given at Institute of Black World, Atlanta, Georgia, 1969”. In: Joanne Grant (ed.) *Ella Baker: freedom bound*, New York: John Wiley, 1998, p. 230.

⁸⁹ Para uma interessante reflexão sobre os limites e possibilidades do *Black Lives Matter*, cf. COHEN, Cathy J.; JACKSON, Sarah J. “Ask a Feminist: A Conversation with Cathy J. Cohen on Black Lives Matter, Feminism and Contemporary Activism”. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, v. 41, n. 4, p. 775-792.

⁹⁰ GARZA, Alicia. “A herstory of the #BlackLivesMatter movement by Alicia Garza”, *Feminist Wire*, 7 de Outubro de 2014, disponível em: <https://www.thefeministwire.com/2014/10/blacklivesmatter-2/>.

⁹¹ De alguma forma, essa também parece ser a demanda por trás do *1619 Project*, encabeçado por Nicole Hannah-Jones. Para uma minuciosa e interessante análise crítica desse projeto, cf. JACKSON, Lauren Michele. “The 1619 Project and the Demands of Public History”, *The New Yorker*, 8 de dezembro de 2021, disponível em <https://www.newyorker.com/books/under-review/the-1619-project-and-the-demands-of-public-history>; além

de peremptoriamente negar todo e qualquer legado/avanço/benefício da tradição moderna, em que pese as suas íntimas ligações com a antinegitude em diversos níveis, tempos e espaços. Apenas parece que, a julgar pela normalidade de declarações como as de Garza, um dos objetivos a ser alcançado pelo *Black Lives Matter* seria algo como uma *correção* da humanidade de seus desvios de conduta. De quebra, no processo, caberia aos militantes negros oferecerem (com seu exemplo de martírio e luta) ao mundo um ensinamento sobre “os verdadeiros valores democráticos”. Ou seja, é como se o ativismo antirracista se transformasse em uma súplica inabalável para que a sociedade civil ouvisse as lamúrias dos negros e reconhecesse que suas vidas *importam de fato*. Julgamentos justos, policiamento igualitário, representatividade em órgãos de poder etc., em suma, os pedidos partiam, de uma forte crença na capacidade reparativa da própria sociedade civil. Difícil, portanto, imaginar que os gritos impróprios de Ferguson rimassem nessa escala peticionária.

Como observa Robin D. G. Kelley, insistências humanistas têm sido um dos primeiros princípios de várias políticas ativistas negras desde pelo menos o final do séc. XVIII, quando o chamado abolicionista replicado em diversos meios era a imagem de “negros suplicantes”, acorrentados e de joelhos, como se gritassem ao mundo antinegro: “Não sou eu um homem e um irmão?!”/“Não sou eu uma mulher e uma irmã?!” (fig. 3).⁹² Para Tavia Nyong’o, muito desse humanismo também estaria presente em parte do ativismo negro do século XX e início do século XXI, especialmente na crença que continuam nutrindo na “certeza moral dos direitos humanos pelo seu apelo persuasivo”.⁹³

de AVILA, Arthur de Lima. “O desejo e a impossibilidade de reparação: o *1619 Project* e os usos do passado nos Estados Unidos contemporâneos”. In: *A História no labirinto do presente: ensaios (in)disciplinados sobre teoria da história, história da historiografia e usos políticos do passado*. Vitória: Editora Milfontes, 2021, p. 147-180.

⁹² MOTEN, Fred; KELLEY, Robin D.G. “*Do Black Lives Matter?*: Robin D.G. Kelley and Fred Moten in Conversation.”, *The Abolitionist: A Publication of Critical Resistance* v. 25., 2016, p. 3, disponível em <https://abolitionistpaper.files.wordpress.com/2016/01/abby-25-final.pdf>. Em sua brilhante análise da Revolta de Tracky, “a maior revolta de escravos no mundo atlântico britânico do século XVIII”, Vincent Brown demonstra como muitos proprietários de escravos tentaram justificar a brutalidade de sua resposta em função da “militância negra” dos revoltados. Para Brown, isso fez com que vários abolicionistas da época, cada vez mais, desradicalizassem suas demandas por justiça racial e tentassem apelar para imagens de negros e negras suplicantes, implorando por reconhecimento de maneira pacífica e ordeira. BROWN, Vicent. *Tracky’s Revolt: The Story of na Atlantic Slave War*. Cambridge/MA: Harvard University Press, 2020, p. 17-18.

⁹³ NYONG’O, Tavia. *Afro-Fabulations: The Queer Drama of Black Life*. New York: New York University Press, 2019, p. 24.

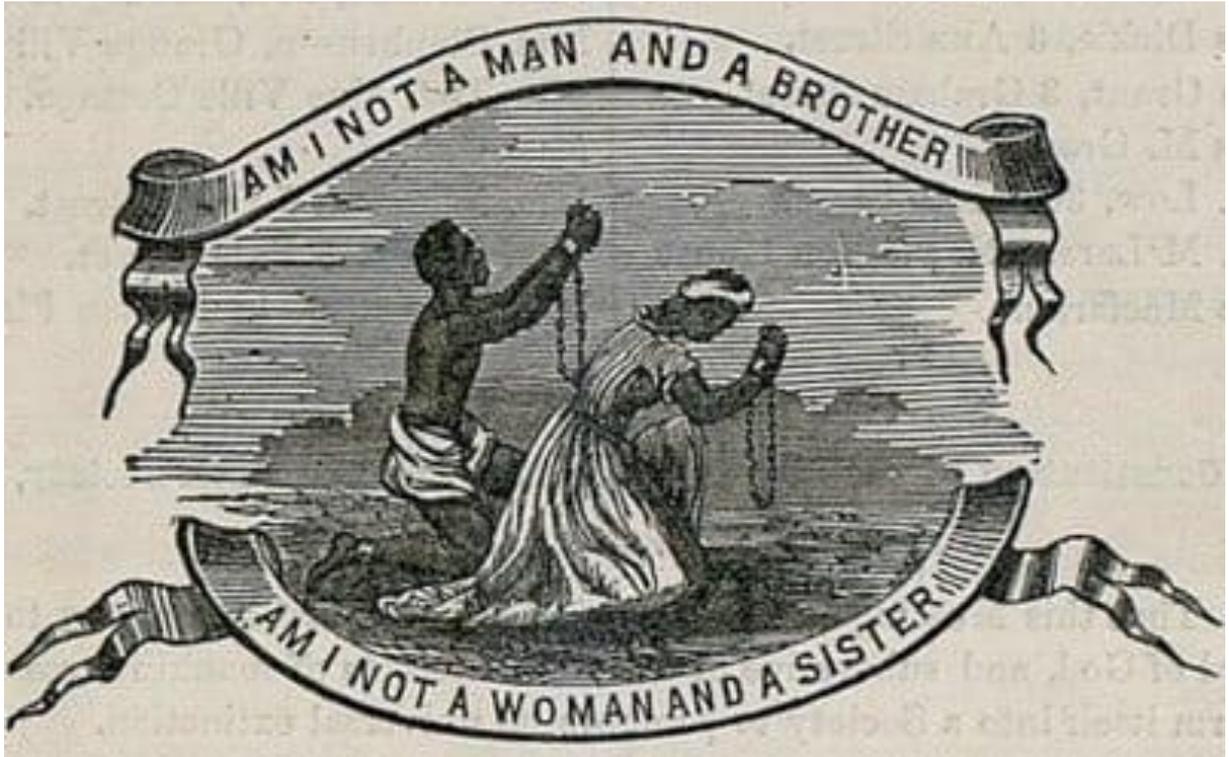


Figura 3 – Cartaz de uma reunião antiescravista de 1863 centraliza pessoas negras suplicantes. Fonte: *Wikimedia Commons*.⁹⁴

Porém, como Saidiya Hartman ressalva, o reconhecimento da veracidade da humanidade negra nunca foi a real questão a ser discutida, pois a coisificação dos escravizados estava muito mais relacionada à abjeção e criminalização dessa humanidade, e não à sua negação.⁹⁵

A ascensão do *Black Lives Matter* enquanto grito dominante nas ruas em protesto também marcou uma nova escalada, especialmente na esquerda *mainstream*, da ideia de que “o feminismo negro salvará a todos nós”, um discurso que, repetidamente, permite que muitos apenas cruzem os braços sobre responsabilizações coletivas futuras, e oportunamente esperem que dedicadas ativistas negras “resolvam tudo”, cantem uma canção para ninar sonhos democráticos, pacientemente ofereçam “letramento racial” e, dentro das regras do jogo

⁹⁴ Disponível em https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Am_I_not_a_man_and_a_brother%3F_Am_I_not_a_woman_and_a_sister%3F.jpg.

⁹⁵ HARTMAN, Saidiya. *Scenes of Subjection: Terror, Slavery, and Self-Making in Nineteenth-Century America*. Oxford: Oxford University Press, 1997, p. 5. Sobre essa questão, Zakiyyah Iman Jackson argumenta que tanto a violência contra povos negros e colonizados, quanto contra aquilo que o Ocidente definia como “mundo da natureza”, produzia “um tipo de humano”, sub-representado como branco e masculino. Cf. JACKSON, Zakiyyah Iman. “Losing Manhood: Plasticity, Animality, and Opacity in the (Neo)Slave Narrative”. In: *Becoming Human: Matter and Meaning in an Antiracist World*. New York: New York University Press, 2020, p. 45-82.

jurídico, conduza todos a um “outro mundo possível”.⁹⁶ Aqui, a paciência e a resiliência negras são afirmadas enquanto virtudes fundamentais e humanas em benefício do todo (ou seja, em prol da manutenção da branquitude sob um verniz de que “algo está mudando”). Às mulheres negras, nesse processo, são atribuídos superpoderes de cura, não delas próprias ou de sua comunidade, mas de um projeto de nação que pouco com elas se importou. Quais canções de resistência agradariam aos ouvidos dos autointitulados aliados? Que história assumiria o status de apropriada? Quem conseguiria propor reformas não radicais, mesmo após um episódio de violência policial gratuita sem responsabilização jurídica? Outro mundo deveria ser possível e o *Black Lives Matter* poderia, encabeçado por aguerridas e respeitáveis mulheres negras, contribuir para essa renovação/atualização de suas estruturas.

Todavia, como Tyrone Palmer sugere, talvez fosse radicalmente mais interessante questionar a própria verdade autoevidente nessa ideia de que “outro mundo é possível”. Afinal, o próprio Mundo, como o entendemos, é constitutivamente antinegro, não é mesmo?⁹⁷ Nesse sentido, ao interpretar a célebre afirmação de Aimé Césaire: “a única coisa no mundo que vale a pena começar: o fim do mundo”, Palmer destaca a mútua imbricação que a ideia de *fim e começo* tinha no projeto de descolonização do poeta e filósofo martinicano:

O Fim do Mundo é um começo em si mesmo: no apelo de Césaire, o começo e o fim funcionam não de uma forma teleológica ou linear (do começo ao fim), mas como sinais colapsados de uma quebra paradigmática. O Fim que Césaire apela não é estabelecido em quaisquer termos específicos. Pelo contrário, ele é um evento de contingência e incerteza radical, sem a promessa de algo novo no lugar do Mundo que deve acabar. Tudo o que se sabe do Fim do Mundo é que ele é “a única coisa” que vale a pena começar, e que o Mundo carrega em si as sementes de seu próprio fim.⁹⁸

Esse “Fim do Mundo” de Césaire soou como uma canção de revolta que embalaria os processos de descolonização e independência das nações do chamado Terceiro Mundo da segunda metade do século XX.⁹⁹ Novamente, e isso Tyrone Palmer faz questão de ressaltar, esse apelo por um “Fim do Mundo” não pode ser “reduzido a uma histeria apocalíptica ou visto

⁹⁶ NADASEN, Premilla. “Black Feminism Will Save Us All: Why We Desperately Need Real Intersectional Feminism”, *In These Times*, 11 de setembro de 2018, disponível em <https://inthesetimes.com/article/black-feminism-intersectional-donald-trump-class-race>.

⁹⁷ Cf. COATES, Ta-Nehisi. *Entre o Mundo e Eu*. Tradução de Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

⁹⁸ PALMER, Tyrone. “Otherwise than Blackness: Feeling, World, Sublimation”. *Qui Parle: Critical Humanities and Social Sciences*, v. 29, n. 2, 2020, p. 252-253.

⁹⁹ Cf. WILDER, Gary. “Apart Together: Aimé Césaire and Léopold Senghor had a radical vision for the world: decolonisation without national Independence”, *Aeon*, 29 de setembro de 2015, disponível em <https://aeon.co/essays/how-cesaire-and-senghor-saw-the-decolonised-world>.

como um investimento num telos escatológico”¹⁰⁰, um sentimento, como bem assevera Bedour Alagraa, corriqueiro em algumas teorias recentes sobre o Antropoceno.¹⁰¹ Na verdade, o “Fim do Mundo” e sua “incerteza radical” podem ser melhor compreendidos ao analisar o conjunto de preocupações elencadas pela prosa revolucionária de Frantz Fanon no contexto de libertação da Argélia, no final da década de 1950. Seguindo Césaire, que havia sido seu professor ainda nos tempos de liceu na Martinica, Fanon insistiu que o mundo forjado pela modernidade colonial deveria acabar, e que esse fim só seria possível através de um projeto radical de descolonização, por meio da emergência (emergir = o vir à tona de algo até então não-visível) da violência “purificadora” do colonizado, ou seja, através de um “programa de desordem absoluta”, onde “o interesse de cada um não cessa mais de ser doravante o interesse de todos porque, concretamente, serão *todos* descobertos pelos legionários, ou serão todos *salvos*”.¹⁰² Para Joy James, a noção de “doravante” nesse emblemático trecho de *Os Condenados da Terra* aponta para a temporalização fanoniana sobre o surgimento de um “novo ser político”, um momento de radical transformação, cujo sujeito colonizado, através da prática descolonizadora, percebe que o objetivo e a natureza essencial daquela luta é “a unidade dos oprimidos, não a resolução das batalhas pela liberdade”. Afastando-se dos apelos humanistas, James vai definir esse “novo ser político” (o “intelectual rebelde”, aquele que aprende na *praxis*) através da figura do ciborgue: “individual e coletivo, em rebelião aberta e encoberta, vivo porque todos agora se tornaram mecanizados em sua rebelião, com a força espiritual da liberdade conduzindo-os – biológicos, mecânicos, divinos”. De fato, o tempo que se inaugura é aquele no qual “o ser humano como ser convencional não existe mais (pelo

¹⁰⁰ PALMER, Tyrone. “Otherwise than Blackness: Feeling, World, Sublimation”. *Qui Parle: Critical Humanities and Social Sciences*, v. 29, n. 2, 2020, p. 260-261.

¹⁰¹ ALAGRAA, Bedour. “The Interminable Catastrophe”, *offshoot*, 1 de março de 2021, disponível em <https://offshootjournal.org/the-interminable-catastrophe/>. Axelle Karera tem reclamado sobre como muitos desses discursos catastróficos sobre os riscos coletivos que as mudanças climáticas tem acarretado no planeta estão evitando as implicações raciais dessa crise. Para Karera, algumas análises teóricas bastante citadas sobre a ecologia contemporânea, como as de Rosi Braidotti e Timothy Morton, são marcadas não apenas por uma inquietante carência de uma reflexão mais alongada sobre a relação entre racialidade e violência ambiental, mas também por uma estranha sensação de que a catástrofe apocalíptica antecipada pela era do Antropoceno pode vir a funcionar como algo reconfortante e eticamente bem-vindo, como um conjunto de problemas capazes de (a partir da percepção do quanto todas as espécies estão relacionadas) nos levar a “refazer o humano” em um mundo, de acordo com Braidotti, onde a comunidade-por-vir não seria mais constrangida “pela culpa da violência comunal ancestral ou pela melancolia de *dívidas ontológicas impagáveis*”. Ou seja, a construção de um “nós” (os “pós-humanos”, na acepção de Braidotti, os “hiperobjetos”, de acordo com Morton), de um “povo futuro” capaz de solucionar a morte ecológica coletiva, estaria diretamente implicada no esquecimento do passado dos “outros desseleccionados” de sempre, com o silenciamento dos traumas daqueles impróprios para a história. Com isso, prognostica Karera: nada garante, até agora, que o mundo que herdaremos, em caso de sucesso dos tempos pós-apocalípticos/pós-antropocênicos, seria, *de fato*, não-racista. Cf. KARERA, Axelle. “Blackness and the pitfalls of Anthropocene ethics”. *Critical Philosophy of Race*, v. 7, n. 1, 2019, p. 32-56.

¹⁰² FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Tradução: José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p. 109, 26 35-36.

menos momentaneamente)".¹⁰³ Após a “salvação” fanoniana (há aqui notáveis ecos do filósofo Walter Benjamin no trabalho do psiquiatra martinicano), o grande desafio

é como permanecer vivo e permanecer salvo; isto é, não é uma conquista ou aquisição única, mas uma luta contínua. A revolução que deve chegar, a rebelião que a precede, e – à espera – a rebelião que virá, significam que *doravante* é uma guerra sem fim, um movimento sem fim. *Doravante* é o nome da luta que deve sempre começar de novo.¹⁰⁴

Haja vista a instabilidade das garantias no terreno revolucionário, haja vista a condição deformadora desse projeto descolonizador, é de se imaginar que tudo aquilo envolve uma ativa improvisação do “novo ser político”. O “programa de desordem absoluta” fanoniano entende a superação do mundo forjado pela modernidade colonial como um processo contínuo, que não adere a discursos políticos sobre conquistas peremptórias.¹⁰⁵ A música não para até que todos sejam, por fim, libertados.

Em Ferguson, os cantos mais radicais tentavam imaginar o fim deste mundo. Revoltas negras, como dissemos, trazem sempre uma música de abolição há muito secretada nos porões dos navios negreiros, na escuridão das florestas, nas enganosamente alegres canções da lavoura, nos solos de *jazz*, na “imoralidade” sensual do *funk*, na inventividade dos *samplers* no rap, na improvisação dos *slams poetry* etc. Foram poucos os dias e bem maiores acabaram sendo as preocupações para o *doravante*. O tempo, afinal, parecia ter outro ritmo em meio à fúria daquelas vozes que, novamente na história negra, cantavam algo intratável e impróprio para a captura da branquitude.

¹⁰³ JAMES, Joy. “‘Concerning Violence’: Frantz Fanon Rebel Intellectual in Search of Black Cyborg”. *The South Atlantic Quarterly*, v. 112, n. 1, 2013a, p. 61, 63. Joy James, em conjunto com João Costa Vargas, já havia desenvolvido essa ideia de “Black Cyborg” em VARGAS, João H. Costa; JAMES, Joy. “Refusing Blackness-as-Victimization: Trayvon Martin and the Black Cyborgs.” In: *Pursuing Trayvon Martin*, edited by George Yancy and Janine Jones. Lanham, MD: Lexington Books, 2012, p. 193-204.

¹⁰⁴ Idem, 60.

¹⁰⁵ FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Tradução: José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. As dificuldades experienciadas pelos Estados nacionais africanos no pós-colônia fizeram com que ele destacasse o tamanho do desafio que seria enfrentado no “doravante”, o quanto uma regressão, ou melhor, uma recaptura colonial ainda poderia acontecer, de diversas formas. Cf. MBEMBE, Achille. *On the postcolony*. Berkeley: University of California Press, 2001.

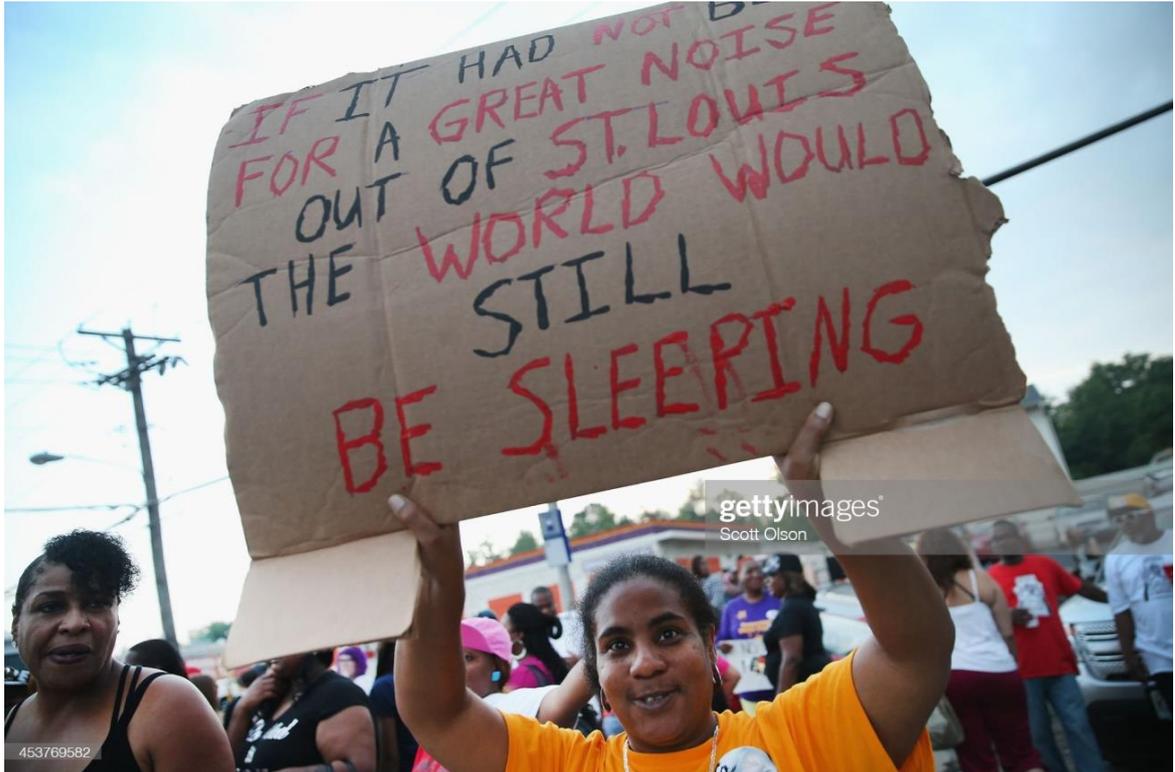


Figura 4 – Manifestante segura um cartaz improvisado onde é possível ler: “Se não fosse um grande barulho vindo de St. Louis o mundo ainda estaria dormindo”. Ferguson, 17 de agosto de 2014. Fonte: Scott Olson/Getty Images.¹⁰⁶

¹⁰⁶ Disponível em <https://media.gettyimages.com/photos/demonstrators-protest-the-killing-of-teenager-michael-brown-on-august-picture-id453769582?s=2048x2048>.

2 – “E se destruíram muito era porque muito haviam sofrido”¹⁰⁷

Eles estão dispostos a morrer por isso, a maioria deles não acha que chegará aos 21 anos de qualquer forma.

Viola Murphy¹⁰⁸

O vidro, como “um invólucro” significando imobilidade e “localizado nos deslizamentos da contradição”, “tanto frágil – quebrando-se prontamente – como maleável – tendo a capacidade de mudança adaptativa”, era um importante local de contestação; a quebra de tal material foi um desafio para a economia política de visibilidade racial e exclusão constituída por meio de sua dinâmica estética e infraestrutural, uma manifestação da fragilidade e poder do capital racial.

Sara Haley¹⁰⁹

Nós já estamos aqui, movendo. Estamos por aí. Nós somos mais do que políticas, mais do que colonizadas, mais do que democráticas. Nós cercamos a falsa imagem da democracia a fim de desocupá-la. Toda vez que ela tenta nos encerrar numa decisão, nós estamos indecisas. Toda vez que ela tenta representar nossa vontade, nós estamos relutantes. Toda vez que ela tenta criar raízes, nós partimos (porque já estamos aqui, movendo). Nós pedimos e nós contamos e nós lançamos o feitiço sob o qual operamos, que nos sugere o que fazer e como devemos mover, aqui, onde dançamos a guerra da aposição. Nós estamos sob um transe do que nos cerca. Nós nos movemos através disso e isso se move conosco, para fora e além do assentamento, para fora e além do redesenvolvimento, lá onde cai a noite preta, onde detestamos estar sós, tendo de voltar ao confinamento para dormir até o amanhecer, beber até o amanhecer, planejar até o amanhecer, como o abraço do comum, justo dentro, e ao redor, e à beira.

Na clara luz crítica do dia, administradores da ilusão sussurram a nossa necessidade de instituições, e todas as instituições são políticas, e todas as políticas são corretivas, então parece que precisamos de instituições corretivas no comum, ocupando o comum para corrigir-nos. Mas não vamos ser corrigidas. Além disso, incorretas como somos não há nada errado conosco. Nós não queremos ser corretas e não seremos corrigidas.

Fred Moten e Stefano Harney¹¹⁰

¹⁰⁷ JAMES, Cyril Lionel Robert. *Os jacobinos negros: Tousaint L'Ouverture e a Revolução de São Domingos*. Tradução de Afonso Teixeira Filho. São Paulo: Boitempo editorial, 2000, p. 93-94.

¹⁰⁸ CASSELMAN, Ben. “The Poorest Corner of Town”, *Five Thirty Eight*, 26 de agosto de 2014, disponível em <https://fivethirtyeight.com/features/ferguson-missouri/>.

¹⁰⁹ HALEY, Sarah. *No Mercy Here: Gender, Punishment, and the Making of Jim Crow Modernity*, Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2016, p. 198.

¹¹⁰ HARNEY, Stefano; MOTEN, Fred. *The Undercommons: Fugitive Planning & Black Study*. Tradução de Jota Mombaca. New York: Minor Compositions, 2013, p. 19-20. A tradução utilizada foi feita por Jota Mombaca sob o título de “Política Cercada”, disponível em <http://www.centrocultural.sp.gov.br/jota-mombaca/pdf/politica-cercada.pdf>.



Figura 5 – Policiais hipermilitarizados vigiam os manifestantes de Ferguson, Missouri, em 14 de agosto de 2014. Destaque-se a presença de um *sniper* e do supracitado *LRAD 500X-RE* em um veículo blindado. Fonte: Whitney Curtis/*The New York Times*, disponível em <https://lens.blogs.nytimes.com/2014/08/14/photographing-on-fergusons-streets/>.

O que significava posicionar seu corpo em um espaço proibido pelas forças policiais? A quem pertenciam as ruas onde morava uma maioria negra paradoxalmente tão esquecida e hipervigiada pela antinegritude? Para entender a importância dessas perguntas, devo recordar que um dos argumentos utilizados pelo chefe de polícia de Ferguson, Tom Jackson, para explicar o que teria precipitado a reação de Darren Wilson contra Mike Brown, foi que o jovem estaria *jaywalking*, ou seja, andando no meio da rua, atrapalhando o tráfego. Como posteriormente iria reconhecer o relatório do *U.S. Department of Justice*, aquela postura policial remetia a uma rotina de perseguições aos residentes negros de Ferguson por motivos banais: de 2011 à 2013, afro-americanos foram responsáveis por 95% das multas por *jaywalking* aplicadas na cidade (no relatório cita-se as “maneiras de andar”).¹¹¹

Como argumenta a teórica política Hagar Kotef, regulações e técnicas de gerenciamento das formas como os sujeitos podem se mover em determinados espaços devem ser entendidas como “tecnologias de cidadania” definitivas para a construção da identidade moderna.¹¹² Indo por caminho semelhante, Sara Jane Cervenak explica que desde o

¹¹¹ U.S. DEPARTMENT OF JUSTICE, INVESTIGATION OF FERGUSON POLICE DEPARTMENT, *United States Department of Justice Civil Rights Division*, 4 de março de 2015, p. 62. Disponível em https://www.justice.gov/sites/default/files/opa/press-releases/attachments/2015/03/04/ferguson_police_department_report.pdf.

¹¹² KOTEF, Hagar, *Movement and the Ordering of Freedom: On Liberal Governances of Mobility*. Durham: Duke University Press, 2015, p. 15.

Iluminismo a perambulação (*wandering*) de pessoas de cor é vista enquanto potencialmente perigosa ou até mesmo criminosa, sendo, por esse motivo, objeto de severa restrição e vigilância.¹¹³ No sistema de *plantation*, conta Simone Browne, a limitação da mobilidade física e mental (através da alfabetização dos escravos), ou seja, o ensinamento para que esses ficassem *no seu devido lugar*, servia como um exercício de poder a ser administrado/vigiado *por todos os brancos*. Em tese, isso não significava apenas uma violenta forma de regular a mobilidade do corpo das pessoas escravizadas, sua função também dizia respeito ao que achavam ser uma incapacitação da mente negra para alçar voos maiores, haja visto que isso também implicava tratar qualquer pensamento do escravo (exceto no âmbito criminal) como algo carente de maturação e progresso.¹¹⁴ Assim sendo, em uma geografia cindida pela antinegitude, como ocorre em Ferguson, o deslocamento de Michael Brown e seu amigo Dorian Johnson, jovens negros com “expansivos” e “monstruosos” corpos, em uma *errante* [*wandering* também tem esse sentido] trajetória, andando da mesma forma afrontosa que “*thugs* drogados”, “vagabundeando” sem perceber o “seu lugar” no trânsito, sentindo-se como se fossem “*Boyz n the Hood*”¹¹⁵, era considerado impróprio e visto como um problema a ser policiado. Em suma, os dias da segregação de *Jim Crow* haviam *passado*, mas a percepção de que aqueles corpos invadiam um espaço público, mesmo que em sua própria e esquecida comunidade, ainda estava em jogo.

Ao ser deixado no escaldante asfalto do quente verão do Missouri, o corpo de Brown fora circundado pela familiar fita restritiva amarela: “POLICE LINE DO NOT CROSS”. Uma macabra forma de “cuidado” estatal que parecia servir para lembrar de que alguns corpos só podem adquirir cidadania após serem brutalmente assassinados. Essas são imagens comuns e especialmente enervantes para qualquer pessoa negra, pois significam que ali começa a entrar em ação uma estreita regulação do movimento daquelas pessoas que, eventualmente, irão protestar contra o ocorrido. De fato, em Ferguson, chegou-se, até mesmo, a ser implementada uma “regra dos cinco segundos”, que poderia levar à detenção manifestantes que permanecessem parados na rua por mais tempo do que isso.¹¹⁶ Foi por essa razão que, nos

¹¹³ CERVENAK, Sara Jane. *Wandering: Philosophical Performances of Racial and Sexual Freedom*. Durham: Duke University Press, 2014. Com especial atenção para a introdução e seus dois primeiros capítulos: p. 1-23; 24-58; e 59-54 respectivamente.

¹¹⁴ Cf. BROWNE, Simone. *Dark Matters: On the Surveillance of Blackness*. Durham, NC: Duke University Press, 2015; além de FERREIRA da SILVA, Denise. *Toward a Global Idea of Race*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2007.

¹¹⁵ BOYZ n Hood. John Singleton/Steve Nicolaides. Estados Unidos. Columbia Pictures, 1991. Filme-vídeo (1h52min).

¹¹⁶ ROWLAND, Lee. “There is no 5-Second Rule for the First Amendment, Ferguson”, *ACLU*, 21 de agosto de 2014, disponível em <https://www.aclu.org/blog/free-speech/freedom-press/there-no-5-second-rule-first->

doze dias após a morte de Brown, das 172 pessoas que foram presas, 132 foram acusadas apenas de “fracasso em se dispersar”.¹¹⁷

A impressão que dava era a de que aquela “recusa em ficar no devido lugar”¹¹⁸ intensificava a brutalidade das forças policiais, frustradas em não conseguir que as pessoas em revolta se submetessem, se afastassem e dispersassem. A ativista Johnetta Elzie descreveu bem o clima:

Tornei-me menos uma manifestante pacífica e mais uma ativa participante. Usar minha voz para cantar em voz alta junto com outros manifestantes parecia ser suficiente, mas não era. Em vez disso, decidi gritar diretamente para a polícia. Decidi desafiar a polícia a olhar para os rostos dos bebês e crianças que seus cães estavam tão prontos para perseguir. Quanto mais as pessoas começaram a olhar diretamente para a polícia e gritar suas queixas, mais irritadas elas se tornavam.¹¹⁹

Elzie relatava uma cena comum a partir de então: a forma de estabelecer um “direito a aparecer”¹²⁰ significava posicionar seus corpos em frente às formações policiais. O grito “*Hand’s Up, Don’t Shot!*” era reforçado pela força do gesto que descrevia: as mãos ao alto, que acreditavam ter sido a última coisa que Mike Brown havia feito em vida. Se as coberturas televisivas intencionalmente diminuía o volume da revolta, se consideravam aqueles gritos como impróprios para a história, indignos de serem ouvidos, a performance política de levantar os braços e tentar avançar em espaços interditados pelas forças policiais talvez fosse uma alternativa de recusa criativa. Em suma, uma imagem/performance para a qual todos eram obrigados a olhar.

Ferguson confirmou para muitos, uma e outra vez, o motivo de tantos movimentos radicais negros serem descritos como *obstinados*. Como dizem Fred Moten e Stefano Harney: “Nós somos disrupção e consentimento à ruptura. Preservamos o transtorno. Enviadas para concretizar pela abolição, para renovar pela desocupação, para abrir o enclausuramento cuja

[amendment-ferguson](#). Grande parte das reportagens, como essa, relatam o momento de suspensão jurídica dessas regras.

¹¹⁷ O’NEILL, Ann. “Who was arrested in Ferguson?”, *CNN*, 23 de Agosto de 2014, disponível em <https://edition.cnn.com/2014/08/22/us/ferguson-arrests/index.html>.

¹¹⁸ BUTLER, Judith; ATHANASIOU, Athena. *Disposición: lo performativo en lo político*. Tradução: Fernando Bogado. Buenos Aires: Eterna Cadencia Editora, 2017, p. 37.

¹¹⁹ ELZIE, Johnetta. “[Ferguson Forward]’When I close my eyes at night, I see people running from tear gas”’, *Ebony*, 8 de setembro de 2014, disponível em <https://www.ebony.com/news/ferguson-forward-when-i-close-my-eyes-at-night-i-see-people-running-from-tear-ga/#axzz3FTUHgnS1>.

¹²⁰ Cf. MIRZOEFF, Nicholas. *The Appearance of Black Lives Matter*, Miami: Name Publications, 2017.

corruptividade incomensurável é inversamente proporcional à sua área efetiva, nós temos a política cercada”.¹²¹

Impressionava em Ferguson a tenaz disposição que algumas pessoas tinham em desobedecer ao comando de ordens injustas, quaisquer que fossem as punições. Em *Willful Subjects*, a filósofa britânico-australiana, Sara Ahmed, comenta que a *obstinação* política pode ser interpretada como uma indisposição em obedecer àqueles que administram leis injustas. Como exemplo, ela cita a recusa da afro-americana Rosa Parks em obedecer à ordem de um motorista branco para que deixasse seu assento na parte da frente de um ônibus segregado em 1º de dezembro de 1955. Aquela “desobediência encenada como inação” motivou a comunidade negra de Montgomery, no Alabama, a promover um massivo boicote ao sistema de transporte coletivo da cidade. Ainda que Parks tivesse uma longa caminhada como ativista local, aquele seu “ato individual com profundas implicações coletivas” precisou de um estalo, de que algo “transbordasse a inimaginavelmente amarga taça”¹²², que foi quando “empurraram ela o mais longe que podiam”. Em Ferguson, era possível sentir semelhante persistência em ficar no lugar designado como proibido. Esse era um tipo de legado compartilhado por Rosa Parks e mesmo por Mike Brown: recusas e desafios ao poder que constituem “uma herança de ações que não foram registradas pelas histórias oficiais, mas que fazem parte da história.”¹²³

¹²¹ HARNEY, Stefano; MOTEN, Fred. *The Undercommons: Fugitive Planning & Black Study*. New York: Minor Compositions, 2013, p. 20. A tradução utilizada foi feita por Jota Mombaca sob o título de “Política Cercada”, disponível em <http://www.centrocultural.sp.gov.br/jota-mombaca/pdf/politica-cercada.pdf>.

¹²² Trata-se um termo presente em BALDWIN, James. “A Report from Occupied Territory”. In: *James Baldwin: Collected Essays*, Ed. Toni Morrison, New York: Library of America, 1998, p. 730. Há notórias semelhanças entre o caso de Mike Brown e o assassinato de um adolescente negro de 15 anos (“pouco antes do longo e quente verão de 1964”) que abre essa seminal reportagem. Não apenas porque aquele episódio também precipitaria uma revolta racial chocante para uma grande parte dos Estados Unidos e o resto do mundo, mas especialmente por conta do tipo de abordagem empregada por James Baldwin, uma franqueza “em por o dedo na ferida” poucas vezes vista no jornalismo norte-americano, uma tradição radical negra ainda presente (tenham elas conhecimento formal disso ou não) na rebeldia das pessoas que protestavam obstinadamente em Ferguson.

¹²³ Optei por traduzir o termo *wilfull* por *obstinado*, seguindo uma resenha escrita por Fernando José Ciello para o referido livro de Sara Ahmed. Trata-se de uma palavra com múltiplos significados na obra da autora anglo-australiana. Obstinação (*wilfulness*), como bem observa Ciello, tanto pode descrever a “teimosia” [essa outra opção de tradução possível] de uma criança/adolescente que recusa-se a fazer aquilo que lhe é designado, ou escolhe caminhos anormais, rebeldes, inseguros (*willful children*), quanto pode remeter às condutas “obstinadas” das pessoas que buscam adotar perspectivas éticas e morais em oposição às normas vigentes (o padrão de gênero heteronormativo, por exemplo), afinal, o trabalho de Ahmed tem uma interessante aproximação com os chamados estudos *queer*. CIELLO, Fernando José. “Feminist killjoys e reflexões (in)felizes sobre obstinação e felicidade”. *Revista Estudos Feministas*, v. 24, n. 3, 2016, p. 1022, disponível em <https://www.scielo.br/j/ref/a/qKLCbLfgqNSqPv8wbxZtYCD/?lang=pt>. *Willful*, a partir da teoria do direito tributário criminal, segue Ahmed, pode assumir uma ideia de “intencional”, em dois sentidos próximos, mas ainda assim distintos: um ato cometido não na ignorância da Lei, mas em seu conhecimento, e um ato realizado “com mau propósito”, de forma teimosa, como havia sido a recusa de Mike Brown em sair do meio da rua, como vinha sendo a maneira persistente como as pessoas em rebelião desafiavam a polícia apenas “fracassando em dispersar” depois dos toques de recolher. A indisposição em obedecer à vontade do

Em assembleias como Ferguson, entretanto, muitos daqueles manifestantes que somavam forças não operavam através de atos de resistência frontal. E, mesmo assim, apenas sua presença era importante. Ou seja, se focarmos a interpretação desses eventos unicamente sob o ponto de vista dos sujeitos centralmente obstinados, corremos o risco de promover um apagamento significativo de outras experiências *em escala menor* naquelas ruas.¹²⁴ Tina Campt explica que algumas práticas cotidianas de recusa são definidas menos por sua oposição e resistência e mais pela forma como não aceitam o dado, as premissas e a gramática que reduzem a experiência vivida da negritude à patologia e à não adaptabilidade na lógica da Supremacia Branca. Como demonstra a noção de “recusar a ser recusado”, empregada por Fred Moten e Stefano Harney, isso significa solapar as categorias dos dominantes, romper com uma previsível trajetória de fuga,¹²⁵ ficar em um lugar indevido atrapalhando o andamento do trânsito e, por esse motivo, travando o andamento do tempo do trabalho normativo em Ferguson. Para além daqueles que arremessavam coquetéis *molotov*, paus e pedras, havia várias táticas empregadas por distintos manifestantes no enfrentamento das forças policiais.

poder soberano é uma forma de aceitação da acusação de obstinação, e, como afirma Ahmed, essa aceitação “pode ser uma ruína”. O arquivo da obstinação negra na diáspora é repleto de exemplos de sujeitos que desejaram ser arruinados por recusarem o que é instituído como direito pela lei. Desobedeciam, não davam ouvidos, ou ouviam o tido como certo enquanto algo inaceitável. Em Ferguson, para muitas pessoas revoltosas, os pedidos de paciência vindos dos auto-falantes das forças policiais e dos “líderes da raça” acabavam tendo efeito contrário, sendo escutados como chamados à luta. A obstinação, por fim, é geralmente um comportamento *desviante*, uma acusação feita por alguém contra determinados sujeitos. Cientes de que são impróprias para a história, cientes da panaceia que muitas vezes é o apelo por se manter respeitável, muitas pessoas negras em Ferguson decidiram assumir e mobilizar as acusações de obstinação/insubordinação/desobediência/teimosia/intencionalidade. AHMED Sara. *Willful Subjects*. Durham/London: Duke University Press, 2014, p. 135, 137.

¹²⁴ HARTMAN, Saidiya. “Uma figura menor”. In: *Vidas Rebeldes, Belos Experimentos: Histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encenqueiras e queers radicais*. Tradução de Floresta. São Paulo: Fósforo Editora, 2022, p. 33-55.

¹²⁵ Essa é uma crítica aos limites de vários dos discursos contemporâneos sobre resistência, além de um compromisso com a questão da fugitividade nos estudos da diáspora africana e na teoria feminista negra. Cf. QUASHIE, Kevin. *The Sovereignty of Quiet: Beyond Resistance in Black Culture*. New Brunswick, New Jersey and London: Rutgers University Press, 2012; ABU-LUGHOD, Lila. “The romance of resistance: tracing transformations of power through Bedouin women”. *American Ethnologist*, vol. 17, nº 1, 1990, p. 41-55; JOHNSON, Walter. “On Agency”. *Journal of Social History*, Nova York, v. 37, n. 1, 2003, p. 113-124; BARCHIESI, Franco; JACKSON, Shona. Introduction. *International Labor and Working-Class History*, v. 96, 2019, p. 1-16; KARERA, Axelle. “Black Feminist Philosophy and the Politics of Refusal”. In: *Oxford Handbook of Feminist Philosophy*. Oxford: Oxford University Press, 2020, disponível em <https://www.oxfordhandbooks.com/view/10.1093/oxfordhb/9780190628925.001.0001/oxfordhb-9780190628925-e-9>; e HARTMAN, Saidiya. *Scenes of Subjection: Terror, Slavery, and Self-Making in Nineteenth-Century America*. Oxford: Oxford University Press, 1997.



Figura 6 – Pessoas negras performando o “*Hand’s Up, Don’t Shot*” em protesto pela morte de Michael Brown, em Ferguson, Missouri, 16 de agosto de 2014. Fonte: Lucas Jackson/Reuters.¹²⁶

Dentro do debate sobre a militarização da polícia, travado entre os políticos e a mídia, tanto local quanto nacionalmente, surgiram várias comparações entre aquelas cenas e a violência securitária de Israel em territórios palestinos, um noticiário que ocupava a atenção pública dos EUA em meados de 2014. Muitos recordaram as inúmeras conexões entre as empresas militares israelenses e as forças de segurança americanas no apoio armamentístico e no treinamento de vários departamentos de polícia. Tal qual o estado de segurança de Israel, o que acontecia em Ferguson, em particular, e em vários outros “guetos negros” nos EUA, de maneira geral, era parte de um “regime racial global e neoliberal firmemente enraizado na história do colonialismo de ocupação” [*settler colonialism*].¹²⁷ Como argumenta Stephen Graham, ainda que “os efeitos observados no cenário ocidental urbano sejam muito diferentes daqueles vistos em zonas de guerra”, esses atos de violência de alta tecnologia têm por base

¹²⁶ Disponível em: <https://www.reuters.com/news/picture/protests-over-missouri-teens-death-idUKRTR424KA>.

¹²⁷ KELLEY, Robin D. G. “Thug Nation: On State Violence and Disposability”. In: *Policing the Planet: Why the Policing Crisis Led to Black Lives Matter*. Ed. Jordan T. Camp and Christina Heatherton. London: Verso, 2016, p. 25.

um mesmo conjunto de ideias.¹²⁸ Ou seja, aquilo que chocava a mídia liberal, zelosa dos bons “valores democráticos da América”, não era algo excepcional, mas a normalidade de uma espécie de zona de conflito definida pela antinegitude. Que Mike Brown e seu amigo Dorian Johnson, provavelmente, estivessem bem nervosos ao se deparar com a presença da viatura de Darren Wilson, apenas confirma que o impacto da violência antinegra naqueles que habitavam os espaços negros de Ferguson não deveria ser calculado apenas na destrutividade dos carros militares, nas bombas de fragmentação e fósforo branco exibidas nas ruas, mas também na rotineira ocupação punitiva promovida naquela “prisão a céu aberto”, na sensação constante que os negros vivenciavam, como se fossem eternos refugiados em seu próprio território.

No documentário “*Do Not Resist*” (2016), Craig Atkinson explica como os departamentos de polícia dos Estados Unidos foram aderindo a um arsenal militar muito semelhante aos que o Exército e os fuzileiros navais utilizaram nas guerras (neo)imperiais pós-11 de Setembro. O filme traça uma conexão entre episódios díspares – a resposta policial massiva às manifestações em Ferguson, ou o emprego de equipes *SWAT*, na Carolina do Sul, para realizar prisões de rotina envolvendo drogas – e explica como estes formavam um padrão que surge após o governo federal redistribuir equipamento militar não utilizado (incluindo veículos blindados, fuzis M-16, lançadores de granadas e miras de armas infravermelhas) para departamentos de polícia. A conclusão de “*Do Not Resist*” é que esse remanejamento de equipamento militar e o uso frequente da *SWAT* criava uma situação na qual a polícia “se via motivada” a agir de uma maneira que não faria sem armamento pesado.¹²⁹ Denúncia

¹²⁸ GRAHAM, Stephen. *Cidades Sitiadas: O Novo Urbanismo Militar*. Tradução de Alyne Azuma. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 26. O autor nota a constante utilização da metáfora da guerra para descrever a crise urbana: “guerra contra as drogas, contra o crime, contra o terror, contra a insegurança”. Nesse processo, há uma “sinergia entre operações de segurança nacional e internacional”, ou seja, a imitação/aplicação de modelos explicitamente coloniais de “pacificação, militarização e controle” em centros capitalistas do Norte global. O que Michel Foucault chamava de “efeito bumerangue” estava em jogo nas falas de oficiais do exército norte-americano no contexto de sua atuação após a devastação causada pelo furacão Katrina, em 2005. Tratando muito dos residentes negros (revoltados com a situação de abandono no qual se encontravam) como “insurgentes” e “forças inimigas”, aqueles soldados/policiais replicavam um mesmo linguajar e intervenção militar empregados no Iraque anos antes. Cf., também, FOUCAULT, Michel. *Em Defesa da Sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012; além de MBEMBE, Achille. *Necropolítica: Biopoder, Soberania, Estado de Exceção, Política de Morte*. Tradução de Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.

¹²⁹ DO NOT Resist. Craig Atkinson/Laura Hartrick. Estados Unidos. Vanish Films, 2016. Filme-vídeo (1h12min). Esse contexto era sustentado pelo *1033 Program* desenvolvido pelo *The Law Enforcement Support Office*, uma divisão da *DLA Disposition Services*, comando subordinado à *Defense Logistics Agency*, que são, basicamente, órgãos federais responsáveis por transferir o excesso de equipamento militar para agências não militares de aplicação da lei. O *1033 Program* tem início em 1990 e foi evoluindo de modo significativo após o 11 de Setembro e com a intensificação das invasões/ocupações do Afeganistão e Iraque nos anos seguintes. Como mapeia a repórter Shirley Li, de 2006 até os eventos em Ferguson, o Pentágono havia distribuído 432 veículos blindados para departamentos de polícia, 500 aviões e 93.000 metralhadoras.

semelhante também ocorre no livro *The Rise of the Warrior Cop*, onde o jornalista Radley Balko analisa o emprego de repressões agressivas e armamento sofisticado em duas grandes manifestações: a Cúpula do G-20, em 2000, e o movimento *Occupy Wall Street*, no ano de 2011. Ambas as obras parecem demonstrar uma relativa surpresa com tamanha violência militarizada da polícia, especialmente com a ampla cobertura midiática de uma “democracia saudável” como os Estados Unidos. Como Balko chega a admitir: “você poderia imaginar [essa reação policial] acontecendo em um país latino-americano liderado por uma junta, ou um dos países do bloco soviético”.¹³⁰



Figura 7 – *Tweets* comparando o avanço ultramilitarizado das forças policiais em Ferguson a situações de conflito urbano comuns em países “do Terceiro Mundo”. Fonte: *Twitter*.¹³¹

O que significavam tais comparações? Que tipo de discurso estava sendo transmitido quando tentavam nos levar a acreditar que aquelas imagens teriam mais sentido no Iraque do que nas ruas de uma metrópole como St. Louis? O massivo uso de um termo como “*Ferganistan*”, afinal, parecia camuflar a longa história de violência antinegra (e anti-

Não bastasse isso, o programa tinha uma curiosa exigência de que só renovaria o apoio se os equipamentos fossem efetivamente usados em até um ano depois de seu recebimento, o que acabava normalizando seu emprego em missões de rotina das equipes *SWAT*. Cf. LI, Shirley. “The Evolution of Police Militarization in Ferguson and Beyond”, *The Atlantic*, 14 de agosto de 2014, disponível em <https://www.theatlantic.com/national/archive/2014/08/the-evolution-of-police-militarization-in-ferguson-and-beyond/376107/>.

¹³⁰ BALKO, Radley. *Rise of the Warrior Cop: The Militarization of America’s Police Forces*. New York: PublicAffairs, 2013, p. 269.

¹³¹ Disponível em: <https://twitter.com/anupkaphle/status/499934429734006784> e <https://mobile.twitter.com/ericvdunn/status/499747256330092544>.

indígena) das forças militares dos Estados Unidos em seu próprio país.¹³² Como ressalta Gerald Horne, após o nascimento do poderio militar na Guerra de Independência contra os britânicos, em 1776, as forças armadas dos EUA promoveram inúmeras incursões contra os africanos escravizados (que haviam se aliado ao Império Britânico com a promessa de que seriam por eles libertados) e os vários povos indígenas que já habitavam a região.¹³³ Mesmo naquele espaço da grande St. Louis, houve uma brutal repressão a uma rebelião da população afro-americana, com participação direta das forças militares nacionais em 1917.¹³⁴ De fato, para muitos moradores não causou surpresa quando veio a público, tempos depois, diálogos nos quais as tropas desdobradas para Ferguson, “usaram uma linguagem altamente militarizada, como ‘forças inimigas’ e ‘adversários’ para se referir aos manifestantes”.¹³⁵

Ao que parecia, na rebelião de Ferguson, muitas pessoas estavam descobrindo a sensação de habitar um espaço emancipado e cheio de possibilidades. As estratégias de defesa contra a ofensiva policial não partiam, na maioria dos casos, da atenta leitura de cópias do *The Revolutionary Worker*.¹³⁶

Como já comentei, havia distintas formas de engajamento disputando espaço naqueles dias. Nas ruas de Ferguson, não estavam apenas pessoas que obstinadamente se recusavam a serem vitimadas e, em contrapartida, atacavam às forças policiais. Não encontrávamos apenas manifestantes a declarar que ali protestavam “porque odeio a polícia!”, “porque quero pegar

¹³² Não à toa que Jeff Roorda, então porta-voz da polícia de St. Louis, futuramente iria publicar um livro com esse nome, relatando “a selvageria” e o “caos” enfrentado pelas forças policiais naqueles “dias de guerra” em Ferguson. Cf. ROORDA, Jeff. *Ferghanistan: The War on Police*. St. Louis: JCR Strategic Consultants, 2015.

¹³³ Cf. HORNE, Gerald. *The Apocalypse of Settler Colonialism: The Roots of Slavery, White Supremacy and Capitalism in 17th Century North America and the Caribbean*. New York: Montly Review, 2018.

¹³⁴ KEYES, Alisson. “The East St. Louis Race Riot Left Dozens Dead, Devastating a Community on the Rise”, *Smithsonian Magazine*, 30 de junho de 2017, disponível em <https://www.smithsonianmag.com/smithsonian-institution/east-st-louis-race-riot-left-dozens-dead-devastating-community-on-the-rise-180963885/>.

¹³⁵ STARR, Barbara. “Missouri National Guard’s term to Ferguson protesters: ‘Enemy Forces’”. *CNN*, abril de 2015, disponível em <https://edition.cnn.com/2015/04/17/politics/missouri-national-guard-ferguson-protesters/index.html>. Em uma transmissão noturna ao vivo da *CNN*, em 10 de agosto de 2014, foi possível ouvir um policial branco olhando para os manifestantes e gritando: “Podem vir! Todos vocês, malditos animais! Venham!”. FREDDIE JONES. “Ferguson Police: Bring it, You Fucking Animals!” To Proteters”. *Youtube*. 17 ago. 2014. 2min37s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AQuo5-ewDR8>> Acesso em: 15 jun. 2020.

¹³⁶ Sobre o ativismo comunista em um protesto contra a morte do adolescente negro Trayon Martin, um ano antes de Ferguson, cf. SWAN, Rachel. “Red Snare: Behind the Trayvon Martin Protests Is a 70-year-Old White Communist”, *SF Weekly*, 24 de julho de 2013, disponível em <https://archives.sfweekly.com/sanfrancisco/red-snare-behind-the-trayvon-martin-protests-is-a-70-year-old-white-communist/Content?oid=2826832>. Cópias do *The Revolutionary Worker* estão disponíveis no site <https://www.marxists.org/history/erol/periodicals/revolutionary-worker/index.htm>.

uma tv na loja que sempre desconfia quando caras pretos chegam para comprar algo”. Não mesmo. Havia também diversas formações preocupadas em gerir a revolta, dizendo o que as pessoas deveriam fazer, buscando “ajudar” e “salvar” aquelas almas que julgavam desamparadas/alienadas. “Vim até aqui porque meu pastor nos convocou, estamos rezando pela pobre alma de Mike Brown”, “Estamos aqui retomando o legado do reverendo King”, “Estamos aqui pela revolução dos oprimidos”, “Estamos aqui pela luta de classes”, etc. Grandes partes desses discursos saíam dos megafones de várias lideranças carismáticas. Seus gritos de ordem para delimitar o espaço que a multidão revoltada deveria percorrer estavam parecendo muito mais uma ferramenta de contrainsurgência, tamanho era o grau de condenação que faziam das turbas indisciplinadas, errantes e impróprias para a história.¹³⁷

A centenária N.A.A.C.P. (*National Association for the Advancement of Colored People*) talvez tenha sido a organização que recebeu o maior foco midiático. Logo nos primeiros dias, Adolphous Pruitt, presidente da sua filial em St. Louis, ofereceu auxílio jurídico à família de Michael Brown¹³⁸, enquanto o presidente nacional da organização, Cornell W. Brooks, deu seguidas declarações pedindo paciência à comunidade de Ferguson, ressaltando que estavam lá para “honrar a memória [de Brown] buscando justiça através da não-violência”.¹³⁹ Eles, de fato, acabaram atuando como intermediários respeitáveis entre as autoridades e alguns dos residentes, buscando o que acreditavam serem práticas aceitáveis de policiamento e um direcionamento correto dos protestos.

Muitas vezes, parecia que as ruas de Ferguson eram um grande mercado de ativismo político e religioso. O *Revolutionary Communist Party*, presidido pelo maoísta Bob Avakian, por exemplo, não apenas chegou apoiando “os irados, os rebeldes, os que não aceitam”¹⁴⁰, não

¹³⁷ Havia até mesmo grupos de milícias brancas, como os *Oath Keepers* (compostos por ex-militares, policiais e socorristas). Segundo diziam, seu objetivo não era suprimir os protestos, mas “proteger” a “liberdade de expressão e a propriedade privada”. MCCOY, Terrence. “The Oath Keepers: The Little-Know Militia Now Roaming the Streets of Ferguson”, *The Washington Post*, 1 de dezembro de 2014, disponível em <https://www.washingtonpost.com/news/morning-mix/wp/2014/12/01/the-oath-keepers-the-militant-militia-now-roaming-the-streets-of-ferguson/>.

¹³⁸ PIPER, Brandie; WILLIAMS, Aja. “St. Louis NAACP condemns National Guard usage”, *USA Today*, 18 de agosto de 2014, disponível em <https://www.latimes.com/nation/nationnow/la-na-nn-missouri-police-shooting-20140810-story.html>.

¹³⁹ CLOHERTY, Jack; CURRY, Colleen. “Dad of Slain Unarmed Missouri Teen Michael Brown: ‘We Need Justice for Our Son’”, *ABC News*, 11 de agosto de 2014, disponível em <https://abcnews.go.com/US/dad-slain-unarmed-missouri-teen-michael-brown-justice/story?id=24929787>. Diante desse significativo amparo, é preciso ressaltar que essa também foi uma conduta imediatamente compartilhada pela família de Brown, que criticou os “saques, violência e vandalismo” que ocorriam. “Por que você queimaria sua comunidade?”, indagava Leslie McSpadden. VON DREHLE, David. “The Long, Tangled Roots of the Michael Brown Shooting”, *Time*, 12 de agosto de 2014. Disponível em <https://time.com/3104128/michael-brown-ferguson-cop-shooting-protests/>.

¹⁴⁰ AVAKIAN, Bob. “We Stand With the Defiant Ones”, *Revolution Newspaper*, 18 de agosto de 2014, disponível em <https://revcom.us/a/349/we-stand-with-the-defiant-ones-en.html>.

apenas ajudou na reação inicial aos toques de recolher impostos pelo governador Jay Nixon em algumas noites de revolta¹⁴¹, como também aproveitou a oportunidade para buscar doações e recrutar novos membros para suas fileiras.¹⁴² Jesse Jackson, o pastor batista e histórico ativista político dos Direitos Civis, contava com uma extensa comitiva a lhe seguir. Ele tentava dialogar com policiais e pacificar algumas das pessoas que manifestavam, porém elas, desde que ele havia chegado, demonstraram significativa animosidade contra sua presença.¹⁴³ Grupos como o *New Black Panther Party* também procuravam gerenciar as manifestações, controlando a multidão, tentando direcionar o tráfego.¹⁴⁴ Em formação militar, eles marchavam através da rua em frente ao posto *QuikTrip*, vestidos com trajes que remetiam à moda revolucionária dos anos 1960-1970: boinas pretas, coletes à provas de balas, jaquetas de couro, coturnos. De punhos erguidos, bradavam: “*Black Power! Black Power!*”. Replicando um ativismo baseado em uma rígida disciplina de suas forças de segurança massivamente masculinas, eles, conseqüentemente, expressavam uma vontade centralizadora de ensinar o caminho correto à multidão. Lógico, alguns moradores filmavam emocionados àquela performance, repetiam os gritos. A maioria, porém, parecia um tanto incomodada com aquela nostalgia. Por qual motivo? Não haviam tomado conhecimento sobre os *Black Panthers* devido à deficitária qualidade (ou a obliteração) do ensino de história negra em suas escolas? Ou eles, afinal, consideravam aquele um grupo deslocado no tempo, com roupas e disciplina que apenas oferecia um ridículo pastiche que caricaturava o passado revolucionário negro?¹⁴⁵

Muitos daqueles “líderes da raça” acreditavam que colocar alguns cones nas ruas e gritar em autofalantes para que os manifestantes fossem para casa era o “policiamento comunitário” necessário àquela ocasião de Ferguson: “A festa acabou! Não é hora para fazer

¹⁴¹ GLAVE, Justin. “Street Battle Against Cops Again in Ferguson Despite Midnight Curfew”, *Daily Beast*, 17 de agosto de 2014, disponível em <https://www.thedailybeast.com/street-battle-against-cops-again-in-ferguson-despite-midnight-curfew>.

¹⁴² SWAN, Rachel. “Red Snare: Behind the Trayvon Martin Protests Is a 70-year-Old White Communist”, *SF Weekly*, 24 de julho de 2013, disponível em <https://archives.sfweekly.com/sanfrancisco/red-snare-behind-the-trayvon-martin-protests-is-a-70-year-old-white-communist/Content?oid=2826832>.

¹⁴³ CARLSTON EDWARDS. “Rev. Jesse Jackson in Ferguson Missouri 8/18/2014”. *Youtube*. 19 ago. 2014. 2min48s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qRrH92Vm218>> Acesso em: 15 jun. 2020.

¹⁴⁴ BOCK, Jessica. “Nation of Islam, other groups call for demonstrators to leave Ferguson area before dark”, *St. Louis Post-Dispatch*, 18 de agosto de 2014, disponível em https://www.stltoday.com/news/local/metro/nation-of-islam-other-groups-call-for-demonstrators-to-leave/article_4549cca9-dfe0-5fa6-82ab-b94f1e43e701.html.

¹⁴⁵ RUPTLY. “USA: New Black Panthers join protest against police in Ferguson”, *Dailymotion*. 18 ago. 2014. 1min40s. Disponível em: <<https://www.dailymotion.com/video/x23b60g>> Acesso 16 de junho 2020. Sobre como, muitas vezes, movimentos ativistas podem reduzir uma política libertária a uma política da moda, cf. DAVIS, Angela. “Afro Imagens: Política, Moda e Nostalgia”. Tradução de Jaqueline Silva Santos, *Geledés*, 11 de novembro de 2016, disponível em <https://www.geledes.org.br/afro-imagens-politica-moda-e-nostalgia-por-angela-davis/>.

isso!”. Quão estranho eram aquelas ordens! Haveria um “tempo certo” pra se protestar contra a antinegitude da violência policial? Deveriam as revoltas ser sempre pacíficas e cronometradas com o horário nobre das emissoras de TV? Anthony Shaid e Malik Shabazz¹⁴⁶, da *Nation of Islam*, o vereador da cidade de St. Louis, Antonio French, membros do clero, soldados do *New Black Panther Party*, chegavam, até mesmo, a fazer uma corrente humana, não para desafiar a polícia, mas para coibir aquelas pessoas negras mais obstinadas, sob a alegação de que as estariam defendendo. Eles rezavam em nome daquelas “almas indisciplinadas” que, “fora de hora”, insistiam em permanecer no perigo, atrapalhando o processo de “cura” comunitária. Os jornais, o que era de se esperar, estavam repletos de depoimentos daqueles faróis do ativismo negro. Se em eventos modernistas, a história se escreve no instante em que acontece,¹⁴⁷ na disputa pela narrativa, a respeitabilidade negra de quem se dizia especialmente preocupado com o retrato da mídia sobre os estereótipos racistas do saqueador negro já despontava como uma das características definidoras dos futuros heróis de Ferguson.

Sim, esse histórico debate da cultura negra era motivo de imensa tensão nas ruas. Muitos dos jovens pareciam irritados com aqueles pastores engravatados que demonstravam, em repetidas entrevistas, um paternalismo e uma predisposição a cadeias de comando pouco condizentes com a rebeldia dos *undercommons*. Confesso que fiquei surpreso quando, finalmente, me deparei com as pessoas que diziam representar os novos *Black Panthers* e com aqueles que, de fato, haviam caminhado com Martin Luther King em outros tempos. Grande parte do que “vinha do passado” parecia desradicalizado, enquanto a polícia praticava a mesma violência antinegra. A “política da respeitabilidade negra”, afinal, está diretamente ligada a uma questão de *estabelecer um lugar para o negro* [em vários sentidos] como um ponto de partida para a mobilidade/ascendência de toda a comunidade. Na prática, essa foi uma estratégia implantada pela classe média negra em um contexto de “separados, mas iguais”, que, como bem salienta Cathy Cohen, também serviu para que outros tantos

¹⁴⁶ Aquele homem negro alto e de óculos, vestido como um advogado com calça e terno cinza elegante e camisa branca de botão, tentava controlar o movimento das pessoas, andando por todos os cantos em West Florissant Avenue. STROUD, Matt; SOTTEK, T.C. “We spent the night in Ferguson”, *The Verge*, 15 de agosto de 2014, disponível em <https://www.theverge.com/2014/8/15/6005451/victory-in-ferguson-missouri>. Enquanto alguns dos manifestantes se agitavam, ele pedia para que fossem para suas casas e se acalmassem, uma postura que incomodou muitas pessoas, embora no dia seguinte fosse elogiada tanto pelo capitão da polícia de Ferguson, Ron Johnson, quanto pelo *St. Louis Post-Dispatch* em editorial. Cf. ST. LOUIS POST-DISPATCH, “Editorial: In Ferguson, time for leaders to step forward and speak clearly”, 18 de agosto de 2014, disponível em https://www.stltoday.com/opinion/editorial/editorial-in-ferguson-time-for-leaders-to-step-forward-and-speak-clearly/article_201508e4-2629-53de-9c13-5e3600366b98.html.

¹⁴⁷ WHITE, Hayden. “O evento modernista”. *Lugar Comum*, n. 5-6, 1999, p. 191-219, disponível em https://uninomade.net/wp-content/files_mf/1128111202160%20evento%20modernisata%20%E2%80%93%20Hyden%20White.pdf.

pu dessem (re)afirmar sua humanidade, demandar direitos básicos e construir laços sociais de ajuda mútua diante das duras privações do pós-abolição.¹⁴⁸ A grande questão sobre a respeitabilidade negra, seja em muitos contextos anteriores no séc. XX, ou seja nos caminhos que as vidas rebeldes de Ferguson *deveriam* percorrer, era se ela reverberava aquilo que Erica R. Edwards chamava de “ficção da liderança negra”, a ideia de que apenas um Messias Negro, talentosamente carismático, seria capaz de conduzir sua raça ao caminho do progresso, à Terra Prometida da Liberdade.¹⁴⁹

Observe-as entrar na história, elas ainda se movem.

Sarah Haley¹⁵⁰

Era, portanto, radical e utópico que algumas daquelas pessoas esquecidas, tanto por quem as odiava, quanto por muitos que diziam lutar em sua causa, insistissem em seu desafio à ordem estabelecida. Se sabiam *na carne* que a vida negra não importava para muitos, então, direcionando a quem gritavam suas demandas? Quem elas imaginavam que iria ouvir, entender e, se possível, replicar aqueles refrões de protesto? Em qual momento passaram a acreditar que conseguiriam justiça para Mike Brown e aboliriam aquele mundo antinegro? De onde vinha a coragem inabalável de caminhar contra os tanques e as nuvens de gás lacrimogêneo de uma força policial massivamente militarizada? Como aquele desejo de serem notadas/vistas se transformou em uma incansável recusa e um desafio obstinado à polícia? Muitas das pessoas estavam furiosas. Ferguson parecia uma decisiva tentativa de quem ali

¹⁴⁸ COHEN, Cathy J. “Deviance as Resistance: A New Research Agenda for the Study of Black Politics”. *Du Bois Review*, v. 1, n. 1, 2004, p. 27-45. Importantes referências sobre políticas de respeitabilidade negra passam pelos seminários: HIGGINBOTHAM, Evelyn Brooks. *Righteous Discontent: The Women’s Movement in the Black Baptist Church, 1880-1920*. Cambridge: Harvard University Press, 1993; e GAINES, Kevin. *Uplifting the Race: Black Leadership, Politics, and Culture in the Twentieth Century*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1996. Pensando o lugar que essa “política da respeitabilidade negra assumiu no contexto contemporâneo, o cientista político Frederick Harris argumenta que aquelas normas que haviam sido estabelecidas para “elevar a raça” e corrigir “maus” comportamentos de negros pobres, evoluíram para uma das bases centrais da política negra na chamada “Era Obama”. A respeitabilidade negra naqueles tempos, frequentemente, serviu para condenar a conduta das pessoas negras deixadas para trás em uma sociedade que, supostamente, oferecia tantas oportunidades para seu desenvolvimento (a própria vitória do primeiro presidente negro confirmava isso). Cf. HARRIS, Frederick C. “The Rise of Respectability Politics”, *Dissent Magazine*, inverno de 2014, disponível em <https://www.dissentmagazine.org/article/the-rise-of-respectability-politics>.

¹⁴⁹ EDWARDS, Erica R. *Charisma and the Fictions of Black Leadership*. Minneapolis/London: University of Minnesota Press, 2012. Para uma crítica muito interessante a essa ideia do “Messias Negro”, vale conferir a obra literária (largamente analisada por Erica Edwards): HURSTON, Zora Neale. *Moses, Man of the Mountain*. New York: Harper Perennial, 1990.

¹⁵⁰ HALEY, Sarah. *No Mercy Here: Gender, Punishment, and the Making of Jim Crow Modernity*, Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2016, p. 198.

estava não apenas de se libertar, mas de libertar também todas as outras pessoas, sem julgamentos de suas vidas pretéritas ou do grau de engajamento que ofereciam à revolta. As viaturas policiais eram atacadas com fúria: muitos jogavam pedras, chutavam, caminhavam desafiadoramente na direção dos policiais perfilados. Como diz Sara Ahmed, ser obstinado “é continuar a surgir, apesar ou mesmo por causa do que você encontra (...), como um método de proliferação.”¹⁵¹ Corpos negros em movimento desenvolvem uma “potencialidade de conexão e compartilhamento de energia, tempo e espaço”, de maneira que era como se as coreografias de revolta se espalhassem através de um “contágio cinestésico”, prolongando-se para outras geografias.¹⁵² Toda aquela pilhagem e depredação parecia ser motivada por um vírus zumbi, onde todos os corpos historicamente injustiçados assumiriam um compromisso final com a destruição da propriedade privada, símbolo máximo do valor no mundo antinegro.¹⁵³

Era como se muitas das pessoas em revolta associassem as leis de proteção à propriedade em Ferguson às regras de posse e autoridade dos senhores sobre seus escravos no contexto colonial. Isso levava muitos a pensar que vandalizar e furtar tudo o que era possível deveria ser a única relação com esse mundo antinegro.¹⁵⁴ Se, como Rinaldo Walcott recorda muito bem, dentro da lógica de extração absoluta de lucro alguns senhores já imaginavam ocasionais rebeliões de escravos nas plantations como parte do custo da escravidão¹⁵⁵, por que muitos se surpreendiam quando tantos revoltosos de Ferguson demonstravam que um dos seus objetivos centrais não era reafirmar a fé na justiça distributiva, mas simplesmente destruir e saquear propriedades privadas? O que esperar de alguém que vivia há anos em considerável desprovimento e despossessão, assistindo à vizinhança branca de Ferguson conquistar o progresso material e simbólico que a América havia a todos prometido?

Essa racionalidade que tenta extrair lucro, mesmo quando a propriedade negra/escravizada se rebela, estava em jogo já nos primeiros dias de protestos. Como explica o editor-chefe do *St. Louis Business Journal*, Jacob Kirn, grande parte das empresas danificadas na revolta estavam preocupadas sobre como iriam aplicar as chamadas

¹⁵¹ AHMED Sara. *Willful Subjects*. Durham/London: Duke University Press, 2014, p. 165.

¹⁵² BRADLEY, Rizvana. “Black Cinematic and the Aesthetics of Contagion”. *The Drama Review*, v. 62, n. 1, 2018, p. 24.

¹⁵³ Cf. BROWNING, Barbara. *Infectious Rhythm: Metaphors of Contagion and the Spread of African Culture*. New York: Routledge, 1998. Interessante obra sobre performances culturais, que demonstra as tensões em torno da cultura negra enquanto metaforicamente contagiosa: ou seja, a forma como ela pode ser celebrada como irresistível, vitalizante, vivificante, produtiva, ou ser brutalmente perseguida e criminalizada pela repressão policial, como foi o caso da associação que faziam entre a comunidade negra pobre e a epidemia de AIDS nos anos 1980-1990.

¹⁵⁴ Cf. ANDERSON, William Charles. “Forget ‘Looting’: Capitalism Is the Real Robbery”, *Truthout*, 29 de maio de 2020, disponível em <https://truthout.org/articles/forget-looting-capitalism-is-the-real-robbery/>.

¹⁵⁵ WALCOTT, Rinaldo. *On Property: Policing, Prisons, and the Call for Abolition*. Ontario: Biblioasis, 2021a.

“*businessowners policy*” (BOP), medidas de seguro financeiro cuja função é cobrir ataques à propriedade, causados por motins de qualquer tipo. Além da *QuikTrip*, que calculou um dano na ordem dos sete dígitos de dólares, vários outros negócios ao longo da West Florissant Avenue relataram prejuízos, como *Zisser Tire & Auto*, *Wal-Mart*, *Taco Bell*, *St. Vincent de Paul Thrift Store*, *Toys “R” Us*, *Nu Fashion Beauty*, *Party City* e a *Boost Mobile*. Na cobertura televisiva, um dos principais argumentos de comentaristas conservadores era de que a reconstrução material dessas empresas danificadas em Ferguson (ou melhor, o “resgate” da cidade) iria depender significativamente dos impostos pagos pelos “reais contribuintes americanos”.¹⁵⁶ Tratava-se, afinal, de um tipo de ansiedade antinegra que levaria, até mesmo, a produção de um infográfico pela *Fox News*, anos depois, após a morte de George Floyd, comparando a performance da bolsa de valores Dow Jones em grandes eventos raciais (fig. 8).



Figura 8 - Em uma cobertura de notícias banal onde comentava um relatório positivo de emprego nos EUA (e não em um de seus programas com articulistas abertamente reacionários), a *Fox News* exaltava a alta nas ações da bolsa de valores *Dow Jones* uma semana após a morte de George Floyd, em maio de 2020. Com auxílio de um infográfico, a apresentadora Susan Li explicava como essa variação positiva nos cálculos do mercado parecia ser uma tendência notada já em outros grandes eventos raciais envolvendo morte ou sujeição de pessoas negras, como o assassinato de Martin Luther King, o caso Rodney King e a morte de Michael Brown. Fonte: *Fox News*¹⁵⁷

¹⁵⁶ Cf. KIRN, Jacob. “Ferguson crisis: Most business insurance covers riots”, *St. Louis Business Journal*, 12 de agosto de 2014, disponível em <https://www.bizjournals.com/stlouis/news/2014/08/12/ferguson-crisis-most-business-insurance-covers.html?page=all>.

¹⁵⁷ Disponível em <https://www.dailykos.com/stories/2020/6/8/1951391/-What-s-Fox-News-implying-about-black-men-s-deaths-amp-stock-market>.

Exemplos como esses, afinal, demonstravam o quanto a proteção à propriedade, que no tempo das *plantations* parecia justificar a brutalidade da sujeição antinegra, pode ser vista como mais uma oportunidade para a expansão de lucros dos donos do capital, haja vista como as ansiedades antinegras funcionam dentro de um neoliberalismo securitário que depende de a lógica carcerária expandir ainda mais seus tentáculos.¹⁵⁸

Dentro do tema da respeitabilidade negra, que sempre se impõe nesses debates sobre “saques e vandalismos”, retorno a uma das questões levantadas no capítulo anterior: poderia um jovem negro, vestido tal qual o *rapper* Chief Keef, tomando itens de consumo como se fossem a única grande conquista daquela noite, transmitir um refrão abolicionista para redefinir nossos tempos? Logo, muitos iriam reclamar que os saqueadores eram “incentivados por grupos criminosos” comuns àquela área. Para um investigador da Polícia do Condado de St. Louis entrevistado pelo repórter Kevin Deutsch, aqueles sentimentos antipolícia, de fúria com a ordem social e de desconfiança nas “resoluções” formais, eram “um terreno fértil para gangues”. Os Bloods e os Crips eram arquirrivais históricos e se destacavam em meio às mais de 90 gangues ativas na grande St. Louis. Nessa reportagem para a *Newsweek Magazine*, sobre o recrutamento de jovens de Ferguson para as fileiras desses grupos, lemos Graig “Shine” Cook, suposto membro dos Bloods, afirmar: “Nós todos vamos bater neles [a polícia] com força esta noite, isso é uma guerra agora! (...) Esta é a nossa casa, depois de tudo isso, ainda estaremos aqui”.¹⁵⁹ Esta “posicionalidade criminosa” teria a capacidade de levantar a questão da “iniquidade dos direitos de propriedade na branquitude”?¹⁶⁰ Tal apropriação de bens consagrados a uma defesa irrestrita por parte das forças policiais poderia “assumir a forma de um relato crítico das causas justificadoras dos incêndios e da pilhagem”?¹⁶¹ Havia algo de político nessas condutas ou apenas um transparente consumismo hedonista? Aonde iriam chegar com aquela contraconduta?

Talvez essas perguntas, de alguma forma, tenham sido respondidas pelas corajosas invertidas dadas pelo manifestante DeAndre Smith a repórteres como Kim Bell, do *St. Louis Post Dispatch*. Em 11 de agosto, enquanto alguém com uma placa no *QuikTrip* incendiado

¹⁵⁸ Discuto mais sobre a “lógica carcerária” no capítulo 5.

¹⁵⁹ DEUTSCH, Kevin. “For St. Louis Gangs, Ferguson Has Become a Recruiting Tool”, *Newsweek Magazine*, 20 de agosto de 2014, disponível em <https://www.newsweek.com/ferguson-recruitment-boon-gangs-265884>.

¹⁶⁰ HALEY, Sarah. *No Mercy Here: Gender, Punishment, and the Making of Jim Crow Modernity*, Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2016, p. 196.

¹⁶¹ MOTEN, Fred. “Seeing Things”. In: *Stolen Life*. Durham/London: Duke University Press, 2018, p. 185.

buscava se desculpar: “Prezado vizinho corporativo, lamento que estes atos de roubo e violência tenham acontecido.”¹⁶², ele dizia que toda aquela revolta:

é exatamente o que se supõe que tem que se passar quando uma injustiça acontece na tua comunidade... Eu estava aqui fora com a comunidade, é tudo o que posso dizer... Para dizer a verdade, não acho que isto tenha acabado. Acho que o que receberam foi uma lição do que significa contra-atacar, na própria St. Louis, o último estado a abolir a escravatura. Por acaso acham que ainda ostentam o poder sobre certas coisas? Eu acho que assim pensam.¹⁶³

Essa fala de Smith deixava evidente que as pessoas não iriam aceitar passivamente a posição de vítimas que apenas resistem ao poder. Elas recusavam à ordem aceitável de mobilização social, que definia os policiais como parte interessada na organização dos protestos, como responsáveis por proteger a propriedade privada e gerir com segurança os deslocamentos no espaço. Elas sabotavam a visão dualista da doutrina jurídica ocidental e seu *ethos* individualizante de punir a criminalidade.¹⁶⁴ Em grande parte, elas não se conformavam com ofertas reformistas, porque suas respostas apenas fortaleceriam a estrutura de poder antinegro que historicamente as oprimia. Como bem argumentam Fred Moten e Stefano Harney, elas haviam “renunciado ao apelo melancólico, ao qual agora os reduzimos, à cidadania, à subjetividade e à humanidade.”¹⁶⁵

O mais interessante da fala de Smith, todavia, parece ser a ideia de que a rebelião de Ferguson era uma resposta equivalente a quem “acha que ainda ostenta o poder sobre certas coisas”. A Escravidão acabou enquanto evento localizável e pensável pela historiografia, mas parece que para a polícia de St. Louis as coisas não eram bem assim, que o poder das *plantations* poderia ser reafirmado por meio do cassetete, da patrulha canina e da bala. DeAndre Smith não apenas recusava a normalização desse mundo antinegro, mas avisava que outros distúrbios seriam necessários até que isso tudo cessasse. Trilhando uma narrativa diferente da estabelecida pelas políticas de respeitabilidade negra, ele e outras pessoas encontraram aquilo que Cathy Cohen chama de “prática desviante”, um tipo de mobilização

¹⁶² STEPHENS III, Roberts. “In Defense of Ferguson Riots”, *Jacobin Mag*, 14 de agosto de 2014, disponível em <https://www.jacobinmag.com/2014/08/in-defense-of-the-ferguson-riots/>.

¹⁶³ BELL, Kim. “Aug. 11, 2014: Man justifies the looting in Ferguson”, *St. Louis Post-Dispatch*, 11 de agosto de 2014, disponível em https://www.stltoday.com/news/multimedia/aug-11-2014-man-justifies-the-looting-in-ferguson/html_7699be22-bb74-5d4f-aa49-fcc46f5cb025.html.

¹⁶⁴ Cf. HALEY, Sarah. “Sabotage and Black Radical Feminist Refusal”. In: *No Mercy Here: Gender, Punishment, and the Making of Jim Crow Modernity*, Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2016, p. 195-248.

¹⁶⁵ MOTEN, Fred; HARNEY, Stefano. “Michael Brown”. *boudary 2*, v. 42, n.4, 2015, p. 85.

que permite “àqueles que estão na base” expressarem algum poder, mesmo que isso coloque ainda mais em risco suas posições perante o Estado.¹⁶⁶ “Destruindo os prazeres estéticos dos direitos de propriedade dos brancos e, com isso, criando uma história sem *décor*” [*history of no décor*]¹⁶⁷, as pessoas em rebelião em Ferguson redefiniam as regras do que era normal em termos de protestos, buscando, enfim, não limitar os sonhos, as emoções e a expressividade dos atos de revolta de quem cotidianamente vivenciava diversas formas de invisibilidade social. Traçavam, enfim, outros caminhos para a liberdade.

Por força da necessidade, a Revolução Haitiana foi política e filosoficamente concebida conforme ia acontecendo. Seu projeto, sempre mais radicalizado ao longo de treze anos de combates, foi revelado em espasmos sucessivos. Entre seus estágios imprevistos, e em meio a eles, o discurso sempre foi deixado para depois da prática. (...) Isso também significava que os revolucionários haitianos não estavam constringidos por limites ideológicos anteriormente estabelecidos, na colônia ou fora dela, por intelectuais profissionais, significava que eles podiam conquistar novos horizontes – e, de fato, fizeram-no repetidas vezes.

Michel-Rouolph Trouillot¹⁶⁸

A rebeldia é uma prática da possibilidade em um tempo no qual todas as estradas, a não ser aquelas criadas para a destruição, se encontram bloqueadas. Não obedece a nenhuma regra e não tolera nenhuma autoridade. É impertinente. Transita nas visões ocultas de outros mundos e em sonhos de uma vida diferente. A rebeldia é uma contínua exploração daquilo que poderia ser; uma improvisação com os termos da existência social, quando esses já foram ditados, quando há pouco espaço para respirar, quando você se vê condenada a uma vida de servidão, quando o lar da servidão assoma em qualquer sentido que você vá. É a infatigável prática de viver quando você nunca foi destinada a sobreviver.

Saidiya Hartman¹⁶⁹

¹⁶⁶ COHEN, Cathy J. “Deviance as Resistance: A New Research Agenda for the Study of Black Politics”. *Du Bois Review*, v. 1, n. 1, 2004, p. 33.

¹⁶⁷ HALEY, Sarah. *No Mercy Here: Gender, Punishment, and the Making of Jim Crow Modernity*, Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2016, p. 198.

¹⁶⁸ TROUILLOT, Michel-Rouolph. *Silenciando o passado: Poder e a Produção da História*. Tradução de Sebastião Nascimento. Curitiba: huya, 2016, p. 149-150.

¹⁶⁹ HARTMAN, Saidiya. *Vidas Rebeldes, Belos Experimentos: Histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encrenqueiras e queers radicais*. Tradução de Floresta. São Paulo: Fósforo Editora, 2022, p. 242.

Muito rapidamente, a linha que define o medo do aparato policial foi ultrapassada. O que conseguiriam com tamanho destemor? Há quanto tempo o mundo antinegro não enfrentava uma rebelião do tipo? Naqueles fugidios instantes, de fato, as pessoas poderiam imprudentemente fabular um futuro diferente daquele que o Estado sempre oferecia à Ferguson e aos jovens como Mike Brown. Todo um conjunto de possibilidades surgia no caminhar, no desafio ao toque de recolher, mesmo que, dali há pouco tempo, discordâncias quanto aos métodos e estratégias utilizadas fossem aparecendo. Elas não traçavam deliberadamente um mapa para a glória, mas improvisavam um contra-ataque que, para muitos, soava muito mais como uma libertação, ou como uma vingança mesmo.¹⁷⁰ Fugindo do espaço cercado, aquele pensamento era incipiente, errante, selvagem, impróprio para a história. Qualquer coisa seria melhor do que a vida que viviam, elas imaginavam. No destemor noturno, em nome de Mike Brown, mas também de um monte de outras coisas, “o fluxo a todos conduzia, impulsionando e encorajando-os a seguir adiante”.¹⁷¹

As forças policiais procuravam, em vão, líderes responsáveis que pudessem, seguindo suas orientações, acalmar a fúria dos mais revoltados. Eles precisavam dar respostas, porque o mundo antinegro nos Estados Unidos tem muitas ansiedades com a radicalização dos protestos negros. Eles não estavam conseguindo controlar aquela situação. Muitos, em um empático gesto de apoio ao colega policial, haviam adotado braceletes com o slogan “EU SOU DARREN WILSON”.¹⁷² Eles, como já disse, insistiam em localizar uma formação disciplinada, cujos passos encaixassem perfeitamente no caminho que suas estratégias de contrainsurgência buscavam trilhar. Porém, tal qual Édouard Glissant argumenta, comumente os grupos marginalizados “insistem” em manter-se opacos aos termos, linguagens e lógicas das instituições dominantes de classificação e captura.¹⁷³ Nas ruas de Ferguson, aqueles que

¹⁷⁰ Sobre as (im)possibilidades de vingança e a política radical negra, cf. ALAAGRA, Bedour. “And the Shall be First: On the (Im)Possibility of Revenge”, *SocialText*, 20 de abril de 2022, disponível em https://socialtextjournal.org/periscope_article/and-the-last-shall-be-first-on-the-impossibility-of-revenge/.

¹⁷¹ Idem, p. 249. Como coloca Sara Ahmed: “Estar envolvido em um protesto pode significar não apenas assumir o sinal de obstinação, mas *estar disposto a carregar o sinal para os outros*. Estar disposto a carregar um sinal é o que torna possível passar um sinal para outras pessoas.” AHMED Sara. *Willful Subjects*. Durham/London: Duke University Press, 2014, p. 162.

¹⁷² HAYES, Mike. “Missouri Police Wear ‘I Am Darren Wilson’ Bracelets To Ferguson Protest”, *BuzzFeed News*, 24 de setembro de 2014, disponível em <https://www.buzzfeednews.com/article/mikehayes/missouri-police-wear-i-am-darren-wilson-bracelets-to-ferguso>. Reportagem da CBS dava conta de que os apoiadores de Darren Wilson conseguiram juntar a vultosa quantia de US\$ 400.000 através do site gofundme.com. CBS NEWS. “Nearly \$400.000 raised online for Ferguson cop who fatally shot teen”, 25 de agosto de 2014, disponível em <https://www.cbsnews.com/news/ferguson-shooting-nearly-400k-raised-online-for-officer-darren-wilson-who-fatally-shot-michael-brown/>.

¹⁷³ Glissant pensa a opacidade como uma estratégia das culturas subalternas que se opõe à transparência do discurso humanista da modernidade colonial. Cf. GLISSANT, Édouard. “Transparência e Opacidade” e “Pela Opacidade”. In: *Poética da Relação*. Tradução de Manuela Mendonça. Lisboa: Sextante Editora, 2011, p. 107-117 e 179-185. Cf. também hooks, bell. “A margem como um espaço de abertura radical”. Tradução de

abraçaram o desvio anárquico e a não-designação de lideranças formais conquistaram maiores possibilidades de fuga, alargando o tempo em que o motim foi possível. Ser impróprio para a história, portanto, é caminhar com opacidade, é recusar a limitação imposta pelos padrões dominantes de transparência, mensuração, reconhecimento e análise de ganhos político-simbólicos.¹⁷⁴

Ferguson estava em combustão e não eram poucas as pessoas indisciplinadas dispostas a destruir muito, “porque muito haviam sofrido”.¹⁷⁵ No meio de toda aquela entrega, porém, sempre me perguntava: qual era a vida daquelas pessoas, o seu cotidiano? Elas teriam que trabalhar no outro dia? Teriam filhos para cuidar? Por que estavam tão emocionadas e aproveitavam aqueles instantes com tanta paixão? Como as pessoas de fora podiam condenar aquele sentimento de desforra e vingança contra anos de sujeição de uma comunidade? A sensação que tinha era de que nunca havia visto algo do tipo. Sim! Afinal, quando foi que eu havia testemunhado uma multidão furiosa e orgulhosamente ilegítima, desafiando a antinegitude fundante da ordem jurídico-política moderna, *daquela forma*? Por me atingir com uma poderosa energia, aquelas imagens não me deixavam esquecer o motivo central que havia motivado aquilo tudo. Protestos como aqueles não são nada gloriosos, no sentido da glória que se imagina constituir o arco moral do progresso das nossas democracias atuais. Ali estavam crianças pequenas, jovens mães com seus filhos no colo, idosos, deficientes, negros *queers*, colegas de escola de Mike Brown e muitos outros adolescentes com poucas expectativas do seu futuro. Compartilhavam tristeza e raiva, vivenciavam um traumático espetáculo, ponto de chegada de uma vida marcada por agressões cotidianas. Impróprios para a história, muitos deles não mensuravam seus feitos em meio à fumaça de gás lacrimogêneo esperando por *likes* no *Facebook* ou seguidores no *Twitter*. Bem, para o inferno com isso! A

Jamille Pinheiro. In: *Anseios: Raça, gênero e políticas culturais*. São Paulo: Editora Elefante, 2019, p. 280-295.

¹⁷⁴ Desde o seu primeiro livro, *Scenes of Subjection*, publicado em 1997, Saidiya Hartman, parte do pressuposto de que, por estar inserida em um contexto de poder antinegro absurdamente sofisticado e violento, a resistência da vida negra nas Américas, muitas das vezes, se dá através de formas/experimentações/fabulações que acabam passando despercebidas pelas limitadas formas de mensuração centradas nos princípios da razão iluminista da modernidade europeia. Ou seja, muitas dessas fugas/recusas, argumenta a autora, não teriam a aparência de atos emancipatórios para gramáticas de revolta acostumadas à depuração/transparência formal dos fenômenos históricos, aptas a ler apenas evidências espetaculares e contrárias à opacidade dos subalternos. *Impróprias para a história*, muitas das figuras estudadas nos livros de Hartman demandam um ajuste do sensível historiográfico, uma capacidade outra para captar seus murmúrios, suas inúmeras formas de reinventar a vida à sombra do poder, de maneira errante, nos interstícios da ordem. Cf. HARTMAN, Saidiya. *Scenes of Subjection: Terror, Slavery, and Self-Making in Nineteenth-Century America*. Oxford: Oxford University Press, 1997; e HARTMAN, Saidiya. *Vidas Rebeldes, Belos Experimentos: Histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encrenqueiras e queers radicais*. Tradução de Floresta. São Paulo: Fósforo Editora, 2022.

¹⁷⁵ JAMES, Cyril Lionel Robert. *Os jacobinos negros: Toussaint L'Ouverture e a Revolução de São Domingos*. Tradução de Afonso Teixeira Filho. São Paulo: Boitempo editorial, 2000, p. 93-94.

libertação que almejavam não se encaixava em um ideal de conquista, muito menos na expectativa de uma contundente vitória no processo jurídico: eles sabiam que apenas a condenação de Darren Wilson não bastava.

Durante o dia, uma assembleia começou a se formar nos arredores do incendiado posto de gasolina *QuikTrip*, na esquina da West Florissant Avenue com a Northwinds Estates Drive. Daquelas cinzas, brotou um ponto de encontro para os manifestantes em Ferguson, um espaço que conseguia, de certa forma, mobilizar alguma autonomia frente ao poder do Estado e da polícia. Como se fosse uma espécie de “ocupação”¹⁷⁶, era possível ver churrascos acontecendo, hot-dogs e água sendo compartilhados, pessoas tirando selfies dos escombros, algumas dançando *break*. O quão excitante se tornou aquele espaço, renomeado de “*QT People’s Park – Liberado em 10/08/14*”?! Grupos de teatro performavam no que antes era o estacionamento do local. Bandas de punk e rappers se apresentavam. Crianças de férias passavam por lá, muitas com FTP (“*Fuck The Police*”) e outros termos de revolta pintados em seus corpos. Havia diversas pichações do tipo também. O *QT People’s Park* virou uma geografia negra improvisada, onde as pessoas poderiam distribuir máscaras para a noite¹⁷⁷, enquanto compartilhavam relatos sobre os acontecimentos do dia anterior. O local tinha um aspecto de feira de rua, de festa, mas também de acampamento rebelde, de quilombo/palênque, onde os revoltosos poderiam se conectar, confabular estratégias, imaginar os próximos passos contra as forças policiais. Se viver no “gueto negro”, como diria James Baldwin, é viver em um “território ocupado”¹⁷⁸, naquela pequena e fugidia zona emancipada os amotinados poderiam, enfim, explorar novos “limites do permissível”.¹⁷⁹

O tempo em que se dava aquela revolta era um tempo em suspenso, onde o impossível poderia ser imaginado (quando não, realizado). O espaço também, afinal. Aquele parque improvisado era um mapa que cartografava inúmeras possibilidades: o caminho para um

¹⁷⁶ Especialmente após o *Occupy Wall Street* (analisado no capítulo 3), muitos estabeleceram diversas ressalvas ao uso do termo “ocupar”, especialmente por sua histórica ligação com violentas ocupações coloniais nos/dos EUA. Cf. TUCK, Eve; YANG, K. Wayne. “La descolonización no es una metáfora”. *Tabula Rasa*, n. 38, 2021, p. 61-111.

¹⁷⁷ O uso de máscaras por parte de algumas pessoas em Ferguson dá uma dimensão do afrontamento à política da respeitabilidade que estava em jogo naqueles dias de fúria. Sim, muitas delas sabiam que o que havia ocorrido com Michael Brown também podia lhes acontecer. As máscaras eram uma despersonalização estratégica, um tipo de opacidade que criava uma coletividade em prol de algo sem que pra isso precisasse aderir à hierarquia de líderes sobre subordinados. As máscaras declaravam algo ao poder e, ao mesmo tempo, agiam fugitivamente para impedir a identificação das pessoas que as usavam. Logo, elas perceberam que, ao invés de um motivo de orgulho, ter o rosto estampado nos jornais era lidar com a possibilidade de serem mais facilmente identificadas pelas forças policiais.

¹⁷⁸ BALDWIN, James. “A Report from Occupied Territory” In: *James Baldwin: Collected Essays*, Ed. Toni Morrison, New York: Library of America, 1998. p. 738.

¹⁷⁹ HARTMAN, Saidiya. *Scenes of Subjection: Terror, Slavery, and Self-Making in Nineteenth-Century America*. Oxford: Oxford University Press, 1997, p. 50.

futuro de abolição negra radical, um retorno à solidariedade rebelde dos quilombos/palenques séculos atrás. Em suma, abria-se ali uma alternativa (sobretudo isso) para habitar o presente de outra forma, oferecia-se naquele espaço um jeito diferente de encarar o tempo, de uma maneira não-produtiva, não-punitiva. Naquele experimento que foi o “*QT People’s Park*”, pessoas despossuídas de muito e esquecidas pela maioria poderiam, enfim, descobrir novas capacidades em suas vidas, que eram rotineiramente tomadas como perigosas e indignas de importância pela Supremacia Branca.

Menos uma retomada e muito mais uma redistribuição das ruas. Não se tratava de meramente peticionar melhorias e justiça distributiva para as autoridades locais. Nem mesmo unicamente fechar uma ou outra rodovia. “Ocupar” o que era o *QuikTrip* não era apenas uma questão de contenção, nem muito menos uma “exigência de reconhecimento que realmente constitui *business as usual*”.¹⁸⁰ Era, sim, sobre um outro jeito de caminhar, era muito mais sobre como fabular outro mundo possível, sem polícia, sem culto à personalidade, em que a negritude em toda a sua beleza estaria longe da condenação cultural. Era um desconfinamento da lógica carcerária. Era sobre abraçar a impropriedade.

As pessoas, em revolta, recusavam as hipócritas negociações de paz oferecidas pelo capitão Ron Johnson. Ele, inicialmente, havia atribuído a violência e os tiros disparados contra os policiais aos “*Canfield Boys*”, uma suposta gangue de jovens negros que assombrava Calfield Drive. Essa explicação quase sobrenatural parece não ter conseguido se manter e logo a principal justificativa era de que agitadores externos teriam inflamado alguns jovens residentes, levando-os a “uma violenta atmosfera de anarquia”.¹⁸¹ Confirmavam, uma vez mais, que sempre quando manifestações negras descumprem critérios de respeitabilidade e “saem do controle” (ou seja, do “controle” das forças policiais), logo são consideradas *anárquicas*. Ora, o que havia/há de errado com protestos *anárquicos*, em que uma população negra massacrada, mas nunca destruída por completo, grita a plenos pulmões: “*FUCK THE POLICE! I WANT THE END OF THE WORLD!*”? Como pensar isso para além de um pânico moral antinegro que legitima respostas policiais ultramilitarizadas e cobra paciência dos revoltosos?

Em *Anarcho-Blackness: Notes Toward a Black Anarchism*, Marquis Bey procura ir além da prevalência em estudar o “-ismo” do anarquismo, ou seja, não fica restrito à análise de sua constituição enquanto um movimento social (que surgiu no final do século XIX e teve

¹⁸⁰ MOTEN, Fred; HARNEY, Stefano. “Michael Brown”. *boudary 2*, v. 42, n.4, 2015, p. 86.

¹⁸¹ ALCINDOR, Yamiche. “Looting, tear gas shatter period of calm in Ferguson”, *USA Today*, 16 de agosto de 2014, disponível em <https://www.usatoday.com/story/news/nation/2014/08/16/michael-brown-shooting-ferguson-missouri-police/14152447/>.

como figuras-chave Pierre-Joseph Proudhon, Piotr Kropotkin, Emma Goldman e Mikhail Bakunin). Ao invés desse caminho, Bey está interessado em descrever um espírito *anárquico*, ou, mais precisamente, um conjunto de tendências e modalidades que aproximem o prefixo “*anarco-*” e a negritude, um caminho teórico que ele nomeia de *anarcho-Blackness*. Dentro dessa sua leitura, os passos das pessoas revoltadas em Ferguson expressavam “uma sensibilidade criadora de mundos” e não “um quadro político particular de escritos e movimentos”, sendo, portanto, impróprios para a historiografia anarquista. Ainda que elas não seguissem de forma deliberada as rotas traçadas em várias aulas públicas por um teórico anarquista como David Graeber, suas modalidades de protestar, seus métodos de rebelião, seus hábitos indecentes de afronta ao poder e seus pensamentos selvagens poderiam muito bem “ser dados a *anárquicos*”.¹⁸²

A dimensão *anárquica* e não-cidadã da negritude, que nos “posiciona como invasores estrangeiros e ameaças à ordem branca”¹⁸³, talvez explicasse a predisposição de alguns em assumir uma colocação mais assertiva sobre autodefesa. Em Ferguson, o jovem Marcus Mopkins, de 20 anos, chegava a afirmar: “Havia algumas pessoas atirando na polícia, como deveriam estar”. Alegando que o motivo era o longo padrão de perseguição policial à juventude negra e os esforços agressivos da polícia para conter e dispersar os manifestantes, ele se dizia disposto a correr riscos: “Eu só estou farto. Eu próprio estou pronto para causar alguns danos.”¹⁸⁴ Sua fala remete muito bem ao que Martin Luther King Jr. qualificava como uma conduta essencial na tentativa de quebrar/barrar uma lei injusta: “a disposição em aceitar a pena”. Afinal (e o reverendo King exemplificava com a experiência do nazismo na Alemanha), o custo de se cumprir leis injustas acaba sendo muito alto para todos.¹⁸⁵

¹⁸² BEY, Marquis. *Anarcho-Blackness: Notes Toward a Black Anarchism*. Chico, Califórnia: AK Press, 2020, p. 3. Cf. também HARTMAN, Saidiya. “A anarquia das garotas de cor reunidas na desordem”. In: *Vidas Rebeldes, Belos Experimentos: Histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encrenqueiras e queers radicais*. Tradução de Floresta. São Paulo: Fósforo Editora, 2022, p. 243-271.

¹⁸³ ANDERSON, William Charles; SAMUDZI, Zoé. *As Black as Resistance: Finding the Conditions for Liberation*. Chico, Califórnia: AK Press, 2018, p. 48.

¹⁸⁴ SCHAPER, David. “Generation Gap Divides Local Opinion On Ferguson Protests”, *NPR*, 23 de agosto de 2014, disponível em <https://www.npr.org/2014/08/23/342733988/generation-gap-divides-local-opinion-on-ferguson-protests>.

¹⁸⁵ KING JR., Martin Luther, “Letter From Birmingham Jail”, *The Atlantic Monthly*, agosto de 1963, v. 212, n. 2, p. 78-88, disponível em <https://www.theatlantic.com/magazine/archive/2018/02/letter-from-a-birmingham-jail/552461/>. Como comumente tem acontecido com várias outras figuras na diáspora negra, desde que foi assassinado, o Estado e os arautos da respeitabilidade negra tentaram distorcer/desradicalizar sua interpretação da “não-violência” e sua própria biografia, tomando-o como uma referência moral de passividade e moderação conformista. Não seria diferente em Ferguson, quando vimos Ron Reynolds, um residente de 57 anos, afirmar que o ideal era “tentar ser pacífico (...) como Martin Luther King disse: ‘você dá a outra face’”. SCHAPER, David. “Generation Gap Divides Local Opinion On Ferguson Protests”, *NPR*, 23 de agosto de 2014, disponível em <https://www.npr.org/2014/08/23/342733988/generation-gap-divides-local-opinion-on-ferguson-protests>. Os próprios escritos de King, entretanto, pareciam indicar outra visão sobre a autodefesa, pensada por ele, em alguns casos, como um meio de sobrevivência: “Quando o Negro usa a força

Em um contexto de Supremacia Branca, enquanto a polícia é tomada como a dimensão fria, lógica e legal dos protestos, há uma propensão a considerar as pessoas que empregam uma “política de violência protetora” como irracionais, loucas e emotivas.¹⁸⁶ A rebeldia negra que dava origem a fugas e motins é objeto de estudo da psiquiatria norte-americana desde pelo menos a década de 1850, quando o médico confederado, Samuel Cartwright, defendia que os escravos fugitivos estavam acometidos de uma perigosa doença mental chamada *drapetomania*.¹⁸⁷ Como explica Calvin Warren, a psiquiatria de Cartwright estabelecia uma teologia política como a raiz dessa moléstia psíquica, na qual o homem branco (a) que estivesse tentando se opor à vontade divina de manter o negro submisso; (b) que estivesse fazendo mau uso daquele poder divinamente concedido sobre aquelas criaturas (punindo-os de forma irracional); ou (c) que estivesse sendo negligente em não proteger a sua posse (não oferecendo-lhe “cuidados” básicos), contribuiria para um problema de saúde/moral coletiva: instigaria o negro a fugir. O mesmo Cartwright também descrevia a *dysaesthesia aethiopica*, uma doença da mente mais frequente em negros libertos “carentes do direcionamento e cuidado de uma pessoa branca”. Além de sintomas físicos, como erupções cutâneas no corpo, essa enfermidade supostamente deixaria os negros com comportamentos preguiçosos, narcolépticos, abusivos, destrutivos e imbecis.¹⁸⁸ Para Cartwright, a primeira república negra livre só teria sido possível devido a uma epidemia de *dysaesthesia aethiopica*. Em seus termos: “narrar os sintomas e efeitos [da *dysaesthesia aethiopica*] entre eles [as pessoas

em legítima defesa, ele não perde o apoio – ele pode até mesmo ganhá-lo, pela coragem e respeito próprio que isso reflete.” KING JR., Martin Luther. *A Testament of Hope: The Essential Writings and Speeches of Martin Luther King, Jr.* New York City: Harper Collins, 1990, p. 33. Nesse sentido, a “disposição em aceitar a pena”, de que ele fala, não significa a aceitação irrefletida de supostos princípios “civilizados”, nem mesmo o posicionamento das pessoas negras unicamente enquanto vítimas responsáveis por pedagogizar a consciência do opressor através do seu exemplo de sofrimento, sem minimamente reagir ao martírio da brutalidade policial.

¹⁸⁶ Sobre a noção de “política de violência protetora”, Cf. JACKSON, Kellie Carter. “‘Dare you meet a woman’: black women, abolitionism, and the protective violence, 1850-1859”. *Slavery & Abolition: A Journal of Slave and Post-Slave Studies*, v. 42, n. 2, 2021, p. 269-292.

¹⁸⁷ *La Marr Jurelle Bruce* demonstra como o discurso que tratava a escravidão enquanto salutar (físico e mentalmente) para as pessoas negras estava presente mesmo antes dos conflitos na Guerra de Secessão (1861-1865). Políticos de destaque como John C. Calhoun chegavam a dar declarações como estas: “O africano é incapaz de cuidar de si mesmo e afunda na loucura sob o peso da liberdade. É uma misericórdia para ele dar-lhe a guarda e proteção contra a morte mental.” apud BRUCE, La Marr Jurelle. *How to Go Mad without Losing Your Mind*. Durham: Duke University Press, 2021, p. 18.

¹⁸⁸ WARREN, Calvin L. *Ontological Terror: Blackness, Nihilism, and Emancipation*. Durham/Londres: Duke University Press, 2018, p. 125-128.

negras] seria escrever uma história das ruínas e dilapidação do Hayti, e de cada pedaço de terra que eles já tiveram posse descontrolada por qualquer período de tempo”.¹⁸⁹

Era consenso na psiquiatria da época de que a “cura” para qualquer uma dessas “doenças” envolvia um duplo papel a ser cumprido pelo proprietário de escravos: ser capaz de disciplinar o cativo por meio do chicote e intensificar a proteção paternalista daqueles antevistos como potencialmente loucos/rebeldes.¹⁹⁰ Para Calvin Warren, isso explica como

A violência antinegra na modernidade é revista como curativa, como uma correção necessária, o que a torna algo diferente da violência, como tradicionalmente a entendemos. A antinegitude inverte a estrutura ético-axiológica para que a liberdade negra se torne o nome para *violência absoluta* e a antinegitude o nome para a restauração sociopolítica.¹⁹¹

A despeito dos notáveis *avanços* com a reforma psiquiátrica, em meados do século XX a percepção de que a população negra recém liberta era psicologicamente inadequada para a liberdade ganhou novos disfarces científicos.¹⁹² No contexto da luta negra pelos direitos civis nos Estados Unidos das décadas de 1960 e 1970, as manifestações negras por igualdade foram vistas como absurdas e enlouquecedoras, chegando até mesmo – à maneira de Cartwright – a serem definidas enquanto uma “psicose de protesto”. Considerações renovadas no diagnóstico das enfermidades psíquicas e tecnologias psicoquímicas inovadoras de controle estiveram intimamente ligadas às crescentes angústias sociais acerca desse “descontrole” das agitações urbanas. Como bem assevera Jonathan Metzl, no contexto anterior ao movimento pelos direitos civis, a literatura médica e o senso comum nos Estados Unidos acreditavam que a esquizofrenia era uma “desarmonia emocional” que acometia

¹⁸⁹ apud BRUCE, La Marr Jurelle. *How to Go Mad without Losing Your Mind*. Durham/Londres: Duke University Press, 2021, p. 18. A respeito dessa patologização da liberdade negra, Barbara Browning escreve que “o contágio aterrorizante que os Estados Unidos realmente temiam em 1793 [no contexto da Revolução Haitiana] foi o contágio do empoderamento político negro”. BROWNING, Barbara. *Infectious Rhythm: Metaphors of Contagion and the Spread of African Culture*. New York: Routledge, 1998, p. 82.

¹⁹⁰ BRUCE, La Marr Jurelle. *How to Go Mad without Losing Your Mind*. Durham/Londres: Duke University Press, 2021, p. 17.

¹⁹¹ WARREN, Calvin L. *Ontological Terror: Blackness, Nihilism, and Emancipation*. Durham/Londres: Duke University Press, 2018, p. 128.

¹⁹² Aqui vale ressaltar o lugar ocupado pela figura do “crioulo doido” [“*crazy nigga*”] nas tensões internas em torno de ser respeitável ou rebelde, que caracterizava a comunidade afro-americana no começo do séc. XX. Como explica La Marr Jurelle Bruce, ele era visto como um fora da lei que fazia tudo o que tinha vontade, que agia descontroladamente, de forma “imprudente, de maneira afrontadora e profana”, que pouco se importava com as etiquetas da classe média negra respeitável, que até mesmo burlava normas de propriedade racial, envolvendo-se em experimentos *queers* e inter-raciais. O “crioulo doido”, ao contrário das “pessoas razoáveis”, era destemido ante a violência, o estigma social e a epidemia de linchamentos que apavorava a comunidade negra naquele contexto das leis de *Jim Crow*. Em suma, ele era considerado “um perigo para a raça, um perigoso agitador que alimentava o antagonismo racial e cortejava a retribuição racista”. BRUCE, La Marr Jurelle. *How to Go Mad without Losing Your Mind*. Durham/Londres: Duke University Press, 2021, p. 21-22.

acentuadamente mulheres brancas ou intelectuais. Porém, em um momento social marcado por diversas manifestações contra o racismo antinegitude, aconteceram várias transformações nas percepções sobre a esquizofrenia, cujos diagnósticos, cada vez mais, passaram a serem ligados à raiva, volatidade e agressividade, afligindo homens negros de maneira significativa (fig. 9). Psiquiatras como Walter Bromber e Frank Simon definiriam essa “psicose de protesto” como a exacerbção de “sentimentos hostis e agressivos” advindos, em grande parte, de uma “antibranquitude delirante” que caracterizaria as manifestações organizadas por “grupos extremistas” como *Black Power*, *Black Panthers* e *Nação do Islã*.¹⁹³

Assaultive and belligerent?

Cooperation often begins with HALDOL (haloperidol) a first choice for starting therapy

Acts promptly to control aggressive, assaultive behavior

Several studies have reported the special effectiveness of HALDOL (haloperidol) in controlling aggressive and dangerously assaultive behavior.¹ Even the number of violent assaults committed by a group of criminal psychotics "resistant to maximal doses of phenothiazines" was reduced substantially during treatment with HALDOL.² Prompt control can be achieved orally, frequently within a few hours when the intramuscular form is used for initial control of acutely agitated psychotic states.³

Usually leaves patients relatively alert and responsive

Although some instances of drowsiness have been observed, marked sedation with HALDOL (haloperidol) is rare. In a report on a study with criminal psychotics the investigator states, "The patients remained alert and more amenable to psychotherapeutic intervention."⁴ Another investigator reports that HALDOL "normalizes" behavior and produces a sensitivity to the environment that allows more effective use of the social milieu and the therapeutic community.⁵

Reduces risk of serious adverse reactions

HALDOL (haloperidol), a butyrophenone, avoids or minimizes many of the problems associated with the phenothiazines. Hypotension is rare and severe orthostatic hypotension has not been reported. There is also low likelihood of adverse reactions such as liver damage, ocular changes, serious hematologic reactions and skin rashes. The most frequent side effects of HALDOL (haloperidol)—extrapyramidal symptoms—are usually dose-related and readily controlled.

References: 1. Darling, R.F. *Dis. Nerv. Syst.* 32:31 (Jan.) 1971. 2. Mac, P.L., and Chou, C.H. *Psychopharmacology* 14:99 (Jan./Feb.) 1971. 3. Johnson, H.L., and Akerson, C. Paper presented at the Ann. Family Psychiatry Res. Meeting, N.Y., Sept. 25-28, 1972. 4. Pauls, R.W. *Dis. Nerv. Syst.* 33:112 (Mar.) 1974. 5. Howard, J.E.C. *Clin. Trials* 2:119 (May) 1964.

For information relating to Indications, Contraindications, Warnings, Precautions and Adverse Reactions, please turn page.

© 1974 Janssen Pharmaceutica, Inc., 1074

Figura 9 – Anúncio do medicamento antipsicótico *Haldol* (haloperidol), década de 1970, exibindo um homem negro furioso e com os punhos cerrados. Na manchete, a indagação: “Agressivo e beligerante?”. Fonte: Jonathan Metztl, *The Protest Psychosis*, p. xiv.

O que estava em jogo era um projeto político-epistêmico de contenção das condutas *anárquicas* da negritude rebelde, em paralelo ao dilema que sempre acompanhou as intervenções políticas negras: o modo correto de mobilização era uma “política de respeitabilidade” ou uma “política da raiva”? Nos obstinados discursos de Kwame Ture,

¹⁹³ METZL, Jonathan. *The Protest Psychosis: How Schizophrenia Became a Black Disease*. Boston: Beacon, 2010.

Assata Shakur e nas ofensivas de Malcolm X (“o homem negro mais raivoso da América”), havia um forte sentimento de frustração com a paciência e o reformismo que muitos dos ativistas do movimento pelos direitos civis vinham adotando após algumas conquistas, reformas e inclusões pontuais. Como pontua La Marr Jurelle Bruce, “alguns ativistas e artistas negros enlouqueceram – adotando a raiva como um poderoso recurso contra a antinegitude”.¹⁹⁴ Uma loucura muito próxima daquilo que Toni Morrison comenta sobre várias mulheres negras escravizadas terem “enlouquecido deliberadamente ‘para não perder a cabeça’”.¹⁹⁵

Nesse sentido, em 23 de dezembro de 2014, uma entrevista do comissário de polícia de Nova York, William Bratton, ao programa *The Today Show*, remeteu a essa histórica patologização dos “motins negros”, essa comum acusação de que os manifestantes estavam “indo pelo caminho errado”. Para ele, o fato de dois policiais da sua cidade terem sido alvejados por um homem com doença mental era um “resultado direto dessa questão, dessas manifestações [após Ferguson].”¹⁹⁶ Na fala de Bratton, a revolta negra, o desejo inabalado por “destruir tudo, porque muito havia sofrido”, estaria *contagando* outras pessoas, de outros estados, predispostas a agir do mesmo modo imprudente e perigoso. Nessa sua aproximação com os diagnósticos antinegros esboçados por Samuel Cartwright ao se referir à revolução haitiana, há uma idêntica sinergia sobre o que seria a cura para quaisquer distúrbios: a brutalização do corpo negro revoltoso, a contenção do “Efeito Ferguson”, a punição policial.

Aviltados pela cobertura televisiva que replicava esses paradigmas sobre condutas desajustadas, os “loucos” que enfrentavam os policiais em Ferguson decidiram transformar esse diagnóstico em um chamado: “Não se ajuste a um mundo injusto!”. Em uma demonstração efetiva de como é comum que assembleias rebeldes negras assumam os termos negativos que lhes são atribuídos e os redefinem como forma de mobilização, as pessoas, cada vez mais, encarnavam a impropriedade: “Anárquicas!” “Indisciplinadas!”, “Loucas!”, “Impacientes!”, “Afobadas!”, “Anacrônicas!”, “Que seja, já nos acusam disso há bastante tempo!” “Agora, daremos um real motivo e não nos importaremos com o que vão achar!”.

¹⁹⁴ BRUCE, La Marr Jurelle. *How to Go Mad without Losing Your Mind*. Durham/Londres: Duke University Press, 2021, p. 18.

¹⁹⁵ MORRISON, Toni. “Living Memory: Meeting Toni Morrison” apud GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: Modernidade e Dupla Consciência*. Tradução Cid Knipel Moreira. São Paulo: Editora 34, 2012, p. 412.

¹⁹⁶ SANTORA, Marc. “New York mayor Bill de Blasio calls for suspension of protests after shooting of police officers”, *The Sunday Morning Herald*, 23 de dezembro de 2014, disponível em <https://www.smh.com.au/world/new-york-mayor-bill-de-blasio-calls-for-suspension-of-protests-after-shooting-of-police-officers-20141223-12ckg1.html>. Comentaremos mais sobre William (“Bill”) Bratton no capítulo 5.

Muito mais do que uma condição inata do negro que recusava o mundo que normalizava o corpo de Mike Brown caído no chão, Ferguson exemplificava uma sociedade cujo racismo antinegitude promovia uma verdadeira epidemia de sofrimento psíquico em muitas pessoas. Isso era perceptível de maneira dramática nas falas, nos olhares, nos gestos, nos tremores daqueles corpos capturados por câmeras de TV sedentas que estavam por espetacularizar a “loucura” de quem ousava enfrentar a polícia. “As pessoas estão cansadas de serem incompreendidas e maltratadas, e isso é uma saída para elas expressarem sua indignação e raiva; todos estão procurando uma saída para expressar suas emoções”, desabafava Duane Finnie, um amigo de infância do pai de Mike Brown.¹⁹⁷

Escrevendo no ano de 1981, a poetisa Audre Lorde comentava como mulheres negras estão cheias de uma raiva que pode ser útil no combate às opressões, pessoais ou institucionais, que motivam esse sentimento. Ela afirmava:

Usada com precisão, ela pode se tornar *uma poderosa fonte de energia* a serviço do progresso e da mudança. E quando falo de mudança não me refiro a uma simples troca de papéis ou a uma redução temporária das tensões, nem à habilidade de sorrir ou se sentir bem. Estou falando de *uma alteração radical* na base dos pressupostos sobre os quais nossas vidas são construídas.¹⁹⁸ [grifos meus]

Talvez, por esse motivo, essa “poderosa fonte de energia” transmitida por mulheres negras nas ruas de Ferguson incomodasse tanto figuras como o reverendo Al Sharpton, que, no intuito de “restauração da ordem”, passou a pedir o engajamento de “100 homens negros fortes” (os “discípulos da justiça”, como ele chamou) capazes de ajudar no policiamento das manifestações. A dimensão de gênero nessas coações reformistas e pautadas na respeitabilidade eram tão fortes, que o líder religioso argumentava que aquela seria uma oportunidade para os jovens participantes dos protestos “crescerem e tornarem-se homens”. As mulheres, ele continuava, deveriam se acalmar, cessar sua *obstinação* por um momento,

¹⁹⁷ LOWERY, Wesley. *They Can't Kill Us All: The Story of Black Lives Matter*. London: Penguin Books, 2017, p. 24. De fato, muitas pessoas reclamavam do quão traumático era tudo aquilo. Elas questionavam por qual motivo, após o assassinato de Mike Brown, os órgãos governamentais não lhes ofereceram o mínimo necessário de suporte psicossocial. Muitas delas, até mesmo, poderiam compartilhar inúmeras histórias sobre algum amigo ou familiar que havia morrido por causa da violência armada que assolava a grande St. Louis naquele contexto de criminalização da pobreza e Guerra às Drogas. “Procurar uma saída para expresser suas emoções”, como falava Duane Finnie, era uma forma de cuidar de si mesmo, ou seja, fazer aquilo que Audre Lorde certa vez definiu como um verdadeiro “ato de guerra política”. LORDE, Audre. *A Burst of Light: Essays*. Ithaca, New York: Firebrand Books, 1988, p. 131.

¹⁹⁸ LORDE, Audre. “Usos da Raiva”, ”. In: *Irmã Outsider*. Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019, p. 159.

“voltar para casa e cuidar dos seus filhos”, não agir de forma *anárquica* até tarde da noite.¹⁹⁹ Ou seja, para alguns líderes masculinos, a excessiva e aberrante liberdade feminina (e *queer*) em um episódio como o que acontecia poderia arruinar o futuro da comunidade. Houvesse o que houvesse, alguns pensavam, ainda não era hora da mulher negra de Ferguson recusar papéis de gênero, nem mesmo o tempo de qualquer LGBTQIA+ ganhar espaço e voz na comunidade.²⁰⁰

Muitas daquelas mulheres, portanto, viam em Ferguson um momento para se rebelar contra os próprios papéis de gênero que recortam as particularidades do racismo antinegro. Elas quebravam as expectativas de docilidade, tanto ante as forças policiais, quanto em relação a qualquer homem negro que tentasse subestimá-las. Era, portanto, um evento decisivo para se recusar as condições que promoviam a vulnerabilidade de si e dos seus filhos. Era um espaço, ainda que fugaz, onde elas poderiam, juntas, estabelecer uma comunalidade radical de ajuda mútua: *undercommons*. Afinal, o mundo havia lhes oferecido tão pouco. Naqueles breves dias em Ferguson, foi possível fabular outra estrada que não aquela que levava à miséria, à injustiça, ao subemprego, à violência sexual e ao domínio masculino. E isso era desdobrado, essencialmente, por meio de uma recusa, impertinente, a aceitar performances de gênero sobre como deveriam mulheres negras “se dar ao respeito”, não agir com descontrole, apressadamente. Elas, que eram a maioria demográfica de Ferguson, encontraram ali mais uma oportunidade para redefinir o seu lugar naquela comunidade.

¹⁹⁹ LUSSENHOP, Jessica. “Rev. Al Sharpton Recruits ‘Justice Disciples’ to Restore Order to Ferguson”, *Riverfront Times*, 13 de agosto de 2014, disponível em <https://www.riverfronttimes.com/stlouis/rev-al-sharpton-recruits-justice-disciples-to-restore-order-to-ferguson/Content?oid=2607347>. Nesse sentido, Sarah Ahmed oferece interessantes considerações sobre como acusações de *obstinação* (embora *willful* aqui assuma mais um sentido de “teimosia”) são usualmente empregadas para definir a “relutância em ceder” como um desvio do caráter femino. AHMED Sara. *Willful Subjects*. Durham/London: Duke University Press, 2014, p. 153.

²⁰⁰ Cf. FERGUSON, Roderick. *Aberrations in Black: Toward a Queer of Color Critique*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2004. Sobre o hipermasculinismo e suas doses superlativas de misoginia e homofobia, vale mencionar GILROY, Paul. “As Tirantias do Unanimismo”. In: *Entre Campos: Nações, Cultura e o Fascínio da Raça*. Tradução de Celia Maria Marinho de Azevedo. São Paulo: Annablume, 2007, p. 249-286.

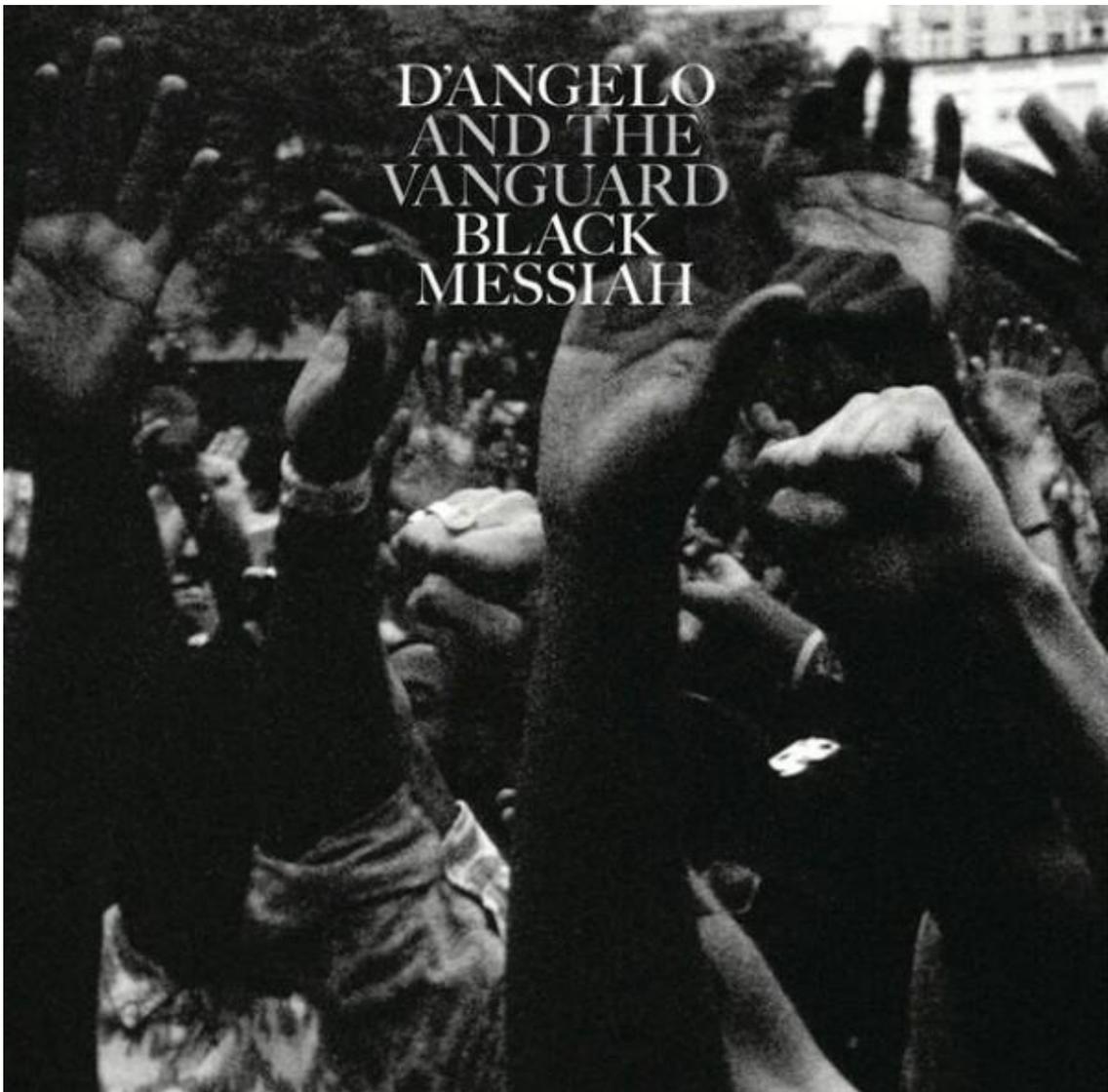


Figura 10 – Capa do disco *Black Messiah* (2014), composto por D’Angelo. Fonte: RCA Records.

Como não perceber que em Ferguson havia um algo a mais? Lógico, como já dito, estavam lá várias das organizações de ativismo negro bastante conhecidas no cenário norte-americano – e aqui é importante não menosprezar completamente o trabalho desses representantes. Mas o que quero dizer é que Ferguson revelou algo que talvez os tenham até surpreendido. *Anarquicamente*, as pessoas estavam buscando uma “liberdade ilegal”, ou seja, “uma libertação conseguida por outros meios que não são inerentes à esfera jurídica ou a uma legalidade geral.”²⁰¹ Nesse sentido, é interessante como *Black Messiah*, do cantor D’Angelo, um dos primeiros discos a assumir uma inspiração direta na rebelião de Ferguson, tinha um

²⁰¹ BEY, Marquis. *Anarcho-Blackness: Notes Toward a Black Anarchism*. Chico, Califórnia: AK Press, 2020, p. 4.

discurso que transmitia isso tão intensamente.²⁰² Invertendo os pressupostos correntes da “ficção da liderança negra”, vemos em sua capa um conjunto de braços erguidos: mãos ao alto e punhos fechados, símbolos da luta negra em várias temporalidades. Como bem observa Sara Ahmed ao contar a história desses gestos: “Os braços do escravo pertenciam ao senhor, tal como o escravo, como aqueles que não deveriam ter vontade própria. Não é de se admirar que *devamos olhar para o braço*, se quisermos compreender a história daqueles que se levantam contra a opressão”.²⁰³ *Black Messiah* era o primeiro trabalho que D’Angelo lançava após um longo hiato de 14 anos. Diferentemente da centralização exacerbada do seu corpo em capas e clipes de *Voodoo* (2000), em *Black Messiah*, o outrora superstar e *sexy-symbol* do *r&b* destacava os punhos e braços de Ferguson. Para ele, *Black Messiah* era:

Um inferno de nome para um álbum. Ele pode ser facilmente mal interpretado. Muitos vão pensar que é sobre religião. Alguns vão chegar à conclusão de que eu estou a me autointitular um Messias Negro. Para mim, o título é sobre todos nós. É sobre o mundo. Trata-se de uma ideia que todos nós podemos aspirar. Todos nós devemos aspirar a ser um Messias Negro. Isso é sobre pessoas que se levantam em Ferguson e no Egito e no *Occupy Wall Street* e em cada lugar onde a comunidade teve o suficiente e decidiu fazer a mudança acontecer. Não se trata de elogiar um líder carismático, mas de celebrar milhares deles. Nem todas as músicas deste álbum são politicamente carregadas (embora muitas sejam), mas chamar o álbum de ‘Black Messiah’ cria uma paisagem onde essas músicas podem viver ao máximo. Messias Negro não é um único homem. É um sentimento de que, coletivamente, todos somos este líder”.²⁰⁴

Em que pese o inerente masculinismo atrelado a esse ideal de Messias Negro, essa releitura de uma perspectiva política muito cara ao *Black Power* dos anos 1960-1970 demonstra o poder do que era estar em assembleia naqueles dias. Esse “sentimento de que, coletivamente, todos somos este líder” metaforiza uma grande onda a empurrar um barco de pessoas degredadas em fuga/libertação de um mundo que as odeia, mas que delas tanto precisa. Como missão, todos deveriam se esforçar, desprender-se de si e contribuir para a travessia. Afinal, ir contra o fluxo demanda, sobretudo, um sentimento de amor à negritude, de confiança no futuro por ela oferecida. Ferguson, logo percebi, trouxe de volta a eterna

²⁰² D’ANGELO. “Black Messiah”. New York: RCA Records: 2014. Spotify. 55min54s.

²⁰³ AHMED Sara. *Willful Subjects*. Durham/London: Duke University Press, 2014, p. 199.

²⁰⁴ STUTZ, Colin. “Inside D’Angelo ‘s ‘Black Messiah’ Listening Party: A Look at Its Lyrics & Political Message”, *Billboard*, 14 de dezembro de 2014, disponível em <https://www.billboard.com/music/rb-hip-hop/inside-dangelo-black-messiah-listening-party-lyrics-6406169/>.

pergunta que paira sobre o ativismo negro: como sustentar, *no doravante*, os espaços libertados sem amor, sem uma ideia de cuidado comunitário?²⁰⁵

É provável que isso explique a permanência de muitos em frente à delegacia de Ferguson naquela gélida noite de 24 de novembro, quando o veredito do júri majoritariamente branco inocentou o policial Darren Wilson de todas as acusações. Após aquele anúncio, mesmo quem havia tentado pacificar as manifestações nos dias anteriores parecia ter disposição para despejar alguma fúria em enfrentamento às forças policiais. Os sons que compõem a sinfonia dos motins raciais estavam de volta após uma relativa calma desde setembro. A estrutura das ruas era desmontada em função da assembleia ruidosa que quebrava blocos de pedra, pedaços de árvore, placas de trânsito e qualquer objeto que pudesse desafiar aquele espetáculo de reafirmação do “lugar do negro” no sistema jurídico dos Estados Unidos. Entretanto, de alguma forma, faltava algo como a estrutura improvisada no “*QT People’s Park*”. A condenação massiva por parte dos que rimavam o coro da respeitabilidade negra, enquanto clamavam por paciência e fé na justiça, além do avanço militarizado massivo da polícia, que reocupou aquele espaço dez dias após o início da rebelião, fez muitos sentirem a falta de um acampamento estratégico como ali haviam improvisado. Cercado e vigiado 24 horas por dia a partir de então, o local onde os manifestantes poderiam iniciar marchas e compartilhar informações relevantes para desafiar as forças policiais voltara a ser apenas as ruínas de um posto de gasolina.²⁰⁶

Mesmo com o massivo enfrentamento à contenção ainda mais ostensiva da polícia, a impressão de que a rebelião de Ferguson havia “esfriado” (em uma aproximação direta com as condições climáticas do mês de novembro) foi sendo fortalecida pela mídia e por parte de alguns ativistas, que pareciam defender a necessidade de atentar para outras manifestações menos *anárquicas*, em lugares como Cleveland e Nova York. Para o Estado pós-racial daquele segundo mandato de Barack Obama, Ferguson “encerrava seu show” e o saldo que extraíam do evento era de que ele poderia ser pensado como um tipo de treinamento sobre como administrar motins raciais e reformar/humanizar as polícias. Dossiês elaborados pelo *U.S. Department of Justice* ofereceriam detalhadas “lições” a serem futuramente implementadas pelos departamentos, unindo conselhos sobre uso inteligente da força,

²⁰⁵ Cf. JAMES, Joy. “Politicizing the Spirit: ‘American Africanisms’ and African Ancestors in the Essays of Toni Morrison”. *Cultural Studies*, v. 9, n. 2, 1995, p. 210-225.

²⁰⁶ KOLK, Heidi Aronson; ALLEN, Michael. “Can We Preserve the Ferguson QuikTrip?”, *NextSTL*, 2 de setembro de 2014, disponível em <https://nextstl.com/2014/09/can-preserve-ferguson-quicktrip/>.

interação com a comunidade, além de novas estratégias de comunicação em redes sociais (esse espaço tomado pelos manifestantes negros) e mídia tradicional.²⁰⁷

Após a passagem do “furacão Ferguson”, a grande preocupação por parte daqueles que, desde os primeiros dias, tentavam pacificar a rebelião, seja as forças policiais, os ativistas profissionais, os pregadores, ou mesmo os diversos políticos que lá atuaram, era recuperar a trama, escrever uma narrativa sobre aquela história. Muitos se tornaram “os rostos de Ferguson”²⁰⁸, capazes de vender livros autocentrados em suas excitantes experiências nas ruas. O mercado midiático esperava algo palatável e menos impróprio do que os mascarados saqueadores dos dias iniciais. Parecia que tudo havia passado a ser menos sobre Mike Brown, agora com sua biografia vilipendiada por jornais de todas as vertentes ideológicas e muito mais sobre quem seria alçado ao pedestal de “líder da revolução”. Quem teria um bom rosto para estampar a capa da *Time*? Quem possuía uma voz não-ruidosa e suficientemente capacitada para, eloquentemente, ensinar sobre o ocorrido a todos os brancos liberais de universidades como Harvard, Yale etc.? Quem poderia dissipar a raiva irracional negra e oferecer, apesar de tudo, uma *refinada* (sim, eu lembro o quanto o açúcar é a história da negritude!) narrativa de reforma, avanço, oportunidade e progresso?

Ferguson, certamente, inspirou os passos de muitas outras pessoas negras nos Estados Unidos e no mundo. Muitas delas sabiam que o grande trabalho a ser feito era aquele que se deve sustentar após a revolta. Elas recusavam a competição por status que o mercado de ativistas celebridades promovia. Elas sabiam na carne o pesado drama de quem efetivamente promove a ação direta. Elas sabiam dos perigos reais que todo aquele envolvimento trazia. Os dias quentes de agosto, certamente, povoavam suas memórias. Quantos foram os momentos em que acharam que algo iria realmente mudar? Poderia aquilo se repetir algum dia? Estariam dispostas novamente?

²⁰⁷ INSTITUTE FOR INTERGOVERNMENTAL RESEARCH. “After-Action Assessment of the Police Response to the August 2014 Demonstrations in Ferguson, Missouri.”, *COPS Office Critical Response Initiative*. Washington, DC: Office of Community Oriented Policing Services, 2015, p. 121-133, disponível em <https://www.policefoundation.org/wp-content/uploads/2018/08/After-Action-Assessment-of-the-Police-Response-to-the-August-2014-Demonstrations-in-Ferguson-Missouri.pdf>.

²⁰⁸ BELL, Kim. “Faces of Ferguson: Five years later”, *St. Louis Post-Dispatch*, 29 de julho de 2019, disponível em https://www.stltoday.com/news/local/metro/faces-of-ferguson-five-years-later/article_7987fc40-05b4-5ab2-bb2e-ec6d2dc8c9cb.html.

3 – “Por que todos nós não podemos nos dar bem?”²⁰⁹

Quais são, então, algumas das características do Racismo da Nova Geração [*NextGen Racism*]? Os nós de força caseiros foram atualizados para armas de fogo distribuídas pelo Estado. As táticas violentas de intimidação dos eleitores são substituídas pelas leis de identificação dos eleitores. O redlining sancionado pelo governo é sucedido por empréstimos predatórios. Políticas eugênicas hierárquicas dão lugar a tecnologias reprodutivas que permitem aos consumidores selecionar traços “socialmente desejáveis.” Essas atualizações pós-raciais parecem necessárias e até empoderadoras, e é exatamente isso que as torna tão eficazes para exacerbar a desigualdade.

Ruha Benjamin²¹⁰

Talvez isso soe muito estranho hoje, mas antes que tudo aquilo acontecesse, poucos foram capazes de imaginar que os moradores negros de Ferguson pudessem imprimir tamanha sedição em desafio à antinegitude. Ainda que cientistas políticos como Todd Swanstrom, da Universidade de Missouri-St. Louis, admitissem a possibilidade de que alguma revolta pudesse acontecer em North County, eram raros os inclinados a apontar Ferguson como um provável epicentro.²¹¹ Impróprios para a história do progresso democrático americano, grandes protestos negros costumam surpreender o campo disciplinar. Havia sido assim, em 1963, na reunião da *American Sociological Association*, que ocorria em Los Angeles, no mesmo dia da “Marcha Sobre Washington”, quando seu presidente Everett Hughes

²⁰⁹ O título desse capítulo remete a uma frase dita por Rodney King, um homem negro de 25 anos, que foi espancado por quatro policiais do Departamento de Polícia da Los Angeles após uma perseguição rodoviária em alta velocidade. Em seu primeiro pronunciamento após a imensa onda de revolta com a absolvição dos agentes de segurança, ele, ainda bastante abalado, apenas pediu paz e perguntou: “Por que todos nós não podemos nos dar bem?” Cf. SERKET. “Rodney King’s LA Riots Speech, May 1st 1992”. *Youtube*. 28 jun. 2019. 2min26s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tVidK2kagPA>> Acesso em: 20 dez. 2020.

²¹⁰ BENJAMIN, Ruha. “Innovating inequity: If race is a technology, postracialism is the Genius Bar”. *Ethnic and racial studies*, v. 39, n. 13, 2016, p. 2.

²¹¹ North County é uma descrição local para as dezenas de pequenas cidades que compõem a parte norte do condado de St. Louis, sendo Ferguson uma das maiores à época, com população estimada de 21.203 pessoas. UNITED STATES CENSUS BUREAU, disponível em <https://www.census.gov/quickfacts/fact/table/fergusoncitymissouri/POP010210>. Logo no início das manifestações, o repórter David von Drehle admitia: “St. Louis não é o primeiro lugar que a maioria dos americanos mencionaria quando questionados sobre uma cidade prestes a explodir. Mas o atrito é o resultado de duas superfícies se esfregando, e St. Louis sempre foi uma cidade onde as superfícies se encontram. Pode ser a cidade fronteira definitiva. Seu arco característico, marcando a Porta de Entrada para o Oeste, pretende nos lembrar que St. Louis é o lugar onde o Leste termina e o Oeste começa. Da mesma forma, seu equilíbrio próximo ao ponto médio do Mississippi marcava St. Louis como uma falha geológica entre o Norte e o Sul.” Ferguson, portanto, localizada no “coração da América”, parecia transbordar questões indesejáveis/impróprias/inconvenientes para o debate público da época. VON DREHLE, David. “The Long, Tangled Roots of the Michael Brown Shooting”, *Time*, 12 de agosto de 2014, disponível em <http://time.com/3104128/michael-brown-ferguson-cop-shooting-protests/>.

questionava: “Por que os sociólogos não previram a explosão da ação coletiva dos negros americanos em direção à integração imediata e plena na sociedade americana?”²¹²

Saidiya Hartman cita exemplos semelhantes em *Vidas Rebeldes, Belos Experimentos*, um livro centrado na “revolução da vida íntima negra”, que ocorria na Filadélfia e em Nova York, no início do século XX, com jovens mulheres negras experimentando formas de intimidade e parentesco indiferentes aos ditames da respeitabilidade, fora dos limites da lei. Para o saber sociológico disciplinar da época, explica Hartman, aquele tipo de comportamento atestaria a depravação e o descontrole daquelas garotas. Para os policiais, que invadiam residências à força e sem mandado, tal licenciosidade deveria ser motivo de constante vigilância e punição. Impróprias para a história, as jovens mulheres rebeldes passariam despercebidas por revolucionários socialistas negros, como Hubert Harrison, anarquistas reconhecidos, como Emma Goldman e Alexander Berkman, literatos que, “de maneira inovadora”, falavam sobre prazeres sexuais, como Henry Miller, ou mesmo por pretensos “líderes da raça”, como Paul Laurence Dunbar. Todos promoviam uma intensa ebulição no debate público, mas não conseguiram captar nem aquela “revolução em uma chave menor”, nem os projetos de futuro vislumbrados por aquelas jovens mulheres negras. Nesse sentido, de maneira semelhante à Esther Brown, uma “desordeira” personagem do livro de Hartman, muitos daqueles que *anarquicamente* protestavam em Ferguson, não estavam ali após terem escrito tratados políticos sobre abolição prisional ou precariedade urbana. Tal qual as meninas recuperadas pela narrativa de *Vidas Rebeldes, Belos Experimentos*, as suas condutas eram vistas como excessivamente *estranhas/desviantes/aberrantes* para que muitos pudessem notar algum potencial revolucionário.²¹³

Do mesmo modo que os exemplos citados, diversos dos feitos que a população negra de Ferguson conseguiu naqueles dias permaneceram na ordem daquilo que Michel-Rolph Trouillot, seguindo Pierre Bourdieu, definiu como o *impensável*. Escrevendo sobre a insurreição negra que agitou a colônia de Saint-Domingue e levou ao nascimento do Haiti independente, em 1804, o antropólogo haitiano notava como os observadores estrangeiros, poucos meses antes dos principais acontecimentos, foram incapazes de antever qualquer sedição. Para eles, ao contrário, os negros viviam “tranquilos e obedientes” em Saint-Domingue; a liberdade, que tomariam após violentas e radicais rebeliões, seria apenas “uma

²¹² apud BENJAMIN, Ruha. “Retomando nosso fôlego: Estudos de Ciência e Tecnologia, Teoria Racial Crítica e a imaginação carcerária”. In: Tarcízio Silva (org.) *Comunidades, Algoritmos e Ativismos: olhares afrodiáspóricos*. São Paulo: LiteraRUA, 2020, p. 13-14.

²¹³ HARTMAN, Saidiya. “A anarquia das garotas de cor reunidas na desordem”. In: *Vidas Rebeldes, Belos Experimentos: Histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encrenqueiras e queers radicais*. Tradução de Floresta. São Paulo: Fósforo Editora, 2022, p. 243-271.

quimera”. Duzentos e vinte quatro anos depois, a justificativa de que as manifestações dos negros só saíam da passividade devido à má influência de agitadores externos (com grupos anarquistas cumprindo o papel que brancos estrangeiros tiveram outrora em Saint-Domingue) iria se repetir em Ferguson.²¹⁴

Se seguirmos o interessante ensaio “*Life after Death*”, escrito por Clyde Woods, em 2002, entendemos que muito disso se deve à prematuridade com a qual diversos estudiosos das ciências sociais buscavam “prever a morte” de comunidades racializadas e empobrecidas. As limitações teóricas e metodológicas impostas por essas disciplinaridades terminavam circunscrevendo a descrição de várias dessas comunidades à presumidas deficiências culturais, falta de moralidade, ausência de modelos de comportamento, à presença de uma ideologia essencialista falida e a lideranças étnicas corruptas. Para Woods, era como se, nesses modelos epistêmicos, os pesquisadores estivessem se tornando “legistas acadêmicos”, cuja principal função seria considerar o homem afro-americano “como uma espécie em extinção”. Naquele contexto, muitos eram os que estavam mais interessados em “catalogar”/“dissecar” comunidades negras, do que em efetivamente “ouvir” os seus “objetos” de análise. Sociólogos, cientistas políticos, historiadores, jornalistas etc. pareciam não perceber o quanto isso era problemático. “As vozes que se esforçam para ser ouvidas são uma legião”, advertia Woods, “e nossa contribuição potencial [enquanto pesquisadores negros] é imensa”.²¹⁵

²¹⁴ Na página 136 do seu livro *Silenciando o passado*, Trouillot define o impensado dessa forma: “O impensável é aquilo que não se pode conceber dentro do espectro de alternativas possíveis, aquilo que perverte todas as respostas, porque desafia os termos em que as questões foram postas. Nesse sentido, a Revolução Haitiana era impensável em sua época: ela questionava o próprio quadro referencial dentro do qual proponentes e oponentes haviam examinado temas como raça, colonialismo e escravidão nas Américas.” De todo modo, vale a pena ler o capítulo completo, uma interessante análise sobre como a Revolução Haitiana foi subestimada, não esperada e, muito por isso mesmo, intencionalmente “esquecida”. Cf. TROUILLOT, Michel-Rolph. “Uma história impensável: a Revolução haitiana como um não evento”. In: *Silenciando o passado: Poder e a Produção da História*. Tradução de Sebastião Nascimento. Curitiba: huya, 2016, p. 121-179; esse capítulo é diretamente inspirado no trabalho de BOURDIEU, Pierre. *O Senso Prático*. Tradução de Maria Ferreira e Revisão de Odaci Luiz Coradini. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009; A ideia de “impensado” também é muito cara para a reflexão Afro-Pessimista. Uma interessante elaboração sobre o “impensado”, enquanto atrelado a uma condição da negritude frente ao mundo antinegro, é esboçada em HARTMAN, Saidiya; WILDERSON III, Frank B. “The Position of Unthought”. *Qui Parle*, v. 3, n. 2, 2003, p. 183-201. No que diz respeito à cobertura midiática das disparidades raciais locais, não é que a imprensa tenha ignorado totalmente o assunto nos anos anteriores. Em 2010, a *St. Louis Public Radio* havia lançado o projeto *St. Louis History in Black and White*, um compilado de entrevistas tentando entender como algumas pessoas viam emblemáticos casos locais envolvendo questões habitacionais. Passando por *Dred Scott vs. Sandford* (1857) e *Shelley vs. Kraemer* (1948), o projeto chegava até os primeiros anos do governo Obama. Cf. ST. LOUIS PUBLIC RADIO, “St. Louis History in Black & White”, disponível em <https://www.stlpublicradio.org/projects/black-white/>.

²¹⁵ WOODS, Clyde. “Life after Death”. *The Professional Geographer*, v. 54, n. 1, 2002, p. 63, 66. Aqui vale também conferir o meu próprio trabalho publicado na *Revista de História da Historiografia*, especialmente quando falo sobre Hortense Spillers, intelectual afro-americana que reclamava de coisas semelhantes no cenário acadêmico de finais dos anos 1980. PEREIRA, Allan K. *Escritas insubmissas: indisciplinando a*

Como já vimos, antes que tudo acontecesse e surpreendesse a América pós-racial, poucos foram aqueles capazes de ouvir o que os jovens negros impróprios para a história de Ferguson tinham a dizer.²¹⁶ O prefeito republicano James Knowles III foi taxativo em afirmar que “nunca acreditou que existisse uma divisão racial na comunidade” e que aquelas eram alegações “absolutamente ridículas”.²¹⁷ A *CBS News* – sem explicar exatamente quem eram e em quais bairros da cidade moravam suas fontes – informava que “moradores de Ferguson disseram que antes do tiroteio [sic] de sábado, as relações entre os cidadãos de lá e a polícia não eram um grande problema.”²¹⁸ Quem poderia apostar que aquele conjunto improvisado de negros pobres, muitos deles com pouca instrução acadêmica, pudessem oferecer um método de libertação do mundo antinegro?²¹⁹ Muitos não viam grandes feitos na vida dos jovens negros de Ferguson, comumente presos em duas armadilhas (*trap*): a “seleção” para uma defasada universidade ali perto (o que diante da antinegitude poderia significar muito mais um ciclo de dívidas do que de oportunidades²²⁰) ou a filiação em uma das várias gangues locais. “O que eles poderiam oferecer para a libertação do mundo antinegro?” Essa era uma pergunta *impensável* para muitos.

Reformadores sociais e sociólogos observavam/mapeavam a população negra e pobre daquela cidade tanto quanto a polícia massivamente branca: ambos decretavam-lhes um destino sombrio. Como imaginar, para retornar ao título do ensaio de Clyde Woods, que haveria uma “vida após a morte” para a população negra de Ferguson? Para muitos dos que disciplinavam militarmente ou academicamente aquelas pessoas, dos que as tentavam dissecar e expor os inúmeros elementos para sua condenação, a pobreza deixava-as para trás, atrasava-as de fato, até mesmo na capacidade de teorizar ou planejar demandas políticas. Por isso,

História com Hortense Spillers e Saidiya Hartman. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, v. 14, n. 36, p. 489-494, 2021, disponível em <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1719>.

²¹⁶ Isso é curioso, pois, como salienta Cathy J. Cohen, a juventude afro-americana era “o grupo mais atingido pela recessão econômica que começou em 2008”. No seu livro, através de diversas entrevistas com alguns desses jovens, Cohen consegue captar a insatisfação e o desamparo que sentiam com os rumos políticos e econômicos do país. Cf. COHEN, Cathy J. *Democracy Remixed: Black Youth and the Future of American Politics*. New York: Oxford University Press, 2010, p. 8

²¹⁷ TOPAZ, Jonathan. “Ferguson mayor: No ‘racial divide’”, *Politico*, 19 de agosto de 2014, disponível em <https://www.politico.com/story/2014/08/ferguson-mayor-james-knowles-race-110147>.

²¹⁸ CBS NEWS. “Police withholding name of officer in fatal Missouri shooting”, *CBS News*, 12 de agosto de 2014, disponível em <https://www.cbsnews.com/news/michael-brown-police-withholding-name-of-officer-in-fatal-mo-shooting/>.

²¹⁹ CASSELMAN, Ben. “The Poorest Corner of Town”, *Five Thirty Eight*, 26 de agosto de 2014, disponível em <https://fivethirtyeight.com/features/ferguson-missouri/>.

²²⁰ Cf. KELLEY, Robin D. G. “Thug Nation: On State Violence and Disposability”. In: *Policing the Planet: Why the Policing Crisis Led to Black Lives Matter*. Ed. Jordan T. Camp and Christina Heatherton. London: Verso, 2016, p. 31-32.

aquelas manifestações só poderiam ser lidas como “anárquicas”, “irracionais”, “intempestivas”, “inoportunas” ou, finalmente, “impróprias para a história”.

Ainda que fosse possível ver as mesmas máscaras do personagem Guy Fawkes²²¹ que manifestantes do *Occupy Wall Street* usavam em 2011, muitas pessoas em Ferguson não pareciam se colocar em uma continuação direta daquelas intervenções que ganharam escala global após o entusiasmo efusivo de diversos pensadores da esquerda contemporânea. A maioria delas, como já ressaltamos, não era composta de anarquistas organizados em coletivos, nem tinham *Direct Action: Na Ethnography* ou *Revolution in Reverse*, de David Graeber, como livros de cabeceira.²²² É provável que não conhecessem a biblioteca *online* com mais de 4.000 títulos do *Occupy*. Também não é de se imaginar que tivessem lido *A Hipótese Comunista*, do filósofo francês Alain Badiou, ou *Bem-estar comum*, dos teóricos políticos Michael Hardt e Antonio Negri, escritos em 2008 e 2009 respectivamente.²²³ Sim, era muito capaz que suas experiências não viessem do chão de fábrica, nem de reuniões acaloradas em sindicatos onde poderiam discutir uma futura revolução leninista, stalinista ou maoísta. O que mais parecia contar como experiência em termos de assembleia, por outro lado, eram os vários funerais de outros jovens negros como Mike Mike, os *slams* de rua, as batalhas de rap, as conversas que se davam no descanso entre uma partida de basquete com os vizinhos, os salões de cabeleireiro, ou vários outros momentos em que a dureza ou a beleza da vida poderia ser discutida/experimentada com seus semelhantes. Ora, como o saber disciplinar iria imaginar que esse tipo de laboratório social pudesse oferecer uma formação política capaz de mover estruturas? Impróprios para uma história maior acerca de revoluções futuras, esses modos de comunhão nas comunidades negras são esquecidos ou subvalorizados por muitos. Como explica Jack Habelstan, em introdução ao supracitado livro *The Undercommons*, de

²²¹ Do filme *V de Vingança*, de 2005, inspirado em um soldado inglês católico que participou da “Conspiração da Pólvora”, em 1605, onde teria tentado matar o rei protestante Jaime I. A máscara que ele usa no filme, especialmente após o *Occupy Wall Street*, se transformou em um símbolo de contestação ao Estado apropriado por ativistas no mundo todo. Cf. NICKELSBURG, Monica. “A brief history of Guy Fawkes mask”, *The Week*, 8 de janeiro de 2015, disponível em <https://theweek.com/articles/463151/brief-history-guy-fawkes-mask>.

²²² David Graeber foi um professor de antropologia norte-americano da Goldsmiths, de Londres. Ele se engajou ativamente no que viria a se tornar a ocupação do Zuccotti Park, em Wall Street. A ele também é creditado, em grande parte, o slogan “Nós somos os 99%”. Cf. GRAEBER, David. *Direct Action: An Ethnography*. Oakland, CA: AK Press, 2009.

²²³ Cf. BADIOU, Alain. *A hipótese comunista*. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2012 e HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Bem-estar comum*. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2016.

Fred Moten e Stefano Harney, o “estudo preto” segue por outros rastros, inventa outros caminhos que não exatamente os da formalidade acadêmica. A “aprendizagem preta” é muito mais fugitiva, e, por esse motivo, entra muito menos nos registros logocêntricos do saber. É muito mais uma forma que “têm a ver com o alcance da ligação; trata-se de fazer causa comum com a quebradura do ser”.²²⁴

Era provável que a carência de uma formação política tradicional, ou a falta de um engajamento precedente em universidades e debates semelhantes, imputasse a muitos dos revoltosos de Ferguson um aspecto *intratável*. Embora grande parte dos intelectuais das esquerdas, à época, estivesse disposta a refletir sobre a “democracia dos 99%”, esses pareciam ter consideráveis limitações em adentrar nas especificidades raciais e de gênero desse conjunto maior. A jornalista negra Stacey Patton, já na época do *Occupy*, levantava sérios questionamentos sobre a falta de representação dos negros naquelas manifestações.²²⁵ Naquele contexto, podíamos ver o filósofo e linguista Noam Chomsky bastante entusiasmado: “nunca tinha visto algo sequer semelhante ao movimento *Occupy*, seja em sua dimensão ou em sua natureza, aqui ou em qualquer outra parte do mundo.” Aquele “momento significativo na história dos Estados Unidos”, segundo o experiente professor, seria uma oportunidade única para imaginar um futuro coletivo em um contexto no qual os elevados níveis de desemprego, a concentração de renda, a ameaça nuclear e climática só trazia desesperança. Que ele considerasse os protestos como a “primeira reação popular de grande porte capaz de tornar possível a mudança na dinâmica das coisas” só confirma a invisibilidade que tinham as

²²⁴ HABELSTAN, Jack. “The Wild Beyond: Whith and For the Unedrcommons”. In: Stefano Harney e Fred Moten. *The Undercommons: Fugitive Planning & Black Study*. New York: Minor Compositions, 2013, p. 5.

²²⁵ PATTON, Stacey. “Why blacks aren’t embracing Occupy Wall Street”, *The Washington Post*, 25 de novembro de 2011, disponível em https://www.washingtonpost.com/opinions/why-blacks-arent-embracing-occupy-wall-street/2011/11/16/gIQAwc3FwN_story.html. Uma das questões deflagadoras do *Occupy* foi, com justiça, a maléfica simbiose entre o capitalismo desregulado do neoliberalismo representado por *Wall Street* e a dívida estudantil dos manifestantes (em sua maioria brancos) que ocupavam o Zuccoti Park naqueles dias. Como analisava Emahunn Raheem Campbell, num contexto onde 1/3 dos homens negros eram detidos ou presos em suas vidas, onde tinham duas vezes mais probabilidade de visitar uma cela prisional do que uma sala de aula, não é tão complicado de imaginar a dificuldade que tinham em se engajar com as demandas do *Occupy*. CAMPBELL, Emahunn Raheem. “A Critique of the Occupy Movement from a Black Occupier”. *The Black Scholar: Journal of Black Studies and Research*, v. 4, n. 4, 2011, p. 44. Por isso, uma dissidência do *Occupy Boston* intitulada *Occupy the Hood* foi tão relevante ao enfatizar o quanto o “racismo e o privilégio branco” eram “obstáculos para o progresso” no interior dos “99%”. Eles reclamavam principalmente da insistência que muitos organizadores brancos tinham de tratar as forças policiais de repressão como eventuais “aliados”, como uma parte dos “99%”, como um setor da “classe trabalhadora” que precisava “ser conscientizado”. Cf. STRAUSS, Jesse. “‘Occupy the Hood’: Including all of the 99%”, *AlJazeera*, 10 de outubro de 2011, disponível em <https://www.aljazeera.com/features/2011/10/10/occupy-the-hood-including-all-of-the-99>. De todo modo, as manifestações do *Occupy* serviram como uma espécie de laboratório que daria legitimidade para um massivo investimento governamental em contrainsurgência. Como vimos no capítulo anterior, as manifestações (que iriam ocorrer em comunidades negras), como Ferguson, iriam sofrer de forma decisiva com essa hipermilitarização das forças de segurança.

demandas radicais negras contra o capitalismo racial nas análises de alguns autores da esquerda.²²⁶

Em perspectiva semelhante, David Graeber considerava o *Occupy* um enorme sucesso, comparando todo aquele movimento com os levantes globais de 1968 e a Comuna de Paris, em 1848.²²⁷ Com empolgação ainda maior, Rebecca Solnit definiria o *Occupy* como “um movimento bonito, porque a definição de ‘nós’ como os 99% era muito mais inclusiva do que quase qualquer coisa feita antes, sejam movimentos focados em raça ou gênero...”.²²⁸ Em painéis como o *Understanding Occupy Wall Street*, organizado por alunos da Universidade de Columbia, em 26 de outubro de 2011, uma de suas participantes, a socióloga Saskia Sassen, argumentava que “o resultado mais urgente” que vinha do Zuccoti Park, “era o sinal claro que ele envia a uma grande parte da América de que algo está fundamentalmente errado”.²²⁹ Como advertia Nathalie Thandiwe: “Os negros historicamente sofreram com a desigualdade de renda e a escassez de empregos contra os quais os manifestantes de Wall Street estão agora protestando.”²³⁰ Muitos, de fato, até concordariam com a sentença da professora Sassen, de que “são os impotentes que fazem história”, porém, assistindo àqueles jovens corajosamente lutarem em nome “da democracia participativa”, “do futuro” e “dos 99%”, eles não podiam deixar de ver que ali, também, estava em ação um cínico e seletivo espetáculo de revolta.²³¹

Os motins de Ferguson, por outro lado, poderiam muito bem ser considerados como uma alternativa *para além* ou *apesar do* pensamento político de grande parte dos escritores que aconselharam/inspiraram os manifestantes do Zuccoti Park. Eles não somente eram

²²⁶ CHOMSKY, Noam. “Occupy The Future”, *In These Times*, 1 de novembro de 2011, disponível em <https://inthesetimes.com/article/occupy-the-future>.

²²⁷ GRAEBER, David. *The Democracy Project*, New York: Spiegel and Grau, 2013.

²²⁸ SOLNIT, Rebecca. “Foreword”. In: Nathan Schneider, *Thank You Anarchy: Notes from the Occupy Apocalypse*. Berkeley: University of California Press, 2013. p. xi.

²²⁹ CODREA-RADO, Anna. “Where Are The Intellectuals? An Essay on Occupy Wall Street”, *The Brooklyn Ink.*, 1 de novembro de 2011, disponível em <http://brooklynink.org/2011/11/01/34004-where-are-the-intellectuals-an-essay-on-occupy-wall-street/>.

²³⁰ apud PATTON, Stacey. “Why blacks aren’t embracing Occupy Wall Street”, *The Washington Post*, 25 de novembro de 2011, disponível em https://www.washingtonpost.com/opinions/why-blacks-arent-embracing-occupy-wall-street/2011/11/16/gIQAwc3FwN_story.html.

²³¹ Essa fala de Saskia Sassen está presente em BWOG COLUMBIA STUDENT NEWS. “LectureHop: Understanding OWS”, 27 de outubro de 2011, disponível em <https://bwog.com/2011/10/lecturehop-understanding-ows/>. É importante ressaltar que uma das maiores manifestações dos primeiros dias do *Occupy* se deu após intenso engajamento de manifestantes negros, revoltados que estavam com a execução do prisioneiro Troy Davis, um homem negro que estava no corredor da morte há 20 anos, acusado da morte do policial branco Mark MacPhail, em um processo lotado de vícios judiciais e ausência de provas robustas quanto a culpabilidade de Davis. A multidão obstinada com mais de 2000 pessoas, que marchou da Union Square até Wall Street, em 22 de setembro, curiosamente, é pouquíssimo comentada nas análises de maior destaque sobre os eventos. Imprópria para a história que buscavam contar, aquela era uma modalidade de enfrentamento que guardava notáveis semelhanças com o que viria a ser o *Occupy the Hood* e a revolta de Ferguson. DEVEREAUX, Ryan. “Troy Davis Protesters Occupy Wall Street”, *New America Media*, 26 de setembro de 2011, disponível em <https://www.facingsouth.org/2011/09/troy-davis-protesters-occupy-wall-street.html>.

indesejáveis para a política da respeitabilidade negra, como chegavam, até mesmo, a escapar (tomar outra rota, fugir, recusar o caminho padrão) das gramáticas revolucionárias da esquerda de então. Eles questionavam, sem teorizar em revistas acadêmicas ou em livros publicados por renomadas editoras universitárias, por que a mudança revolucionária, tão almejada diante da ameaça de “domínio do pleno espectro” do neoliberalismo financeiro, se pareceria necessariamente com o *Occupy*, racialmente tão pouco diversa na participação dos manifestantes e em suas pautas. Pensar o *Occupy* como o verdadeiro “despertar”, “a greve geral que todos estavam esperando”, ou o início de uma “revolução nunca vista”, apenas ecoava um padrão de interpretação da política e da história onde primordialmente homens brancos, cis e heterossexuais, aparecem em lugar de destaque.

Nesse sentido, era curioso que o filósofo esloveno Slavoj Žižek considerasse que o grande mérito do *Occupy* estava na hipótese de que: “depois de abandonar o chamado ‘essencialismo da luta de classes’ pela pluralidade das lutas antirracistas, feministas etc., o ‘capitalismo’ agora está ressurgindo claramente como o nome *do* problema.”²³² Como não imaginar que a grande rebelião de Ferguson contradizia essa centralidade estabelecida por Žižek (e tantos outros analistas do *Occupy*) aos aspectos econômicos, lidos aqui quase que como “os motores” das revoltas de massa? Žižek, posteriormente, chegou a afirmar que a explosiva “negatividade abstrata”, ou seja, a violência crua e desprovida de objetivo dos revoltosos de Ferguson, funcionava como um “desatamento”, um exemplo da “violência divina” teorizada pelo filósofo Walter Benjamin, “um grau zero que abre o espaço para a intervenção política.” Afinal, se “carnavais não são baratos”, era preciso (e aí os intelectuais teriam suma importância, acreditava ele) dar “um passo além”, realizar uma movimentação que fosse capaz de superar as “vagas reivindicações de justiça” e se comprometesse com um novo projeto (o que ele descrevia como um “significante-mestre”).²³³ Um “novo projeto” que,

²³² ŽIŽEK, Slavoj. “O violento silêncio de um novo começo”. In: *Occupy: movimentos de protestos que ganharam as ruas*. Tradução de Fernando Marcelino e Chrysantho Sholl. São Paulo: Boitempo/Carta Maior, 2012a, p. 16.

²³³ ŽIŽEK, Slavoj. “Violência policial e violência divina”. Tradução Arthur Renzo, *Blog da Boitempo*, 07 de agosto de 2015, disponível em <https://blogdaboitempo.com.br/2015/08/07/zizek-violencia-policial-e-violencia-divina/>. Comentando sobre o *Occupy*, Žižek defendia que o papel dos intelectuais naquele movimento deveria ser semelhante ao dos analistas na psicanálise, ou seja, estariam encarregados de colocar perguntas que pudessem conduzir a multidão ruidosa à proposições efetivas e transparentes. ŽIŽEK, Slavoj. “Occupy Wall Street: what is to be done next?”, *The Guardian*, 24 de abril de 2012b, disponível em <https://www.theguardian.com/commentisfree/cifamerica/2012/apr/24/occupy-wall-street-what-is-to-be-done-next>. De fato, nos primeiros dias, tanto do *Occupy*, quanto de Ferguson, pairavam dúvidas em muitas pessoas sobre a quem deveriam ouvir. Os vários representantes da intelectualidade política tentando pacificar/controlar os protestos? Ou as pessoas que obstinamente/ruidosamente/anarquicamente atuavam naquela rebelião? A visão que tinham da respeitabilidade enformava decididamente a opinião que cada uma tinha sobre isso.

em se tratando de Žižek, dificilmente assumiria uma dimensão racial (alguns negativamente diriam “identitária”) centralizada.²³⁴

Aqui é interessante pensar o quanto o *Occupy* (o que seriam seus erros e acertos na aceção de alguns pensadores da teoria política) lançou uma pesada responsabilidade sobre as pessoas que manifestavam em Ferguson para que “fizessem a coisa certa”. A leitura do tempo, nesse caso, remetia à ideia de que uma diminuição das condutas *anárquicas*, uma maior organização de princípios futuros e o estabelecimento de lideranças focadas contribuiriam diretamente para a permanência de suas pautas na agenda política nacional. Já nas primeiras cenas que viram de Ferguson, muitos daqueles que passaram a cobrar/ditar os caminhos que a esquerda pós-*Occupy* deveria seguir ficaram absolutamente estupefados/decepcionados. Para uma história a ser trilhada por cidadãos ativistas exemplares, Ferguson parecia ser muito imprópria. “Não haviam aprendido nada com tantas experiências globais?!” “Por que retomavam um modelo de radicalidade racial que em nada poderia ajudar às políticas de coalizões, apontadas como o futuro dos movimentos sociais em um contexto de avanço neoliberal?!” O ideal pós-racial, pelo visto, estava impregnado nas gramáticas de

²³⁴ Cf. ZALLOUA, Zahi. *Žižek on Race: Toward an Anti-Racist Future*. London: Bloomsbury, 2020. O livro de Zallooua consegue fazer uma extensa reflexão sobre como as teorias de Žižek respondem ou não a questões raciais, com especial atenção para a teoria Afro-Pessimista. Para Denise Ferreira da Silva, tanto Slavoj Žižek e Alain Badiou, quanto diversos pensadores da esquerda contemporânea, ao lerem o que ela chama de “eventos raciais” (o trabalho do aparato ético e jurídico do capital global, através da violência simbólica ou total), replicam uma versão do argumento de Marx para o qual “o colonial não desempenha um papel na acumulação do capital”. Para a filósofa, esses autores não têm conseguido pensar a partir do (ou com o) “Outro Racial” (que ela chama de “a criação mais significativa do pensamento moderno”). Centrados que ainda estão em um “pensamento linear, ou unidimensional” e na lógica de diferença cultural (esta apoiada em abordagens sociológicas seminais acerca da subjugação racial estabelecidas durante o século XX), tais pensadores da esquerda: “continuam a repetir consistentemente um padrão insidioso de pensamento moderno que considera o racial como um referente de um outro tempo e lugar, um vestígio ideológico do passado colonial”. Segundo Denise da Silva, é como se tais autores considerassem que “as arquiteturas de violência simbólica e total” que produzem a figura do Outro Racial/Cultural da Europa não possuíssem relevância jurídica e econômica nos desdobramentos da atualidade global. Cf. FERREIRA da SILVA, Denise. “Pensamento Fractal”. Tradução: Mariana dos Santos e Nicolau Galvão. *Plural: Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo*, v. 27, n. 1, 2020, p. 210. Cf. também: FERREIRA da SILVA, Denise. *Toward a Global Idea of Race*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2007. Sobre os limites das políticas de coalização, a chave interpretativa Afro-Pessimista tem dedicado análises contundentes. Cf. WILDERSON III, Frank. “Gramsci’s Black Marx: Whither the Slave in Civil Society?”. *Social Identities: Journal for the Study of Race, Nation and Culture*, v. 9, n. 2, 2010a, p. 225-240; WILDERSON III, Frank. *Red, White and Black: Cinema and the Structure of US Antagonisms*. Durham: Duke University Press, 2010b; WILDERSON III, Frank. *Afropessimismo*. Tradução de Rogério Galindo. São Paulo: Editora Todavia, 2021; MALAKLOU, M. Shadee. “Dilemmas of Coalition and the Chronopolitics of Man”. *Theory and Event*, v. 21, n. 1, Special Issue: Afro-pessimism and Black Feminism, 2018, p. 215-258; ZIYAD, Hari. “Solidarity can’t work without understanding that Blackness has a role in every struggle”, *The Black Youth Project*, 18 de abril de 2017b, disponível em <http://blackyouthproject.com/solidarity-cant-work-without-understanding-blackness-role-every-struggle/>; SEXTON, Jared. “Properties of Coalition: Blacks, Asians, and the Politics of Policing”. *Critical Sociology*, v. 36, n. 1, 2010, p. 87-108; VARGAS, João H. Costa. “Racismo não da conta: antinegitude, a dinâmica ontológica e social definidora da modernidade”. *Em Pauta*. Rio de Janeiro, 2020, n. 45, v. 18, p. 16-26; VARGAS, João H. Costa. *The Denial of Antiracism: Multiracial Redemption and Black Suffering*. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press, 2018.

revolta da esquerda de uma forma que poucos conseguiam assumir. Ferguson, nesse sentido, foi um evento muito especial para se refletir o quão difícil era viver num tempo onde diziam que todos, para parafrasear a frase de Rodney King que dá título a esse capítulo, “poderíamos nos dar bem”.

“O Racismo na América Acabou”, assim intitulava-se o editorial da *Forbes* em 30 dezembro de 2008, que ainda completava: “este é o tempo em que nós podemos nos dar ao luxo de deixar que o passado seja o passado”.²³⁵ Phillip Morris pronunciava no *Cleveland Plain Revendedor*: “a América fez sua parte. Sem um piscar de olhos, acabamos de corajosamente inaugurar uma nova era pós-racial”.²³⁶ O sociólogo negro Elijah Anderson, de Yale, mantinha expectativa semelhante: “Agora temos uma noção do futuro”.²³⁷ Juan Williams, em artigo no *New York Times* sintetizava: “Sr. Obama está na vanguarda de um novo tipo de política multirracial. Ele está pedindo aos eleitores que se movam com ele para além da raça e para além do movimento dos direitos civis, rumo a uma política de valores compartilhados”.²³⁸ Tal entusiasmo era sentido até mesmo em políticos conservadores, como o ex-prefeito de Nova York, Rupolph Giuliani: “conseguimos fazer história hoje à noite e nos movemos para além [de] toda a ideia de raça/separação racial e injustiça”.²³⁹

Diante da vitória eleitoral de Obama, o passado era frequentemente evocado e vinculado na forma de legado e superação. Em uma charge de Riber Hansson (fig. 11) intitulada “Obama e membro resignado da KKK”, vemos o presidente ultrapassando um triste Klansman antes de chegar à Casa Branca, exemplificando como aquele era um momento carregado de referências à superação dos tempos da Escravidão, da segregação de *Jim Crow* e do terrorismo doméstico de grupos supremacistas brancos.

²³⁵ MCWHORTER, John. “Racism in America Is Over”, *Forbes*, 30 de dezembro de 2008, disponível em https://www.forbes.com/2008/12/30/end-of-racism-oped-cx_jm_1230mcwhorter.html.

²³⁶ MORRIS, Phillip. “America Begins its Journey into a Post-Racial Era”, *Cleveland Plain Dealer*, 6 de novembro de 2008, disponível em https://www.cleveland.com/morris/2008/11/philip_morris_america_begins.html.

²³⁷ VERINI, James. “Is There an ‘Obama Effect’ on Crime?” *Slate*, 5 de outubro de 2011, disponível em <https://slate.com/news-and-politics/2011/10/the-obama-effect-a-surprising-new-theory-for-the-continuing-crime-decline-among-black-americans.html>.

²³⁸ WILLIAMS, Juan. “Obama’s Color Line.” *New York Times*, 30 de novembro de 2007, disponível em <https://www.nytimes.com/2007/11/30/opinion/30williams.html>.

²³⁹ apud WISE, Tim. *Between Barack and a Hard Place: Racism and White Denial in the Age of Obama*, San Francisco: City Lights Books, 2009, p. 26.



Figura 11 – Resignado membro da KKK, já sem fósforos para queimar sua cruz supremacista, é ultrapassado pelo recém eleito presidente Obama, que caminha imponente rumo à Casa Branca e ao futuro pós-racial. Fonte: Riber Hansson.²⁴⁰

Todo um conjunto de narrativas amparavam o entendimento de que a vitória do primeiro presidente negro indicava o fim de uma antiquada e divisiva política racial, que taxava os Estados Unidos com uma pecha de país racista e que se recusava a dar às minorias qualquer possibilidade de ascensão.²⁴¹ Mesmo a Suprema Corte parecia seguir esse entendimento, quando derrubou, em junho de 2013, uma série de cláusulas importantes da Lei de Direitos de Voto, de 1965, permitindo que nove estados (em sua maioria sulistas) modificassem a legislação eleitoral em detrimento das diretrizes federais antidiscriminatórias. Parte desse argumento citava justamente os êxitos de figuras negras destacadas como Obama, vistos como confirmações definitivas de que o tempo havia passado, de que as feridas haviam sido superadas, de que o país havia “mudado drasticamente”, como sentenciava o magistrado John Roberts.²⁴²

Alana Lentin argumenta que o refrão “Missão Cumprida”, para se referir ao término das discórdias raciais, foi, inclusive, bradado efusivamente por uma grande parte da centro-esquerda, que creditou à sua postura progressista e dedicada aquele avanço democrático

²⁴⁰ Disponível em <https://politicalcartoons.com/sku/57426>.

²⁴¹ CRENSHAW, Kimberlé. “Race to the Bottom: How the post-racial revolution became a whitewash.” *The Baffler*, no. 35, 2017, disponível em: <https://thebaffler.com/salvos/race-to-bottom-crenshaw#footnote6>.

²⁴² BERMAN, Ari. “Inside John Roberts’ Decades-Long Crusade Against the Voting Rights Act”, *Politico*, 10 de agosto de 2015, disponível em <https://www.politico.com/magazine/story/2015/08/john-roberts-voting-rights-act-121222/>.

espetacular. O racismo, para muitos, a partir de então, seria visto como uma irracionalidade do passado finalmente superada. Ao mesmo tempo, segue Lentin, para aqueles ideologicamente à direita, a eleição de Obama provava não apenas que as queixas raciais eram exageradas nos Estados Unidos, mas que, devido ao apoio desmedido às minorias no pós-direitos civis, era a “maioria branca excluída” quem realmente vinha sendo discriminada.²⁴³ Visto como uma conquista superlativa, aquele momento serviu para que episódios marcados por distintas formas de racismo antinegitude fossem, como afirmou Kimberlé Crenshaw, “reduzidos a peso morto histórico”.²⁴⁴

É preciso destacar, entretanto, que interpretações políticas do tempo, baseadas em uma superação dos antagonismos raciais, não eram exatamente uma novidade no debate público norte-americano. Richard Iton comenta como no pós-Guerra Fria um conjunto de discursos “forçados, subsidiados e, subsequentemente, protegidos” se impôs nas comunidades negras para naturalizar e internalizar uma noção de tempo teleológica, marcada pela ideia de avanço, de que a real preocupação a partir de então deveria ser manter direitos civis e de cidadania conquistados, ficar com os “olhos no prêmio”, valorizar a eleição de negros para o Congresso, apoiar os prefeitos e comissários de polícia negros, etc. Dessa forma, era aconselhável um compromisso político em “não ser rude”, era preferível condutas mais moderadas, mesmo que elas se colocassem à disposição de narrativas e práticas dominantes “paradoxalmente reenergizadas por um esgotamento da política”. Em suma, tratava-se de uma política “bastante compatível e na verdade cúmplice da noção de excepcionalismo americano e do falso pós-europeísmo”.²⁴⁵ Impróprias para a história, as formas de política transgressivas deveriam ser combatidas (nesse sentido as alegações de anacronismo tiveram um papel preponderante) dentro da própria cultura política afro-americana.

Esse é um contexto em que impera uma ordem “pós-política” e “pós-ativista”, no qual o “Fim da História” cria a impressão de que as “soluções” neoliberais avançavam em paralelo com a distribuição meritocrática de oportunidades. É um momento também em que as “novas esquerdas” deveriam “aderir ao bom-senso” e aceitar a “necessidade” de decisões “responsáveis” na economia, ou seja, austeridade e desinvestimento público como o “novo normal”. Centrada em um “individualismo possessivo”, a era “pós-política” parte do

²⁴³ LENTIN, Alana. “Post-Race, Post-Politics: The Paradoxical Rise of Culture after Multiculturalism”. *Ethnic and Racial Studies*, v. 37, n. 8, 2012, p. 1269.

²⁴⁴ CRENSHAW, Kimberlé. “Race to the Bottom: How the post-racial revolution became a whitewash”. *The Baffler*, n. 35, 2017, disponível em: <https://thebaffler.com/salvos/race-to-bottom-crenshaw#footnote6>.

²⁴⁵ ITON, Richard. “Still Life”. *Small Axe*, v. 17, n. 1, 2013, p. 29-30. Para entender essa percepção vale também conferir NEAL, Mark Anthony. *Soul Babies: Black Popular Culture and the Post-Soul Aesthetic*. New York: Routledge, 2002.

pressuposto discursivo de que é essencial desmobilizar o ativismo radical pelo cansaço, pelo medo: “impossível”, “não há alternativa” (a famosa frase de Margaret Thatcher), ou, em alguns casos, cinicamente argumentar que “não há do que reclamar”, “não podemos mais pensar em utopias”, etc. Então, claro, histórias de injustiça, violações e desigualdade eram, cada vez mais, consideradas impróprias. De tão inconvenientes e estranhas, eram declinadas em acentuado descrédito.²⁴⁶

O teórico da cultura visual W.J.T. Mitchell, pontua que aquele é um contexto de significativo “declínio da identidade racial”, uma percepção político-cultural reforçada “pela tendência das novas mídias de minar a especificidade do *medium* e a identidade pessoal ou física, seja como uma questão de corpos ou linhagens de sangue”.²⁴⁷ “A Nova Face da América”, a capa da revista *Time*, de novembro de 1993, já previa o quanto os Estados Unidos projetavam um futuro definido por miscigenação racial e políticas multiculturais que tornariam os debates raciais ainda mais obsoletos. (fig. 12).

²⁴⁶ Cf. RASBERRY, Vaughn. “Black Cultural Politics at the End of History”. *American Literary History*, v. 24, n. 4, 2012, p. 796-813. Sobre a cultura do medo no imaginário político negro dos Estados Unidos, cf. ABU-JAMAL, Mumia. “The Industry of Fear”. *Social Justice*. v. 27, n. 3, 2000, p. 22-24.

²⁴⁷ MITCHELL, W. J. T. *Seeing through Race*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2012, p. 28.



Figura 12 – “A Nova Face da América: Como os Imigrantes estão moldando a primeira sociedade multicultural do mundo”, capa da revista *Time* em 18 de novembro de 1993, apontaria o futuro de uma nação multicultural/pós-racial. Acreditavam que assim que uma mulher se pareceria com várias raças diferentes em sua linhagem. Fonte: Ted Thai/*Time*.²⁴⁸

Nesse sentido, em 2008, poucos meses antes da eleição de Obama, Thomas Tseng, diretor e cofundador da agência de consultoria e pesquisa de mercado *New American Dimensions*, escrevia para a *New Geography* um curto artigo com dados indicando que os *millennials* seriam “a chave” para cumprir a promessa dessa “América pós-étnica”. Afastando-se dos constrangimentos ativistas do movimento dos direitos civis, suas práticas culturais (gostos musicais, predisposição à relacionamentos inter-raciais, etc.) indicariam um excitante prognóstico em que as “antiquadas categorias étnico-raciais” seriam, finalmente,

²⁴⁸ Disponível em <http://content.time.com/time/covers/0,16641,19931118,00.html>.

abandonadas.²⁴⁹ O mais curioso é que esse não era exatamente um discurso de superação do passado ligado exclusivamente à direita norte-americana. Prova disso é que grande parte da empolgação que o então candidato Barack Obama causou entre os setores progressistas se devia, justamente, a sua peculiar capacidade de, enquanto um “negro não descendente de escravos”, performar politicamente a ideia de ser um “mensageiro mestiço” (*mixed messenger*)²⁵⁰, capaz de “transcender a divisão racial com facilidade”.²⁵¹ Mesmo seu porta-voz, em 2007, reconhecia o quanto aquele seria um valor interessante para o futuro nacional: “É uma verdadeira medida de progresso que a descendente de um proprietário de escravos viesse a se casar com um estudante do Quênia e tivessem um filho que cresceria para ser candidato a presidente dos Estados Unidos”.²⁵² Nesse entendimento, a raça passa a ser vista como uma espécie de peça de vestuário, que pode ser colocada e tirada sempre que se achar necessário e conveniente. Como pontua Marcia Dawkins: “por causa de sua suposta superpotência para transcender à raça, as pessoas mestiças são apontadas como uma nova minoria modelo e podem ser apoiadas visando-se o ataque de outros grupos de cor”.²⁵³

Em um famoso discurso intitulado “Uma nação”, Obama, o “mensageiro mestiço” ideal para aqueles tempos, tentava distanciar os Estados Unidos de um passado “definido pela linha de cor” ao exaltar uma modalidade de transcendência racial que apenas o excepcional destino norte-americano teria condições de alcançar. Sua (re)interpretação da história dos Estados Unidos era uma forma de descredibilizar qualquer radicalismo negro como impróprio para a história do progresso nacional.²⁵⁴ Isso ficou pulsante nos comentários que ele fez sobre a carta de Na’Dreya Lattimore (“uma garota de 10 anos, mais ou menos da mesma idade que

²⁴⁹ TSENG, Thomas. “Millennials: Key to Post-Ethnic America?”, *New Geography*, 30 de julho de 2008, disponível em <http://www.newgeography.com/content/00137-millennials-key-post-ethnic-america>.

²⁵⁰ ORENSTEIN, Peggy. “Mixed Messenger,” *New York Times*, 28 de Março de 2008, disponível em: <https://www.nytimes.com/2008/03/23/magazine/23wwln-lede-t.html>. “Não descendente de escravos”, nesse caso, refere-se ao fato de Obama ser filho de um imigrante queniano com uma mulher branca do Kansas.

²⁵¹ KLEIN, Joe. “Why Barack Obama Could Be the Next President”, *Time*, 23 de Outubro de 2006, disponível em: <http://content.time.com/time/covers/0,16641,20061023,00.html>.

²⁵² NITKIN, David; MERRITT, Harry. “A new twist to an intriguing family history”, *Baltimore Sun*, 02 de março de 2007, disponível em: <https://www.baltimoresun.com/news/bal-te.obama02mar02-story.html>.

²⁵³ DAWKINS, Marcia. “Mixed Messages: Barack Obama and Post-Racial politics”. *Spectator*, v.30, n. 2, 2010. p. 10. Para Jared Sexton, o avanço do multiculturalismo nos modos de governar dos Estados Unidos está intimamente relacionado com sujeições antinegras de longa data e prescrições normativas para a sexualidade. Dando especial atenção para os melodramáticos debates midiáticos sobre “o escurecimento da América”, Sexton pensa o multiculturalismo como uma ardilosa força conservadora e reacionária cuja intenção, basicamente, seria desmantelar a política radical negra e feminista. Cf. SEXTON, Jared. *Amalgamation Schemes: Antiblackness and the Critique of Multiracialism*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.

²⁵⁴ Cf. RODRIGUEZ, Dylan. “Multiculturalist White Supremacy and the Substructure of the Body”. In: *Corpus: An interdisciplinary reader on bodies and knowledge*. CASPER, Monica; CURRAH, Paisley (eds.). New York: Palgrave Macmillan, 2011.

Sasha [sua filha]”) no encerramento de seu discurso, na *National Urban League*, em 2010. Sobre a epístola, o já presidente contava que a menina havia relatado

como sua escola havia fechado, então ela se matriculou em outra. Então ela se deparou com outras barreiras ao que sentia ser seu potencial. Então Na’Dreya estava me explicando como precisamos melhorar nosso sistema educacional. Ela fechou dizendo o seguinte: “Mais uma coisa”, disse ela. (Risos.) Era uma carta longa. (Risos.) “Você precisa nos olhar de maneira diferente. Não somos negros, não somos brancos, birraciais, hispânicos, asiáticos ou qualquer outra nacionalidade.” Não, ela escreveu – “Nós somos o futuro.” (Aplausos). Na’Dreya, você está certa.²⁵⁵

Sua leitura parecia não problematizar por que a escola da garota havia sido fechada, nem quais foram as “outras barreiras” que atrapalharam a menina quando teve que mudar o lugar onde estudava. A forma despojada com a qual sua ótima oratória conta a história é uma interessante estratégia para que ele conclua seu relato com mais um de seus habituais chamados ao futuro. Que os seus interlocutores, naquela ocasião, fizessem parte de uma organização de direitos civis voltada às comunidades afro-americanas, apenas dá conta de como seu discurso estava firmemente amparado nesse ideal pós-racial crescente.

Indo além das corriqueiras leituras que posicionam o pós-racial enquanto um fenômeno epocal que se desenvolve em paralelo ao avanço neoliberal da década de 1970, o professor de estudos culturais e midiáticos Dylan Rodriguez elabora o conceito de “pós-racialidade” [*post-raciality*]. Enquanto uma política do tempo, a “pós-racialidade” marcaria uma forma de pensar a relação entre o passado e o presente afro-americano, que “tanto precede historicamente quanto condiciona discursivamente a cristalização de rubricas políticas e retóricas pós-raciais”.²⁵⁶ Na contramão do otimismo nacionalista *colorblindness*, Rodriguez vai argumentar que a contemporaneidade dos Estados Unidos não é marcada pela obsolescência social do racismo (e da raça). Para o autor, a Supremacia Branca, em sua permutabilidade e tendência a se globalizar, funciona como “um *continuum* genealógico-político e social fenotípico”, ao invés de uma prática característica de um período de tempo

²⁵⁵ OBAMA, Barack. “Remarks by the President on Education Reform at the National Urban League Centennial Conference”, *The White House Office Press Secretary*, 29 de julho de 2010, disponível em <https://obamawhitehouse.archives.gov/the-press-office/remarks-president-education-reform-national-urban-league-centennial-conference>.

²⁵⁶ RODRIGUEZ, Dylan. “Goldwater’s left hand: Post-raciality and the roots of the post-racial racist state”, *Cultural Dynamics*, v. 26, n.1, 2014, p. 47.

distante e institucionalmente obsoleto, como os discursos pós-raciais no presente argumentam.²⁵⁷

Para Eduardo Mendieta, grande parte dos discursos a definir que os Estados Unidos vivem tempos “pós-raciais”, “pós-étnicos”, “pós-ativistas”, etc., imaginam a história como homogênea, síncrona, direcional e teleológica. Essas considerações, para além de um desejo inocente por acreditar que esses temas só podem ser pensados através de seus avanços significativos, silenciam vozes que demandam reparações. A reivindicação pós-racial funciona, portanto, como uma “declaração performativa de que, embora o racismo exista, seu tempo passou”. Atos racistas, eventualmente, ainda poderiam acontecer, mas o racismo, enquanto uma estrutura de impedimentos sociais, não é mais um problema decisivo.²⁵⁸ A pós-racialidade, que imprime essa repetitiva “turvação da historicidade” dos racismos presentes, inapelavelmente, termina caindo na “ilusão de que o sonho do não-racial já foi realizado”.²⁵⁹

O grande trunfo e razão de vitalidade do pós-racial estaria no fato de que essa leitura não rejeita por completo a existência do racismo antinegitude, seja no passado distante, época em que ele *foi* “muito pior”, seja no presente, onde ele, *cada vez mais*, passa a ser visto como uma “falha moral individual” cometida por “poucos extremistas”. Na pós-racialidade contemporânea, como descreve David Theo Goldberg: “não são apenas racismos sem raça [*racisms without race*]. Nem simplesmente o racismo sem racistas [*racism without racists*], a recusa em reconhecer a expressão racista (...). Eles são *racismos sem racismo* [*racisms without racism*]”.²⁶⁰

Na verdade, com a ampliação das plataformas participativas dos meios de comunicação, há até mesmo uma intensificação da negação do racismo ocasionada por uma intensa disputa, supostamente “democrática”, sobre os seus significados. Gavan Titley tem definido isso como a “debatabilidade” do racismo, ou seja, a forma como essa experiência e

²⁵⁷ RODRIGUEZ, Dylan. “Multiculturalist White Supremacy and the Substructure of the Body”. In: *Corpus: An interdisciplinary reader on bodies and knowledge*. CASPER, Monica; CURRAH, Paisley (eds.). New York: Palgrave Macmillan, 2011, p. 57. A professora de literatura comparada Rei Terada argumenta como o procedimento – elaborado já em textos de Kant e Hegel – de designar posições em uma estrutura “racial” ou “não racial” – emulava a prática pós-racialista. TERADA, Rei. “Hegel and the Prehistory of the Postracial.” *European Romantic Review*, v. 26, n. 3, 2015, p. 290. Cf. também: FERREIRA da SILVA, Denise. *Toward a Global Idea of Race*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2007.

²⁵⁸ MENDIETA, Eduardo. “Interview with George Yancy”. In: *On Race: 34 Conversations in a Time of Crisis*. George Yancy (ed.). Oxford University Press, 2018, p. 215-216.

²⁵⁹ GOLDBERG, David Theo. *Are We All Postracial Yet?* Cambridge: Polity Press, 2015, p. 180.

²⁶⁰ GOLDBERG, David Theo. *The Threat of Race: Reflections on Racial Neoliberalism*, Oxford: Wiley-Blackwell, 2009, p. 361. Quando Ruha Benjamin afirma que: “o pós-racialismo é uma espécie de apólice de seguro social contra acusações de racismo”, ela instantaneamente me faz pensar o quanto essa é uma estratégia de pacificação/interdição do debate não apenas no presente, mas também no futuro, na medida em que cria-se, desde já, um alibi para sustentar desigualdades racias no porvir. BENJAMIN, Ruha. “Ferguson is the Future”. *Data Society*, 2018, p. 17.

suas dimensões estruturais podem ser negadas não apenas através do silenciamento, mas também em razão de um “excesso de ruído” sobre o tema. Naquele momento em que o pós-racial propagava o avanço da sociedade para além da linha de cor, não deixava de ser curioso como a mídia americana parecia nutrir um esplêndido fascínio sobre a capacidade dos eventos de Ferguson promoverem espetáculos de controvérsia e grande engajamento do público. Atiçando a política afetiva do ressentimento branco e suas ansiedades antinegras, essas estratégias comunicacionais pareciam crer que: “O racismo deve ser continuamente reconhecido, falado incessantemente e *debatido*. Afinal, ele existe sim, mas talvez seja diferente do que os radicais negros estão dizendo”. Em nome de uma suposta “liberdade de expressão”, “todo mundo” é convocado a expressar sua opinião sobre esse tema, por mais “espinhoso” que ele seja (ou exatamente por conta disso).²⁶¹ Lógico, com esse imprudente “doisladismo”, não tardou para que muitas das “reflexões” sobre a revolta de Ferguson viessem a reboque de questionamentos sobre “racismo reverso” que ameaçava a “maioria silenciosa” ordeira e temente a Deus.²⁶²

Eduardo Mendieta também argumenta que o discurso pós-racial se intensifica a partir de diversas “miragens de nossa cultura hipermediatizada”, ou seja, através do velho paradoxo afro-americano de viver entre a hipervisibilidade e o esquecimento.²⁶³ De fato, como Richard

²⁶¹ TITLEY, Gavan. “The Debatability of Racism: Networked Participative Media and Racism”, *Rasismista Ja Rajoista*, 17 de fevereiro de 2016, disponível em <https://raster.fi/2016/02/17/the-debatability-of-racism-networked-participative-media-and-postracialism/>.

²⁶² Para se ter uma ideia, uma pesquisa do *American Values Survey*, com dados coletados após a morte de Mike Brown, mostrava que a maioria dos republicanos brancos (61%) afirmavam que a discriminação contra os brancos se tornou um problema tão grande quanto a discriminação contra americanos negros e outras minorias. PIACENZA, Joana. “American Racial Disconnect on Fairness and Discrimination”, *Public Religion Research Institute*, 10 de junho de 2014, disponível em <https://www.prrri.org/spotlight/graphic-of-the-week-americans-racial-disconnect-on-fairness-and-discrimination/>. Todd Starnes, da *Fox News*, ao atacar algumas medidas do presidente Obama, chegou até mesmo a argumentar: “Caucasiana não é uma das cores que está sendo ajudada”. BOUIE, Jamelle. “Conservatives Agree: Barack Obama is ‘The Real Racist’”, *Daily Beast*, 07 de dezembro de 2017, disponível em <https://www.thedailybeast.com/conservatives-agree-barack-obama-is-the-real-racist>. Os comentários do ex-jogador da NBA Charles Barkley sobre raça, os protestos de Ferguson e a morte de Eric Garner, ilustram a insidiosa ligação entre o velho discurso da “respeitabilidade negra” e a “debatabilidade do racismo”. Barkley, um jogador afro-americano de carreira renomada e agora famoso comentarista esportivo da *TNT*, chamou os manifestantes de Ferguson de “*scumbags*” (uma gíria equivalente a “escória”). Além disso, ele criticou o fato de que “a qualquer momento que algo de ruim aconteça na comunidade negra, temos que falar sobre escravidão”. O curioso, entretanto, foi o que Barkley assumiu em seguida: “a escravidão é, bem, eu não deveria dizer uma das piores coisas de todas, porque eu não sei nada sobre isso além do que eu li ou o que minha vó me disse”. SCOTT, Nate. “Charles Barkley responds to Kenny Smith’s open letter on Ferguson”, *For the Win*, 4 de dezembro de 2014, disponível em <https://ftw.usatoday.com/2014/12/charles-barkley-responds-to-kenny-smiths-open-letter-on-ferguson>. Uma parte da mídia televisiva americana parecia ver nesses espetáculos, onde opiniões “indigestas” sobre raça e racismo são proferidas por personalidades negras, um exemplo possível a confirmar que os Estados Unidos viveriam em tempos pós-raciais.

²⁶³ MENDIETA, Eduardo. “Interview with George Yancy”. In: *On Race: 34 Conversations in a Time of Crisis*. George Yancy (ed.). Oxford University Press. 2018. p. 214. Em perspectiva semelhante, Simone Browne irá comparar a “matéria escura” (*dark matter*) – o componente não luminoso do universo, que é dito existir, mas que não pode ser observado, nem ser recriado em condições de laboratório, nem ter sua distribuição calculada,

Iton analisa no brilhante *In Search of the Black Fantastic*, a inclusão no plano da cultura popular de diversas personalidades negras, como atores, atletas, juízes da Suprema Corte, etc., acontecia em um mesmo contexto de exclusão política de outros tantos “homens invisíveis”, massacrados que eram pelas novas modalidades de sujeição antinegra.²⁶⁴ Afinal, a mesma América que se divertia com a rica família negra Huxtable, da série de tv *The Cosby Show*, protagonizada por Bill Cosby, parecia condenar os costumes impróprios daquelas “mães de nove filhos escoradas na Previdência Social” e a rebeldia dos jovens “superpredadores”, fãs de rap e viciados em crack, que tanto apareciam nas páginas policiais dos telejornais.²⁶⁵

Nesse sentido, na fotografia *The Cotton Bowl* (2011), o artista Hank Willis Thomas oferece uma interessante abordagem sobre a paradoxal representatividade publicitária de esportistas negros em tempos ditos pós-raciais. Em pose semelhante, vemos um meeiro do pós-Abolição e um *running back* do futebol americano. A *linha de scrimmage* que os divide, acaba gerando um poderoso efeito sobre a tenuidade dessas fronteiras temporais: menos de cem anos separam esses dois corpos que funcionam, cada um à sua maneira, como motores

uma *matéria invisível*, mas de forte atração gravitacional – com a “opacidade” e as limitações impostas à negritude, ou seja, a paradoxal condição dos negros serem, ao mesmo tempo, invisíveis socialmente e hipervisíveis ao perfilamento racial (*racial profiling*). BROWNE, Simone. *Dark Matters: On the Surveillance of Blackness*. Durham, NC: Duke University Press, 2015, p. 9.

²⁶⁴ ITON, Richard. *In the Search of the Black Fantastic: Politics and Popular Culture in the Post-Civil Rights Era*. New York: Oxford University Press, 2008. A referência ao *Homem Invisível* na fala de Iton, permite uma citação do clássico romance, publicado originalmente no ano de 1952. Ela aponta perfeitamente para os efeitos do olhar racializado na sustentação da exclusão social antinegra: “as pessoas [brancas] se recusam a me ver. Como as cabeças sem corpo que algumas vezes são vistas em atrações de circo, é como se eu estivesse cercado daqueles espelhos de vidro duro que deformam a imagem. Quando se aproximam de mim, só enxergam o que me circunda, a si próprios ou o que imaginam ver – na verdade, tudo menos eu”. ELLISON, Ralph. *Homem Invisível*. Tradução de Mauro Gama. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2013 p. 25. Como mostro no capítulo 4, no mundo colonial, sobre o qual Fanon escreve, a hipervisibilidade dos negros e o gerenciamento das geografias que racionalizam essa hipervisibilidade são técnicas decisivas por onde o poder colonial e a Supremacia Branca se perpetuam. Cf. em especial o seminal capítulo “A Experiência vivida do negro”, de FANON, Frantz. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008, p. 103-126.

²⁶⁵ Como recorda Ann duCille, Bill Cosby chegou a receber a Medalha Presidencial da Liberdade em 2002, a mais conceituada homenagem civil dos Estados Unidos. Ela foi-lhe concedida por George W. Bush sob o argumento de que sua contribuição à indústria do entretenimento usava “o poder do riso para curar feridas e construir pontes”. Para duCille, porém, o status de ícone cultural alcançado por Cosby fez-se em uma ligação direta com suas constantes condenações aos costumes dos negros pobres. Suas performances reforçavam significativamente os estereótipos de que existia uma “subclasse” negra, repleta de irresponsabilidade, promiscuidade sexual, consumismo desenfreado e violência intempestiva, em suma, a razão do atraso de toda uma comunidade. Esse comportamento público de Cosby, como observa a autora, exemplificava aquilo que para a América branca seria uma “negritude palatável”, um tipo de sujeito “boa praça” para os brancos, ao contrário daquelas pessoas que exprimiam uma “negritude estigmática”. Em suma, a “negritude palatável” era marcada por algum tipo de identidade racial orgulhosa, adequada, que não ameaçava à branquitude e o *status quo*. Na brilhante sentença de duCille, ela significava: “um rosto de diversidade sem os problemas da diferença”. *Technicolored: Refleitions on Race in Time of TV*, Durham: Duke University Press, 2018, p. 236-237.

econômicos que impulsionam duas indústrias aparentemente distintas, mas igualmente exploratórias (fig. 13).²⁶⁶



Figura 13 – Hank Willis Thomas. *The Cotton Bowl*, presente na coleção *Strange Fruit*, 2011. Digital c-print. 50 x 73 inches. Fonte: © Hank Willis Thomas. Cortesia do artista e da Jack Shainman Gallery, New York.²⁶⁷ Disponível em <https://crystalbridges.org/blog/land-and-labor-in-the-cotton-bowl-by-hank-willis-thomas/>.

Como analisa Zakiyyah Iman Jackson, a noção de plasticidade dá conta de como a negritude pode ser vista como subumana, sobre-humana ou humana, a depender do que determinada situação exija. Cada vez mais, segue a autora, notamos a atualização de técnicas de captura, onde o corpo negro funciona como uma matéria disforme, plenamente disponível ao que a antinegritude deseja. Ou seja, ele tanto pode vir a ser um local de violência arbitrária, quanto um vetor de lucro (entretenimento, prazer e escárnio) na indústria do espetáculo.²⁶⁸ Hazel Carby explica como a prática do linchamento de homens negros no começo do século XX, um elemento central na cultura visual da Supremacia Branca, já demonstrava a naturalização dessa dupla condição de adoração (via consumo) e violação dos corpos negros.

²⁶⁶ Cf. KLEIN, Richard. “Hank Willis Thomas”, disponível em <https://www.cairnsartgallery.com.au/files/media/original/001/2b3/5ec/100/ThomasBrochure.pdf>.

²⁶⁷ Disponível em <https://crystalbridges.org/blog/land-and-labor-in-the-cotton-bowl-by-hank-willis-thomas/>.

²⁶⁸ JACKSON, Zakiyyah Iman. “Losing Manhood: Plasticity, Animality, and Opacity in the (Neo)Slave Narrative”. In: *Becoming Human: Matter and Meaning in an Antiracist World*. New York: New York University Press, 2020, p. 45-82.

Em um contexto de pós-Abolição, em que a população afro-americana lutava por diversos avanços formais, aquelas eram manifestações coletivas nas quais os laços de sociabilidade entre brancos de distintas origens poderiam ser reforçados através do controle, punição e mercantilização [de cartões postais e vários outros souvenirs] de corpos negros.²⁶⁹ Como o trabalho de Hank Willis Thomas nos faz refletir, os discursos pós-raciais sobre inclusão, aceitação e “pretos no topo” dependem de uma incessante tentativa de camuflar a situação de tantos outros negros *impróprios* que ficaram pelo caminho, que não chegaram ao estrelato de uma NFL ou NBA, mas sim à miséria dos “guetos negros” e às prisões *Supermax*.

Em seu artigo “*White Time*”, Charles Mills, problematiza como a esquematização do passado pelos discursos pós-raciais expõem a trama dúbia do tempo histórico implícita na filosofia política dominante. Ele nota que a injustiça racial é sustentada por um “imaginário temporal branco”, transmutado inúmeras vezes através de pretensões disciplinares daqueles que alegam fazer pesquisas “cegas a cor” (*colorblindness*).²⁷⁰ Nos Estados Unidos, os argumentos pós-raciais encontraram confortável guarida em um ambiente acadêmico já bastante cercado por discursos meritocráticos neoliberais. Criticando trabalhos “excessivamente ativistas”, punindo a antidisciplinaridade e o que julgavam ser o pouco rigor teórico de pesquisadores negros “tendenciosos” e reticentes em reconhecer os *avanços* raciais, muitos foram aqueles que, quase em uma espécie de pacto epistemológico, aplicaram a linguagem pós-racial para descredibilizar acadêmicos negros “radicais demais”. Sua inclusão naquele espaço privilegiado – a exemplo do que haviam feito as chamadas “Associações de Amigos dos Negros”, após a Abolição formal da escravidão – deveria ser entendida como uma forma de cidadania concedida. Implicitamente, era preciso que aqueles novos pesquisadores, que “trouxeram cor às instituições”, demonstrassem gratidão por mais essa oportunidade. Como se fossem hóspedes temporários na casa de outra pessoa, era recomendável que evitassem melindrosas obstinações com relação a certos temas.²⁷¹ Em

²⁶⁹ Cf. CARBY, Hazel. “‘On the Threshold of Woman’s Era’: Lynching, Empire, and Sexuality in Black Feminist Theory”. *Critical Inquiry*, v. 12, n. 1, 1985, p. 262-277.

²⁷⁰ MILLS, Charles W. “White Time: The Chronic of Injustice of Ideal Theory”, *Du Bois Review*, v. 11, n. 1, 2014, p. 29-30.

²⁷¹ Cito Herman Gray: “O objeto de reconhecimento é o sujeito empreendedor autocriativo, cuja diferença racial é a fonte do valor da marca celebrada e comercializada como diversidade; um sujeito cuja grande visibilidade e reconhecimento ao nível da representação afirma uma liberdade realizada pela aplicação de um cálculo de mercado às relações sociais.” GRAY, Herman. “Subject(Ed) to Recognition”. *American Quarterly*, v. 65, n. 4, 2013, p. 771. Há um corpus expansivo de análise sobre a questão. Em todo caso, cf. FERGUSON, Roderick.

suma, o ideal seria deixar os antiquados ressentimentos de lado e “ir além da raça (e do racismo)”, pois essa seria a melhor forma de conquistar métricas eficientes de produtividade. Como recorda Derrick Bell, esse discurso teve grande circulação até mesmo entre negros teóricos da raça, afinal, quem poupa a branquitude acadêmica (e sua disciplinaridade), comumente, recebe “projeção racial” e maiores holofotes epistêmicos.²⁷²

Kathleen Davis explica que a periodização é muito mais um processo de interpretação do que de descrição – trata-se, na verdade, de uma estratégia para atribuir significado através da narrativização.²⁷³ Para Kevin van de Mieroop, a “era pós-racial” foi produzida por um conjunto de eventos em particular (sendo a eleição de Obama considerada um evento definitivo), cuja soma seria o culminar de uma narrativa redentora de progresso, em que os EUA superam o horror da escravidão, o racismo desenfreado dos tempos de *Jim Crow* e avança rumo ao futuro que sua democracia excepcional sempre idealizou. Essa seria uma conquista, em termos de relações humanas, do Sonho Americano, algo que só a “terra das oportunidades” poderia realizar. Nesse empreendimento narrativo:

A preteridade [*pastness*] da escravidão... não é simplesmente uma questão do número de anos decorridos, sua preteridade também é o resultado de uma historicização ativa... Foi necessário construir uma história sobre o triunfo e a superação da escravidão, e os historiadores deram uma contribuição significativa para isso.²⁷⁴

Daí porque, é necessário pensar a pós-racialidade como uma “política do tempo” de viés tipicamente moderna. Peter Osborne ressalta que: “na sua raiz, o moderno designa a valorização do presente *como novo* em relação ao passado, fraturando assim o presente por

The Reorder of Things: The University and Its Pedagogies of Minority Difference. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2012; MELAMED, Jodi. *Represent and Destroy: rationalizing violence in the new racial capitalism.* Minneapolis/London: University Minnesota Press, 2011, além do capítulo “The University and the Undercommons”. In: HARNEY, Stefano; MOTEN, Fred. *The Undercommons: Fugitive Planning & Black Study.* New York: Minor Compositions, 2013, p. 22-43. Há uma tradução desse trecho do livro feita por Osmundo Pinho, disponível em <https://hemisphericinstitute.org/pt/emisferica-11-1-decolonial-gesture/11-1-essays/the-university-and-the-undercommons.html>.

²⁷² BELL, Derick. “The Rules of Racial Standing”. In: *Faces at the Bottom of the Well: The Permanence of Racism*, Basic Books, 1992, p. 109-127. Sobre disciplinaridade acadêmica e sua relação com a punição/ostracização da negritude, cf. MCKITTRICK, Katherine. “The Smallest Cell Remembers a Sound”. In: *Dear Science and Other Stories.* Durham and London: Duke University Press, 2021a, p. 35-57; e PEREIRA, Allan K. Escritas insubmissas: indisciplinando a História com Hortense Spillers e Saidiya Hartman. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, v. 14, n. 36, 2021, p. 489-494, disponível em <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1719>.

²⁷³ DAVIS, Kathleen. *Periodization and Sovereignty: How ideas of feudalism and secularization govern the politics of time.* Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2008.

²⁷⁴ VAN DE MIEROOP, Kenan apud NORTON, Claire; DONNELLY, Mark. *Liberating Histories*, New York: Routledge, 2018, p. 97.

dentro, e *antiquando* os aspectos do presente que não são novos”.²⁷⁵ Se essa ruptura/quebra/designação do “presente”, enquanto distinto do “passado”, é fruto da dimensão performativa da escrita da história²⁷⁶, o pós-racial deve ser visto, então, como uma prática “alocronista”, na medida em que o passado do racismo e as práticas de espoliação e opressão colonial são designados como algo que efetivamente *já passou*.²⁷⁷

Enquanto van de Mierop concentra-se na contribuição da disciplina histórica para a ideologia pós-racial, Eduardo Bonilla-Silva realiza todo um trabalho com pesquisas empíricas e demonstra como algumas dessas percepções circulam no “senso comum” através de “histórias raciais”, ou seja, enredos que se tornam dominantes/populares sobre raça, racismos e suas implicações históricas nos Estados Unidos: “O passado já passou”, “eu não possuía nenhum escravo”, “Se judeus, irlandeses e italianos conseguiram isso [progresso], como é que os negros não conseguiram?”, “eu não consegui um emprego, ou uma promoção, ou não fui admitido na faculdade por causa de um homem negro [que teria sido favorecido por cotas raciais]”, etc.²⁷⁸ Como pontua o sociólogo George Lipsitz:

As escolas, bairros e locais de trabalho segregados de hoje produzem brancos que sabem muito pouco sobre os negros e menos ainda sobre si mesmos. Eles certamente não sabem quase nada sobre a história real do movimento pelos direitos civis ou as crenças do Dr. King. Hoje, as pessoas que lucram tremendamente com os privilégios que lhes são atribuídos por causa de sua cor, piamente citam o sonho do Dr. King de que um dia seus filhos seriam julgados pelo conteúdo de seu caráter e não pela cor de sua pele. Eles citam essa frase em conversas diárias, debates de políticas públicas e até mesmo em decisões da Suprema Corte como justificativa para se opor à ação afirmativa, dessegregação escolar, habitações justas, contratações justas e empréstimos justos. Eles nos dizem que a maneira de ir além da raça é parar de mencionar que o racismo existe. Eles não sabem que o Dr. King argumentou que “dar a um homem o que é devido pode muitas vezes significar dar-lhe um tratamento especial”, que ele escreveu que “uma

²⁷⁵ OSBORNE, Peter. “Global Modernity and the Contemporary: Two Categories of the Philosophy of Historical Time”. In: BEVERNAGE, Berber; LORENZ, Chris (eds.). *Breaking up Time: Negotiating the Borders between Present, Past and Future*, Vandenhoeck & Ruprecht, 2010. p. 73.

²⁷⁶ Cf. PEREIRA, Allan K. “Intervir no passado performando o tempo: Achille Mbembe e a Crítica da Razão Negra”. *História e Cultura*, Franca, v. 6, n. 3, dez-mar. 2017, p.172-192, disponível em <https://ojs.franca.unesp.br/index.php/historiaecultura/article/view/2175>.

²⁷⁷ Cf. FABIAN, Johannes. *O tempo e o Outro: como a antropologia estabelece seu objeto*. Tradução de Denise Jardim Duarte. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

²⁷⁸ Cf. BONILLA-SILVA, Eduardo. *Racismo sem racistas: O racismo da cegueira de cor e a persistência da desigualdade na América*. Tradução de Margarida Goldstajn. São Paulo: Perspectiva, 2020, p. 174. Nessa mesma perspectiva, tomando um conjunto multifacetado de referenciais como cineastas, artistas, políticos, jornalistas e blogueiros que partem de diversos pressupostos culturais e ideológicos, Pero Gaglo Dagbovie discute de que maneiras as percepções norte-americanas acerca da história afro-americana não foram exclusivamente moldadas por historiadores profissionais. Centrando-se especialmente nas disputas que acontecem nos tempos ditos pós-raciais da “Era Obama”, o autor discute o poder dessas representações e manipulações sobre o entendimento acerca do passado. Cf. DAGBOVIE, Pero G. *Reclaiming the Black Past: The Use and Misuse of American History in Twenty-First Century*. London/New York: Verso Books, 2018.

sociedade que fez algo especial *contra* o negro por centenas de anos deve fazer algo especial *por* ele, a fim de equipá-lo para competir em uma base justa e igual.” Eles não sabem que em 1967 o Dr. King falou menos sobre seu sonho e mais sobre como era importante para a América branca despertar.²⁷⁹

Esse “não saber” é menos uma “falta” de conhecimento histórico e muito mais o resultado direto de projetos epistêmicos de várias disciplinas umbilicalmente responsáveis pela sustentação da ideologia *colorblindness*. Como recordava W. E. B. Du Bois em *Black Reconstruction*, historiadores brancos sulistas foram ativos na higienização/refinamento/docilização da história da escravidão, da Guerra Civil e da Reconstrução.²⁸⁰ Como argumentam os editores da coletânea *Seeing Race Again* (2019): “cada disciplina estabelecida na academia tem uma origem que envolve engajamento e cumplicidade com a Supremacia Branca”. Fosse: a percepção dos “outros” racialmente inferiores pela Antropologia; a Geografia mapeando o mundo entre “primitivos” e “civilizados”; a Biologia imbuindo o racismo de uma inevitabilidade aparentemente científica que sempre posicionava os brancos como vencedores em uma luta justa; a Literatura, a Pintura, o Teatro e o Cinema euro-americano bestializando culturas e sociedades “exóticas” prestes a desaparecer, ou ainda os “princípios gerais” da economia e ciência política pautados, sobretudo, por práticas hegemônicas de uma dúzia de países “desenvolvidos”, havia sempre uma racionalidade pronta para sustentar uma visão que pontuava os sujeitos de cor como possuindo apenas meros folclores, indignos e impróprios ao saber objetivo.²⁸¹

Partindo de um princípio totalmente diferente desse, alguns teóricos negros também vão refletir sobre como muitos negros relutam em se ver temporalmente entrelaçados a determinados passados traumáticos. Ciente dos perigos que isso evoca, Angela Davis reclama que nos Estados Unidos há uma “tendência histórica para o esquecimento voluntário em relação à escravidão”, prática que termina sendo um obstáculo decisivo para um entendimento coletivo mais adequado da luta contra a antinegitude no tempo presente. Em suas palavras, essas pessoas herdaram “o medo das memórias da escravidão. É como se lembrar e reconhecer a escravidão equivallesse a ser consumido por ela”.²⁸² Preocupação semelhante é

²⁷⁹ LIPSITZ, George. *How Racism Take Place*. Philadelphia: Temple University Press, 2011, p. 15.

²⁸⁰ DU BOIS, W. E. B. “The Propaganda of History”. In: *Black Reconstruction: An Essay Toward a History of the Part Which Black Folk Played in the Attempt to Reconstruct Democracy in America, 1860-1880*. New York: Harcourt, Brace and Company, 1935, p. 711-729.

²⁸¹ CRENSHAW, Kimberlé; HARRIS, Luke; HOSANG, Daniel; LIPSITZ, George. “Introduction”. In: *Seeing Race Again: Countering Colorblindness Across the Disciplines*. Berkeley: University of California Press, 2019, p. 5.

²⁸² DAVIS, Angela. “Prison Abolition”. In: TAYLOR, Mosley; DIAWARA, Manthia; AUSTIN, Regina (eds). *Black Genius: African-American Solutions to African-American Problems*. New York: W.W. Norton &

compartilhada pelo teórico cultural e historiador Tavia Nyong'o, quando este relata que muitos de seus alunos negros são reticentes em se imaginar no passado, em se contemplar atuando em um “drama de época” cômico ou pastoral do séc. XIX. Afinal, argumentavam, seria muito provável que fossem escravos em um cativo. Para muitas pessoas negras, compreensivelmente, retomar essa história não seria ter acesso à “hospitalidade sulista”, ao “mito das magnólias ao luar”, no qual senhorinhas brancas conviviam harmoniosamente com infantilizados negros cantantes, mas sim uma oportunidade indigesta de trazer à tona um ferimento incomensurável e irreparável.²⁸³

Co., 1999, p. 198. Comentando sobre a memória nos Estados Unidos, Toni Morrison escreveu: “Vivemos em uma terra onde o passado é sempre apagado e a América é o futuro inocente no qual os imigrantes podem chegar e começar de novo, onde a lousa está limpa. O passado está ausente ou é romantizado. Esta cultura não encoraja alongar-se na verdade sobre o passado, muito menos acertar contas com ele.” MORRISON, Toni. “Living Memory: Meeting Toni Morrison”. In: GILROY, Paul. *Small Acts*. London: Serpent's Tail, 1993, p. 179.

²⁸³ NYONG'O, Tavia. *Afro-Fabulations: The Queer Drama of Black Life*. New York: New York University Press, 2019, p. 46. Uma interessante encenação dessa possibilidade aventada por Nyong'o é desenvolvida na obra literária *Kindred*. Cf. BUTLER, Octavia. *Kindred: Laços de Sangue*. Tradução de Carolina Caires Coelho. São Paulo: Editora Morro Branco, 2017. Partindo do drama da protagonista desse livro, Denise Ferreira da Silva oferece uma interessante reflexão sobre temporalidade e as (im)possibilidades de se obter reparação histórica para pessoas negras. cf. FERREIRA da SILVA, Denise. “Dívida Impagável: Lendo Cenas de Valor Contra a Flecha do Tempo”. In: *A Dívida Impagável*. Tradução de Amílcar Packer e Pedro Daher. São Paulo: Forma Certa, 2019, p. 149-184. Sobre a “hospitalidade sulista” e seu “mito das magnólias ao luar” enquanto um jogo de cena cuidadosamente manipulado para esconder uma antinegritude socialmente estruturante, cf. MCPHERSON, Tara. *Reconstructing Dixie: Race, Gender, and Nostalgia in the Imagined South*. Durham: Duke University Press, 2003.

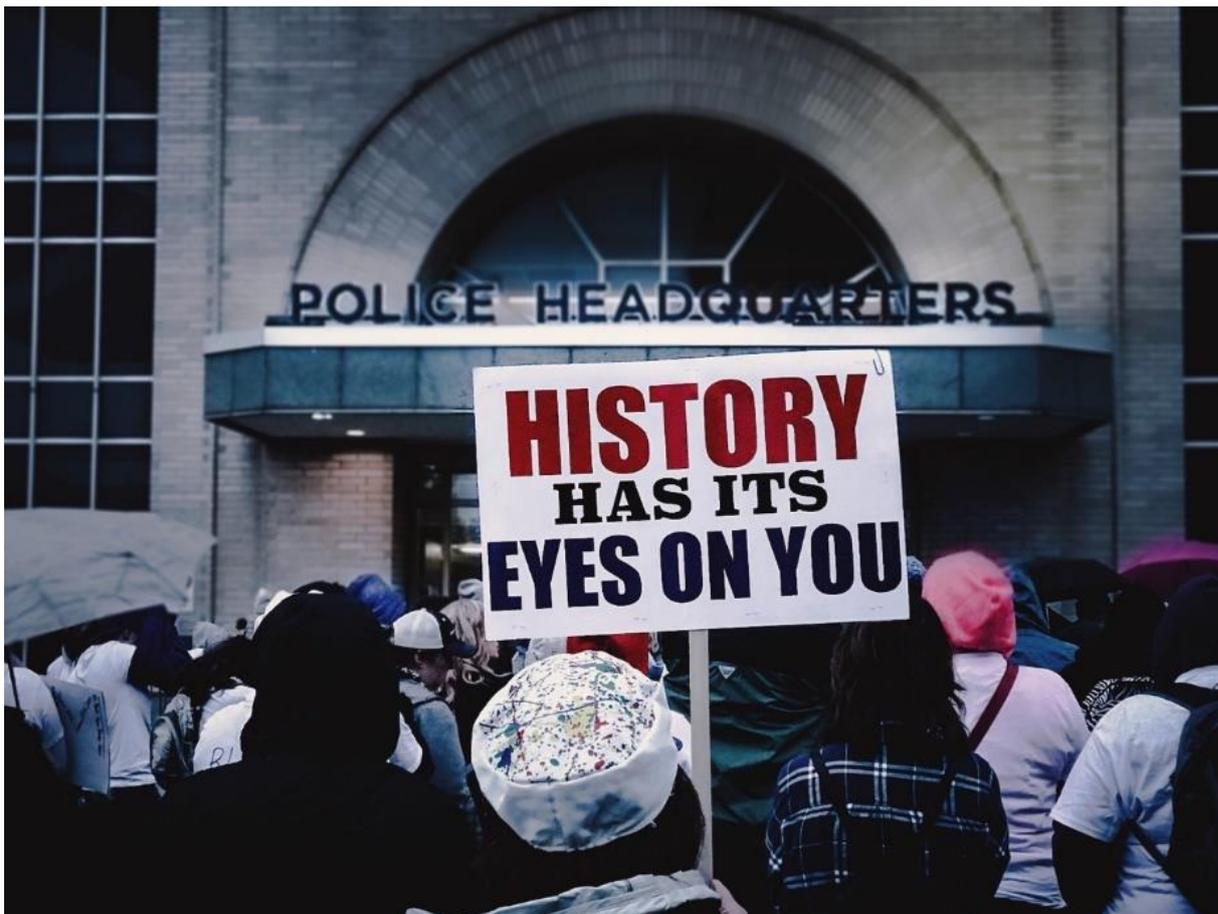


Figura 14 – “A história está de olho em você”. Cartaz presente em um protesto em frente ao Departamento de Polícia de St. Louis, 22 de outubro de 2014. Fonte: *Tumblr*.²⁸⁴

Outra relação com o passado, dessa vez efetivamente problemática, se dá com autores que, ao tentarem descobrir uma “falha terrível”, uma “vergonha lamentável” ou “um embaraço nacional” na história americana, parecem tomar o presente *como se estivesse literalmente no terrível* passado da escravidão. Como observa Sharon P. Holland, há uma tendência, curiosamente constante entre historiadores brancos, em tratar a Escravidão como um episódio que foi moralmente “hediondo”, que foi sustentado na “maldade” e na “perversidade”, que foi um período “nefasto”, “nojento” e “desumano”, que deveria ser rememorado apenas para distanciá-lo do presente, este o ponto de chegada da [ainda que imperfeita] democracia igualitária. Para Holland, isso faz com que a “Escravidão [o evento histórico, portanto em letra maiúscula] não seja vista em todas as suas maquinações formativas”, sendo relegada a seus atores negros e brancos em um passado que precisa desesperadamente ser extirpado através de um letramento racial que pedagogize/purifique o

²⁸⁴ Disponível em:

https://66.media.tumblr.com/769657606d58e2a491badc3825fac706/tumblr_oy9ao3VGV11qftreo1_1280.jpg

projeto nacional.²⁸⁵ Sabine Broeck tem reclamação parecida, quando diz que o entendimento da Escravidão [*Slavery*] como uma sequência temporal e espacialmente limitada não consegue entender o escravizamento [*enslavement*] enquanto “prática sistemática geradora de estrutura”. Descrever a Escravidão enquanto um evento traumático e demarcável tem enchido muitas bibliotecas, argumenta a autora, porém, é algo que termina por reforçar reações emocionais [e aqui a branquitude acadêmica tem um peso significativo] sobre aquela “situação específica” do passado *que já passou*. Desse modo, essa prática disciplinar, essa “indignação esclarecida” com uma Escravidão relegada às franjas do passado distante, chegaria, em última instância, a contribuir para a camuflagem dos inúmeros ganhos simbólicos que muitos brancos, mesmo progressistas, ainda têm com a antinegitude.²⁸⁶

É nesse sentido, como parte da reação aos discursos pós-étnicos e pós-raciais, e especialmente motivado pela radicalidade da rebelião de Ferguson, que o Afro-Pessimismo surge enquanto uma intervenção política e intelectual disposta a redirecionar o olhar da teoria crítica racial negra. Em vez de deter-se exclusivamente em casos extremos e escancarados de racismo antinegro, um conjunto de autores como Frank Wilderson III, Jared Sexton, Patrice D. Douglass, Selamawitt D. Terrefe, etc., argumentam sobre a importância de se atentar para as insidiosas formas como o passado escravocrata *cerca* o presente, em distintas operações que se passam por liberdade, humanidade e democracia. Assim sendo, a temporalidade é um tema central para a teorização Afro-Pessimista, pois seria o ideal de superação e progresso, que parece ser essencial para supostos aliados progressistas dos negros, um dos elementos fundantes das novas modalidades de sujeição antinegra. Nessa leitura, as lógicas e tecnologias do passado escravocrata devem ser compreendidas não em termos de uma manutenção fixa, mas através de sua engenhosa “persistência *na e como* permutação”.²⁸⁷ Isso, como adverte Saidiya Hartman [a grande inspiração dos Afro-Pessimistas], não significa confundir os dois

²⁸⁵ HOLLAND, Sharon Patricia. *The Erotic Life of Racism*. Durham and London: Duke University Press, 2012, p. 8.

²⁸⁶ BROECK, Sabine. *Gender and the Abjection of Blackness*. New York: Suny Press, 2018, p. 47-48. Uma larga tradição de escritores na diáspora negra – dentre os quais poderíamos destacar os nomes de Aimé Césaire, W.E.B. Du Bois, Frantz Fanon e Sylvia Wynter – ressaltaram o quanto a escravização, o colonialismo, o racismo científico, o Holocausto, o *apartheid* e a crise imigratória (só para citar alguns pontos) não devem ser pensados como “aberrações”, como “desvios” dos “nobres ideais” da modernidade, mas sim a parte central de seu desenvolvimento, o motor do progresso e da razão orgulhosamente sustentados por tanto tempo (ainda que, cada vez mais, aparentemente, isso provoque algum sentimento de “vergonha” ou “piedade” com os “pobres excluídos”).

²⁸⁷ SEXTON, Jared. “The Social Life of Social Death: On Afro-Pessimism and Black Optimism”. *InTensions*, vol. 5, 2011, p. 5. Como escreve a literária Dionne Brand, em *A map to the Door of no Return*, a escravidão desfígura violentamente o tempo e o espaço, criando uma fenda ou “rasgo no mundo (...) uma ruptura na história, uma ruptura na qualidade de ser”. BRAND, Dionne. *A map to the door of no return: notes to belonging*. Canada: Vintage, 2001, p. 4-5.

momentos, o presente e o passado, mas estabelecer uma forma de “pensar sobre a constelação formada por eles”.²⁸⁸ Ou seja, considerar que:

Se a escravidão persiste como um problema na vida política da América negra não é por causa de uma obsessão antiquada com os dias passados ou com o peso de uma memória longa demais, mas porque vidas negras ainda estão ameaçadas e desvalorizadas por um cálculo racial e uma aritmética política que foram entrincheirados séculos atrás. *Esta é a sobrevida da escravidão – chances de vida distorcidas, acesso limitado à saúde e educação, morte prematura, encarceramento e empobrecimento.*²⁸⁹ [grifos meus]

Aquelas pessoas que se rebelavam em Ferguson contavam uma história imprópria, onde o espírito da escravidão assombrava o presente dito pós-racial, pós-étnico e pós-ativista de diversas formas: na divisão entre uma Ferguson que comemorava “10 anos de progresso”²⁹⁰ e uma “Ferguson negra”, esquecida por todos, exceto pela polícia; na medida de valor que parecia ver Mike Brown e sua vizinhança como “Nenhum Humano Envolvido”²⁹¹; e em outros tantos e tão insidiosos “horrores cotidianos mundanos que não são reconhecidos como horrores”.²⁹² Como John Murillo III define [em termos muito próximos à gramática Afro-Pessimista]: o tempo é uma força, ou uma espécie de “código-mestre”, que faz com que a negritude seja definida pela *prematividade*. Seu entendimento normativo posiciona os negros no universo de forma arbitrária e violenta, aterrorizando e dominando-os a partir de diversas dimensões traumáticas: fisicamente, psiquicamente, historicamente, politicamente e

²⁸⁸ HARTMAN, Saidiya. “The Dead Book Revisited”. *History of the Present*, v. 6, n. 2, 2016, p. 208.

²⁸⁹ HARTMAN, Saidiya. *Perder a Mãe: Uma Jornada pela Rota Atlântica da Escravidão*. Tradução de José Luiz Pereira da Costa. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021b, p. 13. Como bem observa Hazel Carby, a sobrenaturalidade na ideia de “sobrevida da escravidão” de Saidiya Hartman remete, de alguma forma, à maldição de Cam. Cf. CARBY, Hazel. “We must burn them”, *London review of Books*, v. 44, n. 10, 26 de maio de 2022, disponível em: <https://www.lrb.co.uk/the-paper/v44/n10/hazel-v.-carby/we-must-burn-them>. Na mesma linha, em *Ghostly Matters: Haunting e the Sociological Imagination*, Avery Gordon argumenta que: “A escravidão acabou, mas algo disso continua a viver, na geografia social de onde os povos residem, na autoridade da sabedoria coletiva e da benevolência compartilhada, nas veias da formação contraditória que chamamos de modernidade do Novo Mundo, impulsionando, como sempre, algo a ser feito. Tais finais que não acabaram é o que assombra [haunting].” GORDON, Avery. *Ghostly Matters: Haunting and the Sociological Imagination*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008, p. 139.

²⁹⁰ CASSELMAN, Ben. “The Poorest Corner of Town”, *Five Thirty Eight*, 26 de agosto de 2014, disponível em <https://fivethirtyeight.com/features/ferguson-missouri/>.

²⁹¹ Cf. WYNTER, Sylvia. “Nenhum Humano Envolvido: Carta Aberta a Colegas”. Tradução de Stella Z. Paterniani e Patricia D. Fox. In: *Pensamento Negro Radical: Antologia de Ensaios*. São Paulo: Crocodilo Edições, 2021, p. 71-104.

²⁹² SHARPE, Christina. *Monstrous Intimacies: Making Post-Slavery Subjects*. Duke University Press, Durham, NC and London, 2010, p. 3. Como bem coloca Ruha Benjamin: “Até que chegemos ao entendimento da *razoabilidade* do racismo, continuaremos a procurá-lo nos pisos sangrentos das igrejas de Charleston [onde o supremacista branco Dylann Roof matou nove pessoas negras, em 17 de junho de 2015] e nas câmeras do painel das estradas do Texas, e ignorá-lo nas lógicas inteligentes dos livros, declarações políticas, decisões judiciais, revistas científicas e tecnologias de ponta”. BENJAMIN, Ruha. “Retomando nosso fôlego: Estudos de Ciência e Tecnologia, Teoria Racial Crítica e a imaginação carcerária”. In: Tarcízio Silva (org.) *Comunidades, Algoritmos e Ativismos: olhares afrodiáspóricos*. São Paulo: LiteraRUA, 2020, p. 16.

em termos metafísicos. A letalidade que assombra a vida negra “telegrafa uma temporalidade mutilada”, ou seja, antecipa um futuro que será limitado por infinitas sujeições e impossibilidades. A familiaridade sentida após a morte de Michael Brown, mas também de Rekia Boyd, Aiyana Stanley-Jones, Oscar Grant, Trayvon Martin, Tamir Rice, Eric Garner, Renisha McBride, entre tantos outros, equaciona a mecânica dessa mutilação, transmitindo a sensação, muitas vezes rimada em motins, de que o tempo da morte negra parece extático, congelado, “sem movimento”.²⁹³ Nos termos de Murillo III: “o tempo, para os negros, é morto e, no entanto, imortal, uma força e característica zumbificada do ser negro, pensando e vivendo em um universo antinegro, que, para nós, é uma zona morta, um submundo, um cosmo de morte”.²⁹⁴ Isso significa, nos aproximando agora de Calvin Warren, que o tempo é antitético com a negritude. Ao invés de “curar todas as feridas”, como dada percepção otimista pós-racial desejaria, o tempo dependeria, justamente, de certas feridas para se sustentar. “Abandonar o tempo, sua positividade inquestionável e sua generosidade presumida (como dom, recurso indispensável ou condição a priori)”, sugere Warren, seria forma interessante de reimaginar as existências negras.²⁹⁵

Mas o que implicava isso na prática e como podemos pensar a revolta de Ferguson a partir dessa chave interpretativa? Curiosamente, quem mais verbalizava o quanto o passado escravocrata e segregado da grande St. Louis assombrava aquele presente, através de um “embotamento duradouro e aparentemente interminável”²⁹⁶, eram as lideranças religiosas e os “ativistas profissionais”. Essa é, afinal, uma estratégia discursiva muito comum nas incursões desses grupos, que são habituados a sermões e cursos de formação política sobre a história das disparidades raciais nos Estados Unidos. Os outros negros, que *anarquicamente* protestavam

²⁹³ Sobre essa impressão de que o tempo “não se movimenta” quando se trata da sujeição antinegra, cf. SPILLERS, Hortense. “Bebê da mamãe, talvez do papai: uma gramática estadunidense”. Tradução de Allan K. Pereira e Kênia Freitas. In: *Pensamento Negro Radical: Antologia de Ensaios*. São Paulo: Crocodilo Edições, 2021, p. 37.

²⁹⁴ MURILLO III, John. *Quantum Blackanics: Untimely Blackness and Black Literature Out of Nowhere*, Tese (Doutorado em Filosofia). Department of English, Brown University, 2016, p. 43. A prematuridade da vida negra opera em estreita ligação com a invisibilidade pós-racialista. Como coloca Ruha Benjamin: “Desta forma, é uma espécie de minimalismo racial que permite que cada vez mais a violência racista seja cada vez menos discernível. Considere a nomenclatura em torno de *micro*agressões, obscurecendo como faz a maneira como o racismo penetra na pele e na placenta, restringindo o fluxo sanguíneo de modo que bebês americanos negros nascem prematuros de maneira desproporcional devido ao acúmulo de estresse e tensão suportado por mulheres grávidas. Esses ‘micro’ chips se acumulam no desgaste aparentemente suave que expõe vidas negras à morte...mesmo antes do nascimento. A linguagem furtiva do minimalismo racial é essencial para as atualizações pós-raciais, permitindo-lhe penetrar em todas as facetas da vida social, letalmente indetectada”. BENJAMIN, Ruha. “Ferguson is the Future”. *Data Society*, 2018, p. 17. No próximo capítulo, a discussão sobre “morte lenta” (Lauren Berlant) e “violência lenta” (Rob Nixon) irá trilhar caminhos semelhantes sobre essa temporalização da sujeição antinegra.

²⁹⁵ WARREN, Calvin. “Abandoning Time: Black Nihilism and the Democratic Imagination”, *Amerikastudien/American Studies*, v. 66, n. 1, p. 247.

²⁹⁶ HARTMAN, Saidiya. “The Dead Book Revisited”, *History of the Present*, v. 6, n.2, 2016, p. 210.

nas ruas de Ferguson, também traziam o passado em seus corpos, em sua expressividade, quando bradavam contra a “maldade policial” que os aterrorizava “há muitos anos”.²⁹⁷ Todavia, as suas falas não tinham o impactante amparo historiográfico ou a respeitabilidade de ser uma testemunha viva de fatos históricos de grande impacto, como era o caso dos líderes religiosos Jesse Jackson e Al Sharpton. Aquela revolta, como resumia a manifestante Derecka Purnell, era um episódio decisivo para “muitos jovens de 15 a 30 anos, que provavelmente não estão citando James Baldwin, mas estão aqui agora trabalhando como parte dessa luta”.²⁹⁸ Dessa maneira, pensar que as reclamações de Ferguson, mesmo aquelas que não declarassem explicitamente alguma ligação com um passado mais longínquo, partiam de um profundo desafio a “um cálculo racial e uma aritmética política que foram entrincheirados séculos atrás”²⁹⁹, como bem continua Saidiya Hartman, é ir muito além de uma mera exposição do “artifício das barricadas históricas ou a fragilidade dos marcadores temporais, como o passado e o presente”, algo que, afinal, não chega a ser uma novidade, mesmo no campo de uma historiografia disciplinada. O grande projeto aqui almejado era, justamente, “iluminar as promessas quebradas e os contratos violados do presente”.³⁰⁰ Os seus cantos reclamavam isso, a sua persistência em não se dispersar, também.

²⁹⁷ AL JAZEERA. “Mike Brown: The Death that Shook Ferguson” (fala presente aos 5:40 min) 10 de agosto de 2019. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/programmes/rewind/2019/08/michael-brown-death-shook-ferguson-190806075143124.html>.

²⁹⁸ LOPEZ, German; DESMOND-HARRIS, Jenée; HUGGINS, Rachel e WILLIAMS, Lauren. “‘This was the new Jim Crow’: an oral history of the Ferguson protests”, *Vox*, 9 de junho 2016, disponível em <https://www.vox.com/2015/8/10/9123517/ferguson-protests-michael-brown-oral-history>.

²⁹⁹ HARTMAN, Saidiya. *Perder a Mãe: Uma Jornada pela Rota Atlântica da Escravidão*. Tradução de José Luiz Pereira da Costa. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021b, p. 13.

³⁰⁰ HARTMAN, Saidiya. “Tempo da Escravidão”. Tradução de Carolina Nascimento Melo; Revisão de Fernanda Silva e Sousa. *Contemporânea: Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 10, n. 3, 2020b, p. 935.



Figura 15 – “QT People’s Park” nas ruínas do posto *QuikTrip*, em Ferguson, 2014. Fonte: Scott Olson/Getty Images.³⁰¹

“Elas [as pessoas em rebelião] estão tentando impedir que isso seja varrido para debaixo da mesa”, reconhecia um morador negro não engajado nos protestos.³⁰² Tornar-se impróprio para a história é também ir de encontro à “promessa de felicidade” que compõe a política de esquecimento dos mais distintos projetos de nação assentados numa antinegitude fundante. Ser *obstinado* em não esquecer tudo aquilo que antecedeu o assassinato de Mike Brown implicava arcar com um ônus significativo em uma sociedade cujo discurso pós-racial tanto valoriza a superação enquanto elemento reconciliativo. Remetendo ao trabalho de bell hooks e Audre Lorde sobre a deslegitimação político-epistêmica de mulheres negras “raivosas”, Sara Ahmed comenta sobre como determinados “imperativos à felicidade” parecem sempre cobrar dos ativistas negros o seu compromisso com uma pretensa diversidade conquistada a duras penas por todas as alianças progressistas nos últimos anos. Nesse processo: “Somos solicitados a deixar o racismo para trás, como se o racismo tivesse ficado para trás”. Repetidamente, as alegações giram em torno de como o “ativismo negro divisivo” acaba não necessariamente “inventando o racismo”, mas “preservando seu poder de governar

³⁰¹ Disponível em <https://media.gettyimages.com/photos/reference-to-protests-around-the-world-throughout-recent-history-is-picture-id453769576?s=2048x2048>.

³⁰² LOWERY, Wesley. *They Can’t Kill Us All: The Story of Black Lives Matter*. London: Penguin Books, 2017, p. 24.

a vida social”. Devido à sua “arrogância intransigente” e “aversão à políticas de alianças”, pessoas negras radicais seriam as verdadeiras “estraga-prazeres” (*killjoys*) das promessas de felicidade atuais.³⁰³ Nesse sentido, é interessante pensar a linha do tempo com outros motins [não necessariamente raciais e, inclusive, transnacionais] escritos nas ruínas do posto *QuikTrip* (fig. 15) enquanto um lembrete poderoso de que o que deve ser lembrado do passado não são apenas as inúmeras formas de sujeição antinegra. Estar “no rastro” [*in the wake*] de uma narrativa primeiramente estabelecida na *Middle Passage* é também ter a possibilidade de retomar um conjunto de práticas fugitivas e recusas inventivas que perpassam todo o tempo da diáspora através da tenacidade da tradição negra radical.³⁰⁴ Nessa conduta com relação ao passado, como coloca Sara Ahmed:

Tornar-se indisposto a obedecer (ou disposto a não obedecer) o que é dado como um comando pode ser entendido como um projeto de memória: descobrir uma vontade própria é recuperar uma vontade que não foi totalmente eliminada. A obstinação pode ser necessária para se recuperar da própria tentativa de sua eliminação. A autorrecuperação é a recuperação de um coletivo. A obstinação torna-se uma herança vital e compartilhada: os corpos podem lembrar o que não foi totalmente apagado de si próprios e de outros corpos que se tornaram partes de um corpo social. A obstinação pode ser um traço deixado para trás, uma reabertura do que poderia ter sido encerrado, uma modificação do que parece alcançável e uma revitalização da questão de para que serve. Alcançar algo, alcançar por vontade é, portanto, uma abertura do corpo para o que veio antes, alcançando como se estivesse voltando no tempo.³⁰⁵

³⁰³ AHMED Sara. *Willful Subjects*. Durham/London: Duke University Press, 2014, p. 168. Para uma análise mais expansiva sobre os “imperativos da felicidade”, cf. AHMED, Sara. *The Promise of Happiness*. Durham, NC: Duke University Press, 2010. No ensaio *The White Man Guilty*, escrito em 1965, nas páginas da lendária revista *Ebony*, James Baldwin criticava o “desprezo alegre” dos cidadãos brancos nos Estados Unidos, a tendência que tinham de se redimir com relação ao passado escravocrata, distanciando-se “daqueles tempos” ao enfatizar uma meritocracia ancorada no presente, o que, logicamente, sustentaria seus privilégios através de uma reiterada autonegação. BALDWIN, James. “White Man’s Guilt”. *Ebony*, volume XX, número 10, 1965, p. 47-48.

³⁰⁴ *In the wake*, termo que dá nome ao livro de Christina Sharpe, possui amplos significados: de forma aproximada, seria “no rastro”, ou seja, no caminho de espuma [também chamado de *rasto* ou *esteira*] que os navios negreiros deixavam em suas popas quando cruzavam o Atlântico, o Índico ou o Pacífico. Em outro sentido, também pode ser lido como “no despertar”, “na vigília”, “no ressuscitar”. Acima de tudo, para a autora, trata-se de uma “forma de consciência”, que entende que estar *in the wake* é ocupar e ser ocupado pelo presente contínuo e mutável do desdobramento ainda não resolvido da escravidão. Cf. SHARPE, Christina. *In the Wake: On Blackness and Being*. Durham, NC: Duke University Press, 2016. Sobre a “tradição negra radical”, além do seminal ROBINSON, Cedric. *Black Marxism: The Making of the Black Radical Tradition*. London: Zed Books: 1983, vale a pena conferir as advertências/recomendações feitas por Paul Gilroy sobre o conceito, e, portanto, considerar que essa tradição está “em movimento incessante – um mesmo mutável que se empenha continuamente rumo a um estado de autorrealização, que continuamente foge ao seu alcance”. GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: Modernidade e Dupla Consciência*. Tradução Cid Knipel Moreira. São Paulo: Editora 34, 2012, p. 241-242.

³⁰⁵ AHMED Sara. *Willful Subjects*. Durham/London: Duke University Press, 2014, p. 140.

Então, sim, muitas pessoas negras em Ferguson, intransigentemente e ruidosamente, lembravam que as dores e derrotas dos que vieram antes precisavam ser recuperadas. Isso ia na contramão do imperativo à felicidade que um progresso material de poucos parecia indicar. Ser impróprio para a história é isso: reclamar do que só aparenta ser a solução dos seus problemas. “Como chegamos até essa situação?”, “Já que não viramos comida de tubarão no transporte transatlântico malsucedido, o que nos resta fazer *no agora*?”³⁰⁶ “Que marcas carregamos dessa travessia?” Esses são questionamentos comuns para aqueles negros que se revoltam. Como diz John Murillo III: “Conhecer o modo como essa força [o tempo da escravidão] se moveu e nos move seria entender melhor nossa capacidade de nos mover e nos orientar em relação a ela.”³⁰⁷ Afinal, nem mesmo a alienação natal (o apagamento de seu nome, de sua história) tirava dos africanos escravizados a vontade de lutar (o que, em grande parte, significava recusar a ordem do tempo do trabalho imposta nas *plantations*): “Podemos ter esquecido nossa terra, mas não esquecemos nossa despossessão. É por isso que não nos cansamos de sonhar com um lugar que possamos chamar de lar, um lugar melhor do que aqui, seja lá onde for.”³⁰⁸

³⁰⁶ Remeto a uma fala do rapper afro-brasileiro Mano Brown, que abre alguns de seus shows com a frase “essa é pra você que não virou comida de tubarão nesse transporte transatlântico malsucedido”. CABULOSA PRODUÇÕES. “Racionais Mc’s – Nego Drama – Ao Vivo na Virada Cultural SP”. *Youtube*. 24 set. 2016. 5min57s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hJ1ZR269VZg>> Acesso em: 14 de fev. 2021.

³⁰⁷ MURILLO III, John. *Quantum Blackanics: Untimely Blackness and Black Literature Out of Nowhere*, Tese (Doutorado em Filosofia). Department of English, Brown University, 2016, p. 159.

³⁰⁸ HARTMAN, Saidiya. *Perder a Mãe: Uma Jornada pela Rota Atlântica da Escravidão*. Tradução de José Luiz Pereira da Costa. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021b, p. 111. Sobre a resistência escrava e o papel da dança como símbolo de uma memória cultural africana que perdurava após a *Middle Passage*. Cf. STUCKEY, Sterling. *Slave Culture: Nationalist Theory and the Foundations of Black America*. New York: Oxford University Press, 1987; além de SNEAD, James A. “On Repetition in Black Culture”. *Black American Literature Forum*, v. 15, n. 4, 1981, p. 146-154.



Figura 16 – Ação em Nova York solidária aos manifestantes de Ferguson, Missouri, incentivando um boicote ao consumismo da Black Friday, 28 de novembro de 2014. Nos cartazes, além da emergente “Black Lives Matter” vemos as mensagens: “Nós não esqueceremos” e “Nós seremos ouvidos”. Fonte: The All-Nite Images/Flickr.³⁰⁹

A Ferguson que ardia em chamas após a morte de um dos seus não era a realização de um sonho suburbano. Infelizmente, e como muitos já esperavam, o desejo de Rodney King para que “todos se dessem bem” parecia ter encontrado pouco efeito àquela altura. Por isso, as pessoas negras estavam *despertando*³¹⁰, gritando, colocando seus corpos no meio do caminho, tomando alguns espaços, destruindo propriedades, tentando impedir que o projeto de esquecimento fizesse seu trabalho. Seu modo de rememoração, como agora nos parece, era semelhante a um modelo de memória coletiva que Tavia Nyong’o define como capaz de reunir “o passado com seu presente em síntese disjuntiva”, ou seja, os atos de reminiscência ramificavam-se em inúmeras direções, não se limitando a “unificar a narrativa do passado em uma história única, estável e linear”. O enredo, na verdade, se perdia no processo. Não havia uma narrativa de origem a traçar o tipo de resistência normativa a ser seguida, nem muito menos uma meta a ser alcançada por meio de um respeitável comportamento ativista que

³⁰⁹ Disponível em <https://www.flickr.com/photos/otto-yamamoto/15741866499/>.

³¹⁰ Para uma análise interessante sobre como essa ideia de “despertar” circula na cultura afro-americana, cf. ROMANO, Aja. “A history of ‘wokeness’”, *Vox*, 9 de outubro de 2020, disponível em <https://www.vox.com/culture/21437879/stay-woke-wokeness-history-origin-evolution-controversy>. Trata-se, também, de um chamado muito caro aos filmes do cineasta afro-americano Spike Lee. Cf. CCBB. *Acorde! O Cinema de Spike Lee* (Catálogo). Ministério da Cultura, 2018.

redimiria todos os negros de sua condenação.³¹¹ Assombrando os tempos dos sonhos pós-raciais *anarquicamente*, aquela rebelião ousou desejar o fim desse mundo antinegro. Ser impróprio para a história, afinal, também é isso: desacreditar das promessas de felicidade que lhes oferecem em troca de submissão. Como veremos, a história do desenvolvimento urbano do condado de St. Louis, onde Ferguson se localiza, estava repleta disso.

³¹¹ NYONG'O, Tavia. *Afro-Fabulations: The Queer Drama of Black Life*. New York: New York University Press, 2019, p. 100.

4 – “Um imperativo geográfico encontra-se no coração de toda luta por justiça social”³¹²

Os mansos herdarão a terra, diz-se. Isto apresenta uma imagem muito sombria para aqueles que vivem em território ocupado.

James Baldwin³¹³

Mas esses africanos deportados foram a ruína de um mundo compartimentado. Centímetro por centímetro salpicado de sangue, eles abriram os espaços das Américas.

Édouard Glissant e Patrick Chamoiseau³¹⁴

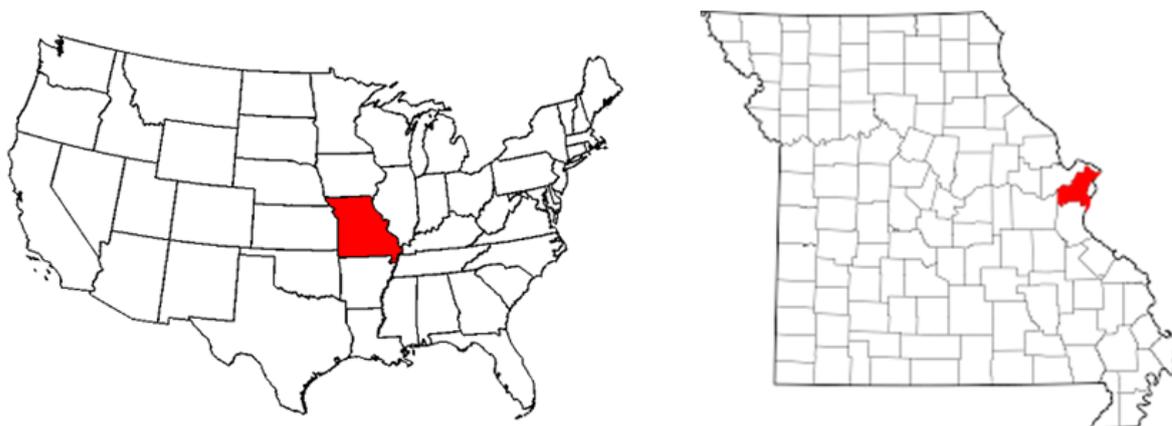


Figura 17 - Mapas do estado do Missouri e do condado de St. Louis. Fonte: *Google Maps*.

³¹² GILMORE, Ruth Wilson. “Fatal Couplings of Power and Difference: Notes on Racism and Geography”, *The Professional Geographer*, v. 54, n. 1, 2002, p. 16.

³¹³ BALDWIN, James. “A Report from Occupied Territory” in *James Baldwin: Collected Essays*, Ed. Toni Morrison, New York: Library of America, 1998. p. 738.

³¹⁴ apud SHARPE, Christina. “Still Here”. *TOPIA: Canadian Journal of Cultural Studies*, v. 40, 2019, p. 8.

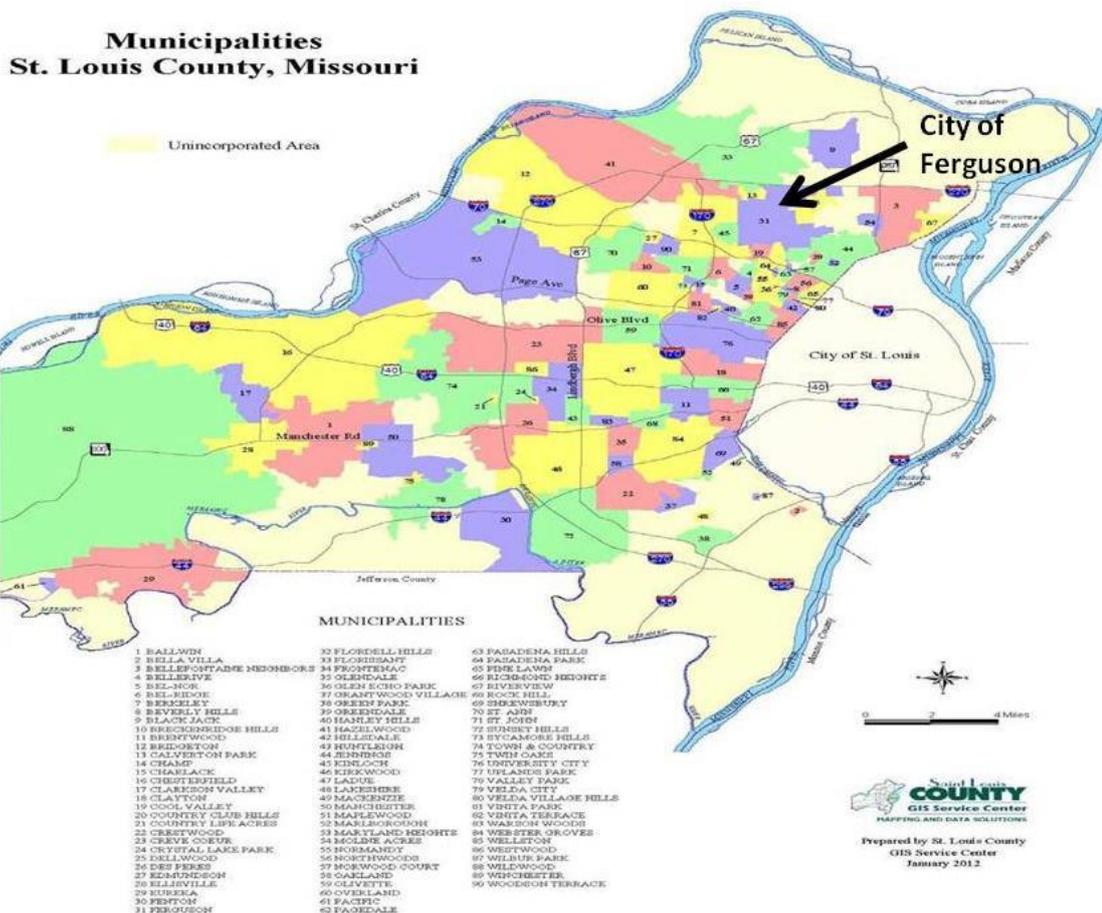


Figura 18 – Mapa com os 90 municípios de St. Louis County. Ferguson, marcada no número 31, é apontada através de uma seta. Ela faz parte da região metropolitana conhecida como Grande St. Louis. Fonte: *St. Louis Ordinance Guidebook*, p. 5.³¹⁵

Como várias outras cidades de maioria branca no condado de St. Louis na segunda metade do século XIX, Ferguson era um mundo dividido em compartimentos. Em seus anos iniciais, ela foi sendo moldada geograficamente, politicamente e culturalmente em função da vizinha Kinloch, a mais antiga cidade suburbana negra a oeste do rio Mississippi. Como explica a geógrafa Jodi Rios, os subúrbios eram vistos, conscientemente ou não, como um meio pelo qual minorias étnicas poderiam reivindicar ou reforçar uma brancura, justamente porque a posse de uma propriedade pura/limpa/civilizada/moderna permitia-lhes um contraste direto com os impróprios/sujos/degradados/atrasados “guetos negros” deixados para trás, no espaço urbano da metrópole St. Louis.³¹⁶

Na tentativa de evitar o avanço no espaço dos muitos negros que chegavam fugidos do supremacismo branco dos estados sulistas (no que ficou conhecido como a Grande Migração

³¹⁵ Disponível em <https://stlouiscountymo.gov/st-louis-county-departments/planning/subdivision-trustee-resources/ordinance-guidebook1/>.

³¹⁶ RIOS, Jodi. *Black Lives and Spatial Matters: Policing Blackness and Practicing Freedom in Suburban St. Louis*. Ithaca/London: Cornell University Press, 2020, p. 64-65.

do começo do séc. XX), os legisladores de St. Louis impuseram a sua própria Supremacia Branca. Institucionalmente chegaram a aprovar, em 1916, uma lei permissiva à segregação racial. No ano seguinte, após o caso *Buchan v. Warley*, essa medida seria derrubada, o que, todavia, não impediu que corretores de imóveis e construtores mantivessem os processos discriminatórios e impusessem a chamada *Delmar Divide*, uma linha divisória informal, de leste a oeste, separando os bairros do norte, onde ficariam ex-escravizados e seus descendentes, dos bairros do sul, onde famílias brancas teriam todo o conforto da “vida rockwelliana”, com o privilégio de ainda estar próximo aos melhores empregos da metrópole. Desde então, a forma como o Estado organizou esse espaço serviu para perpetuar a segregação racial antinegra. No contexto do *New Deal*, encabeçado pelo presidente Franklin Delano Roosevelt, em meados dos anos 1930, o subsídio de hipotecas residenciais assumia um caráter estratégico no processo de recuperação econômica. Em St. Louis, o governo federal contratou avaliadores, corretores de imóveis e vários outros profissionais do setor imobiliário para mapear/delimitar as áreas com os títulos de: “melhores”, “ainda desejáveis”, “definitivamente em declínio” ou “perigosas” (estas pintadas de vermelho nos mapas, o que viria a dar origem ao termo “*redlining*”). Tais designações (fig. 19) influíam diretamente nas oportunidades de empréstimos hipotecários. Como explica Oscar Abello, dos mais de US\$ 120 bilhões em hipotecas residenciais asseguradas entre os anos de 1934 e 1962, pela *Federal Housing Administration* e, depois, pela *Veterans Administration*, 98% foram para mutuários brancos.³¹⁷ Tanto essa implacável hostilidade dos corretores de imóveis e proprietários locais, quanto a política segregacionista não exatamente declarada, que a nível federal, estadual e local terminava alinhando entendimentos de governantes republicanos e democratas, serviam para designar lugares de preto e lugares de branco.³¹⁸ Cada vez mais, as regras de zoneamento buscavam classificar bairros brancos como residenciais e bairros negros como comerciais ou industriais. Além disso, enquanto os acordos de vizinhança proibiam a revenda de propriedade para famílias negras, um explícito favoritismo fiscal privilegiava instituições privadas que perpetuassem a segregação.³¹⁹

³¹⁷ ABELLO, Oscar Perry. “Breaking Through and Breaking Down the Delmar Divide in St. Louis”, *Next City*, 19 de agosto de 2019, disponível em <https://nextcity.org/features/breaking-through-and-breaking-down-the-delmar-divide-in-st.-louis>.

³¹⁸ GORDON, Colin. “How Racism Became Police in Ferguson”, *Dissent*, 5 de março de 2015, disponível em <https://www.dissentmagazine.org/blog/how-racism-became-policy-in-ferguson>.

³¹⁹ ROTHSTEIN, Richard. “The Making of Ferguson”, *Economic Policy Institute*, 15 de outubro de 2014, disponível em <https://www.epi.org/publication/making-ferguson/>.

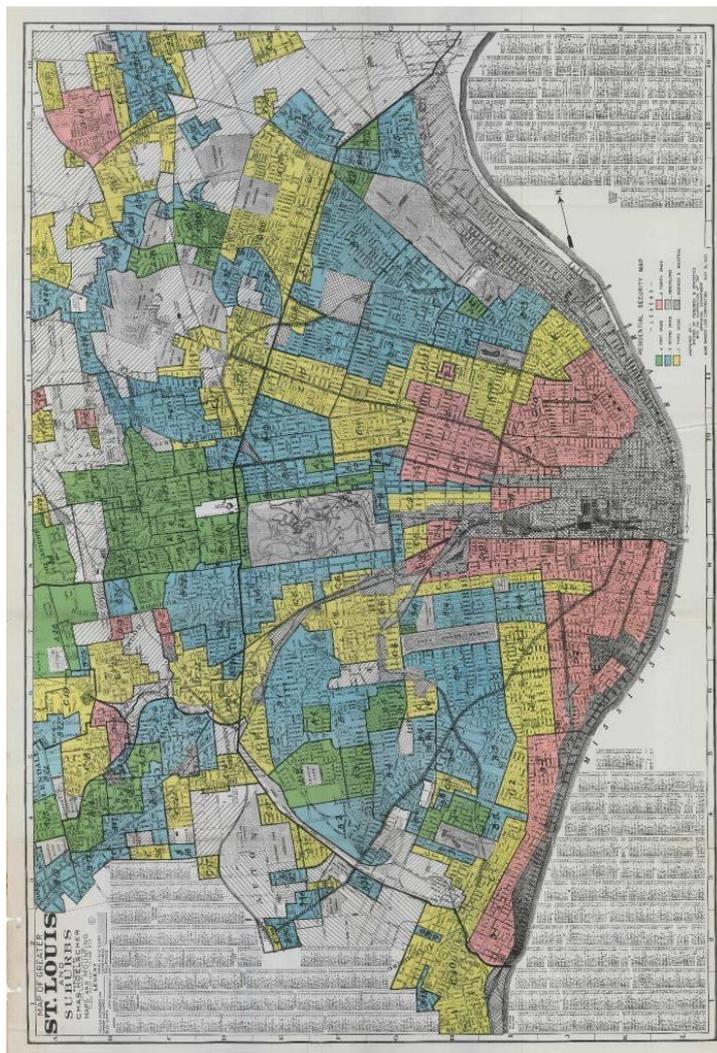


Figura 19 – Mapa de Segurança Residencial de St. Louis, 1937. As áreas são codificadas por cores, sendo as áreas vermelhas as piores, aquelas que teriam uma menor provisão de empréstimos por serem classificadas como “perigosas”. Majoritariamente, ficariam segregadas na área central da Grande St. Louis. Fonte: *St. Louis History and Architecture*.³²⁰

No contexto das consideráveis transformações do pós-Segunda Guerra Mundial, havia algum pânico nos Estados Unidos com a possibilidade da superlotação de suas grandes cidades em um futuro próximo. O saber disciplinar urbanista temia que a fuga de residentes brancos (os “voos brancos”, como chamavam), após um “descontrole” da migração de negros para St. Louis, agravasse a já intensa “guetização” dos anéis centrais da metrópole. Afinal, acreditavam, aquilo poderia levar a uma completa deterioração do espaço urbano (empresas perderiam clientes e os governos teriam um decréscimo de suas receitas fiscais). Sendo assim, motivado por essas ansiedades e prognósticos pessimistas, o *Housing Act*, de 1949, injetou uma reserva de cerca de US\$ 1 bilhão para que cidades tomassem empréstimos urgentes. Para o então prefeito de St. Louis, o democrata Joseph Darst, aquele subsídio seria uma

320

Disponível em <https://www.stlhistoryandarchitecture.com/other-north-st-louis-neighborhoods/95fmpw7vzpn2hq86y6hieykbwgl6io>.

oportunidade única para “limpar” o espaço urbano, demolir “guetos negros”, como DeSoto-Carr, e substituí-los por uma “habitação pública de alta densidade”.³²¹ Naquele momento, o modernismo arquitetônico em voga nutria empolgantes expectativas de que investimentos governamentais pudessem conduzir a nação ao “triunfo dos projetos arquitetônicos racionais sobre os males da pobreza e a deterioração urbana”.³²² Planejado enquanto “Cidade do Futuro”, o complexo habitacional de Pruitt-Igoe deveria ser um marco do progresso na integração racial, especialmente após as leis federais antidiscriminatórias de 1956.³²³ Porém, como revela o ótimo documentário *The Pruitt-Igoe Myth* (2011), de Chad Freidrichs, o baixo investimento no projeto original (piso térreo e paisagismo adicional foram considerados excessivamente custosos pela *Federal Housing Administration*) trouxe graves problemas, como a exploração política e econômica da parcela afro-americana que lá morava (as pessoas terminavam pagando aluguéis e mantimentos mais caros do que os brancos pagariam em condições semelhantes, por exemplo).³²⁴

O historiador Walter Johnson analisou greves e manifestações lideradas por mulheres negras pobres e da classe trabalhadora em Pruitt-Igoe (as primeiras na história da habitação pública dos EUA). Elas seriam influenciadas por anos de organização ativista na região de St. Louis e contavam com o apoio de movimentos como o *ACTION* e *Zulu 1200*, além da liderança carismática de figuras como a ativista Ora Lee Malone. Em 1969, por exemplo, quando a *St. Louis Housing Authority* anunciou um aumento significativo no valor dos aluguéis, houve uma ruidosa e bem-sucedida greve sob a liderança de mulheres negras. Como

³²¹ Idem.

³²² FIEDERER, Luke. “Clássicos da Arquitetura: Projeto Habitacional Pruitt-Igoe/Minoru Yamasaki”. Tradução de Eduardo Souza, *Arch Daily*, 19 de maio de 2017, disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/871669/classicos-da-arquitetura-projeto-habitacional-pruitt-igoe-minoru-yamasaki>.

³²³ Ironicamente, o seu projeto original era dividido por linhas raciais: negros nas habitações Wendell Olliver Pruitt e brancos nas de James Igoe. Como explica Jodi Melamed, os ideais supremacistas brancos passavam por uma significativa crise de legitimidade naquele contexto pós-Segunda Guerra Mundial. Não foram poucos os ativistas que, inspirados nas lutas anti-coloniais mundo afora, expuseram as notáveis proximidades entre a segregação antinegra nos Estados Unidos e os princípios fascistas que levaram ao Holocausto. Na forte disputa discursiva da Guerra Fria, a União Soviética repetidamente pontuava a segregação racial nos Estados Unidos como a prova decisiva de que o sistema capitalista/liberal projetaria aquele modelo de sociedade para o mundo. Para Melamed, esse impasse contribuiu para a configuração de uma “nova formação histórica mundial”, onde a ascensão global e intervencionista dos Estados Unidos seria marcada por uma “modernidade antirracista no plano formal e liberal-capitalista no projeto político-econômico”. Defendendo ser uma nação excepcional, os Estados Unidos buscavam provar, ao mundo destruído pela guerra, que a sua democracia e que a sua economia de mercado poderiam, ao serem atualizadas, integrar os negros excluídos socialmente. No apelo *colorblindness* de oportunidade para todos, a modernização das ciências humanas, como a arquitetura, se daria primariamente através de um impulso por “inclusão” e “maior diversidade”. MELAMED, Jodi. *Represent and Destroy: rationalizing violence in the new racial capitalism*. Minneapolis/London: University Minnesota Press, 2011, p. 9.

³²⁴ THE PRUITT-IGOE Myth. Chad Freidrichs/Paul Fehler/Jaime Freidrichs/Brian Woodman. Estados Unidos. Unicorn Stencil, 2011. Filme-vídeo (1h19min).

Johnson explica, aquele trabalho árduo, em prol de uma comunidade autodeterminada e cooperativa, acabou representando uma significativa ameaça para o governo, especialmente em um contexto no qual o anticomunismo do final dos anos 1960 taxava quaisquer movimentos por direitos civis como “antiamericanos” e responsáveis por insistir em um radicalismo ultrapassado, cujas petições haviam sido satisfeitas pela legislação recente. Por esse motivo, a autoridade de habitação fechou o cerco contra as grevistas, desativou dezesseis dos edifícios e concentrou os poucos residentes, que, sob diversas privações, ainda permaneciam nos dezessete imóveis restantes. Em 1972, por fim, através de um espetáculo midiático transmitido em cadeia nacional, os três primeiros prédios construídos em Pruitt-Igoe foram implodidos (fig. 20).³²⁵



Figura 20 – Demolição televisada de Pruitt-Igoe. Fonte: Domínio Público.³²⁶

A possibilidade de que aquele experimento urbano trouxesse dignidade para as famílias negras que haviam cumprido o seu dever de respeitabilidade e trabalho duro deu espaço a uma massiva condenação da negritude *desviante* dos moradores. Pruitt-Igoe não seria um exemplo dramático da persistência do racismo, nem de políticas públicas mal concebidas, mas sim uma prova da “crise urbana” largamente estudada por sociólogos,

³²⁵ JOHNSON, Walter. *The Broken Heart of America: St. Louis and the Violent History of United States*. New York: Basic Books, 2020, p. 375-376.

³²⁶ Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Pruitt-Igoe#/media/Ficheiro:Pruitt-igoe_collapse-series.jpg.

antropólogos, arquitetos e cientistas políticos. No *Washington Post*, Andrew B. Wilson chegou, até mesmo, a argumentar que uma das razões para a decadência do projeto seria a “incompatibilidade entre a estrutura de arranha-céus e as grandes famílias pobres que passaram a habitá-las apenas uma geração após serem removidas das fazendas [de escravos]”.³²⁷ Naquelas explicações, era comum que muitos dos comportamentos *problemáticos* de comunidades urbanas pobres [inapelavelmente de maioria negra, como imaginavam], tais como taxas crescentes de gravidez na adolescência, criminalidade juvenil e uso massivo de drogas, fossem diretamente associados ao número excessivo de famílias chefiadas por mulheres negras.³²⁸

O começo dos anos 1970, vale lembrar, indicava a ascensão da racionalidade neoliberal, com suas promessas de que a economia de mercado inaugurava um novo tempo, marcado pelo “declínio da importância da raça”³²⁹ e pelo “fim do racismo”.³³⁰ Em contrapartida, isso significaria que os negros pobres não teriam mais desculpas para permanecer no seu irresponsável *estilo de vida*. Para Milton Friedman, o mais destacado teórico da chamada Escola de Chicago (centro irradiador da ideologia neoliberal nos Estados Unidos do séc. XX), o livre mercado e o capitalismo vinham sendo a “principal fonte de oportunidades para os Negros”, os verdadeiros responsáveis por fazer com que suas comunidades alcançassem um “progresso maior do que poderiam ter”.³³¹ A antinegitude institucionalmente estabelecida era subsumida por meio do sentimento de culpabilização pessoal, especialmente reforçado quando se tomava “minorias modelo” [coreanos e

³²⁷ WILSON, Andrew B. “Demolition Marks Ultimate Failure of Pruitt-Igoe Project,” *Washington Post*, 27 de agosto de 1973, p. 3.

³²⁸ Cf. COHEN, Cathy. “Punk, Sapatonas e Welfare Queens: O Potencial Radical da Política Queer?”. Tradução de Valeria Lima de Almeida. *Revista Docência e Cibercultura*, v. 3, n. 3, 2019, p. 44-46. Lançados em 1986, os documentários *The Vanishing Family: Crisis in Black America*, da *CBS News*, e *Growing Up Poor*, da *PBS Frontline*, tiveram grande repercussão pela forma estereotipada e sensacionalista como apresentavam mães adolescentes e diversos jovens negros “de mentalidade criminosas”, em um claro argumento contra a utilidade das políticas de bem-estar social. HEZAKYA NEWZ & FILMS. “1986 Special Report: ‘The Vanishing Black Family’”. *Youtube*. 25 fev. 2022. 1h31min39s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vrw416MnJ8>> Acesso em 10 abr. 2022; FRONTLINE PBS I NON-OFFICIAL ARCHIVE [CC]. “Growing Up Poor (1986)”. *Youtube*. 10 abr. 2021. 58min15s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RTanGnGTPXY&t=3064s>> Acesso em 10 abr. 2022. Para uma reflexão mais expansiva sobre a criminalização das mulheres negras nos argumentos pela reforma das políticas de bem-estar social, cf. HANCOCK, Ange-Marie. *The Politics of Disgust: The Public Identity of the Welfare Queen*. New York: New York University Press, 2004; KELLEY, Robin D. G. *Yo’ Mama’s Disfunktional! Fighting the Culture Wars in Urban America*. Boston: Beacon, 1997; e COLLINS, Patricia Hill. “Mammies, Matriarcas e Outras Imagens de Controle”. In: *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e política do empoderamento*. Tradução de Jamile Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019, p. 135-178.

³²⁹ Cf. WILSON, William Julius. *The Declining Significance of Race*, Chicago: University of Chicago Press, 1980.

³³⁰ Cf. D’SOUZA, Dinesh. *The End of Racism: Principles for a Multicultural Society*, New York: Free Press, 1995.

³³¹ FRIEDMAN, Milton. *Capitalismo e Liberdade*. Tradução de Luciana Carli. São Paulo: Abril Cultural, 1984, p. 113.

japoneses] como exemplos de progresso. Aqueles que ousassem “jogar a carta da raça” não estariam apenas criando um álbi para o seu atraso pessoal. Seu “vitimismo”, argumentavam, estaria confirmando desconfianças históricas que muitos [ainda] tinham sobre a inabilidade do negro em ser livre, em ter espírito empreendedor, em ser um *player* de sucesso no mundo capitalista.³³²



Figura 21 – Versão racializada de uma caricatura sobre o estereótipo da “Rainha do bem-estar” (a versão original, criada pelo cartunista Stan Kelly, trazia uma mulher branca e loira). Vemos uma mulher negra que estaria aproveitando os *tickets* de bem-estar social disponibilizados por governos do partido democrata para prover seus luxos (na imagem, dois Cadillacs).

Fonte: *Huffington Post*.³³³

As acusações de que as pessoas negras possuíam “culturalmente” uma vacilante ética de trabalho e uma aversão ao produtorismo nutriu a vigilância massiva e a patologização da sexualidade de mulheres negras no contexto conservador da chamada “estratégia sulista” [*Southern strategy*] dos anos 1960-1970. Nas primárias para decidir o candidato republicano à presidência de 1976, Ronald Reagan chegou, até mesmo, a discursar contra “Rainhas do bem-

³³² Sobre neoliberalismo e negritude, cf. SPENCE, Lester. *Knocking the Hustle: Against the Neoliberal Turn in Black Politics*. New York: punctum books, 2015.

³³³ Disponível em

https://img.huffingtonpost.com/asset/58bfa28c1e00001b0077e6d9.jpg?ops=scalefit_720_noupscale&format=webp.

estar” [presumivelmente negras, mais uma vez], que usavam todos os meios possíveis para trapacear o governo e receber cupons de alimentação, seguridade social, benefícios de veteranos de guerra para maridos inexistentes, etc. (fig. 21).³³⁴ Como recorda Keeanga-Yamahtta Taylor, por mais que aqueles fossem *tropos* familiares ao eleitorado branco conservador, o rescaldo da “Revolução Negra” dos anos 1960 não permitia que os políticos expressassem credenciais racistas à vontade, em público.³³⁵ Dessa forma, na racionalidade neoliberal, os ataques disfarçavam-se através de preocupações econômicas e gerenciamento “moderno” da geografia espacial. Em 1981, o estrategista do Partido Republicano, Lee Atwater, explicava como isso seria feito:

Você começa em 1954, dizendo: “Nigger, nigger, nigger”. Em 1968, você não pode dizer “nigger” – isso fere você, isso se volta contra você. Então você diz coisas como, *forced busing* [segregação em ônibus], direitos políticos dos Estados e todas essas coisas, e você está ficando tão abstrato. Agora, você está falando sobre cortar impostos, e todas essas coisas sobre as quais você está falando são coisas totalmente econômicas e um subproduto delas é que os negros se prejudicam mais do que os brancos... “Queremos cortar isso” é muito mais abstrato do que até mesmo a coisa dos ônibus, e muito mais abstrato do que “nigger, nigger”.³³⁶

Nesse sentido, as imagens da implosão de Pruitt-Igoe cumpriam tanto uma função pedagógica de exaltação neoliberal, na medida em que serviriam para confirmar que as políticas de bem-estar social haviam fracassado, quanto indicavam que a disposição governamental em destruir comunidades “empestadas” de criminosos [presumivelmente negros, novamente] seria uma gestão violenta do espaço com forte apelo popular.

Talvez poucos soubessem, mas as cinzas de Pruitt-Igoe estariam diretamente relacionadas à segregação geográfica dos negros, em Ferguson, alguns anos depois. Atualmente, uma floresta germinada pelo descaso, o local onde um dia havia sido erguido um imponente complexo habitacional, “A Cidade do Futuro” racialmente integrada, metaforiza o abandono neoliberal que impiedosamente marcaria todas as geografias negras circunvizinhas (fig. 22). Os espaços negros de Ferguson, afinal, seriam as “vidas póstumas” não apenas da escravidão, mas também das promessas rompidas de Pruitt-Igoe.

³³⁴ NEW YORK TIMES, “Welfare Queen Becomes Issue in Reagan Campaign”, 15 de fevereiro de 1976, disponível em <https://www.nytimes.com/1976/02/15/archives/welfare-queen-becomes-issue-in-reagan-campaign-hitting-a-nerve-now.html>.

³³⁵ TAYLOR, Keeanga-Yamahtta. *From #BlackLivesMatter to Black Liberation*, Chicago, Illinois: Haymarket Books, 2016, p. 52.

³³⁶ PERLSTEIN, Rick. “Exclusive: Lee Atwater’s Infamous 1981 Interview on the Southern Strategy”, *The Nation*, 13 de novembro de 2012, disponível em <https://www.thenation.com/article/exclusive-lee-atwaters-infamous-1981-interview-southern-strategy/>.



Figura 22 – Floresta desmatada onde antes havia sido Pruitt-Igoe. Nos anos recentes, uma série de debates ocorreram em St. Louis sobre como revitalizar essa larga área. Fonte: Chris Naffziger/*St. Louis Magazine*.³³⁷

Em 19 de agosto de 2014, o prefeito de Ferguson, James Knowles III, gabava-se em entrevista dizendo: “A cidade de Ferguson tem sido um modelo para a região, ela exemplifica como fazemos a transição de uma comunidade predominantemente de classe média branca para uma comunidade predominantemente de classe média afro-americana”. Era curioso, embora não de todo estranho, ouvir um político branco filiado ao Partido Republicano dizer isso e ainda sacramentar que “nunca acreditou que existisse uma divisão racial na comunidade”, que aquelas eram alegações “absolutamente ridículas”.³³⁸ Como explica Mustafa Dikeç, a partir do ano de 2008, os subúrbios ultrapassaram as cidades no que diz respeito à população pobre nos Estados Unidos. Em uma porcentagem só superada por Atlanta, na Geórgia, a área metropolitana de St. Louis contava com mais de 75% dos pobres vivendo nos subúrbios de North County. A explicação estaria tanto na forma como as novas revitalizações do anel urbano estavam desalojando os pobres, quanto no fato de que o direcionamento da distribuição de cupons de auxílio-moradia terminava por confinar essas famílias em áreas já segregadas, como era o caso de Canfield Green Apartments, onde Mike Brown foi assassinado. Talvez porque a compartimentação do espaço geográfico através de

³³⁷ Disponível em <https://www.stlmag.com/history/the-pruitt-igoe-forest-is-being-demolished-what-does-that-mean-for-history/>.

³³⁸ TOPAZ, Jonathan. “Ferguson mayor: No ‘racial divide’”, *Politico*, 19 de agosto de 2014, disponível em <https://www.politico.com/story/2014/08/ferguson-mayor-james-knowles-race-110147>.

linhas raciais se desse naquele contexto, sobretudo, por meio dessas políticas públicas, de ordem local ou federal, supostamente *colorblindness*, é que o mandatário de Ferguson tenha oferecido à imprensa aquela narrativa fantasiosa de harmonia pós-racial.³³⁹ Ou é provável que ele fizesse aquilo porque, afinal, não considerava como cidadãos/humanos dignos de importância os 31% que viviam abaixo da linha da pobreza em Ferguson, em sua maioria negros.³⁴⁰

Na grande St. Louis, essa tendência citada por Dikeç não era exatamente nova. Ao longo dos anos 1970 e 1980, muitas famílias afro-americanas acabaram sendo pressionadas a sair do centro urbano e se mudar para subúrbios de residências mais antigas, onde os aluguéis estivessem em queda e os valores das propriedades declinando. Alguns dos antigos moradores de *Pruitt-Igoe*, por exemplo, migraram para esses subúrbios, localizados em sua maioria na região norte do condado, em cidades como Jennings, Normandia, Wellston, Bellefontaine e Ferguson, que ficava a cerca de 20 kms do demolido complexo habitacional.³⁴¹

A significativa mudança demográfica comentada pelo prefeito – de 85% branco e 14% negro em 1980, para 29% branco e 67% negro em 2010 – iria transformar o status de “cidade rockwelliana” que Ferguson tinha desde os seus primeiros anos no séc. XIX.³⁴² Antes que, em 2008, uma pesada crise de execução hipotecária levasse os EUA para a maior recessão econômica desde a Grande Depressão na década de 1930, muitas famílias negras viam naquele movimento do centro para os subúrbios a oportunidade de habitar um local com melhores moradias, com escolas mais equipadas, com melhor sistema de transporte, enfim, um espaço que as permitisse fugir do ciclo de pobreza urbana que limitava de maneira significativa muitas de suas aspirações futuras.³⁴³

Isso foi especialmente forte nos anos 1990-2000, quando uma parcela de pessoas negras, após décadas de pouca ou nenhuma atenção dos credores tradicionais, tornou-se o

³³⁹ DIKEÇ, Mustafa. *Urban rage: The revolt of the excluded*. Yale University Press, 2017. p. 21-22.

³⁴⁰ RIOS, Jodi. *Black Lives and Spatial Matters: Policing Blackness and Practicing Freedom in Suburban St. Louis*. Ithaca/NY: Cornell University Press, 2020, p. 118.

³⁴¹ FERGUSON, Roderick A. “Michael Brown, Ferguson and the Ghosts of Pruitt-Igoe”, *Cultural Critique*, v. 90, 2015, p. 141.

³⁴² UNITED STATES CENSUS BUREAU, disponível em <https://www.census.gov/quickfacts/fact/table/fergusoncitymissouri/POP010210>. O termo cidade rockwelliana vem de WESTHOFF, Ben. “Ferguson, Five Years Later”, *The Verge*, 6 de agosto de 2019, disponível em <https://www.theverge.com/2019/8/6/20754600/ferguson-michael-brown-killing-police-brutality-2014-protests-riots-5-years-later>.

³⁴³ WILTZ, Teresa. “Ferguson, Other U.S. Suburbs See Poverty Rise”, *Pew States*, 26 de agosto de 2014, disponível em <https://www.pewtrusts.org/pt/research-and-analysis/blogs/stateline/2014/08/26/ferguson-other-us-suburbs-see-poverty-rise>. Cf. também NICKS, Denver. “How Ferguson Went From Middle Class to Poor in a Generation”, *Time*, 18 de agosto de 2014, disponível em <https://time.com/3138176/ferguson-demographic-change/>.

foco de diversas empresas do setor imobiliário. Àquela época, havia alguma empolgação com as possibilidades que o sistema de habitação ofereceria às famílias afro-americanas. Além dessa “benesse” do mercado livre, as pessoas contavam agora com o apoio de um conjunto de leis, desenvolvidas desde o tempo de Reagan e aprimoradas durante a presidência de Bill Clinton (1993-2001), que buscavam promover grandes oportunidades de investimento na tão sonhada casa própria, mesmo que isso significasse aos seus credores o pagamento de taxas mais altas do que os brancos. Como apontam Zenia Kish e Justin Leroy, a busca de novos horizontes para a acumulação de capital levou “financistas com coração” a buscarem formas de transformar populações “em risco” [cujo recorte racial era evidente] em uma “aposta vencedora”. Aquela seria, defendiam, mais uma oportunidade *colorblindness* capaz de gerar retornos de capital através das ferramentas de financiamento social, reintegrando e tornando produtivos financeiramente grupos historicamente *atrasados*.³⁴⁴

Esse parecia ser o objetivo do presidente George W. Bush quando, em junho de 2002, dirigia-se à congregação da St. Paul’s AME Church, em Atlanta, na Geórgia, uma comunidade de maioria negra. Sua meta ambiciosa era oferecer um projeto doméstico de grandes proporções, que estendesse a propriedade privada para aquelas pessoas que até então haviam sido alijadas desse “Sonho Americano”. O seu discurso, pouco depois do atentado às Torres Gêmeas de Nova York, procurava ligar política e, historicamente, a Guerra ao Terror, com um projeto revisado de igualdade racial doméstica. Em sua fala, ele afirmava:

E enquanto trabalhamos para um mundo mais seguro, temos que trabalhar por um mundo melhor também. E isso significa que, enquanto trabalhamos em nossa segurança contra possíveis ataques de terroristas, também trabalhamos em segurança econômica. As duas seguranças andam de mãos dadas... E parte da segurança econômica é possuir a sua própria casa. *Parte de ser uma América segura é encorajar a posse de imóveis*.³⁴⁵ [grifos meus]

O lar, enquanto elemento vital, que proporciona abrigo e segurança, teria um componente moral de manutenção familiar e de expectativas sobre o futuro, ou seja, significaria reprodução biológica normativa e projeção pessoal através do tempo. As hipotecas, nesse sentido, seriam lidas como “instrumentos de inclusão financeira” capazes de simbolizar o verdadeiro empoderamento para mulheres negras pobres. Entretanto, ao invés de superar um passado marcado por rígidos impedimentos e segregações, o que terminou

³⁴⁴ KISH, Zenia; LEROY, Justin. “Bonded Life: Technologies of Racial Finance from Slave Insurance to Philanthrocapital”, *Cultural Studies*. v. 29, n. 5-6, 2015, p. 645.

³⁴⁵ apud CUEVAS, Ofelia. “Welcome to My Cell: Housing and Race in the Mirror of American Democracy”. *American Quarterly*, v. 64, n. 3, 2012, p. 605.

acontecendo foi a implementação nefasta de formas maleáveis de “discriminação inclusiva”.³⁴⁶

Como narra o documentário *Owned – A Tale of Two Americas* (2018), houve uma frenética compra e venda de casas, cada vez maiores, para alimentar um mercado sedento. Os empréstimos “sem renda/sem ativos” (*NINA*) eram extremamente comuns. De maneira que – não sem alguma dose de comentários preconceituosos da mídia – uma categoria inteira de hipotecas surgiu: as *subprimes*. Esse adjetivo ostensivamente indexava a classificação de crédito do mutuário, mas, à medida que o mercado de empréstimos se expandia para incluir aqueles que anteriormente excluía, as chamadas hipotecas *subprime* eram rotineiramente emitidas para tomadores em sua maioria mulheres negras, independentemente de seu *rating* de crédito.³⁴⁷ Naquelas, para retomar um termo de Denise Ferreira e Paula Chakravarty, “dívidas impagáveis”, havia uma notável ligação entre pessoas “racialmente descartáveis” e os cálculos de risco (ou melhor, os “erros calculados”) que têm sustentado a agenda econômica do Império americano desde muito tempo.³⁴⁸ Pessoas negras eram miradas pelo mercado não como futuras proprietárias *de fato*, mas como “consumidoras de dívida como *commodity*”. Elas, afinal, eram alijadas não apenas da possibilidade de adquirir qualquer valor real ou acumulação de riqueza no futuro, mas também da plena personalidade e liberdade oferecidas pela promessa de posse da casa própria.³⁴⁹ No que diz respeito à Ferguson, algumas partes seriam mais duramente atingidas por essa crise de execução hipotecária, de maneira que a armadilha [o *trap*] do sistema financeiro foi especialmente danosa para seus moradores negros. Para se ter uma ideia, ainda em 2014, metade dos proprietários de residência negros continuavam pressionados por dívidas hipotecárias que, muitas vezes, excediam o valor das casas que moravam. Sim, em menos de uma década após a grande crise, algumas das mesmas empresas responsáveis pela bolha financeira estavam novamente

³⁴⁶ Cf. WYLY, Elvin et. al. “New Racial Meaning of Housing in America”, *American Quarterly*, v. 64, n.3, 2012, p. 571-604.

³⁴⁷ OWNED: A Tale of Two Americas. Giorgio Angelini/Maggie Burns. Estados Unidos. Section Perspective, 2019. Filme-vídeo (1h23min). Denise da Silva e Paula Chakravarty fazem questão de frisar as continuidades discursivas temporais entre a “Rainha do bem-estar” e o protótipo do mutuário *subprime* como a “mulher afro-americana solteira”. FERREIRA da SILVA, Denise; CHAKRAVARTTY, Paula. “Accumulation, Dispossession, and Debt: The Racial Logic of Global Capitalism – An Introduction”. *American Quarterly*, v. 64, n. 3, 2012, p. 372.

³⁴⁸ FERREIRA da SILVA, Denise e CHAKRAVARTTY, Paula. “Accumulation, Dispossession, and Debt: The Racial Logic of Global Capitalism – An Introduction”. *American Quarterly*, v. 64, n. 3, 2012, p. 364.

³⁴⁹ CUEVAS, Ofelia. “Welcome to My Cell: Housing and Race in the Mirror of American Democracy”. *American Quarterly*, v. 64, n. 3, 2012, p. 606-607.

comprando imóveis e hipotecas de moradores negros em dificuldades financeiras, *arrastados para o inferno* da especulação imobiliária antinegra.³⁵⁰

Era de se imaginar que esses elementos da política de habitação servissem como combustível para muitas daquelas pessoas que incendiavam as ruas de Ferguson em 2014. Elas compartilhavam a sensação de que ser pobre em pequenas cidades suburbanas é algo consideravelmente pior do que em grandes metrópoles: as escassas opções de transporte público dificultavam o acesso a postos de trabalho, a pouca aplicação de serviços governamentais, as deficitárias opções de lazer coletivo (quadras esportivas, teatros, auditórios de música etc.) e os desertos alimentares acabavam sendo empecilhos que diariamente atrasavam suas vidas. Coisas banais, sem grandes holofotes midiáticos, mas que cansavam, revoltavam.

Ainda assim, vale ressaltar que, em comparação com outras pequenas cidades da região de North County, Ferguson era um lugar com relativa integração racial [se é que podemos chamar assim] e taxa de pobreza menor. Um pouco da empolgação do prefeito Knowles III era que, em 2014, a renda familiar média estava em US\$ 35.000, significativamente inferior à média nacional de US\$ 50.000, mas ainda assim superior à várias outras comunidades próximas. A peculiaridade local, entretanto, era a significativa disparidade que existia no interior [ou melhor, *nas margens*] daquela pequena cidade.³⁵¹ No alto dos seus 21.111 habitantes, a Ferguson, agora de maioria negra, ainda era “um mundo cindido em dois”, um espaço geográfico racialmente dividido entre uma “cidade branca” e uma “cidade negra”.³⁵² Em direção à South Florissant Road, havia uma estrada comercial, onde pequenos *pubs*, salões de charutos, cervejarias locais e padarias dariam a qualquer visitante a ideia de uma pacata e singela paisagem suburbana dos Estados Unidos.³⁵³ Na

³⁵⁰ GOLDSTEIN, Matthew. “Another Shadow in Ferguson as Outside Firms Buy and Rent Out Distressed Homes”, *The New York Times*, 3 de setembro de 2014, disponível em <https://dealbook.nytimes.com/2014/09/03/another-shadow-in-ferguson-as-outside-firms-buy-and-rent-out-distressed-homes/>. *Arrasta-me para o Inferno* (Drag me to Hell) é um filme de terror de 2009, dirigido por Sam Raimi, que situa de metaforiza de forma muito interessante a crise dos subprimes.

³⁵¹ CASSELMAN, Ben. “The Poorest Corner of Town”, *Five Thirty Eight*, 26 de agosto de 2014, disponível em <https://fivethirtyeight.com/features/ferguson-missouri/>.

³⁵² FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Tradução: José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p. 29.

³⁵³ Do luxuoso Corner Coffe House em South Florissant, o ex-prefeito democrata Brian Fletcher chegou a liderar o movimento “*I Love Ferguson*”, um grupo de “respeitáveis moradores” que se diziam “angustiados” pela maneira como a mídia nacional vinha retratando “a maravilhosa” Ferguson, “uma das mais progressistas

direção norte deste mesmo caminho, destacavam-se o departamento de polícia de Ferguson, o tribunal municipal e um escritório especializado em leis de trânsito, três locais que pareciam explicar a compartimentalização geográfica e racial da cidade. Já no lado sudeste, por conseguinte, havia uma “outra” Ferguson, separada da primeira pela West Florissant Avenue, a faixa comercial que foi um dos principais cenários das revoltas de agosto à novembro. Em termos raciais, nos complexos de apartamentos Oakmont, Canfield Green e Northwinds (onde Mike Brown passava um tempo com uma avó), 95% dos moradores eram negros. Visto como um “gueto suburbano”, aquele era um espaço compactado e densamente povoado, estruturalmente bem diferente dos outros bairros da cidade. Consequentemente, a renda média dos seus habitantes era inferior a US\$ 27.000, o que, à época, se tratava do oitavo setor censitário mais pobre de todo o estado do Missouri.³⁵⁴

idades do país”. Condenando os *anárquicos* forasteiros que *invadiam* suas ruas, o líder comunitário branco repetia a mesma ladainha que o seu sucessor James Knowles III, e conseguia ir além: desafiava as pessoas a falarem o nome de outro adolescente baleado por aquelas bandas. BOSS, Owen. “Ex-Ferguson mayor defends his ‘wonderful’ city, rips critics”, *Boston Herald*, 20 de agosto de 2014, disponível em <https://www.bostonherald.com/2014/08/20/ex-ferguson-mayor-defends-his-wonderful-city-rips-critics/>.

³⁵⁴ CASSELMAN, Ben. “The Poorest Corner of Town”, *Five Thirty Eight*, 26 de agosto de 2014, disponível em <https://fivethirtyeight.com/features/ferguson-missouri/>. A definição de “gueto suburbano” pode ser encontrada em DREIER, Peter; SWANSTROM, Todd. “Suburban Ghettos Like Ferguson Are Ticking Time Bombs”, *The Washington Post*, 21 de agosto de 2014, disponível em <https://www.washingtonpost.com/posteverything/wp/2014/08/21/suburban-ghettos-like-ferguson-are-ticking-time-bombs/>. Entretanto, como adverte Jodi Rios, esse termo parte do mesmo princípio de condenação da negritude como responsável pela crise urbana, algo que, como vimos, era comum à sociologia de outrora. Afinal, essas definições sempre vão considerar o gueto como um local repleto de pessoas com moralidade patológica. cf. RIOS, Jodi. *Black Lives and Spatial Matters: Policing Blackness and Practicing Freedom in Suburban St. Louis*. Ithaca/NY: Cornell University Press, 2020, p. 119.



Figura 23 – Canfield Green Apartments, Ferguson, Missouri, 12 de julho de 2019. Fonte: Ray Whitehouse/*The Washington Post* via *Getty Images*.³⁵⁵

Curiosamente, os imóveis de Canfield Green (fig. 23), em sua arquitetura típica dos subúrbios brancos dos anos 1960-1970, ainda hoje parecem bonitos por fora. Em um bucólico vídeo, publicado em 2015, na página da empresa de aluguéis ForRent, no *Youtube*, a localidade é apresentada como uma “comunidade forte” em construção. Armários grandes e aparelhos elétricos econômicos e eficientes trariam o conforto necessário na tranquilidade do lar. Uma trilha para caminhada, o fácil acesso ao transporte público, além de vários estabelecimentos comerciais e gastronômicos exclusivos nas proximidades eram listados como mais alguns dos seus atrativos. Em suma, uma “bela comunidade”, vantajosa para estudantes da University of Missouri-St. Louis, ou trabalhadoras da Emerson Eletric.³⁵⁶ Nas avaliações sobre esses residenciais publicadas no *Google Maps* por antigos moradores, todavia, é possível encontrar inúmeras queixas sobre as péssimas condições dos imóveis e sobre a irregularidade do transporte público naquela área que havia sido originalmente desenvolvida como a projeção de futuro para famílias brancas com carros próprios. A usuária RoRo Ro, em uma resenha de 2014, reclamava da baixa qualidade dos materiais do seu

³⁵⁵ Disponível em <https://media.gettyimages.com/photos/dorian-johnson-lived-at-the-canfield-green-apartments-when-mike-brown-picture-id1160503578?s=2048x2048>.

³⁵⁶ FOR RENT. “Canfield Green Apartments in Saint Louis, MO”. *Youtube*. 10 ago. 2015. 1min26s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-htdymnpnKFA>> Acesso em 05 mai. 2021.

apartamento maltrapilho, enquanto nikkibby 93, outra antiga locatária, protestava que as equipes encarregadas de fazer a manutenção invadiam os apartamentos na ausência dos inquilinos. Agentes de segurança intimidadores e um serviço de atendimento extremamente rude também seriam frequentes. Ir morar ali, portanto, seria “o último recurso” para muitos.³⁵⁷

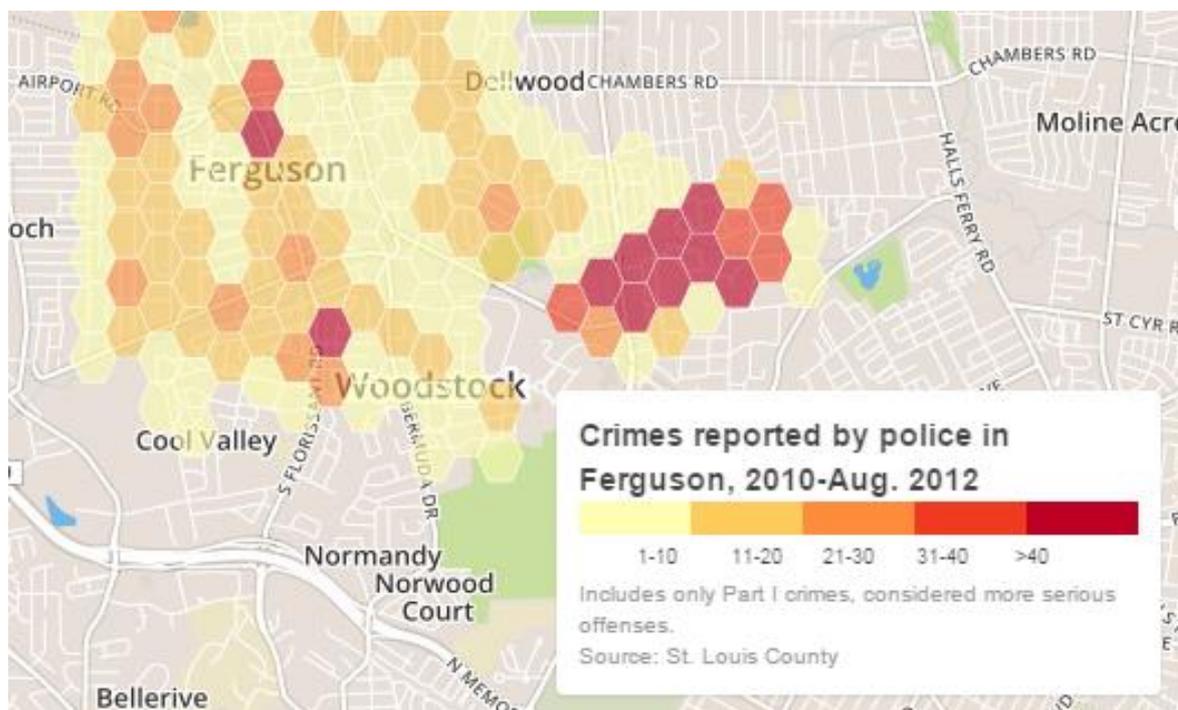


Figura 24 – Crimes reportados pela polícia em Ferguson, do ano de 2010 até agosto de 2012. Note-se que a área de maior concentração de crimes (pentágonos vermelhos) era onde estavam localizados os complexos de Oakmont, Canfield Green e Northwinds. Fonte: Walker Moskop/*St. Louis Post-Dispatch*.³⁵⁸

Nesse sentido de cidade suburbana racialmente compartimentada, vale destacar também, que Ferguson apresentava taxas de criminalidade curiosamente menores do que outros municípios da região norte de St. Louis. Novamente, a geografia negra, onde os complexos de Oakmont, Canfield Green e Northwinds estavam localizados, seria “o grande problema”, a peculiaridade negativa. Mesmo alguns dos moradores negros de classe média em Ferguson pareciam replicar as queixas contra o comportamento *desviante* dos pobres que

³⁵⁷ GOOGLE, INC. *Google Maps*. Disponível em: <https://www.google.com/maps/place/Pleasant+View+Gardens/@38.738976,-90.2735397,15z/data=!4m5!3m4!1s0x0:0xeb701e66a24e7a8b!8m2!3d38.738977!4d-90.2735293>. Trata-se um lugar tão deteriorado e mal afamado, que, ao ser vendido para um novo grupo de investidores em 2021, estes decidiram mudar seu nome para Pleasant View Gardens. BOGAN, Jesse. “New owners of Canfield Green Apartments in Ferguson say a pleasant view is coming”, *St. Louis Post-Dispatch*, 18 de junho de 2021, disponível em https://www.stltoday.com/news/local/metro/new-owners-of-canfield-green-apartments-in-ferguson-say-a-pleasant-view-is-coming/article_0a1b5c3d-40d1-56de-8e37-1228d9faf8ef.html.

³⁵⁸ Disponível em https://www.stltoday.com/news/multimedia/crime-in-ferguson-2010-2012/html_f385f6f7-a43f-5a52-993a-6c4ec3f0528b.html.

moravam naquele espaço apartado e perigoso (fig. 24). Muitos, na verdade, nem sabiam que Canfield Green estava nos limites geográficos e jurídicos de Ferguson.³⁵⁹ Como informava um levantamento dos dados criminais fornecidos pelo condado, naquela área relativamente pequena havia acontecido 18% dos crimes graves, entre 2010 e agosto de 2012, 28% dos roubos, 28% dos assaltos com agravantes, 30% dos roubos de veículos motorizados e 40% de todos os roubos simples registrados na cidade de Ferguson.³⁶⁰

Não surpreendeu, portanto, quando essa condenação racial geográfica foi retomada por um dos jurados que inocentaria Darren Wilson. Antes mesmo que o policial acusado depusesse nesse sentido, ele fez questão de recordar o quanto considerava Canfield Green uma área “conhecida por gangues, violência e armas de fogo [...] certamente antipolícia”.³⁶¹ Um espaço disponível ao risco da especulação imobiliária e abandonado pela economia de despejo neoliberal era, conseqüentemente, visto como um “lugar ruim da cidade”, um lugar onde policiais brancos correriam mais riscos de serem atacados por “sujeitos ruins”, um lugar onde a lei, por necessidade e por costume, deveria se impor à revelia do ordenamento jurídico. A naturalização da violência ali era não apenas uma medida de distinção que contribuía para a valorização material dos espaços brancos ao norte de Ferguson, mas uma forma de atrasar a vida da população afro-americana. Viver com o medo de tudo aquilo significava nutrir menos expectativas de que aquele lugar pudesse oferecer a eles, e às pessoas de seu convívio, um futuro diferente do que Brown havia recebido. Fazer parte desses cálculos raciais é estar cercado num espaço de condenação incessante: mesmo saindo dali, o rebaixamento social te persegue.

Então, quando foram divulgados, em 2015, os resultados obtidos pelo relatório do procurador geral Eric Holder, as pessoas negras apenas confirmaram um cotidiano de exclusão geográfica e perfilamento racial que há muito conheciam:

Eles [a administração pública] obtêm dinheiro da seguinte maneira: negócios e impostos, com a polícia parando as pessoas e multando-as, levando-as a julgamento, prendendo-as, é assim que eles fazem dinheiro em St. Louis. Tudo gira em torno do dinheiro em St. Louis. De modo que quando se interrompe esse fluxo de rendimentos eles tem tudo organizado... “nós vamos comer, vocês vão passar fome”. Gentrificação. Vá você mesma

³⁵⁹ CASSELMAN, Ben. “The Poorest Corner of Town”, *Five Thirty Eight*, 26 de agosto de 2014, disponível em <https://fivethirtyeight.com/features/ferguson-missouri/>.

³⁶⁰ MOSKOP, Walker. “Crime in Ferguson, 2010-2012”, *St. Louis Post-Dispatch*, 16 de agosto de 2014, disponível em https://www.stltoday.com/news/multimedia/crime-in-ferguson-2010-2012/html_f385f6f7-a43f-5a52-993a-6c4ec3f0528b.html.

³⁶¹ “STATE OF MISSOURI V. DARREN WILSON: TRANSCRIPT OF GRAND JURY”. 20 de agosto – 21 de novembro, p. 238-239, disponível em <https://dataspace.princeton.edu/handle/88435/dsp014q77ft580>.

[Smith está se dirigindo à repórter Kim Bell] a certos bairros e veja se é capaz de suportar a fome.... Nós não podemos deixar que isso aconteça aqui em St. Louis.”³⁶²

Aquilo que a experiência empírica do manifestante DeAndre Smith, com seus vários anos enfrentando o mundo antinegro, não parecia ter respeitabilidade suficiente para provar [daí porque a condenação peremptória da *Fox News*, que o taxou de símbolo da conduta *anárquica* dos *thugs* de Ferguson] seria confirmado tanto nos dados do relatório de Eric Holder, que destacava como das 5.384 paradas de trânsito que haviam ocorrido na cidade de Ferguson em 2013, 4.632 foram direcionadas à população negra; quanto pela descoberta de vários e-mails, nos quais o Diretor Financeiro da prefeitura fazia explícitas requisições ao Chefe de Polícia, Thomas Jackson, para que seu departamento não medisse “esforços para aumentar a eficiência e maximizar as cobranças”, ou seja, aplicasse mais multas às pessoas “imprudentes”/“impróprias” de sempre.³⁶³ Naquele contexto de forte estagnação econômica de St. Louis, o perfilamento racial fez com que as taxas e multas chegassem a ser a segunda maior fonte de renda da cidade. Ironicamente, a despeito do número de residentes ter diminuído 11% entre os anos de 2010 e 2013, o que se viu foi um significativo aumento de 85% nas multas, atingindo o valor de US\$ 2,6 milhões no ano anterior à rebelião.³⁶⁴

Como explica Jodi Rios, a fuga de moradores brancos das cidades de North County provocou um massivo desinvestimento nas economias locais, de maneira que as prefeituras se viram cada vez mais impelidas a considerar essas multas como uma fonte de renda possível. Haveria aqui um “duplo vínculo do corpo negro”, ou seja: “os moradores negros sofrem e pagam pela perda de viabilidade econômica e política provocada por sua própria presença”. Nesse processo, os governos municipais do condado acabam sendo “vítimas e administradores do estado racial contemporâneo nos Estados Unidos”.³⁶⁵ Mais precisamente, a gestão do espaço se encontrava com o controle normativo do que julgavam serem

³⁶² BELL, Kim. “Aug. 11, 2014: Man justifies the looting in Ferguson”, *St. Louis Post-Dispatch*, 11 de agosto de 2014, disponível em https://www.stltoday.com/news/multimedia/aug-11-2014-man-justifies-the-looting-in-ferguson/html_7699be22-bb74-5d4f-aa49-fcc46f5cb025.html.

³⁶³ U.S. DEPARTMENT OF JUSTICE, INVESTIGATION OF FERGUSON POLICE DEPARTMENT, *United States Department of Justice Civil Rights Division*, 4 de março de 2015, p. 10. disponível em https://www.justice.gov/sites/default/files/opa/press-releases/attachments/2015/03/04/ferguson_police_department_report.pdf.

³⁶⁴ GUILFORD, Gwynn. “These seven charts explain how Ferguson – and many other US Cities – wring revenue from black people and the poor”, *Scroll.in*, 01 de setembro de 2014, disponível em <https://scroll.in/article/676612/these-seven-charts-explain-how-ferguson-and-many-other-us-cities-wring-revenue-from-black-people-and-the-poor>.

³⁶⁵ RIOS, Jodi. *Black Lives and Spatial Matters: Policing Blackness and Practicing Freedom in Suburban St. Louis*. Ithaca/NY: Cornell University Press, 2020, p. 83. Sobre a noção de “Estado racial”, cf. GOLDBERG, David Theo. *The Racial State*. Malden/ MA: Blackwell Publishing, 2002.

comportamentos *desviantes*. O policiamento, a segurança coletiva e as multas eram justificadas em função da pressuposta inabilidade dos moradores negros comportarem-se em subúrbios, aparelhos sociais modernos idealmente construídos para a distinção e a projeção de um futuro confortável para brancos de classe média. Rios aponta que, além do foco direcionado às infrações de trânsito e mandados, vinha acontecendo nos últimos dez anos uma crescente de multas relacionadas à “inconveniência comunitária”. Desproporcionalmente, taxavam-se residências de moradores negros que ouviam música alta, deixavam brinquedos ou piscinas infantis nos jardins da frente, instalavam cestas de basquete ou churrasco nos jardins, bebiam álcool a quinze metros de uma churrasqueira, colocavam cortinas incompatíveis em suas janelas, não fixavam corretamente latas de lixo, falhavam em manter a grama no cumprimento adequado, possuíam um cão incômodo ou, como vimos no caso de Mike Brown, praticavam o *jaywalking*.³⁶⁶

Ainda que a Escravidão, enquanto evento epocal, tivesse sido abolida em 1863, o que se via naquela “parte negra/ruim” de Ferguson era uma reiterada tentativa de restringir a liberdade de movimento de jovens negros como Brown. Embora simbolicamente as correntes da escravidão tenham se transformado em joias a adereçar os pescoços daqueles meninos simpáticos à cultura *bling bling*, era como se Canfield Green ainda funcionasse como uma velha *plantation*: com policiais hipervigiando os passos daquelas vidas negras que não mereciam misericórdia por quaisquer desvios de rota que cometessem. Ao invés das *Leis do Escravo Fugitivo* ou dos *Black Codes*, o que víamos em 2014 eram decretos proibindo calças arriadas [*sagging pants*] e multas contra o “jeito errado” de andar no setor “mal-afamado” da cidade. Ao parar Michael Brown e Dorian Johnson, o policial Darren Wilson demonstrava, mais uma vez, o quanto seu trabalho era, também, uma forma de espacializar a antinegritude.³⁶⁷

³⁶⁶ Idem, p. 100. É interessante refletir como essa perseguição funcionava, de certa forma, à semelhança da hipervigilância do ambiente escolar, onde os alunos negros são comumente tratados como indisciplinados, rebeldes e impróprios para o futuro que se começa a construir ali. As punições, nesse sentido, também se parecem, pois, enquanto os moradores negros são repetidamente taxados, multados ou detidos, os alunos são desproporcionalmente suspensos e punidos por comportamentos que fogem das normas de “conduta adequada”.

³⁶⁷ Uma brilhante reflexão sobre como as “leis dos escravos fugitivos” e os “*Black codes*” vigiavam e puniam o movimento e o comportamento de pessoas negras tanto antes, quanto depois da Abolição formal, é desenvolvida por BROWNE, Simone. “‘Everybody Got a Little Light under the Sun’ – The Making of the Book of Negroes”. In: *Dark Matters: On the Surveillance of Blackness*. Durham, NC: Duke University Press, 2015, p. 63-88. Para um panorama sobre a condenação da juventude negra, o pânico moral que motivou leis para banir calças arriadas e o lugar ocupado por Barack Obama nessas contendas cf. COHEN, Cathy J. *Democracy Remixed: Black Youth and the Future of American Politics*. New York: Oxford University Press, 2010, p. 141-144.

“A brancura, inicialmente construída como uma forma de identidade racial, evoluiu para uma forma de propriedade, historicamente e atualmente reconhecida e protegida na lei americana”. Essa poderosa sentença de Cheryl I. Harris nos ajuda a compreender como nos Estados Unidos atuais o status econômico de milhões de famílias brancas está diretamente relacionado a ganhos materiais possibilitados por práticas pretéritas e presentes de discriminação racial.³⁶⁸ Como argumenta George Lipsitz, o foco nas desvantagens que os negros possuem, por vezes, acaba desviando atenção do leque extenso de medidas públicas e privadas, mesmo na racionalidade neoliberal que se diz *colorblindness*, que deram/dão guarida aos inúmeros benefícios que os brancos herdaram de seus ancestrais.³⁶⁹ Pensando em termos de domínio espacial, essas vantagens são o resultado direto, explica Daria Roithmayr, do modo como a brancura agia coletivamente em uma espécie de “cartel racial”, ou seja, através de um direcionamento mais ou menos formalizado por meio do qual estabeleciam pactos restritivos de zoneamento geográfico (*redlining*, *blockbusting* ou até mesmo a violência de turbas de linchadores) que permitia-lhes, em diversas regiões, entre os anos de 1866 e 1948, ter acesso privilegiado à casa própria, emprego, educação e poder político.³⁷⁰ Lógico, e isso W. E. B. Du Bois salientava desde a virada do século XIX, não se tratava de afirmar que entre os brancos não existiam assimetrias de poder político e econômico, mas sim que, mesmo os mais pobres entre os brancos pobres, possuíam um “salário público e psicológico” capaz de lhes permitir maiores expectativas com relação ao futuro, longe de bairros e escolas empobrecidas, distantes de áreas poluentes e de outras limitações comuns a espaços negros.³⁷¹

A racialização antinegra do espaço vai muito além de óbvios exemplos como as *plantations*, a cabana do meeiro, os guetos e as prisões, pontua George Lipsitz. Seu alastramento, na verdade, manifesta-se também na própria organização do imaginário espacial branco: a segregação persistente em bairros, escolas, trabalhos de maior remuneração, clubes de campo, ou mesmo na organização da malha viária (o que tornava determinadas rotas do

³⁶⁸ HARRIS, Cheryl I. “Whiteness as Property.” *Harvard Law Review*, v. 106, n. 8, 1993, p. 1707. Um texto que ganhou grande repercussão ao discutir essa construção das disparidades raciais é o de COATES, Ta-Nehisi. “The Case for Reparations”, *The Atlantic*, 21 de maio de 2014, disponível em <https://www.theatlantic.com/magazine/archive/2014/06/the-case-for-reparations/361631/>.

³⁶⁹ LIPSITZ, George. *How Racism Take Place*. Philadelphia: Temple University Press, 2011, p. 2.

³⁷⁰ ROITHMAYR, Daria. “Racial Cartels”. *Michigan Journal of Race and Law*, v. 16, n. 1, 2010, p. 44-79.

³⁷¹ DU BOIS, W. E. B. *Black Reconstruction: An Essay Toward a History of the Part Which Black Folk Played in the Attempt to Reconstruct Democracy in America, 1860-1880*. New York: Harcourt, Brace and Company, 1935, p. 700.

transporte público indisponíveis para residentes de lugares como Canfield Green), em suma, diversas são as estratégias que permite, ainda hoje, aos maiores beneficiários dessa estruturação geográfica ocultar quaisquer suposições ou imperativos racistas.³⁷² Na grande St. Louis, por exemplo, a forma como historicamente lugares como *shoppings centers*, arenas esportivas, escolas e rodovias foram projetados, construídos, administrados, financiados e, finalmente, policiados, segue à risca um espaçamento racial.³⁷³ Como diria Charles Mills:

A normatização do espaço é parcialmente feita em termos da *racialização* do espaço, a representação do espaço como dominado por indivíduos (sejam pessoas ou subpessoas) de uma determinada raça. Ao mesmo tempo, a normatização do indivíduo é parcialmente alcançada *especializando-o*, ou seja, representando-o como impresso com as características de um determinado tipo de espaço. Portanto, esta é uma caracterização de apoio mútuo que, para subpessoas, se torna uma acusação circular: “Você é o que você é em parte porque se origina de um certo tipo de espaço, e esse espaço tem essas propriedades em parte porque é inabitado por criaturas como você mesma.”³⁷⁴

Para isso, e retornando a Frantz Fanon, a polícia cumpria um papel central na normatização que, iteradamente, definia a qual espaço pertencia e de que forma deveria ser tratado cada indivíduo, como prova a ainda atual percepção de que “espécies diferentes” do tipo Mike Brown seriam perigosas, pois moravam... em *quebradas* perigosas.³⁷⁵

Um “espaço negro” [como Canfield Green], segue Mills, é uma região “normativamente descontínua com o espaço político branco”, o que significa que as regras de cuidado são diferentes.³⁷⁶ A noção de *cuidado* [*care*], como bem observa Christina Sharpe, dá conta de um paradoxo próprio aos espaços racializados, na medida em que sua população tanto estará disponível ao cuidado excessivo das práticas de vigilância e perfilamento racial, quanto terá cuidados limitados no que diz respeito a direitos sociais básicos como boas escolas, moradia, lazer e proteção ambiental. Enquanto muitos estudiosos do neoliberalismo situam o surgimento dos atuais níveis de desinvestimento social no contexto do abandono do estado caritativo que ascende na década de 1970, Sharpe opta por outros rastros e vai ler a

³⁷² LIPSITZ, George. *How Racism Take Place*. Philadelphia: Temple University Press, 2011, p. 52.

³⁷³ Cf. GORDON, Colin. “Patchwork Metropolis: Municipal Zoning in Greater St. Louis”. In: *Mapping Decline: St. Louis and the Fate of the American City*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2008, p. 112-152.

³⁷⁴ MILLS, Charles W. *The racial contract*. Ithaca/NY: Cornell University Press, 1997, p. 41-42.

³⁷⁵ Nunca é demais lembrar da clássica passagem de Fanon: “A cidade do colonizado, ou pelo menos a cidade indígena, a cidade negra, a médina, a reserva, é um lugar mal afamado, povoado de homens mal afamados. Aí se nasce não importa onde, não importa como. Morre-se não importa onde, não importa de quê. (...) Este mundo dividido em compartimentos, este mundo cindido em dois, é habitado por espécies diferentes”. FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Tradução: José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p. 29.

³⁷⁶ MILLS, Charles W. *The racial contract*. Ithaca/NY: Cornell University Press, 1997, p. 51.

ambígua noção de *cuidado* que sustenta a precarização contemporânea em uma íntima relação com o comércio de africanos escravizados. Mais precisamente, refletindo com o livro homônimo da poetisa M. NourbeSe Philip e amparando-se em documentos de época, ela retorna aos desdobramentos da história do navio escravocrata *Zong*. Em uma viagem da costa africana para as Índias Ocidentais, em 1781, após a embarcação britânica errar a rota para a Jamaica e sete tripulantes (além de 60 escravos) morrerem de desnutrição, o capitão Luke Collingwood, tentando salvar “o resto da carga”, ordenou que 122 pessoas escravizadas fossem jogadas ao mar. Que posteriormente os proprietários da embarcação tenham ajuizado uma ação civil demandando indenização por conta do “produto” que haviam “perdido” só confirma como aquele episódio exemplifica a paradigmática relação entre os riscos da travessia oceânica, os primórdios do comércio de seguros e a coisificação de corpos negros.³⁷⁷

Tomando em consideração essa dupla condição acerca do *cuidado* que marca os princípios do liberalismo financeiro, as reflexões de Sharpe sobre o que motivou o capitão Colingwood a negar água aos prisioneiros do *Zong* e o que levou os proprietários do navio a requisitarem o seguro da “carga perdida”, podemos pensar sobre o que estava em atuação nos espaços racializados da grande St. Louis em 2014.³⁷⁸ Precisamente porque o histórico de pouco cuidado governamental daquela que é conhecida como “A Cidade do Rio” (os rios Illinois, Missouri e Mississippi se encontram ao norte da cidade) fazia com que sua população negra convivesse não apenas com fortes enchentes, mas com a poluição de tão fartos recursos hídricos. Como informa um relatório elaborado por Jonathan F. Spencer, a presença de cinzas de carvão, resíduos radioativos, operações de alimentação animal concentrada (CAFOs) e

³⁷⁷ Não deixa de ser curioso, lembra Sharpe, que o primeiro nome recebido por essa embarcação tenha sido *Zorg* (ou *Zorgue*), cuja tradução do holandês para o inglês significaria “cuidado” [care]. SHARPE, Christina. *In the Wake: On Blackness and Being*. Durham, NC: Duke University Press, 2016. Cf. PHILIP, M. NourbeSe. *Zong!* Hartford/CT: Wesleyan University Press, 2008.

³⁷⁸ “Apenas um pensamento complexo, não-linear, pode traçar como (a) a matriz colonial (jurídico-econômica) que sustentou o capital mercantil (b) opera através do arsenal racial (político-simbólico) que continua a alicerçar o capital industrial, bem como (c) o capital financeiro por meio da violência racial.” FERREIRA da SILVA, Denise. “Pensamento Fractal”. Tradução: Mariana dos Santos e Nicolau Galvão. *Plural: Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo*, v. 27, n. 1, 2020, p. 207. De alguma forma, esse é o projeto de Ian Baucom em *Specters of the Atlantic*, um livro que parte da viagem do *Zong* e navega até as formações atuais do capitalismo financeiro e seus modos de especulação. Cf. BAUCOM, Ian. *Specters of the Atlantic: Finance Capital, Slavery, and the Philosophy of History*. Durham, NC: Duke University Press, 2005. Para um entendimento dessa ligação enquanto uma “acumulação” de temporalidades, cf. GLISSANT, Edouard. “La Querella con La Historia”. In: VALDÉS GARCÍA, Félix. *Antología del pensamiento crítico caribeño contemporáneo*. West Indies, Antillas Francesas y Antillas Holandesas. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2017, p. 297-298.

esgoto do sistema de transbordamento combinado (CSO) prejudicava enormemente a oferta de água para as comunidades locais (fig. 25).³⁷⁹

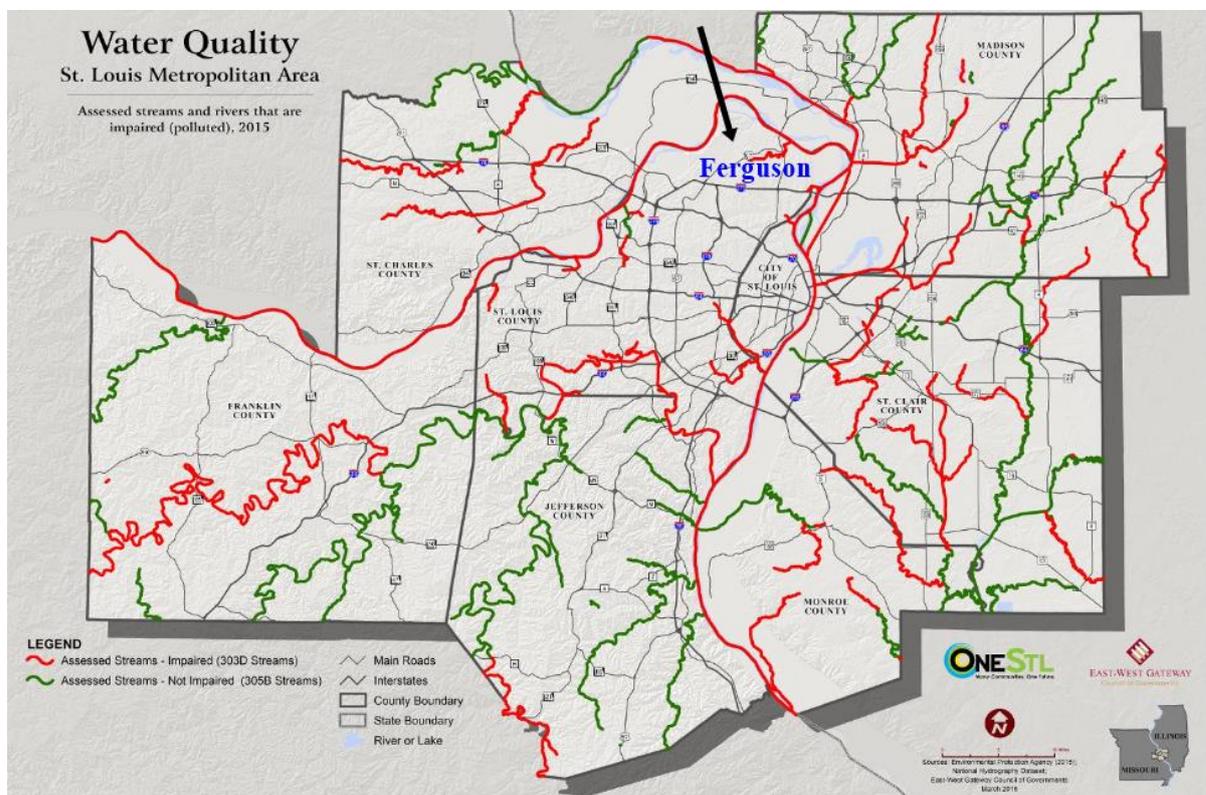


Figura 25 – Dados da Agência de Proteção Ambiental (*East-West Gateway Council of Governments*, 2017) apontam que os três rios (e grande parte dos cursos d’água na área metropolitana de St. Louis) estão severamente “prejudicados” e “inseguros” (indicados em vermelho no mapa) para práticas recreativas ou desenvolvimento pleno da vida selvagem. Ferguson [apontada em uma seta], como se pode ver, estava rodeada por reservas hídricas com grau de poluição elevada. Fonte: Johnatan F. Spencer/*Story Maps*.³⁸⁰

Há também de se destacar como esse é um espaço marcado por uma longa história de exposição da população afro-americana a perigos tóxicos. Walter Johnson nos recorda os experimentos de liberação de produtos químicos feitos em Pruitt-Igoe entre os anos de 1963 e 1965. O projeto, que contava com uma curiosa parceria entre pesquisadores de Stanford, cientistas da Universidade de Washington e da Monsanto, consistia em administrar um nevoeiro composto de sulfeto de zinco-cádmio (ZnCd), cujo objetivo seria, naquele contexto da Guerra Fria, aprimorar técnicas que atrapalhassem a visão de bombardeiros soviéticos em hipotéticos ataques nucleares. A justificativa ética para transformar aquele espaço em um

³⁷⁹ SPENCER, Jonathan F. “Pollution and Floods in St. Louis: The Confluence of Human Activity and Environmental Tendencies”, *StoryMaps*, 4 de dezembro de 2019, disponível em <https://storymaps.arcgis.com/stories/ea2bb95c1e946a992e7ff05a44678a0>.

³⁸⁰ Disponível em <https://storymaps.arcgis.com/stories/ea2bb95c1e946a992e7ff05a44678a0>.

“laboratório vivo”³⁸¹, além do fato de que a estrutura arquitetônica de Pruitt-Igoe era relativamente parecida com a do complexo soviético de Kolpino, era a de que aquele era um ambiente hostil, cujo pouco cuidado com sua população [de maioria negra] não contaria com a empatia pública.³⁸²



Figura 26 – Manifestantes em frente a uma névoa de gás lacrimogêneo pairando sobre West Florissant Avenue em Ferguson, Missouri, 18 de agosto de 2014. Fonte: Lucas Jackson/Reuters.³⁸³

As nuvens de gás lacrimogêneo que nublavam o céu de Ferguson enquanto os *anárquicos* manifestantes recusavam-se a se dispersar, em agosto 2014, na verdade, era apenas um evento visível da antinegitude atmosférica que tem poluído o ar daquela região há muito tempo (fig. 26). Como uma ótima reportagem de Brentin Mock para o portal *Grist* demonstrava: St. Louis era o 13º lugar em exposição ao ozônio e ficava na 8º posição no que

³⁸¹ Hortense Spillers lembra como a racionalidade médica, mesmo antes do Holocausto da Segunda Guerra Mundial, objetificou corpos negros como se esses fossem um “laboratório vivo” sempre disponível a experimentos. Como ela aponta: “Essa lucrativa ‘atomização’ do corpo cativo fornece outro ângulo sobre a carne dividida: perdemos qualquer indício ou sugestão de uma dimensão da ética, da relação entre a personalidade humana e suas características anatômicas, entre uma personalidade humana e outra, entre a personalidade humana e as instituições culturais.” SPILLERS, Hortense. “Bebê da mamãe, talvez do papai: uma gramática estadunidense”. Tradução de Allan K. Pereira e Kênia Freitas. In: *Pensamento Negro Radical: Antologia de Ensaios*. São Paulo: Crocodilo Edições, 2021, p. 37.

³⁸² JOHNSON, Walter. *The Broken Heart of America: St. Louis and the Violent History of United States*. New York: Basic Books, 2020, p. 370-373.

³⁸³ Disponível em: <https://www.reuters.com/news/picture/protests-in-ferguson-idJPRTR42T5S>.

se refere à presença de partículas cancerígenas no ar. Durante os motins de agosto, o calor de 35° celsius daquele verão era intensificado pela massiva dependência de combustível fóssil em vigor no Missouri. Três empresas super poluidoras, como *Union Electric, Kansas City Power and Light* e a *Associated Electric Coop*, administravam usinas de carvão (responsável por 80% da matriz energética do estado) que contribuíam diretamente para ser, aquela, uma região responsável por lançar mais de 87 milhões de toneladas de poluição de carbono no ano de 2012, uma das maiores taxas dos EUA, a grande nação poluidora do planeta.³⁸⁴

Nem todas as pessoas que moravam naquele espaço reconheciam a gravidade da degradação ambiental. Poluição atmosférica, afinal, se situa naquilo que Rob Nixon define como “violência lenta”: ocorre em uma temporalidade gradual, que geralmente é menos perceptível/discernível, que retarda seus efeitos, que se dispersa no tempo e no espaço. Muitos dos fenômenos que dão corpo a essa violência lenta nem mesmo são lidos/vistos como violações, dado o caráter “incremental” que possuem. Eles são essencialmente difusos, dificultam uma correlação direta entre vítimas e culpados, e apresentam-se, na maioria das vezes, como uma calamidade que ocorre em várias escalas temporais. A sua dificuldade peticionária é particularmente notável nos ciclos eleitorais, quando a legislação ambiental preventiva ou corretiva, que foca na violência lenta, é normalmente considerada uma questão menos importante: “crítica, mas não urgente”. Por conta desses motivos, a violência lenta impõe notáveis desafios representacionais, narrativos e estratégicos aos movimentos de enfrentamento ativista:

O funcionamento insidioso da violência lenta deriva em grande parte da atenção desigual dada ao tempo espetacular em comparação com o não espetacular. Em uma época que venera o espetáculo instantâneo, a violência lenta é deficiente nos efeitos especiais reconhecíveis que enchem os cinemas e aumentam a audiência na TV. A violência química e radiológica, por exemplo, é conduzida para dentro, somatizada em dramas celulares de mutação que – particularmente nos corpos dos pobres – permanecem em grande parte não observados, não diagnosticados e não tratados. De uma perspectiva narrativa, esse teatro invisível e mutagênico é lento e aberto, iludindo o fechamento organizado, a contenção, imposta pelas ortodoxias visuais de vitória e derrota. [...] Catástrofes de atrito que ultrapassam limites

³⁸⁴ MOCK, Brentin. “Everyone’s talking about the Ferguson looters. Let’s shame the polluters, too”, *Grist*, 22 de agosto de 2014, disponível em <https://grist.org/climate-energy/everyones-talking-about-the-ferguson-looters-lets-shame-the-polluters-too/>. No filme *Faça a Coisa Certa* (1989), do diretor afro-americano Spike Lee, o “despertar” da fúria negra contra a antinegitude se dá, justamente, em um dia quente de verão. De fato, várias outras rebeliões negras se deram nessa estação do ano, com destaque para o chamado Red Summer, de 1919. Cf. *FAÇA a Coisa Certa*. Spike Lee. Estados Unidos. 40 Acres & A Mule Filmworks, 1989. Filme-vídeo (2 hrs). Para uma instigante pesquisa sobre o tema, cf. YEELES, Adam. “Heat and Hotheads: The Effect of Rising Temperatures on Urban Unrest”, *New Security Beat*, 23 de março de 2015, disponível em <https://www.newsecuritybeat.org/2015/03/heat-hothead-effect-rising-temperatures-urban-unrest/>.

claros no tempo e no espaço são marcadas, sobretudo, por deslocamentos – deslocamentos temporais, geográficos, retóricos e tecnológicos que simplificam a violência e subestimam, antecipadamente e em retrospecto, os custos humanos e ambientais. Esses deslocamentos facilitam o caminho para a amnésia, pois os lugares se tornam irrecuperáveis para aqueles que os habitaram, lugares que normalmente passam despercebidos na mídia corporativa.³⁸⁵

A violência lenta é, sobretudo, sobre um futuro que *já chegou*, ou melhor, que há muito tempo está por aqui, punindo desproporcionalmente pessoas negras. Que Rob Nixon destaque o papel da audiência da TV e da pouca importância política que estas questões recebem diz respeito não apenas à forma insidiosa e à difícil demonstração dessas violações, mas, sobretudo, explica a inerente expectativa de que geografias negras sejam naturalmente mais resistentes/dispostas/adaptadas ao sofrimento.

Nesse sentido, é preciso pensar o capitalismo predatório das empresas super poluidoras que atuam no Missouri como um capitalismo racial, especialmente na forma como elas especulam seus lucros futuros em função da expropriação, realocação e exploração de pessoas negras, povos indígenas e imigrantes não-documentados. Da mesma forma que no navio *Zong*, os seus custos humanos e ambientais eram tomados como cálculos preditivos, como algo que caberia ao setor de gerenciamento de imagem lidar. Nesse processo de violência lenta, era como se as vidas daqueles que habitassem os espaços negros fossem, afinal, hipotecadas, em função de algo que “sustentaria” a economia local.³⁸⁶

Além da antinegitude ambiental e sua “violência lenta”, sobreviver naquelas geografias marcadas pelo abandono era estar sujeito a diversos riscos de saúde: danos nos sistemas cardiovascular, endócrino, imunológico e metabólico, que aumentavam as chances

³⁸⁵ NIXON, Rob. *Slow Violence and the Environmentalism of the Poor*, Cambridge: Harvard University Press, 2011, p. 6-7.

³⁸⁶ Cf. Sobre especulação financeira e antinegitude, cf. KEELING, Kara. “Introduction: Black Futures and the Queer Times of Life: Finance, Flesh, and the Imagination”. In: *Queer Times, Black Futures*. New York: New York University Press, 2019, p. 1-40. Sobre capitalismo racial, a referência é sempre o clássico ROBINSON, Cedric. *Black Marxism: The Making of the Black Radical Tradition*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2000; cf. também KELLEY, Robin D. G. “O que Cedric Robison quis dizer com capitalismo racial?”, *Boston Review*, 12 de janeiro de 2017, Tradução de Allan K. Pereira, disponível em <https://medium.com/@allankardecpereira/o-que-cedric-robinson-quis-dizer-com-capitalismo-racial-dc05e769a71f>.

de desenvolver hipertensão, depressão, asma, infecções, diabetes, além de algo que grande parte da comunidade de Mike Brown (inclusive ele próprio) tinham: a obesidade.³⁸⁷

Oakmont, Canfield Green e Northwinds, como muitas outras localidades racializadas próximas a centros urbanos nos Estados Unidos, estavam confinadas em “desertos alimentares”, espaços com poucos estabelecimentos que vendessem frutas e vegetais frescos, mas repletos de lojas de *fast-foods* e distribuidoras de bebidas alcoólicas. Para efeito de comparação, na cidade de St. Louis, onde é de se imaginar que houvesse maior acesso a serviços públicos, um relatório do *United States Department of Health and Human Services* apontava que os bairros predominantemente afro-americanos tinham uma incidência de sobrepeso/obesidade em cerca de 70% da população, um número bem maior que os 56% alcançados em bairros de maioria branca.³⁸⁸

É fácil, portanto, supor que a condenação das pessoas em rebelião [e do próprio Mike Brown] fosse feita através de diversos estereótipos sobre os seus corpos obesos, tomados como uma prova de que viviam “exagerando nos prazeres sensoriais”, comendo e bebendo muito. Era notável que muitos dos repetitivos comentários sobre o “corpo robusto” e indisciplinado de Brown ocorressem no exato momento em que os saques *anárquicos* da “turba furiosa” em Ferguson aconteciam. Havia uma implícita associação entre a glotonaria, que “teria motivado” Brown a assaltar uma loja de conveniência [local de comidas e bebidas de baixa nutrição com forte apelo comercial], e a indisciplina daquela população majoritariamente obesa (fig. 27), que destrutivamente invadia outras lojas semelhantes nas noites de protesto.

³⁸⁷ Um dos *podcasts* do bastante discutido *1619 Project*, organizado pela jornalista Nicole Hanna-Jones no *The New York Times*, conta como o legado da escravidão nos Estados Unidos impactou de forma negativa na saúde e, consequentemente, na oferta de tratamentos médicos para pessoas negras, que, desde então, são estereotipadas como rotineiramente doentes e, paradoxalmente, frágeis demais ou resistentes demais para merecer cuidados médicos adequados. cf. HANNAH-JONES, Nikole; INTERLANDI, Jeneen; GYASI, Yaa. “How the Bad Blood Started”, *The New York Times - 1619 podcast series*, 13 de setembro de 2019, disponível em <https://www.nytimes.com/2019/09/13/podcasts/1619-slavery-healthcare.html?showTranscript=1>. Sobre o tema, também vale conferir ROBERTS, Dorothy. “O problema com a medicina racista”, *TED Talks*, novembro de 2015, disponível em https://www.ted.com/talks/dorothy_roberts_the_problem_with_race_based_medicine?language=pt.

³⁸⁸ ST. LOUIS-MO GOVERNMENT. “Health Department Releases Report on Obesity in the City of St. Louis”, 6 de maio de 2015, disponível em <https://www.stlouis-mo.gov/government/departments/health/news/health-department-releases-report-on-obesity-in-the-city-of-st-louis.cfm>.



Figura 27 – Moradores de Ferguson reunidos em manifestação no “QT People’s Park”, 13 de agosto de 2014. Há de se notar que muitos tinham sobrepeso. Fonte: Michael Allen.³⁸⁹

Em *Fearing the Black Body: The Racial Origins of Fat Phobia*, Sabrina Strings explica como essas atitudes antigordas e antinegras têm sua origem ligada à crença iluminista de que o excesso de alimentação e a gordura seriam confirmações da “selvageria” e inferioridade racial de quem habitava espaços incivilizados. Essa visão, segue a autora, seria reforçada pelo discurso religioso do cristianismo protestante: a ideia de que o consumo alimentar excessivo é pecaminoso e digno de vergonha.³⁹⁰ É neste sentido, como explica Da’shaun L. Harrison no impactante *Belly of the Beast: The Politics of Anti-Fatness as Anti-Blackness*, que podemos traçar ligações entre a Guerra às Drogas em comunidades racializadas, a agenda moral do evangelicalismo conservador – uma das bases de sustentação do neoliberalismo desde os anos 1970 – e a “Guerra contra a Obesidade”, conclamada após uma pesquisa, publicada em 2004 pelo CDC (*Centers of Disease Control and Prevention*), apontar uma “epidemia de obesidade” nos Estados Unidos. Um processo, segue Harrison, através do qual os corpos negros gordos passaram, cada vez mais, a serem vistos como “necrotérios ambulantes”, cuja única capacidade seria a de oferecer o perigo físico de sua

³⁸⁹ Disponível em <https://amcs.wustl.edu/news/can-we-preserve-quicktrip>.

³⁹⁰ STRINGS, Sabrina. *Fearing the Black Body: The Racial Origins of Fat Phobia*. Nova York: New York University Press, 2019.

massa disforme. Sua pouca produtividade no ambiente de trabalho e a pressão que sua doença “mórbida” demandaria ao bolso dos contribuintes (que “manteriam” o sistema de saúde) seriam, portanto, um risco presente e futuro à economia nacional.³⁹¹

Da suposta inabilidade que pobres “saídos há poucas gerações das fazendas” teriam de viver em uma “cidade do futuro” como Pruitt-Igoe, passando pela eventual ganância que demonstravam ao tomarem empréstimos para morarem em “casas de branco” no que acabou sendo a crise dos *subprimes*, até chegar à glotonaria e à “preguiça desleixada” que caracterizariam a “epidemia de obesidade”, vemos como a culpabilização cultural das comunidades negras camufla diversas formas pelas quais o neoliberalismo atua. Como lembra Neferti Tadiar, nessa racionalidade: “a vida das pessoas excedentes é o futuro que produz o presente”.³⁹² Ou seja, a precariedade e falta de cuidado é menos um acidente de percurso na sociedade capitalista e muito mais uma estratégia onde os seus verdadeiros *players* hipotecam as vidas daqueles cujo sofrimento sempre será menos reconhecido enquanto tal. É como se a própria falta de expectativas futuras dessas pessoas, advinda de um duradouro condicionamento de suas comunidades à penúria, fosse responsável por sustentar o presente dos que vivem de arriscar no mercado financeiro global. Do mesmo modo que “a carga” do *Zong* despejada no Atlântico, é especialmente quando aquelas comunidades racializadas são descartadas e abandonadas que o capitalismo racial maximiza seus lucros.

Aqui é interessante pensar junto com a teórica Jasbir Puar, que faz no livro *The Right to Maim* uma importante reflexão sobre como as biopolíticas da debilitação têm servido para gerir populações na racionalidade neoliberal, demarcando alguns grupos enquanto não merecedores de proteção e inclusão cidadã, ou apenas deixando-os à mercê de uma série de danos. Seu enquadramento da debilitação expande um entendimento corriqueiro no qual ela é pensada unicamente como um “produto deliberado”, criado por condições de trabalho exploratórias, práticas de encarceramento, policiamento racista, militarização cotidiana e diversas outras modalidades mais visíveis de cerceamento de direitos coletivos. Não se trata meramente de captar a opressão por meio de um “corpo que está prejudicado”, defende Puar. A debilitação também não deve ser entendida unicamente como uma essência fenomenológica, uma identidade ou um atributo pessoal, mas sim através da forma como a

³⁹¹ Cf. HARRISON, Da'Shaun. *Belly of the Beast: The Politics of Anti-Fatness as Anti-Blackness*, Berkeley: North Atlantic Books, 2021.

³⁹² TADIAR, Nefirti. “Life-Times of Disposability within Neoliberalism”. *Social Text*, v. 35, n. 1, 2013, p. 30.

própria organização social (o Contrato Racial, como diria o supracitado Charles Mills) “desigualmente mantém estruturas capacitivas”.³⁹³

Nesse cenário, a antinegitude é insidiosamente sublimada (já falamos o quanto ela é atmosférica), na medida em que as diversas formas de debilitação, que lançam comunidades racializadas a um status de inutilidade e atraso, não se manifestam, necessariamente, através de eventos traumáticos ou catastróficos.³⁹⁴ Sua ordem de acontecimentos se dá na duração que Lauren Berlant definia como sendo “mortes lentas”:

uma zona de temporalidade que podemos definir como aquela da continuidade, de sobreviver e de viver, onde as desigualdades estruturais são dispersas, o ritmo de sua experiência é intermitente, muitas vezes em fenômenos não propensos a serem capturados por uma consciência organizada por arquivos de impacto memorável.³⁹⁵

A “morte lenta” está diretamente relacionada ao ordenamento do espaço geográfico antinegro. A sua temporalidade é calculada por meio do desgaste que promove em determinados corpos e no conjunto de oportunidades que, conseqüentemente, permite para outros. Apesar da normalidade antinegra de mortes extrajudiciais como as de Brown, mortes que permitem à consciência branca projetar um futuro em que aquilo muito provavelmente não vá acontecer nem consigo, nem com seus filhos, a “morte lenta” não é da ordem do massacre, da obliteração imediata dos grupos racialmente vistos como invasores/inimigos. De fato, esses processos disciplinares, na maioria das vezes, são a aparição extrema de diversas estratégias de segurança/vigilância do espaço. A “morte lenta”, por outro lado, parece impulsionar-se muito mais à vida, a um viver no qual o sujeito cede ao cansaço das práticas antinegras e passa a culpar a si mesmo e aos seus semelhantes por sua condição precária. Em geografias marcadas por esses processos de debilitação: “a capacidade de habitar o futuro já é um privilégio do poder”³⁹⁶, afinal, na mórbida matemática que define as vidas que valem, pessoas racializadas já estão calculadas como descartáveis, como excedentes. Tempo esgotado: tanto significa a prematuridade da morte negra, quanto a ideia de que estas vidas já

³⁹³ PUAR, Jasbir. *The Right to Maim: Debility, Capacity, Disability*. Durham: Duke University Press, 2017, p. 74. Para uma resenha muito bem elaborada sobre o livro de Jasbir Puar, cf. PIRES, Barbara Gomes. “Right to Maim: Debility, Capacity, Disability.” (resenha). *Revista Mana*, v. 27, 2021, p. 1-4.

³⁹⁴ Cf. SHARPE, Chrítina. “The Weather”. In: *In the Wake: On Blackness and Being*. Durham, NC: Duke University Press, 2016, p. 102-134.

³⁹⁵ BERLANT, Lauren. “Slow Death (Sovereignty, Obesity, Lateral Agency)”. *Critical Inquiry*, v. 33, n. 4, 2007, p. 758-759.

³⁹⁶ PUAR, Jasbir. *The Right to Maim: Debility, Capacity, Disability*. Durham : Duke University Press, 2017, p. 86.

estão atrasadas com relação a todas as outras. Ler o conceito de “morte lenta” estabelecido por Lauren Berlant nos ajuda a entender os motivos.

De certa forma, portanto, a “morte lenta” que grassa as geografias negras funciona muito mais como uma endemia, dada sua quase invisibilidade fenomênica. O quão difícil é perceber os sintomas racialmente dirigidos do cansaço advindo da burocracia do sistema de saúde americano?! Filas, formulários, salas de espera, discriminação e hostilidade no atendimento extenuam corpos socialmente considerados indignos de pena e comumente interpretados como ultrarresistentes à dor em procedimentos médicos. Como evitar essa “morte lenta” que não tem uma personalidade causadora direta, um rosto para apontar e juridicamente reclamar como culpado?! Como lutar contra um sistema que mesmo quando reformado apenas atualiza suas técnicas de desgaste para a população negra?! Como viver em um espaço cuja orquestração “imparcial” é sustentada por inúmeros “horrores cotidianos mundanos que não são reconhecidos como horrores”?!³⁹⁷ Como as pessoas conseguem suportar tudo isso, sabendo que, ao final, muita gente ainda culpará o seu comportamento *desviante*?! Como a luta por justiça social pode calcular o valor dessas “dívidas”, que de tão pouco visíveis parecem “impagáveis”?! “Mortes lentas”, afinal, são mortes impróprias para a história, são pequenas mortes diárias, mortes-em-vida, um viver encurtado através de arrastada violação.³⁹⁸

(...) a marginalidade [deve ser pensada] como muito mais do que um lugar de privação; na verdade eu estava dizendo exatamente o oposto, ou seja, que a marginalidade também é um espaço de possibilidade radical, um espaço de resistência. Foi essa marginalidade que considerei como um lugar central para a produção de um discurso contra-hegemônico que não se encontra apenas nas palavras, mas nos hábitos de existência e vida. (...) Essa marginalidade oferece a uma pessoa a possibilidade de ter uma perspectiva radical a partir da qual possa ver e criar, imaginar alternativas, novos mundos.

bell hooks³⁹⁹

Essa presença negra urbana — vida negra — revela um modo de ser humane que, embora muitas vezes expulso da história oficial, não é vitimado, despossuído e totalmente estranho à

³⁹⁷ SHARPE, Christina. *Monstrous Intimacies: Making Post-Slavery Subjects*. Duke University Press, Durham, NC and London, 2010, p. 3.

³⁹⁸ BERLANT, Lauren. “Slow Death (Sovereignty, Obesity, Lateral Agency)”. *Critical Inquiry*, v. 33, n. 4, 2007.

³⁹⁹ hooks, bell. “A margem como um espaço de abertura radical”. Tradução de Jamille Pinheiro. In: *Anseios: Raça, gênero e políticas culturais*. São Paulo: Editora Elefante, 2019, p. 289.

terra; em vez disso, ele redefine os termos de quem e do que somos vis-à-vis uma cosmogonia que, embora dolorosa, não busca habitar um local próximo do “mais apto”, mas em vez disso honra nossas versões mutuamente constitutivas e relacionais da humanidade.

Katherine Mckinrick⁴⁰⁰

Em 22 de setembro de 2014, enquanto o mundo aguardava ansiosamente, mas já sem muita esperança, a conclusão do julgamento de Darren Wilson, o jornalista Sylvester Brown Jr., escreveu: “Seja por projeto, acidente ou negligência benigna, o estopim que levou à explosão em Ferguson foi aceso em St. Louis há mais de 60 anos”.⁴⁰¹ Ele se referia àquela que era considerada “a morte da Cidade do Futuro”⁴⁰², mas isso poderia muito bem também ter relação com as diversas formas com as quais as mulheres negras que viviam no projeto habitacional Pruitt-Igoe reinventavam novos modos de vida em meio a diversos tipos de privação.

Por meio de entrevistas de história oral com antigas moradoras, a pesquisadora Candence Borders investiga as amplamente ignoradas experiências vividas pelas inquilinas de Pruitt-Igoe e demonstra que algumas daquelas mulheres não consideravam o projeto um completo “fracasso”. Elas viviam, logicamente, em um contexto de duros limites materiais. Além disso, a perseguição moral implacável empreendida por instituições de assistência social considerava, por exemplo, que se homens estivessem nas casas, elas teriam chance maior de ter filhos e conseqüentemente custar mais dinheiro ao bolso dos contribuintes brancos. Frente à vigilância moral e à negligência do Estado com a manutenção do complexo, as mulheres negras de Pruitt-Igoe tiveram de inventar diversas maneiras de “dar um jeito”, tais como a “Operação Brightside”, uma cooperativa de limpeza sem liderança carismática plenamente estabelecida. Em encontros como aqueles, que não declaravam filiação a movimentos de organização formal, elas interviam de alguma forma no cuidado dos espaços comuns, trazendo vivacidade para ambientes que eram forjados no medo e no perigo. Esses feitos, porém, receberam pouca atenção, tanto dos jornais à época, quanto de estudiosos da resistência negra do período, como o supracitado historiador Walter Johnson. Seria porque aquelas mães solteiras de cinco ou nove filhos pareciam “impróprias para a história”? Como Borders brilhantemente ressalta, elas recusaram a condição de meras vítimas do fracasso

⁴⁰⁰ MCKITTRICK, Katherine. *Futuros da Plantação*. Tradução de Bru Pereira, Lucas Maciel & Janaína Tatim. América Latina: Fecundações Cruzadas, 2021b, p. 31.

⁴⁰¹ apud FERGUSON, Roderick A. “Michael Brown, Ferguson and the Ghosts of Pruitt-Igoe”. *Cultural Critique*, v. 90, 2015, p. 140.

⁴⁰² von ECKARDT, Wolf. “Death of the ‘City of the Future’”, *The Washington Post, Times Herald*, 24 de junho de 1972.

modernista e redefiniram o seu destino em Pruitt-Igoe, antes que os prédios onde moravam fossem finalmente desativados e demolidos.⁴⁰³

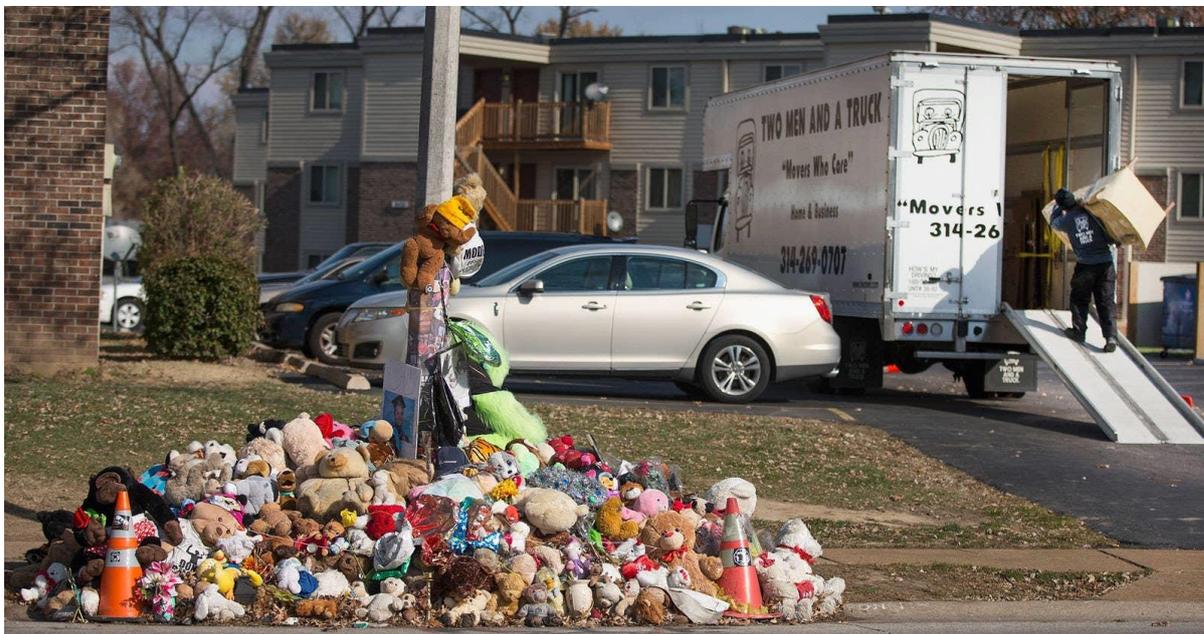


Figura 28 – Uma equipe de mudança ajuda um morador de Canfield Green a se mudar de um apartamento perto do memorial de Michael Brown em 19 de novembro de 2014. Fonte: Scott Olson/Getty Images.⁴⁰⁴

Feita pouco depois do júri inocentar o policial, em novembro daquele ano, uma reportagem especial sobre Canfield Green Apartments, publicada pela da agência de notícias *Buzzfeed*, parecia partir de diagnósticos semelhantes aos que no passado definiram Pruitt-Igoe como um lugar de atraso e desordem. Para o correspondente Joel Anderson, o bairro onde Michael Brown havia sido alvejado estava “morrendo”. Drogas, atuação de gangues e policiamento agressivo: muitos dos moradores entrevistados confessavam o desejo de sair daquele local, de se livrar daquele bairro que, nas palavras de David Whitt, um homem casado de 35 anos, pai de três filhos, que morava lá a apenas um ano e meio: cada vez mais se parecia com uma “cidade fantasma”.⁴⁰⁵

Aquele projeto habitacional com 450 apartamentos era tão esquecido pela administração pública e por grande parte dos moradores de Ferguson, que muitos se surpreenderam em saber que aquela área de má fama, espécie de depósito de vidas

⁴⁰³ BORDERS, Candence. “Remembering Black Women in St. Louis Pruitt-Igoe Housing Projects”, *Black Perspectives*, 9 de setembro de 2017, disponível em <https://www.aaihs.org/remembering-black-women-in-st-louiss-pruitt-igoe-housing-projects/>.

⁴⁰⁴ Disponível em <https://www.buzzfeednews.com/article/joelanderson/everyone-wants-to-get-out-of-michael-browns-ferguson-neighborhood>.

⁴⁰⁵ ANDERSON, Joel. “Michael Brown’s Neighborhood In Ferguson Is Dying”, *BuzzFeed News*, 23 de novembro de 2014, disponível em <https://www.buzzfeednews.com/article/joelanderson/everyone-wants-to-get-out-of-michael-browns-ferguson-neighborhood>.

“incongruentes com a humanidade”, fazia parte dos limites geográficos da cidade. Muitos sacramentavam, portanto, que aquele lugar era um sonho suburbano que havia se transformado em um fardo [o *trap*] para seus moradores. Uma terra castigada por Deus, um “gueto negro”, um ponto transitório instável, uma vergonha que as pessoas escondem o quanto podem, um passado que muitos desejavam esquecer, um intervalo conturbado na vida daqueles que desejavam conseguir algo melhor (ou menos ruim) em outro lugar, uma geografia de abandono e penúria, alvejada por violências rápidas ou lentas, enfim, uma terra imprópria, incapaz.

Porém, como indaga AbdouMaliq Simone, o que aconteceria se o caráter *inabitável* dessas zonas fosse pensado como um método, como algo que vai além da mera descrição/diagnóstico de seus defeitos? “Um método que não foi necessariamente escolhido por seus habitantes, mas que se converteu em um método a partir dos pedaços de vidas quebradas” que lá estavam.⁴⁰⁶ Pra muitas pessoas, afinal, sair dali não era uma opção. O que poderiam fazer? Reconstruir-se enquanto comunidade, do jeito que for possível: “É aqui que vivemos, é sobre isso que fazemos rap. Nós nos sentimos obrigados a estar lá [nos protestos] para ver o que está acontecendo e dizer que vamos nos levantar, que não vamos mais aguentar isso!”, bradava o *rapper* local T-Dubb-O, reconhecendo nas manifestações contra a brutalidade policial um episódio onde a comunidade poderia demonstrar que suas “vidas quebradas” tentavam, obstinadamente, se remontar (apesar de tudo).⁴⁰⁷

Geógrafos como Katherine McKittrick e Clyde Woods há muito têm alertado sobre o risco que é limitar as experiências da vida negra a relatos de carência e violação. Comumente, asseveram os autores, várias das descrições terminam por reificar e solidificar discursos de condenação da negritude. O que muitas vezes é lido como desprovido de vida, na verdade, pode muito bem apontar para outras modalidades de vida, transmitidas em sonoridades dissonantes, em movimentos que fogem da concepção burguesa ocidental do que significa ser humano, do que significa progredir na vida.⁴⁰⁸ O *inabitável* é um método que propicia um tipo de pensamento que desafia ou recusa os modelos normativos do que denota habitar de forma

⁴⁰⁶ SIMONE, AbdouMaliq. “O Inabitável”. Tradução de Beatriz Jaguaribe. *Revista Eco-Pós*, v. 22, n. 3, 2019, p. 19.

⁴⁰⁷ SAKUMA, Amanda. “Hip-Hop’s anthem in Ferguson”, *MSNBC*, 15 de outubro de 2014, disponível em <https://www.msnbc.com/msnbc/hip-hops-anthem-ferguson-msna435991>.

⁴⁰⁸ WOODS, Clyde. “Life after Death”, *The Professional Geographer*, v. 54, n. 1, 2002, p. 63, 66; MCKITTRICK, Katherine. “On Plantations, prisons, and a black sense of place”, *Social & Cultural Geography*, v. 12, n. 8, 2011, p. 947-963; “mesmo enquanto experimentamos, reconhecemos e vivemos a sujeição, nós não vivemos *simplesmente* ou *apenas em* sujeição e *como* os assujeitados.” SHARPE, Christina. *In the Wake: On Blackness and Being*. Durham, NC: Duke University Press, 2016, p. 4.

viável um lugar.⁴⁰⁹ A exemplo das mulheres de Pruitt-Igoe, os moradores de Canfield Green Apartments se viram na necessidade de “dar algum jeito” e tentar criar beleza em um lugar que muitos condenavam ao fracasso. Ainda que o Estado tivesse abandonado aquele espaço, isso não impediu que as pessoas pudessem minimamente se imaginar enquanto parte de uma comunidade. Havia muitos caminhões de mudanças naquele outono de 2014 após as manifestações (fig. 28), mas também havia o persistente memorial em homenagem a Mike Brown, recordando que ali havia um senso coletivo de amor aos seus, de amor à negritude. A rebelião, o “*QT People’s Park*” improvisado após retomarem o espaço aberto pelo posto de gasolina incendiado, apenas reenergizou as formas de vidas que reinventavam uma geografia através de um passeio de bicicleta ao final da tarde, um almoço nos domingos, uma celebração religiosa, a gravação de um clipe de *trap* onde todos tentavam ajudavam a fazer algo incrível com muito pouco, etc. Atentar para esses eventos banais é ir além da gramática da resistência, que, sim, efetivamente é relevante no processo de transformação política, mas não explica tudo na vida daquelas pessoas, afinal, essas leituras, muitas das vezes, atuam como se tudo devesse ser uma resposta a questões colocadas por projetos de dominação. Nem sempre os moradores negros de Canfield Green Apartments agiam em função do que a polícia acharia correto, do que a branquitude supostamente progressista do centro da cidade consideraria adequado. Em uma geografia tida como *inabitável*, eles teriam uma maior possibilidade de viver *como o desvio*, de sobreviver *nas margens*, como propunha bell hooks. Claro, o tempo em que faziam isso era outro, pouco registrado nas estatísticas ou nas expectativas de ganhos revolucionários. Em geografias negras, afinal, a luta por justiça social se dá também através das incansáveis formas como cada morador tenta inventar outros mundos, exaltando enquanto belas suas vidas consideradas como impróprias para a história.

⁴⁰⁹ SIMONE, AbdouMaliq. “O Inabitável”. Tradução de Beatriz Jaguaribe. *Revista Eco-Pós*, v. 22, n. 3, 2019, p. 19.

5 – “Elemento corrosivo, que destrói tudo o que dele se aproxima”⁴¹⁰

Porque não havia diabo de jeito nenhum de uma cara negra aparecer num jornal se a história fosse sobre alguma coisa que alguém gostaria de ouvir. Um chicote de medo estalava nas câmaras do coração assim que se via o rosto de um negro no jornal, uma vez que o rosto não era porque a pessoa tinha um bebê saudável, ou escapara de um bando de rua. Nem porque a pessoa tinha sido morta, ou mutilada, ou presa, ou queimada, ou encarcerada, ou chicoteada, ou expulsa, ou pisoteada, ou estuprada, ou enganada, uma vez que isso dificilmente poderia ser qualificado como notícia para um jornal. Teria de ser alguma coisa fora do comum – alguma coisa que gentebranca acharia interessante, realmente diferente, que valesse alguns minutos de dentes aspirando, senão suspiros. E devia ser difícil encontrar notícias sobre negros que valiam a respiração ruidosa de um cidadão branco de Cincinnati.

Toni Morrison⁴¹¹

novamente, não é como homem, mulher e crianças que eles estão sendo condenados. É como “o nome do que é mau”.

Sylvia Wynter⁴¹²

“Isso poderia ser qualquer um de nós. Isso poderia ter sido eu morto na rua!” – gritou Carl Union, 27 anos, um DJ local que se recusou a deixar um dos primeiros protestos, apesar de várias rodadas de gás lacrimogêneo. Union disse que quando viu as imagens do corpo de Brown na rua pensou em sua filha nova. Quando ele ouviu que Brown havia sido baleado pela polícia, ele ficou irritado e decidiu se juntar ao protesto. “É como se não fossemos humanos para eles”, disse Union às lágrimas.

Wesley Lowery⁴¹³

É importante imaginar como as coisas poderiam ser de outra forma, mas também é muito importante entender e ver quem e o que somos agora. Porque acho que eles veem quem e o que somos. Eles veem quem e o que somos pela mira de suas armas, por meio de seus mecanismos de vigilância.

Fred Moten⁴¹⁴

⁴¹⁰ FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Tradução: José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p. 31.

⁴¹¹ MORRISON, Toni. *Amada*. Tradução José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 212-213.

⁴¹² WYNTER, Sylvia. “Unsettling the Coloniality of Being/Power/Truth/Freedom: Towards the Human, After Man, Its Over-Representation: An Argument”. *CR: The New Centennial Review*, v. 3, n. 3, 2003, p. 325.

⁴¹³ LOWERY, Wesley. *They Can't Kill Us All: The Story of Black Lives Matter*. London: Penguin Books, 2017, p. 25.

⁴¹⁴ MOTEN, Fred; KELLEY, Robin D.G. “Do Black Lives Matter?: Robin D.G. Kelley and Fred Moten in Conversation”. *The Abolitionist: A Publication of Critical Resistance* v. 25., 2016, p. 3, disponível em <https://abolitionistpaper.files.wordpress.com/2016/01/abby-25-final.pdf>.

A experiência negra em qualquer cidade moderna ou vilarejo das Américas é assombrada. A pessoa entra em uma sala e a história segue; entra-se em uma sala e a história precede. A história já está sentada na cadeira da sala vazia quando alguém chega. Onde alguém se encontra em uma sociedade parece sempre relacionado a essa experiência histórica. Onde alguém pode ser observado é em relação a essa história. Todo esforço humano parece emanar desta porta. Como eu sei disso? Apenas por auto-observação, apenas olhando. Apenas sentindo. Apenas fazendo parte, sentada na sala com a história.

Dionne Brand⁴¹⁵

Baseando-se no relato real de um infanticídio cometido por uma escrava fugitiva de nome Margareth Garner, em 1851, o trecho de *Amada*, que serve como uma das epígrafes deste capítulo, deixa muito claro como nos jornais do século XIX os rostos negros explicitavam o perigo imediato e a criminalidade, um antagonismo contra o qual a boa sociedade deveria se voltar. Em uma vasta análise de periódicos entre os séculos XVII e XIX, David A. Copeland encontrou a imprensa noticiando diversas revoltas de escravizados planejadas ou realizadas, além de centenas de crimes supostamente cometidos por gente negra. Essas revoltas motivavam grandes ansiedades, não apenas por conta dos danos econômicos que a perda de tão valiosa propriedade acarretaria. Essencialmente, sedições como a Rebelião de Stono (1739) apareciam nos jornais como o que realmente eram: uma profunda ameaça à ordem social, racial e jurídico-política que sustentava a escravidão e a inferiorização antinegra.⁴¹⁶ Logo, diversos pânico morais apareceram nesses jornais, que clamavam por legislações capazes de ajudar na contenção da rebeldia negra. Essas coberturas criminais, vale salientar, impulsionaram enormemente as vendas de jornais baratos (da *Penny Press*), de maneira que, em 1833, o *New York Sun* passou a dedicar uma coluna específica para cobri-los, uma estratégia midiática inovadora, fortemente sustentada em falsificações e distorções dos eventos. Em um contexto no qual o *animus* antinegro daquela nascente democracia escravocrata era intensificado pela eugenia, pelo evangelicalismo e pela frenologia, os seus relatos não apenas prenunciavam as atuais *fake news*, mas serviam para estereotipar pessoas escravizadas como ardilosamente simpáticas à criminalidade.⁴¹⁷

⁴¹⁵ BRAND, Dionne. *A map to the door of no return: notes to belonging*. Canada: Vintage, 2001, p. 25.

⁴¹⁶ COPELAND, David A. "The Stono Rebellion, 1739". In: *Debating the Issues in Colonial Newspapers: Primary Documents on Events of the Period*. Westport, Connecticut/London: Greenwood Press, 2000, p. 81-93.

⁴¹⁷ Cf. YOUNG, Kevin. "Moon Shot: Race, a Hoax, and the Birth of Fake News", *The New Yorker*, 21 de outubro de 2017, disponível em <https://www.newyorker.com/books/page-turner/moon-shot-race-a-hoax-and-the-birth-of-fake-news>.

Jeannine Marie DeLombard explica que havia uma curiosa jurisprudência com relação às pessoas escravizadas no séc. XIX: vistas filosoficamente como a representação definitiva da irracionalidade e da infantilidade, sua agência legal só seria legível a partir de atos criminosos. Ou seja, muitos concordavam que o escravizado era uma *pessoa*, comumente hábil para a maldade e para o crime, mas jamais *um ser humano como todos os outros*. Sua personalidade incivil e anticívica, argumenta a autora, era antitética com a cidadania que outros grupos racializados (irlandeses, por exemplo) reivindicariam a partir de então.⁴¹⁸ Essa condenação, como segue a epígrafe de Sylvia Wynter, era muito diferente daquela que eventualmente poderia ocorrer com aqueles que fossem normativamente considerados homens, mulheres ou crianças. Essa era uma execução, e se daria, essencialmente, porque pessoas negras seriam vistas/pensadas como a suma representação “do que é mau”.⁴¹⁹ Transmitido de maneira generacional, aqueles eram “marcadores tão carregados de pressuposições míticas que não há maneira fácil para os agentes enterrados sob eles tornarem-se limpos”.⁴²⁰

Esse rebaixamento deu um ar de normalidade ao que viria ocorrer em termos penais imediatamente após a Emancipação de 1863, quando “as prisões sulistas empreteceram da noite para o dia”.⁴²¹ Nesse contexto em que vários ex-escravos seriam presos, julgados e condenados por atos que, no passado, “seriam resolvidos por seus senhores”, é que se deu o surgimento dos chamados “aluguéis de condenados”, uma fonte abundante de mão-de-obra

⁴¹⁸ DELOMBARD, Jeannine Marie. *In the Shadow of the Gallows: Race, Crime, and American Civil Identity*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2012, p. 40. Sobre o fato de que os sinais de “raciocínio... intenção e racionalidade” dos escravizados só serem reconhecidos “no contexto da responsabilidade criminal”, cf. HARTMAN, Saidiya. *Scenes of Subjection: Terror, Slavery, and Self-Making in Nineteenth-Century America*. Oxford: Oxford University Press, 1997, p. 82. Essa conduta e o medo do Haiti, vale ressaltar, deram guarida às reivindicações de brancos e não-negros à Humanidade e à liberdade em todo o mundo. Cf. BUCK-MORSS, Suzan. “Hegel e o Haiti”. Tradução de Sebastião Nascimento. *Novos estudos CEBRAP*, n. 90, 2011, p. 131-171, disponível em <https://www.scielo.br/j/nec/a/Rms6hs73V39nPnYsv44Z93n/?lang=pt#>. Em sua explicação sobre o birracismo, Matthew Pratt Guterl mostra como no começo do século XX, com a Grande Migração de afro-americanos para o nordeste urbano dos EUA, fortaleceu-se a percepção de que, para os recém-chegados imigrantes europeus, não bastava apenas ter a pele clara e a ancestralidade do Velho Continente. Era preciso, também, se engajar fortemente no racismo antinegitude para que pudessem ser “limpos” da mácula racial, finalmente, conseguindo a assimilação enquanto brancos. GUTERL, Matthew Pratt. *The Color of Race in America, 1900-1940*. Cambridge: Harvard University Press, 2001.

⁴¹⁹ WYNTER, Sylvia. “Unsettling the Coloniality of Being/Power/Truth/Freedom: Towards the Human, After Man, Its Over-Representation: An Argument”. *CR: The New Centennial Review*, v. 3, n. 3, 2003, p. 325.

⁴²⁰ SPILLERS, Hortense. “Bebê da mamãe, talvez do papai: uma gramática estadunidense”. Tradução de Allan K. Pereira e Kênia Freitas. In: *Pensamento Negro Radical: Antologia de Ensaios*. São Paulo: Crocodilo Edições, 2021, p. 30. Rima L. Vesely-Flad articula como a permutação de concepções filosóficas e religiosas sobre o corpo negro sujo/impuro/poluído tem dado forma ao policiamento racialmente desproporcional e ao encarceramento em massa de pessoas negras. VESELY-FLAD, Rima. *Racial Impurity and Dangerous Bodies: Pollution and Criminalization of Blackness in US Society*. Minneapolis/MN: Fortress Press, 2017.

⁴²¹ WACQUANT, Loïc. “Da Escravidão ao Encarceramento em Massa: Repensando a ‘Questão Racial’ nos Estados Unidos”. In: *Contragolpes: seleção de artigos da New Left Review*. Org. Emir Sader. São Paulo: Boitempo, 2006, p. 23.

para arar os campos, construir diques, pavimentar estradas, limpar pântanos e cavar minas em condições terrivelmente degradantes. Essa prática, como explica Dennis Childs, teve grande importância no desenvolvimento econômico do “Novo Sul”, em uma época conhecida como “Era Progressista” (1896-1916), cuja característica seria uma articulação nada estranha entre progresso/modernização e a sujeição racial antinegra nos Estados Unidos.⁴²²

Tal condenação da negritude, reflete Khalil Gibran Muhammad, contava com a onipresença da disciplinaridade estatística para confirmar a criminalidade negra. Cientistas sociais negros e brancos, reformadores sociais, jornalistas, policiais, políticos e até mesmo ativistas antirracistas chegariam a respaldar a inclusão de dados (apresentados como objetivos, *colorblindness* e incontestáveis) sobre a carceralidade negra no Censo de 1890. A confirmação de que os negros constituíam 30% da população carcerária do país, sendo apenas 12% da população, gerou um profundo debate nos Estados Unidos sobre o que fazer com aquela “população criminosa distinta e perigosa”.⁴²³ Naquele momento, a construção de novas prisões foi tratada como uma atividade fundamental para o desenvolvimento da democracia participativa, dos direitos individuais e da noção de liberdade que iria definir os Estados Unidos enquanto uma nação juridicamente moderna. Diante do rápido crescimento das cidades e da produção industrial, elas seriam uma forma de despersonalizar o controle social, burocratizando temporal e espacialmente tão complexa atividade, ao mesmo tempo em que sua disposição ofereceria uma resposta aos reformadores sociais contrários às punições corporais em espetáculos públicos.⁴²⁴

⁴²² CHILDS, Dennis. *Slaves of the State: Black Incarceration from the Chain Gang to the Penitentiary*. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press, 2015.

⁴²³ MUHAMMAD, Khalil Gibran. *The Condemnation of Blackness: Race, Crime, and the Making of Modern Urban America*. Cambridge: Harvard University Press, 2010, p. 3. Há um interessante conjunto de reflexões sobre o que seria uma “matemática da não-vida”, ou seja, a forma como a transformação de africanos escravizados em negros objetificados se deu, em grande parte, através da abstração de suas vidas enquanto números do cálculo comercial. A mobilização objetiva e disciplinada dessas métricas, de certa forma, exige do pesquisador uma série de reflexões sobre a própria possibilidade da narrativa histórica diante das limitações impostas por essas fontes. A inventividade e a “fabulação crítica”, nesse caso, surgem como metodologias cuja dimensão ética busca ser capaz de oferecer contranarrativas que redimam o caráter “impróprio para a história” de sujeitos negros faturados em porões de navios negreiros. cf. MCKITTRICK, Katherine. “Mathematics Black Life”, *The Black Scholar*, v. 44, n. 2, 2014, p. 16-28; SMALLWOOD, Stephanie. “The Politics of the Archive and History’s Accountability to the Enslaved”. *History of the Present*, v. 6, n. 2, 2016, p. 117-132; HARTMAN, Saidiya. “Vênus em Dois Atos”. Tradução de Fernanda Silva e Sousa e Marcello R. S. Ribeiro. In: *Pensamento Negro Radical: Antologia de Ensaios*. São Paulo: Crocodilo Edições, 2021a, p. 105-129.

⁴²⁴ GILMORE, Ruth Wilson. *Golden gulag: prison, surplus, crisis, and opposition in globalizing*. Los Angeles (CA): University of California Press, 2007, p. 11. Sobre a persistência da pena de morte, suas tendenciosidades racializantes, e sobre as diversas condições torturantes de confinamento, cf. DAYAN, Colin Joan. *The Story of Cruel and Unusual*. Cambridge, MA: MIT Press, 2007; e ABU-JAMAL, Mumia. *Ao Vivo do Corredor da Morte*. Tradução de Edison Cardoni. São Paulo: Editora Conrad, 2001.

Um detalhe muito específico desse sistema prisional é que ele era profundamente marcado pela antinegitude de gênero. Sarah Haley aponta que em 1893 “os homens negros tinham 1,4 vezes mais probabilidade do que os brancos de serem presos em Atlanta, enquanto as mulheres negras tinham 6,4 vezes mais probabilidade do que as brancas de serem presas”. Naquele contexto das leis de *Jim Crow*, “os jovens negros tinham três vezes mais probabilidade de serem presos do que os jovens brancos, enquanto as meninas negras eram dezenove vezes mais prováveis de serem presas do que suas contrapartes brancas.”⁴²⁵ A exclusão da feminilidade e a *disgeneridade* [*ungendering*] que as mulheres negras vivenciavam se dava não apenas com a sujeição à tripla jornada de trabalho (o doméstico, o industrial e o sexual), mas também com a enorme frequência com que elas eram “punidas como homens” e obrigadas a trabalhar em *chain gangs*, um castigo que apenas as mulheres brancas teriam isenção.⁴²⁶

Um crescente *corpus* de estudos sobre essas técnicas punitivas parece contradizer o argumento de Michael Foucault sobre o “desaparecimento dos suplícios como um espetáculo público” do fim do séc. XVIII ao começo do séc. XIX, presente no livro *Vigiar e Punir*.⁴²⁷ Especificamente, argumentam que o livro, escrito pelo filósofo francês em 1975, parecia não perceber a continuidade das punições públicas nas colônias europeias e norte-americanas na África⁴²⁸, nas Américas e na Ásia. Nos termos de Joy James:

⁴²⁵ HALEY, Sarah. *No Mercy Here: Gender, Punishment, and the Making of Jim Crow Modernity*, Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2016, p. 30-31.

⁴²⁶ As *chain gangs* consistiam em grupos de prisioneiros acorrentados que eram obrigados a realizar distintos trabalhos como forma de punição. Difundiu-se nos Estados Unidos logo após a Guerra Civil Americana (1861-1865), especialmente nos estados do sul. Sobre *disgeneridade*, Angela Davis escreve: “O sistema escravista definia o povo negro como propriedade. Já que as mulheres eram vistas, não menos do que os homens, como unidades de trabalho lucrativas, para os proprietários de escravos elas poderiam ser desprovidas de gênero [*genderless*].” DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016. p. 25. Há uma vasta bibliografia sobre o tema, dos quais destacamos: SPILLERS, Hortense. “Bebê da mamãe, talvez do papai: uma gramática estadunidense”. Tradução de Allan K. Pereira e Kênia Freitas. In: *Pensamento Negro Radical: Antologia de Ensaios*. São Paulo: Crocodilo Edições, 2021, p. 29-69; HARTMAN, Saidiya. “Seduction and the Ruses of Power”. In: *Scenes of Subjection: Terror, Slavery, and Self-Making in Nineteenth-Century America*. Oxford: Oxford University Press, 1997, p. 79-112; WEHELIYE, Alexander. *Habeas Viscus: Racializing Assemblages, Biopolitics and Black Feminist Theories of the Human*. Durham, North Carolina: Duke University Press, 2014; DOUGLASS, Patrice D. “Assata is Here DisLocating Gender in Black Studies”, *Souls: A Critical Journal of Black Politics, Culture, and Society*, v. 22, n. 1, 2020, p. 89-103; JAMES, Joy. “Afrarealism and the Black Matrix Maroon Philosophy at Democracy”. *The Black Scholar*, v. 43, n. 4, 2013b, p. 124-131; e PEREIRA, Allan K. “Protação do passado no presente: vidas negras *queers* também importam”. *Revista Aedos*, v. 12, n. 26, 2020, p. 345-366, disponível em <https://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/92988>.

⁴²⁷ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 14.

⁴²⁸ Cf. ZAMPARONI, Valdemir. “Da escravatura ao trabalho forçado: teorias e práticas”. *Africana Studia*, n. 7, 2004, p. 299-325.

Perdendo a violência praticada por e em nome do soberano, que às vezes se manifestava como parte de uma raça dominante, Foucault universaliza o corpo do homem branco e proprietário. [...] Ignorando as minorias étnicas desprivilegiadas policiadas tanto pelo Estado quanto pelas castas dominantes, Foucault produz suas próprias divisões binárias em *Vigiar e Punir*. [Esse] desaparecimento ou apagamento teórico permite que o corpo representativo, que Foucault imagina como sendo masculino branco, pareça universal. [...] Essa (des)medida do homem – naturalizada e universalizada como masculina e europeia – molda *Vigiar e Punir*.⁴²⁹

A reforma penal, que Foucault localiza no Ocidente no início do século XIX, não impediu que nos Estados Unidos, do final da Guerra Civil até meados do século XX, fosse comum aquilo que a jornalista afro-americana Ida Bae Wells chamou de “Lei de Lynch”, uma prática que estava longe de ser um suplício secreto.⁴³⁰ De fato, além da brutalidade policial no espaço físico das prisões, sempre que houvesse instabilidades na manutenção da “linha de cor”, as comunidades negras poderiam vivenciar a violência supremacista da Ku Klux Klan ou de autointitulados “vigilantes” em açoitamentos públicos, execuções sumárias, violações sexuais e toda sorte de linchamentos, como o que ocorrera ao jovem Emmett Till, em 1955.⁴³¹

Ainda que, durante Segunda Guerra Mundial, vários confrontos entre residentes negros e forças policiais majoritariamente brancas tivessem acontecido em quase uma dúzia de cidades, o episódio da morte daquele menino de 14 anos foi o estopim para um desafio sustentadamente radical à antinegitude.⁴³² Nas duas décadas seguintes, uma parte do movimento pelos direitos civis recusaria extensivamente a violência policial que afligia comunidades negras. Os esforços contra a invasão do Vietnã somaram-se ao anticolonialismo e às lutas contra os mais distintos *apartheids* em escala global. Do levante de Watts, em 1965, até as manifestações após o assassinato de Martin Luther King, em 1968, os Estados Unidos seriam sacudidos por rebeliões negras em cerca de 300 cidades.⁴³³ Essa dissidência, como era de se esperar, encontrou uma dura repressão policial e uma severa reprimenda epistêmica

⁴²⁹ JAMES, Joy. “Erasing the Spectacle”. In: *Resisting State Violence: Radicalism, Gender, and Race in U.S. Culture*. Minneapolis/London: University of Minnesota Press, 1996, p. 25, 27.

⁴³⁰ WELLS, Ida B. “Southern Horrors: Lynch Law in All Its Phases”. In: *Southern Horrors and Other Writings: The Anti-Lynching Campaign of Ida B. Wells, 1892-1900*. Boston, MA: Bedford/St. Martin’s Press, 1997, p. 50-72.

⁴³¹ WACQUANT, Loïc. “Da Escravidão ao Encarceramento em Massa: Repensando a ‘Questão Racial’ nos Estados Unidos”. In: *Contragolpes: seleção de artigos da New Left Review*. Org. Emir Sader. São Paulo: Boitempo, 2006, p. 17. Sobre a ideia de “linha de cor” [no livro a tradução está como “barreira racial”], cf. DU BOIS, W. E. B. *As Almas da Gente Negra*. Tradução de Heloisa Toller Gomes. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 1999.

⁴³² KELLEY, Robin D. G. “Thug Nation: On State Violence and Disposability”. In: *Policing the Planet: Why the Policing Crisis Led to Black Lives Matter*. Ed. Jordan T. Camp and Christina Heatherton. London: Verso, 2016, p. 22.

⁴³³ GILMORE, Ruth Wilson. *Golden gulag: prison, surplus, crisis, and opposition in globalizing*. Los Angeles (CA): University of California Press, 2007, p. 24-26.

numa academia que só aparentemente parecia ter abraçado o antirracismo.⁴³⁴ Os projetos neoliberais, que ascendiam nos anos 1970, viam na posição “linha dura contra o crime” um remédio necessário contra a instabilidade social. Como Ruth Wilson Gilmore observa:

o novo estado constrói-se a si próprio, em parte, pela construção de prisões. Usou os meios ideológicos e materiais disponíveis para fazê-lo, renovando suas capacidades de guerra do bem-estar [*welfare-warfare*] em algo diferente, moldando o excedente do capital financeiro, da terra e do trabalho no estado de guerra de trabalho [*workfare-warfare*]. O resultado foi um aparato emergente que, em um eco da postura do Pentágono sobre o comunismo, apresentou sua necessidade social em termos de um objetivo impossível – a contenção do crime, entendida como uma categoria elástica abrangendo um alegado continuum dinâmico de dependência e depravação. A crise de capacidade do Estado tornou-se, então, peculiarmente, sua própria solução.⁴³⁵

É naquele contexto de apoio entusiasmado à políticas de “lei e ordem” e à criminalização subsequente de ativistas “divisivos”, justamente naquele momento tão simbólico, quando “a legitimidade do distintivo substituiu o desacreditado Klan”, que se desenvolve o atual Complexo Industrial Prisional.⁴³⁶ Como explica Stephen Dillon, a construção de mais prisões seria não apenas um passo decisivo na manutenção da ordem social, mas uma forma de, efetivamente, proteger/capturar o futuro.⁴³⁷ Muitas pessoas passaram a achar normal o crescimento das prisões e seu foco peculiar em punições degradantes dos presos, a cada ano desproporcionalmente mais pretos e pobres. Mesmo dentro das comunidades de maioria afro-americana, supostos líderes começaram a apelar por mais vigilância e policiamento das ruas. O coro de que grandes centros urbanos, como Nova

⁴³⁴ Cf. JOY, James (ed.). *Imprisoned Intellectuals: America’s Political Prisoners Write on Life, Liberation and Rebellion*. Lanham, MD: Rowman & Littlefield Publishers, 2003; RODRIGUEZ, Dylan. *Forced Passages: Imprisoned Radical Intellectuals and the U.S. Prison Regime*, Minneapolis, MN: University of Minnesota Press, 2005.

⁴³⁵ GILMORE, Ruth Wilson. *Golden gulag: prison, surplus, crisis, and opposition in globalizing*. Los Angeles (CA): University of California Press, 2007, p. 85.

⁴³⁶ GILMORE, Ruth Wilson; GILMORE, Craig. “Beyond Bratton”. In: *Policing the Planet: Why the Policing Crisis Led to Black Lives Matter*. Ed. Jordan T. Camp and Christina Heatherton. London: Verso, 2016, p. 197.

⁴³⁷ DILLON, Stephen. “‘We’re not Hiding but we’re invisible’: Law and Order, the Temporality of Violence, and Queer Fugitive”. In: *Fugitive Life: The queer politics of the prison state*. Durham: Duke University Press, 2018, p. 27-53. Para se ter uma ideia da ansiedade antinegritude a qual essas políticas apelavam, basta lembrar da peça de campanha “Willie Horton”, veiculada pelo então candidato presidencial George Bush (o pai), em 1988. Em um vídeo atacando a suposta “leniência com o crime” e a objeção à pena de morte do seu adversário Michael Dukakis, do partido democrata, era usada a imagem do que seria um sinistro estuprador (que era um homem negro!), um exemplar definitivo do “problema do crime” a se enfrentar. Cf. RETRO REPORT. “Willie Horton: Political Ads That Changed the Game”. *Youtube*. 14 jul. 2016. 4min42s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sdJ97qWHOxo>> Acesso em 10 mai. 2021.

York e Chicago, precisavam ser salvos/limpos/moralizados, encontrou grande lastro na cultura visual, como tão bem exemplifica o filme *Taxi Driver* (1976).⁴³⁸

Fazendo parte desse processo, uma “solução” iria surgir nos anos seguintes, aclamada como uma versão mais branda, moderna e atualizada do policiamento comunitário. A chamada “Teoria das Janelas Quebradas”, na verdade, permutava uma “elaborada micropenalidade da vida cotidiana” que havia caracterizado a criminalização cultural da negritude de outrora.⁴³⁹ Como nos informa Robin D. G. Kelley, essa abordagem fora inicialmente desenvolvida em um ensaio escrito pelo sociólogo criminologista George L. Kelling, em conjunto com o cientista político James Q. Wilson, no ano de 1982. A “Teoria das Janelas Quebradas” argumentava que o crime tenderia a crescer em bairros deteriorados e carentes de organização comunitária, afinal, o desrespeito à vida em comunidade levaria, conseqüentemente, ao desrespeito às autoridades e à lei. Dessa forma, em um desvio de responsabilidade acerca dos verdadeiros culpados da desindustrialização e da “inabitabilidade” que dilacerou as megalópoles com grande contingente negro, na segunda metade do século XX, acreditava-se que pequenas desordens, como janelas quebradas, jardins mal cuidados, pichações, lixo, mendicância pública, venda de cigarros não tributados, embriaguez em praças, prostituição de rua etc. seriam verdadeiras “portas para crimes violentos”.⁴⁴⁰ Em suma, um modelo de policiamento que emergiu como uma política penal e moral perfeita para a expressão do neoliberalismo conservador em escala urbana.⁴⁴¹

⁴³⁸ Cf. PEREIRA, Allan K. “O cinema e suas imagens migrantes: violência regenerativa em *Taxi Driver*”. in Iranilson Burity Oliveira; José Otávio Aguiar (Org.). *Identidades & Sensibilidades: o cinema como espaço de leituras*. 1ed. São Paulo: Humanitas, 2015, v. 3, p. 125-150. Do mesmo modo que esse filme de Martin Scorsese remetia-se às lembranças ainda quentes da Guerra do Vietnã (1959-1975), o então presidente republicano Ronald Reagan, em um discurso para a *International Association of Chiefs of Police*, no dia 28 de setembro de 1981, advertia que o novo desafio para as forças de segurança (interna) dos EUA daria-se através do enfrentamento das ameaças encontradas nas “selvas urbanas”. Grande parte do frenezi personalista em torno da figura política de Reagan, vale lembrar, estava na capacidade performática que ele tinha de encarnar um *cowboy* contemporâneo, disposto a dar carta branca à polícia contra os “selvagens”, os “*queers*” e os “desordeiros” de todos os tipos que “aterrorizavam” as ruas da América: “somente nossos valores morais profundos e instituições fortes podem conter essa selva”, sacramentava o grande guardião da Supremacia Branca. Cf. REAGAN FOUNDATION. “President Reagan’s Remarks to International Association of Chiefs of Police 9/28/1981.” *Youtube*. 17 abr. 2017. 38min47s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=t5WaY6qPmC4>> Acesso em: 15 jun. 2020.

⁴³⁹ HARTMAN, Saidiya. *Scenes of Subjection: Terror, Slavery, and Self-Making in Nineteenth-Century America*. Oxford: Oxford University Press, 1997, p. 125.

⁴⁴⁰ KELLEY, Robin D. G. “Thug Nation: On State Violence and Disposability”. In: *Policing the Planet: Why the Policing Crisis Led to Black Lives Matter*. Ed. Jordan T. Camp and Christina Heatherton. London: Verso, 2016, p. 22. Para conferir o artigo que deu origem à “Teoria das Janelas Quebradas”, cf. KELLING, George L.; WILSON, James Q., “Broken Windows: The Police and Neighborhood Safety”, *Atlantic*, 1982, disponível em <https://www.theatlantic.com/magazine/archive/1982/03/broken-windows/304465/>.

⁴⁴¹ Cf. SPENCE, Lester K. *Knocking the Hustle: Against the Neoliberal Turn in Black Politics*. New York: Punctum Books, 2015.

Isso, curiosamente, independia de haver um significativo aumento na criminalidade. Como Ruth Wilson Gilmore explica, os estados americanos que nas décadas de 1980-1990 não construíram tantas prisões tiveram uma diminuição maior no crime em comparação com estados onde a detenção se tornou uma atividade governamental central [como foi o caso da Califórnia, que ela estuda]. Para a autora, isso se deu porque o aumento do policiamento e da intervenção estatal em problemas comunitários desestabilizou os laços sociais de espaços já historicamente atingidos pelo racismo antinegritude. As famílias deixavam de se reunir em atividades coletivas dos bairros e passaram a ocupar uma boa parte do tempo em visitas aos tribunais, um ciclo opressivo de despesas financeiras e emocionais terrível em longo prazo:

Em lugares tão inóspitos, todos se isolam. E quando algo perturbador, confuso ou indesejável acontece, as pessoas ligam para o 911. Como resultado, o crime aumenta, juntamente com a infelicidade, e aqueles que são capazes de fazê-lo se afastam em busca de um ambiente melhor, concentrando a infelicidade no seu rasto.⁴⁴²

O fato de que policiais, com cada vez mais frequência, eram encarregados de cumprir funções como facilitadores de saúde mental, disciplinadores escolares, gerentes públicos de moradia ou guardas contra a invasão de parques, dá conta de como o desinvestimento público neoliberal, na verdade, acabou se traduzindo em uma versão punitiva de segurança que punte tendenciosamente o que julga ser a indisciplina moral e os desvios culturais presumivelmente negros. Nessa política de “tolerância zero”, com uma noção de crime cada vez mais elástica, os bairros negros tornaram-se uma espécie de “prisão a céu aberto”, “o gueto negro”, cujos moradores carregariam, desde sempre, a suspeição criminosa, pessoas cujo destino, estatisticamente já premeditado, seria perder seu futuro “dando um tempo” atrás das grades.⁴⁴³

⁴⁴² GILMORE, Ruth Wilson. *Golden gulag: prison, surplus, crisis, and opposition in globalizing*. Los Angeles (CA): University of California Press, 2007, p. 17. Partindo da experiência de ter um irmão preso no norte da Flórida, a ativista e acadêmica Jackie Wang fala sobre as “ondulações no tempo” que representam a temporalidade da prisão: “O que é a prisão? A imobilidade, sim, mas também a manipulação do tempo como uma forma de tortura psíquica. A regimentação do tempo. A fenomenologia da espera. A agonia do limbo jurídico. O efeito de ondulação carceral quando qualquer vida é tirada pelo Estado, como deformam as temporalidades de todos na órbita da pessoa desaparecida. Não sei como o tempo é vivido no interior da prisão; só sei como a prisão modifica o tempo da perspectiva de um membro da família no exterior, olhando para dentro. Nove anos sentamo-nos à espera da audiência do meu irmão, enquanto o seu recurso ficava para ser lido na secretaria de algum funcionário do tribunal. O tempo passou para o exterior enquanto a situação do meu irmão permanecia estática.” WANG, Jackie. *Carceral Capitalism*. Cambridge: MIT Press, 2018, p. 218.

⁴⁴³ Sobre “dar um tempo” atrás das grades, cf. GODOI, Rafael. “Doing times: contemporary prison temporalities”, *Academia Letters*, disponível em: https://www.academia.edu/50984692/Doing_times_contemporary_prison_temporalities

Para Loïc Wacquant, esta era uma lógica genealogicamente entrelaçada ao gueto e à escravidão, em uma espécie de “simbiose estrutural” e uma “sub-rogação funcional”.⁴⁴⁴ Percepção semelhante tinha o intelectual aprisionado, George Jackson, ao escrever uma espécie de autobiografia por meio de cartas na prisão de Soledad, em 1970.

A minha recordação é quase perfeita, *o tempo não apagou nada*. Recordo-me do primeiro rapto. Eu vivi a travessia, morri na travessia, repousei nas sepulturas não marcadas e rasas dos milhões que fertilizaram o solo Amerikano com seus cadáveres; algodão e cereais crescendo do meu peito, “até a terceira e quarta geração”, a décima, a centésima. *A minha mente vai e vem através das incontáveis gerações* e eu sinto tudo o que eles alguma vez sentiram, mas dobrado. Não consigo evitar; há muitas coisas para me fazer lembrar das 23 horas e meia em que estou nesta cela. Não se passam dez minutos sem um lembrete. No intervalo, só me resta especular a forma que o lembrete irá assumir.⁴⁴⁵ [grifos meus]

Se o cativo era responsável, como diria Orlando Patterson, por provocar uma “morte social” nos africanos escravizados e em seus descendentes nas Américas, sua “permutação” através do encarceramento massivo também promoveria tanto uma “morte cívica” dos presos, quanto um atraso mortificante de sua comunidade na corrida rumo ao progresso que define o capitalismo racial contemporâneo.⁴⁴⁶

Isso significa, gostaria de ressaltar esse ponto, que a lógica carcerária não se reduz ao sistema prisional. A superlotação, as inúmeras torturas, os mais distintos tipos de abusos sexuais, a carência de cuidados médicos e humilhações diversas devem ser entendidos como manifestações fenomênicas de uma antinegitude que transcende os muros das prisões. Essa lógica carcerária estrutura a pobreza nas ruas, regula a violência dos escritórios de assistência social, limita diversas oportunidades e *marca*, desde cedo, jovens negros com o estigma da incapacidade. Como descreveria Assata Shakur nos diários da prisão que são a sua autobiografia: “A única diferença entre aqui [ex-membra do *Black Liberation Army*, ela havia ficado presa na *Clinton Correctional Facility for Women* de Nova Jersey, até fugir para o exílio em Cuba no ano de 1979] e as ruas é que uma é de segurança máxima e a outra é

⁴⁴⁴ WACQUANT, Loïc. “Da Escravidão ao Encarceramento em Massa: Repensando a ‘Questão Racial’ nos Estados Unidos”. In: *Contragolpes*: seleção de artigos da New Left Review. Org. Emir Sader. São Paulo: Boitempo, 2006, p. 12.

⁴⁴⁵ JACKSON, George. *Soledad Brother – Part 2*. Chicago/IL: Chicago Anarchist Black Cross, 2018, p. 48.

⁴⁴⁶ PATTERSON, Orlando. *Escravidão e Morte Social: um Estudo Comparativo*. Tradução de Fábio Duarte Joly. São Paulo, Edusp, 2008; sobre “permutação” cf. SEXTON, Jared. “The Social Life of Social Death: On Afro-Pessimism and Black Optimism,” in *InTensions*, vol. 5, 2011, p. 5.

segurança mínima. A polícia patrulha nossas comunidades exatamente como os guardas patrulham aqui. Eu não tenho a menor ideia de como é ser livre”.⁴⁴⁷

Nesse entendimento, é interessante pensar que na década de 1990 e nos anos 2000 a lógica carcerária iria alcançar uma crueldade e sofisticação absurda. Especialmente após o 11 de Setembro, a política de tolerância zero com o crime e a “Teoria das Janelas Quebradas” assumiram um caráter de atuação ainda mais preditivo [o filme *Minority Report*, de 2002, oferece uma excelente reflexão acerca desse tema] sobre a população negra e pobre. Como diz Ruha Benjamin: “A era do *Big Data* está entrelaçada com a fabricação de *Big Deviance*”.⁴⁴⁸ Para muitos moradores negros de North County, essa hipervigilância e a expansão galopante do complexo industrial prisional seriam absolutamente nefasto. A “morte cívica” das pessoas empobrecidas que eram presas por não conseguirem quitar multas de trânsito e outras infrações menores exemplificava, de maneira inclemente, a conspiração antinegra entre as punições jurídicas e a administração pública da cidade. A história de Keille Fant, nesse sentido, era um verdadeiro calvário. Assistente de enfermagem e mãe solteira, ela tinha 37 anos e já havia sido presa mais de doze vezes por não conseguir pagar multas de trânsito antigas, até que foi detida mais uma vez, enquanto levava seus filhos para a escola, em outubro de 2013. Na prisão da cidade de Jennings, ela foi informada que não seria liberta a menos que pagasse 300 US\$. Não tendo condição para tal, Fant foi “solta”, mas mantida sob custódia ali mesmo, pois as cidades próximas de Bellefontaine Neighbours e Velda, que não tinham suas próprias prisões, também reclamavam-lhe dívidas parecidas. O vaivém dessas alforrias indebitáveis levou-a até a prisão municipal de Ferguson, onde ela deveria pagar 1400 US\$. A senhora Fant seria presa e humilhada da mesma forma no ano seguinte, antes que Mike Brown fosse atingido pelos disparos de Darren Wilson. Repetidas detenções como aquelas causaram-lhe seguidas demissões de empregos já bastante precários. Na indigência e incerteza de uma vida apossada por dívidas impagáveis e absurdas, Keille Fant passou a depender de cupons de alimentação para complementar a renda e suprir minimamente seus filhos.⁴⁴⁹

Muitas das pessoas que se rebelaram em de agosto de 2014 compartilhavam histórias semelhantes, de maneira que essas reclamações acabaram chamando a atenção de algumas

⁴⁴⁷ SHAKUR, Assata. *Assata: Uma Autobiografia*. Tradução de Amani Oxumké. Salvador: Sequestro Preto, 2021, p. 94.

⁴⁴⁸ BENJAMIN, Ruha. “Retomando nosso fôlego: Estudos de Ciência e Tecnologia, Teoria Racial Crítica e a imaginação carcerária”. In: Tarcízio Silva (org.) *Comunidades, Algoritmos e Ativismos: olhares afrodiáspóricos*. São Paulo: LiteraRUA, 2020, p. 17.

⁴⁴⁹ FANT, Keilee; et al. Plaintiffs, v. THE CITY OF FERGUSON, Defendant. Court:United States District Court, E.D. Missouri, Eastern Division. 26 mai. 2015, disponível em <https://casetext.com/case/fant-v-city-of-ferguson>.

organizações de defesa jurídica sem fins lucrativos. *Equal Justice Under Law* e *ArchCity Defenders*, além de um grupo de advogados da *St. Louis University School of Law Legal* moveram dois processos de ação coletiva. Além do caso da sra. Fant, eles atuavam em nome de Roelif Carter, Allison Nelson, Herbert Nelson Jr., Alfred Morris, Anthony Kimble, Donyale Thomas, Shameika Morris, Daniel Jenkins, Ronnie Tucker e Tonya Deberry, todos moradores negros que denunciavam um ciclo de taxas, dívidas, extorsões e tratamento “grotesco” na prisão de Ferguson: celas superlotadas e sujas, escassez de itens para higiene pessoal, falta de cuidados médicos, alimentação deficitária, limitação de água potável e rotineiras humilhações sexistas dos guardas.⁴⁵⁰

Como não perceber que a cidade de Ferguson dependia diretamente do atraso da vida e da contenção de várias dessas pessoas racializadas? Meredith Walker, 51 anos, mãe de dois filhos, mudou a aparência de seu cabelo inúmeras vezes e evitava usar moletons, tudo na tentativa de driblar o perfilamento policial. Ela, que trabalhava no setor de educação de Ferguson, chegou a descrever sua situação como a de uma “escrava fugitiva”, alguém que evitava certas áreas porque sabia que, por já ter sido detida outras vezes, poderia cair novamente na tétrica peregrinação entre delegacias locais.⁴⁵¹ A racialização criava uma geografia negra cindida em Ferguson, e selecionava moradores a serem perfilados como o motivo para a polícia ostensivamente atuar nas ruas, vigiando vidas que eram elas próprias “janelas quebradas”. A execração social é isso, é viver como parte do cálculo que seu “comportamento desviante” quase que obrigatoriamente vai produzir. “Elemento corrosivo, destruindo tudo que se aproxima”: onde quer que apareça, representará uma ameaça.

Quando alguém bate na porta, [uma mulher branca] estremece de horror inominável. O bruto negro está à espreita no escuro, uma besta monstruosa, enlouquecida de luxúria. Sua ferocidade é quase demoníaca. Um touro louco ou um tigre dificilmente poderia ser mais brutal.

George T. Winston⁴⁵²

⁴⁵⁰ Idem.

⁴⁵¹ HARVEY, Thomas B.; STAICER, Janae. “Policing in St. Louis: ‘I Feel Like a Runaway Slave Sometimes’”. In: *The Cambridge Handbook of Policing in the United States*. Tamara Rice Lave & Eric J. Miller (eds.), 2019, p. 46.

⁴⁵² apud PILGRIM, David. *Understanding Jim Crow: Using Racist Memorabilia to Teach Tolerance and Promote Social Justice*. Oakland, Calif.: Ferris State University/PM Press, 2015, p. 146.

Você não é o cara e ainda sim você bate com a descrição porque existe apenas um cara que é sempre o cara que bate com a descrição.

Claudia Rankine⁴⁵³



Figura 29 - Imagem postada pelo *twitter* oficial da rede de tv *NBC News*. Trata-se de sua primeira reportagem sobre o assassinato do jovem morto por um policial “após confronto físico”. A escolha dessa fotografia específica de Brown não passou despercebida e foi duramente criticada por vários leitores negros. Fonte: *NBC News/Twitter*.⁴⁵⁴

Em um mundo antinegro sendo desafiado por *anárquicos* manifestantes nas ruas, é de se imaginar que, no exato momento em que uma fotografia de Michael Brown apareceu em

⁴⁵³ RANKINE, Claudia. *Cidadã: uma lírica americana*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Editora Jaboticaba, 2020, p. 117.

⁴⁵⁴ Disponível em <https://twitter.com/NBCNews/status/498515338833567745>.

um *tweet* da *NBC News*, “um chicote de medo estalou nas câmaras do coração”⁴⁵⁵ de uma audiência branca, temerosa que já estava com aquelas ameaças à propriedade saqueada/incendiada e ao seu modo de vida sustentado na dominação racial. Tratava-se de uma foto granulada e um tanto difusa (fig. 29), repleta de sombras, provavelmente tirada de algum simples aparelho de celular da época. Uma imagem que deixava perceptível o quanto aquele era um jovem negro grande e robusto. Nela vemos Brown em pé, com camisa vermelha da *Nike*, encarando a câmera de cima para baixo, em uma expressão um tanto indiferente. A esse olhar soma-se o gesto que ele faz com a mão direita. E é aqui que todo um conjunto de ansiedades antinegras são ativadas. É a partir desse símbolo, anterior ao assassinato de Brown, que uma inversão dos papéis (de vítima para suspeito) será desenrolada. “O que significava aquele sinal em suas mãos?”

Como se fosse ele que estivesse sendo julgado, vários jornalistas, imediatamente, definiram o gesto como um “sinal de gangue”.⁴⁵⁶ Extremistas de direita, como Matthew Vadum, chegaram ao ponto de afirmar que algumas das letras de *rap*, atribuídas à Brown, indicariam “uma visão sobre seu estado de espírito”.⁴⁵⁷ Segundo Sancho Panza, outro blogueiro conservador, essas canções de Brown dariam pistas de que o jovem seria um obscuro e impiedoso assassino, bastaria ele ter oportunidade para tal.⁴⁵⁸ Para muitos outros “especialistas” convidados a opinar naquela cobertura midiática que agitava o mês agosto de 2014, porém, era melhor deixar a fotografia de Brown “falar por si própria”. Afinal, não haveria discurso pós-racial no mundo que tivesse força comunicativa maior do que a simbologia de um negro tipo *gangstar rapper* em horário nobre.⁴⁵⁹

⁴⁵⁵ MORRISON, Toni. *Amada*. Tradução José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 212.

⁴⁵⁶ HOFT, Jim. “BREAKING: Ferguson’s Michael Brown PICTURED Flashing GANG SIGNS”, *The Gateway Pundit*, 14 de agosto de 2014, disponível em <https://www.thegatewaypundit.com/2014/08/breaking-michael-brown-was-a-local-gangster-seen-flashing-gang-signs/>.

⁴⁵⁷ VADUM, Matthew. “Michael Brown: A Criminal and a Thug”, *Frontpage Magazine*, 17 de agosto de 2014, disponível em <https://archives.frontpagemag.com/fpm/michael-brown-criminal-and-thug-matthew-vadum/>.

⁴⁵⁸ PANZA, Sancho. “Listen to Mike Brown’s VERY Explicit Rap Songs Featuring Drugs, Drinking and Murder”, *SooperMexican* 15 de agosto de 2014, disponível em <http://soopermexican.com/2014/08/15/listen-to-mike-browns-very-explicit-rap-songs-featuring-drugs-drinking-and-murder/>.

⁴⁵⁹ O candidato presidencial do partido republicano Mike Huckabee, posteriormente, iria afirmar na *Newsmax TV* que o jovem havia sido baleado porque “se comportava como um *thug*”. Cf. JAFFE, Alexandra. “Huckabee: Michael Brown Acted Like a ‘Thug’”, *CNN*, 3 de dezembro de 2014, disponível em <https://edition.cnn.com/2014/12/03/politics/ferguson-mike-huckabee-michael-brown-shooting-thug/index.html>. Os promotores do julgamento de Wilson também participaram ativamente dessa campanha difamatória, insistentemente ressaltando que o jovem havia fumado maconha. Não importando as contrapartes do legista Michael Baden, que afirmava que o THC no sangue de Brown era “uma quantia pequena”, eles buscavam descrever Brown como indisciplinado e “chapado”, alguém capaz de ter “episódios psicóticos e de paranoia”. MIRZOEFF, Nicholas. “The Murder of Michael Brown: Reading the Ferguson Grand Jury Transcript”. *Social Text*, v. 34, n. 1, 2016, p. 65.

Aquela era uma imagem que, de certa forma, complementava outra, “viralizada” praticamente ao mesmo tempo: a foto do corpo de Brown caído no chão, ensanguentado. Enquanto a fotografia de Brown ainda vivo justificava sua morte, a sua representação morto diante de toda sua comunidade parecia cumprir uma função subconsciente de aliviar a audiência branca, como se os permitisse, diante daquela imagem, dizer a si mesmos: “Mais um negro morto! Ufa, ainda bem! Que continue assim! Estranho seria se fosse um branco, como eu!”.⁴⁶⁰

Como certa vez o teórico Lindon Barrett, ao abrir um artigo sobre o assassinato de *rappers* negros famosos, afirmou: “Um corpo morto é uma coisa; um corpo negro morto é outra coisa”. Se a negritude, seguia Barrett, só pode ser “completamente definida por e dentro do desejo”, a figura do corpo negro morto “teria uma valência social altamente útil”. Ou seja, as imagens de corpos negros mortos violentamente, que eram repetidas de forma frenética nos noticiários policiais em tempos de “guerra ao crime”, fossem elas de *rappers* no auge da fama, como *2Pac* e *The Notorious B.I.G.*, ou fossem elas de sujeitos anônimos, cumpriam uma função proveitosa e subjetivante para a coletividade reconhecer suas diferenças e não entrar em crise no que diz respeito aos corpos dispostos a serem violentados.⁴⁶¹ Nos termos de Saidiya Hartman: “a família burguesa branca pode realmente conviver com o assassinio a fim de reconstituir sua domesticidade”.⁴⁶²

Em episódios como esses, onde um policial estava no banco dos réus, acusado do assassinato de um jovem negro, é comum que haja um notável envolvimento de promotores e jornalistas em um processo aparentemente “imparcial”, disciplinado e técnico de desumanização das vítimas. Havia sido assim em março de 1991, quando Rodney King, um homem negro de 25 anos, fora espancado por quatro policiais do Departamento de Polícia da Los Angeles. Mesmo tendo recebido mais de cinquenta golpes durante a ocorrência, ele foi

⁴⁶⁰ Como diz Cassandra Jackson, “a imagem do homem negro ferido confirma não apenas a equação entre negritude e sofrimento, mas também a equação entre brancura e integridade corporal”. JACKSON, Cassandra. “Fantasies of Wounding: Black Male Bodies in Hip Hop”. In: *Violence, Visual Culture, and the Black Male Body*. Abingdon/NY: Routledge, 2011, p. 45. Nesse mesmo artigo, a autora toma a capa do disco “*Get Rich or Die Tryin*” (2003), do rapper 50 Cent, enquanto uma interessante performance reflexiva sobre o lugar que a violência e o consumo de corpos negros violados ocupam na cultura popular norte-americana. Em uma reencenação do ferimento à bala que deu origem ao seu vulgo artístico, 50 Cent está envolto em uma moldura de vidro estilhaçado por algum disparo que, todavia, parece nada fazer em seu corpo negro hiper musculoso. Quem atira em sua direção? O olhar daqueles que consomem aquela música e aqueles corpos ao mesmo tempo em que, cotidianamente, os condenam nas ruas? 50 Cent parece jogar com esse complexo paradigma da negritude: como o *hip-hop*, o seu corpo sujeitado consegue, instantaneamente, equacionar medo e prazer, um desejo por consumo e punição.

⁴⁶¹ BARRETT, Lindon. *Conditions of Present: Selected Essays*. Durham and London: Duke University Press, 2018, p. 237-238.

⁴⁶² HARTMAN, Saidiya; WILDERSON III, Frank B. “The Position of Unthought”. *Qui Parle*, v. 3, n. 2, 2003, p. 191.

enquadrado no julgamento dos policiais e em muitas reportagens como um “negro grande e bruto, que vitimou os agentes da Lei”. Não uma vítima acuada por cassetetes, mas alguém cujo “limite superior de tolerância à dor” e “força bestial” justificaria o uso daquele grau de contenção. Como explica Judith Butler, o vídeo da agressão à King, gravado no local e televisionado massivamente, foi curiosamente usado como evidência de que o corpo sendo agredido era, na verdade, a real fonte de perigo, a ameaça em questão. Aquilo que para tantos ativistas seria a consagração de uma prova irrefutável da brutalidade policial, no tribunal de Simi Valley, na Califórnia, foi visto como um exemplo da vulnerabilidade que aqueles bravos oficiais enfrentavam diariamente. A técnica dos advogados de defesa dos policiais acusados, dividindo o vídeo em frames, congelando uma cena e enfatizando uma das mãos de Rodney King ligeiramente levantada, serviu para operar uma “reversão de gesto e intenção”. Todo um entendimento temporal e visual se desfez em detrimento daquele instante, não apenas descontextualizando o ocorrido, mas chegando mesmo a absurdamente o recontextualizar. Que tais estratégias tenham sido suficientes para absolver os agressores se explica, segue Butler, devido a um “campo de visibilidade racialmente saturado”, a percepção visual circunscrita que pessoas que se compreendem enquanto brancas possuem, a forma limitada que enforma o olhar daqueles que mantêm a sua identidade projetando a violência sobre os sujeitos racializados enquanto negros. Quando o júri argumentou que eles “viam” naquelas imagens um corpo negro ameaçando a polícia, quando uma jurada acreditava que Rodney King tinha “total controle” da situação, eles demonstravam o quanto enxergavam nos golpes dos policiais ações razoáveis de autodefesa. Assim, em um curioso processo de projeção pessoal:

os golpes que ele [Rodney King] sofre são tomados como os golpes que eles [os jurados brancos] *poderiam* sofrer se a polícia não os estivesse protegendo dele. Portanto, o perigo físico no qual King foi gravado é transferido a eles; eles se identificam com essa vulnerabilidade, mas a constroem como sua, a vulnerabilidade da branquitude, refigurando King como a ameaça.⁴⁶³

⁴⁶³ BUTLER, Judith. “Em perigo/perigoso: racismo esquemático e paranoia branca”. Tradução de Fabiana A. A. Jardim e Revisão de Jacqueline Moraes Teixeira e Sebastião Rinaldi. *Educação e Pesquisa*, v. 46, 2020, p. 6, disponível em <https://www.scielo.br/j/ep/a/gt9dkrsJwD68nxmVGKJsBZK/?lang=pt>. Para uma reflexão sobre como os padrões acadêmicos de disciplinarização contribuem na sustentação desse “campo de visibilidade racialmente saturado”, vale acompanhar os comentários de Sylvia Wynter sobre o mesmo caso de Rodney King, especialmente sua reflexão sobre “os olhos interiores”, ou seja, a forma como atua uma gramática subjetiva de classificação racial compartilhada em dada sociedade. WYNTER, Sylvia. “Nenhum Humano Envolvido: Carta Aberta a Colegas”. Tradução de Stella Z. Paterniani e Patricia D. Fox. In: *Pensamento Negro Radical: Antologia de Ensaios*. São Paulo: Crocodilo Edições, 2021, p. 71-104.

Ora, capacidade semelhante de reenquadrar as evidências, culpabilizar a vítima, e estabelecer a brutalidade policial como a única resposta possível à uma ameaça sobre-humana palpável também estava atuando no grande júri que absolveu o oficial Darren Wilson. Iniciado em 20 de agosto de 2014, ele teve seus vinte e quatro volumes de transcrições das audiências divulgados após o veredito, em novembro daquele mesmo ano. Como observa Nicholas Mirzoeff, as evidências incriminatórias contra o policial “eram abundantes”. O grande problema, porém, estava na maneira como os promotores *enquadraram* o caso, amparando-se (para retomar o conceito de Judith Butler) no “campo de visibilidade racialmente saturado” do júri (composto por nove brancos e três afro-americanos), de forma a tornar o menos provável possível a condenação de Wilson.⁴⁶⁴

A tarefa aparentemente seria mais fácil do que a enfrentada pelos advogados de defesa dos policiais julgados após o espancamento de Rodney King, haja vista que não havia nenhum vídeo amador ou de câmera de segurança para ser usado como evidência do ocorrido. Uma condicionante que dava ainda mais respaldo àquela que foi empregada como a autoridade maior no julgamento: a fala do policial. Como explica Mirzoeff, os promotores comportavam-se como se fossem cineastas a controlar a *mise-en-scène* da abordagem, direcionando a forma como os jurados deveriam (ou deixariam de) entender o espaço e o tempo do evento. As fotos divulgadas pareciam alheias aos desenlaces principais da cena do crime, em uma clara tentativa de dar ao júri a impressão de um grande confronto onde havia acontecido um assassinato banal, cujo desenrolar aconteceu em um raio de espaço menor que sessenta metros e em poucos segundos. Basicamente, “transformaram o horror em dados: medidos, calibrados e categorizados”.⁴⁶⁵

⁴⁶⁴ MIRZOEFF, Nicholas. “The Murder of Michael Brown: Reading the Ferguson Grand Jury Transcript”. *Social Text*, v. 34, n. 1, 2016, p. 50-51. Cf. também “STATE OF MISSOURI V. DARREN WILSON: TRANSCRIPT OF GRAND JURY”. 20 de agosto – 21 de novembro, disponível em <https://dataspace.princeton.edu/handle/88435/dsp014q77ft580>.

⁴⁶⁵ Idem, p. 55.



Figura 30 - Evidências apresentadas ao grande júri em Clayton, Missouri (onde foi realizado o julgamento). Fonte: St. Louis County Prosecutor Robert McCulloch/*The New York Times*.⁴⁶⁶



Figura 31 - Evidências apresentadas ao grande júri em Clayton, Missouri (onde foi realizado o julgamento). Fonte: St. Louis County Prosecutor Robert McCulloch/*The New York Times*.⁴⁶⁷

⁴⁶⁶ Disponível em <https://www.nytimes.com/interactive/2014/11/25/us/evidence-released-in-michael-brown-case.html>.

⁴⁶⁷ Disponível em <https://www.nytimes.com/interactive/2014/11/25/us/evidence-released-in-michael-brown-case.html>.



Figura 32 – Evidências apresentadas ao grande júri em Clayton, Missouri (onde foi realizado o julgamento). Fonte: St. Louis County Prosecutor Robert McCulloch/*The New York Times*.⁴⁶⁸

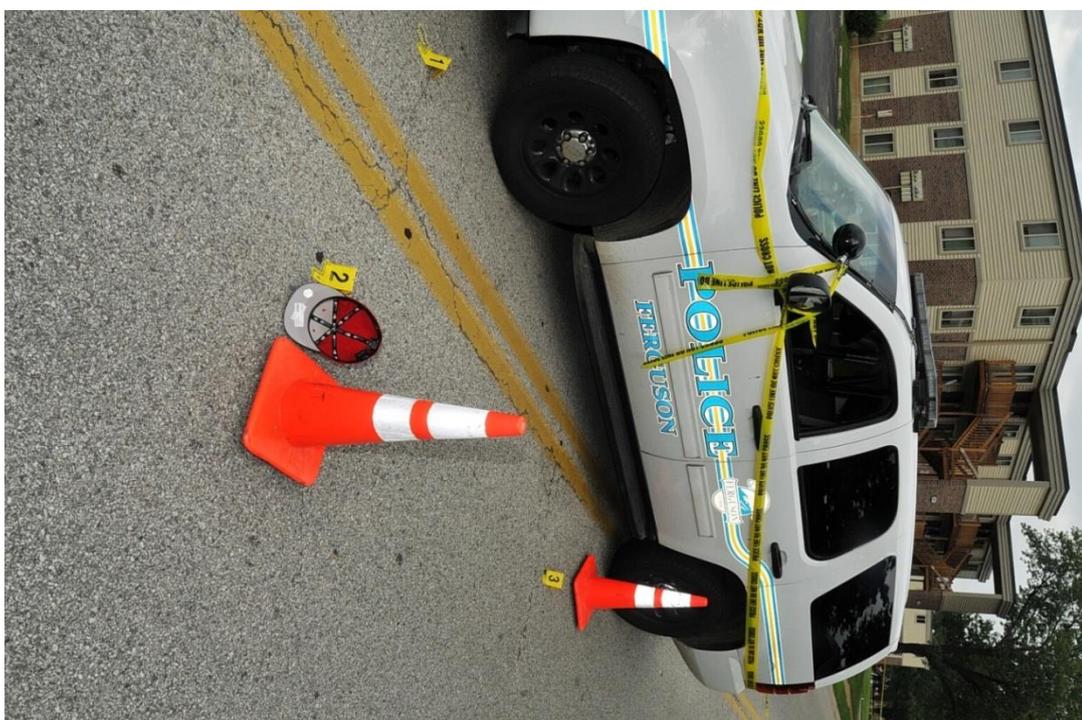


Figura 33 – Evidências apresentadas ao grande júri em Clayton, Missouri (onde foi realizado o julgamento). Fonte: St. Louis County Prosecutor Robert McCulloch/*The New York Times*.⁴⁶⁹

⁴⁶⁸ Disponível em <https://www.nytimes.com/interactive/2014/11/25/us/evidence-released-in-michael-brown-case.html>.

⁴⁶⁹ Disponível em <https://www.nytimes.com/interactive/2014/11/25/us/evidence-released-in-michael-brown-case.html>.



Figura 34 - Evidências apresentadas ao grande júri em Clayton, Missouri (onde foi realizado o julgamento). Fonte: St. Louis County Prosecutor Robert McCulloch/*The New York Times*.⁴⁷⁰

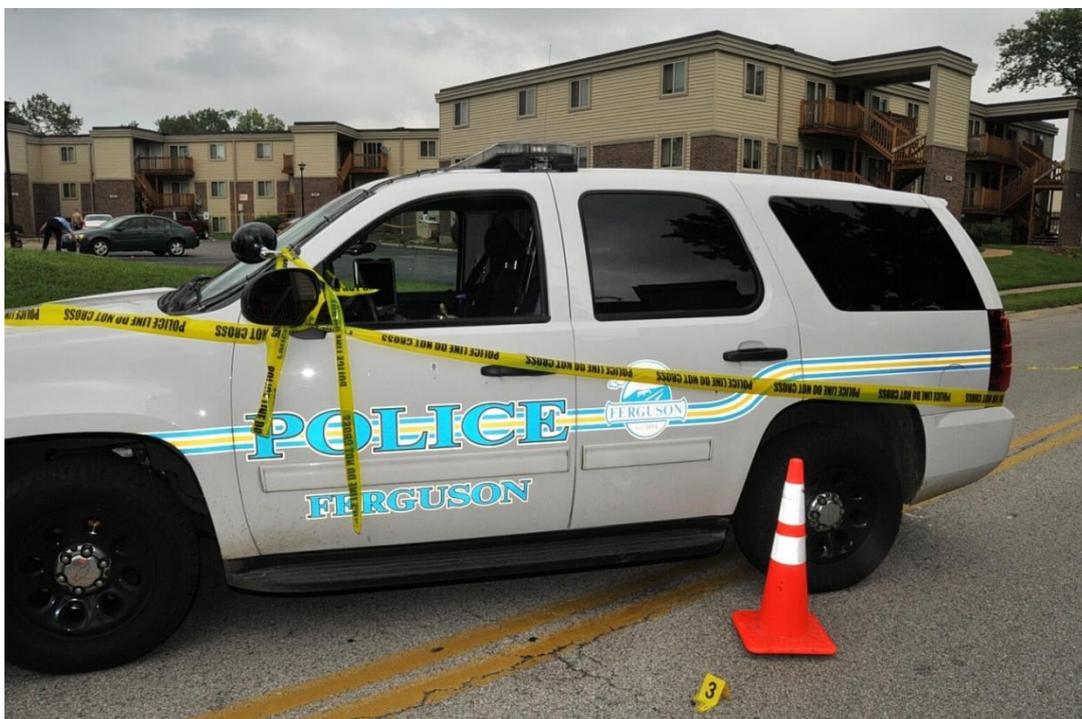


Figura 35 - Evidências apresentadas ao grande júri em Clayton, Missouri (onde foi realizado o julgamento). Fonte: St. Louis County Prosecutor Robert McCulloch/*The New York Times*.⁴⁷¹

⁴⁷⁰ Disponível em <https://www.nytimes.com/interactive/2014/11/25/us/evidence-released-in-michael-brown-case.html>.

⁴⁷¹ Disponível em <https://www.nytimes.com/interactive/2014/11/25/us/evidence-released-in-michael-brown-case.html>.

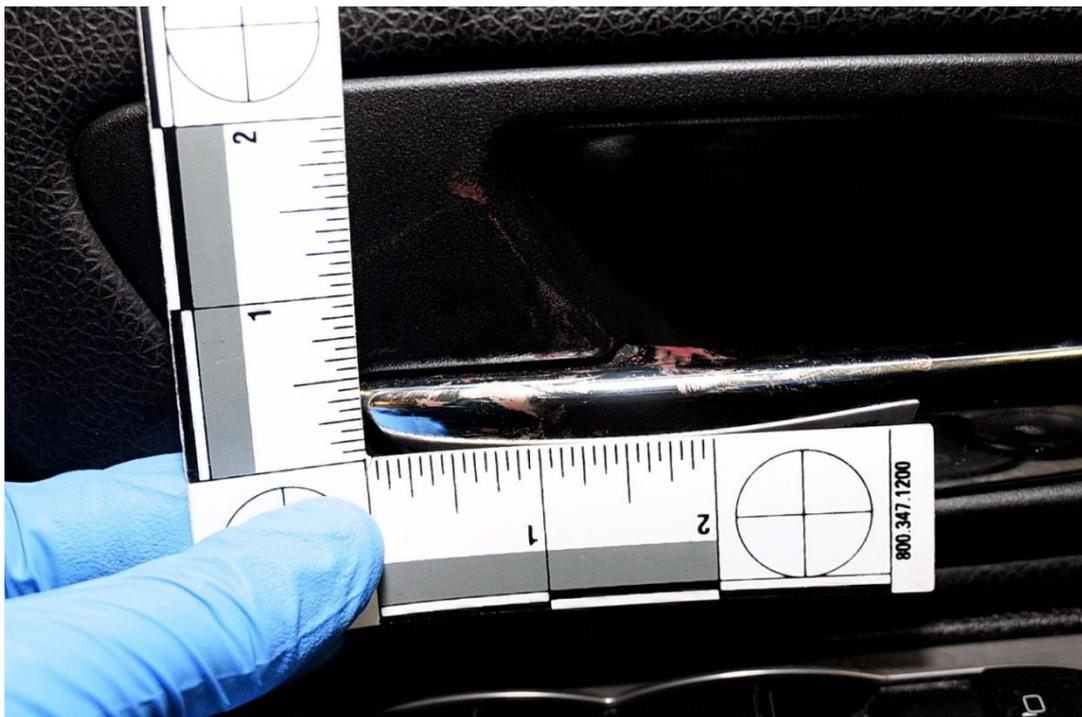


Figura 36 – Evidências apresentadas ao grande júri em Clayton, Missouri (onde foi realizado o julgamento). Fonte: St. Louis County Prosecutor Robert McCulloch/*The New York Times*.⁴⁷²

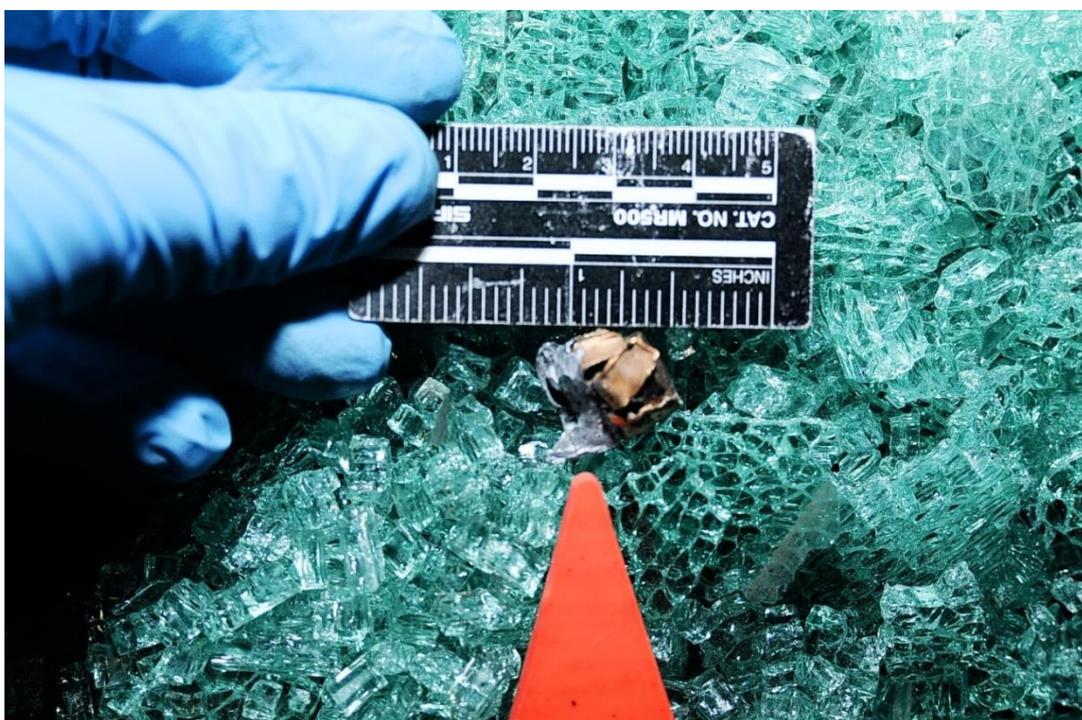


Figura 37 - Evidências apresentadas ao grande júri em Clayton, Missouri (onde foi realizado o julgamento). Fonte: St. Louis County Prosecutor Robert McCulloch/*The New York Times*.⁴⁷³

⁴⁷² Disponível em <https://www.nytimes.com/interactive/2014/11/25/us/evidence-released-in-michael-brown-case.html>.

⁴⁷³ Disponível em <https://www.nytimes.com/interactive/2014/11/25/us/evidence-released-in-michael-brown-case.html>.



Figura 38 – Evidências apresentadas ao grande júri em Clayton, Missouri (onde foi realizado o julgamento). Fonte: St. Louis County Prosecutor Robert McCulloch/*The New York Times*.⁴⁷⁴



Figura 39 – Evidências apresentadas ao grande júri em Clayton, Missouri (onde foi realizado o julgamento). Fonte: St. Louis County Prosecutor Robert McCulloch/*The New York Times*.⁴⁷⁵

⁴⁷⁴ Disponível em <https://www.nytimes.com/interactive/2014/11/25/us/evidence-released-in-michael-brown-case.html>.

⁴⁷⁵ Disponível em <https://www.nytimes.com/interactive/2014/11/25/us/evidence-released-in-michael-brown-case.html>.

A racionalidade jurídica não iria sentir falta da legalidade procedimental que lhe é cara. “Estava” tudo lá: um rigor encenado, a disciplinaridade legista, as métricas balísticas, “tudo”. A sensação de distanciamento concreto e a aleatoriedade das imagens, todavia, parecia criar um discurso visual “literal e metaforicamente desprovido de seus principais atores”.⁴⁷⁶

Indo em uma direção marcadamente oposta à sublimação visual do ocorrido que essas imagens provocavam, as transcrições dos três relatórios de patologia forense do corpo de Michael Brown apontavam para uma execução impiedosa à queima-roupa. O primeiro foi feito pelo legista local do condado de St. Louis, o segundo foi de responsabilidade de um patologista da Força Aérea da Base de Dover, sob demanda do Departamento de Justiça (*DoJ*), enquanto o terceiro relatório foi encomendado pela família de Brown e realizada pelo Dr. Michael Baden (fig. 40). Apesar de ambos serem taxativos em concluir que o jovem havia sido atingido por “seis a oito ferimentos de entrada”, um ferimento “tangencial” e um “arranhão” oriundos da SIG Sauer P229 .40 de Darren Wilson, as promotoras Kathi Alizadeh e Sheila Worley pareciam tentadas a notar uma resistência sobre-humana de Brown, indo totalmente de encontro ao depoimento do policial (o que nesse caso também significou o pouco caso que fizeram das inúmeras contradições que o réu foi exibindo ao longo do julgamento).⁴⁷⁷

⁴⁷⁶ MIRZOEFF, Nicholas. “The Murder of Michael Brown: Reading the Ferguson Grand Jury Transcript”. *Social Text*, v. 34, n. 1, 2016, p. 54.

⁴⁷⁷ *Idem*, p. 50.

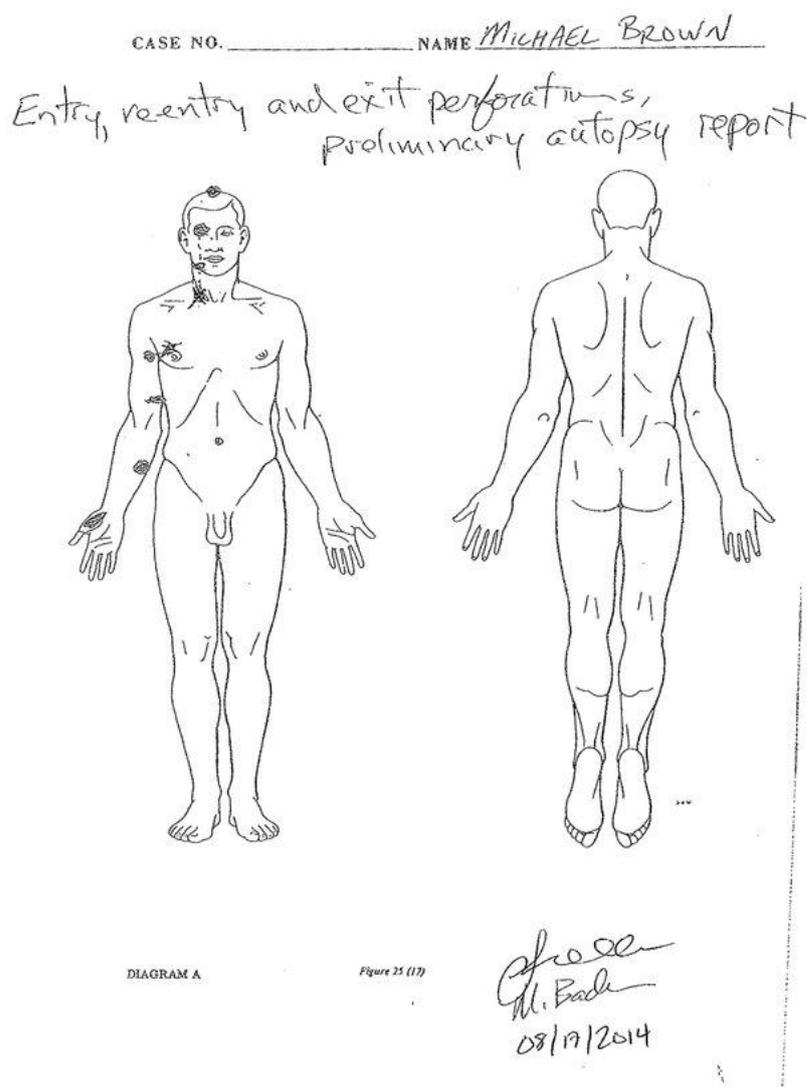


Figura 40 - Relatório de patologia forense do corpo de Michael Brown assinado pelo legista Michael Baden. Fonte: St. Louis County Prosecutor Robert McCulloch/*The New York Times*.⁴⁷⁸

As justificativas de Darren Wilson em seu depoimento replicavam a ênfase da mídia sobre a corpulência de Michael Brown (1,95 metros de altura e 131 kg). Apesar do policial, à época, ter 95kgs e ser praticamente da mesma altura que a vítima, ele descrevia um suposto duelo que travou com o jovem na porta de sua viatura como se estivesse sendo jogado de um lado para o outro, como se aqueles fossem os instantes finais de sua vida: “Quando eu o agarrei, a única maneira que posso descrever é que me senti como uma criança de 5 anos segurando Hulk Hogan [...] isso é o quão grande ele se sentiu e quão pequeno eu me senti só de segurar seu braço.”⁴⁷⁹ Em outro momento, também nesse início de depoimento, as

⁴⁷⁸ Disponível em <https://www.nytimes.com/interactive/2014/11/25/us/evidence-released-in-michael-brown-case.html>.

⁴⁷⁹ “STATE OF MISSOURI V. DARREN WILSON: TRANSCRIPT OF GRAND JURY”. *Grand Jury 16 september 2014, Volume 05, p. 212, disponível em*

ansiedades de toda uma sociedade antinegitude, a percepção de todo um “campo de visibilidade racialmente saturado”, aquilo que a mera exibição da foto granulada postada pela *NBC News* apenas sugeria, foram expressas da forma mais sintomática possível: “ele olhou para mim e tinha a expressão mais intensa e agressiva. A única maneira que posso descrevê-lo, é que ele parecia um demônio”, afirmou Wilson.⁴⁸⁰ Dentro dessa facilidade com a qual ele enquadrava com toda a negatividade da teologia cristã aquele que lhe parecia ser um inimigo mortal, não é de se estranhar que Wilson tenha seguido seu testemunho enfatizando o quanto Brown assemelhava-se a um animal resistente às suas ordens, um ser [ele em vários momentos se refere ao jovem através do pronome “isso”] “louco”/“cego” de raiva. Algo que ele “nunca tinha visto”: após ser alvejado com os primeiros disparos, Brown teria feito “um grunhido, como um som agravado” e avançado sobre ele, crescendo em ferocidade à medida que recebia uma saraivada de balas.⁴⁸¹

Um adolescente negro enquanto um demônio. Não era um relato saído diretamente do imaginário medieval sobre os *aethiops*.⁴⁸² Aquele era um depoimento de defesa de um representante do orgulho nacional branco norte-americano. Era uma voz que transmitia confiança, a despeito de que mesmo alguns dos maiores entusiastas da polícia nos Estados Unidos pudessem acreditar que era possível existir “maças podres”, capazes de “cometerem excessos” vestindo a farda azul. Aqui então, vale refletir sobre até onde iria essa designação, quais efeitos práticos que ela possuía para Michael Brown, afinal, se em termos teológicos a noção de *imago dei* parte do pressuposto de que todos os humanos são criados à imagem e

<https://dataspace.princeton.edu/handle/88435/dsp014q77ft580>. Poucos meses antes de Mike Brown ser brutalmente assassinado, um relatório publicado na *American Psychological Association* buscava compreender se as crianças e adolescentes afro-americanas eram mais propensas a receber tratamento diferente do recebido por crianças e adolescentes brancas. Inocência e necessidade de proteção são, essencialmente, características que distinguiriam crianças de adultos. Porém, os autores do estudo perceberam, havia uma dificuldade enorme de muitas pessoas entenderem que crianças e adolescentes negras tinham esse básico “privilégio”. “Um menino no corpo de um homem”, “Uma menina sexualmente voraz como uma mulher”, eram algumas das interações captadas nos depoimentos. GOFF, Phillip; CULOTTA, Carmen; DITOMASSO, Natalie; JACKSON, Matthew, DiLEONE, Broooke; “The Essence of Innocence: Consequences of Dehumanizing Black Children”. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 106, n. 4, 2014, p. 526-545. Sobre o processo de superhumanização de pessoas negras, cf. WAYTZ, Adam; HOFFMAN, Kelly M.; TRAWALTER, Sophie. “A Superhumanization Bias in Whites’ Perceptions of Black”. *Social Psychological and Personality Science*, v. 6, n. 3, 2015, p. 352-359. Para uma instigante análise de como na cultura norte-americana as percepções sobre inocência infantil ampararam profundamente a construção e manutenção da branquitude no final do séc. XIX e início do séc. XX, cf. BERNSTEIN, Robin. *Racial Innocence: Performing American Childhood from Slavery to Civil Rights*. New York: New York UP, 2011. Já sobre a dimensão paralelamente infra-humana e sobre-humana do corpo negro na cultura norte-americana, cf. GILROY, Paul. *Entre Campos: Nações, Cultura e o Fascínio da Raça*. Tradução de Celia Maria Marinho de Azevedo. São Paulo: Annablume, 2007.

⁴⁸⁰ Idem, p. 224-225.

⁴⁸¹ Idem, p. 227.

⁴⁸² Cf. OLIVA, Ribeiro. “Da Aethiopia à África: As Ideias de África, do Medieval Europeu à Idade Moderna”. *Fênix: Revista de História e Estudos Culturais*, v. 5, n. 4, 2008.

semelhança de Deus, O Criador, o que restaria na cabeça de Darren Wilson ao se deparar com “um demônio”? Brown não seria, portanto, um humano para o policial?⁴⁸³

De fato, essas contradições na presumida lógica de equidade no tratamento policial seriam abordadas em outro depoimento do agente da lei. Em um conjunto de documentos judiciais divulgados no início de 2017, quando Darren Wilson depôs em uma ação judicial perpetrada pelos pais de Michael Brown, Lesley McSpadden e Michael Brown Sr., contra a cidade de Ferguson, lemos os seguintes questionamentos acerca do que ele viu ao se deparar com o jovem:

Pergunta: Você descreveu Michael Brown como um demônio ou semelhante a um demônio.

Wilson: admitido.

Pergunta: Um demônio não é um ser humano.

Wilson: admitido.

Pergunta: Você não viu Michael Brown como um ser humano durante este incidente.

Wilson: Nego.⁴⁸⁴

O que está implícito nessa aparente contradição de Darren Wilson, que consegue *admitir* e *negar* a humanidade de Brown a um só tempo? O que o induzia a acreditar que se ele focasse no quanto Michael Brown ficou assustadoramente mais agressivo, após ser atingido por uma rajada de SIG Sauer P229 .40, aquilo ajudaria em sua absolvição? No dia do crime, e isso é realmente impressionante, Wilson chegou a voltar sozinho para a delegacia de Ferguson. Lá, como depôs um dos investigadores, ele chegou a lavar o sangue das mãos, limpando cuidadosamente as cutículas, afinal, temia que o sangue de Brown lhe causasse algum “risco biológico”.⁴⁸⁵ Ou seja, mesmo narrativas que pareciam produzir provas contra si

⁴⁸³ David Pilgrim conta a história de Mabel Hallan, uma mulher branca que, em 1908, na Springfield do estado do Illinois, acusou falsamente “um demônio negro”, George Richardson, de estuprá-la. Naquele contexto de intensa perseguição supremacista, uma turba branca decidiu que sua *regeneração pela violência* deveria começar pela morte de dois negros aleatórios. Em seguida, eles pilharam e queimaram a comunidade negra local. Que mais tarde Hallan tenha confessado que mentiu sobre o estupro para encobrir um caso extraconjugal apenas comprova a facilidade em demonizar homens negros através do estereótipo do estuprador de mulheres brancas. cf. PILGRIM, David. “The Brute Caricature”, *Jim Crow Museum*: Ferris State University, novembro 2000, disponível em <https://www.ferris.edu/HTMLS/news/jimcrow/brute/homepage.htm>. Sobre “regeneração pela violência”, cf. SLOTKIN, Richard. *Gunfighter Nation: The Myth of the Frontier in Twentiethcentury America*. New York: Atheneum, 1992.

⁴⁸⁴ SELBY, Nick. “The Michael Brown Incident Revisited”, 15 de março de 2017, disponível em <http://nselby.github.io/The-Michael-Brown-Incident-Revisited/>.

⁴⁸⁵ “STATE OF MISSOURI V. DARREN WILSON: TRANSCRIPT OF GRAND JURY”. *Grand Jury 16 september 2014*, Volume 05, p. 174, disponível em <https://dataspace.princeton.edu/handle/88435/dsp014q77ft580>.

mesmo eram por ele empregadas, na direção que seguia em transferir a culpa do ocorrido para uma figura de imagem bestial, como ele insistentemente descrevia Michael Brown.

Esse “desdobramento do passivo” (para usar um termo brilhantemente cunhado por Patrícia Williams) era um padrão da antinegitude jurídica no condado de St. Louis. Um episódio específico, ocorrido em 21 de agosto de 2014, a poucos quilômetros de onde aconteciam as manifestações em Ferguson, exemplifica essa questão. Após algumas altercações em uma loja de conveniência, um homem negro com problemas de saúde mental chamado Kajieme Powell, aparentemente segurando uma faca, gritou para a polícia: “Atire em mim, atire em mim, atire em mim agora!”. Ao que os policiais prontamente dispararam 12 tiros. “Suicídio por policial” ou “Suicídio assistido pela polícia”, essa foi a explicação oficial para a execução filmada do sr. Powell, uma mirabolante estratégia linguística que transferia a culpa para a própria vítima, como se ela tivesse sido a responsável por apertar o gatilho da arma que a matou.⁴⁸⁶ Nesse sentido, ainda que isso fosse algo relativamente normalizado na jurisdição de Ferguson, sua aplicação adquiriu contornos absurdos com o caso de Henry Davis, um homem negro que após ser espancado em uma cela da delegacia local, na madrugada de 20 de setembro de 2009, chegou a ser acusado de “danos à propriedade” por “transferir” sangue para os uniformes dos policiais na ocorrência.⁴⁸⁷ Se Darren Wilson, portanto, utilizava-se de uma concepção cristã universalmente compreendida sobre o mal, sobre o inimigo, se ele direcionava toda uma atenção para o comportamento de risco do “gigante ameaçador” Mike Brown, era porque ele acreditava no poder performativo dessas representações em uma comunidade há muito enformada pela antinegitude.

A forma como Wilson atribuía a Brown uma raiva demoníaca, uma força descomunal e uma resistência a dores sobre-humanas (diríamos que quase mágica), estava, soubesse ele ou não, amparada em uma longa “gramática americana”, um poderoso conjunto de discursos que têm “marcado” homens e mulheres negras com estereótipos degenerativos por gerações.⁴⁸⁸ Além da metáfora religiosa ou colonial que já citamos, sua percepção de Michael Brown parecia reverberar o *tropo* do negro enquanto um bruto hipermasculinizado, indomável em

⁴⁸⁶ WILLIAMS, Patricia. “Language is part of the machinery of oppression – just look at how black deaths are described”. *The Guardian*, 10 de junho de 2020, disponível em <https://www.theguardian.com/commentisfree/2020/jun/10/language-is-part-of-the-machinery-of-oppression-just-look-at-how-black-deaths-are-described>.

⁴⁸⁷ SHAPIRO, Joseph. “In Ferguson, Mo., Before Michael Brown There Was Henry Davis”, *NPR*, 12 de setembro de 2014, disponível em <https://www.npr.org/2014/09/12/348010247/in-ferguson-mo-before-michael-brown-there-was-henry-davis>.

⁴⁸⁸ Sobre a ideia de estereótipos antinegitude como “marca”, cf. SPILLERS, Hortense. “Bebê da mamãe, talvez do papai: uma gramática estadunidense”. Tradução de Allan K. Pereira e Kênia Freitas. In: *Pensamento Negro Radical: Antologia de Ensaios*. São Paulo: Crocodilo Edições, 2021, p. 29-69; além de TERREFE, Selamawit D. “Speaking the Hieroglyph”, *Theory & Event*, v. 21, n. 1, 2018, p. 124-147.

sua animalidade ameaçadora e destrutiva. O professor David Pilgrim, idealizador do impactante *Museum of Racism Memorabilia*, localizado no estado de Michigan, recorda como, no período da Reconstrução (1867-1877), muitos escritores e ideólogos da Supremacia Branca estavam argumentando o quanto sem a escravidão – que supostamente suprimia os instintos indisciplinados – os negros estavam retornando a um estágio de selvageria criminosa. Pilgrim cita como o romancista Thomas Nelson Page, já no começo do séc. XX, lamentava a ausência de “bons e velhos pretos” dos tempos das *plantations*, substituídos por uma nova geração de negros que ele considerava “preguiçosos, perdulários, intemperantes, insolentes, desonestos e sem os elementos mais rudimentares de moralidade”. Page, segue o autor, seria um dos grandes responsáveis pela popularização do tropo literário do *negro bruto*. Em seu livro *Red Rock* (1898), inclusive, há uma cena de notáveis semelhanças com o testemunho de Darren Wilson. Ao tentar estuprar uma mulher branca, o político negro Moses: “rosnou de raiva e saltou sobre ela como uma fera selvagem”, uma conduta que, mais tarde, justificaria seu linchamento.⁴⁸⁹

Se na literatura e cinema supremacista a maioria das vítimas desses negros brutos/diabólicos eram mulheres brancas indefesas, poderia Darren Wilson, um policial branco treinado e armado, assumir qualquer papel de vítima nessa narrativa? Como essa contradição na lógica masculinista da Lei & Ordem que se impõe contra a indisciplina era explicada por Darren Wilson? Sua fala que menciona Hulk Hogan, justamente quando ele vai descrever o que Brown aparentava após ser alvejado, talvez respondesse tais questionamentos. Hogan é um famoso lutador de WWE (*World Wrestling Entertainment*), uma empresa de entretenimento de imensa popularidade nos Estados Unidos. Um dos conceitos centrais do WWE é o de *kayfabe*: “uma mentira que lutadores e público decidem acreditar”. Todos estão plenamente cientes de que aquele mundo repleto de vilões, mocinhos, disputas e vinganças

⁴⁸⁹ PILGRIM, David. *Understanding Jim Crow: Using Racist Memorabilia to Teach Tolerance and Promote Social Justice*. Oakland, Calif.: Ferris State University/PM Press, 2015, p. 147. O blog *Undercover Black Man* fez um mapeamento muito interessante sobre o tropo do negro bruto/gigante em jornais norte-americanos do começo do séc. XX. Para surpresa do autor, o *New York Times*, justamente um jornal que àquela época ansiava por romper com o sensacionalismo do “*yellow journalism*” e fomentar um padrão elevado, limpo, digno e confiável de notícias, foi o veículo de imprensa com maior número de manchetes mencionando “negros gigantes”: “Negro gigante ataca a polícia” (24 de setembro de 1900), “O gigante negro armado enlouquece no navio” (15 de maio de 1916), “Negro gigante desabilita 4 policiais em luta” (12 de junho de 1927). UNDERCOVER BLACK MAN. “Attack of the GIANT NEGROES!!”, 10 de julho de 2007, disponível em <http://undercoverblackman.blogspot.com/2007/07/attack-of-giant-negroes.html>. O aterrorizante “negro bruto/gigante” que estampava as páginas dos jornais também seria visto na grande epopéia supremacista branca do período, o filme *O Nascimento de uma Nação* (1915), do cineasta D. W. Griffith. Nele o negro bruto Gus é tanto um sujeito infantilizado e animalesco, quanto uma severa ameaça à protagonista branca, Flora. A Ku Klux Klan, exaltada na película, entenderia muito bem esse recado nos anos seguintes. Cf. O NASCIMENTO de uma Nação. D.W. Griffith/Harry Aitken. Estados Unidos. D.W. Griffith Productions, 1915. Filme-vídeo (3hrs7min).

épicas, desenvolvido em uma narrativa de vários episódios, é pura ficção, de que as lutas são sempre combinadas. O envolvimento se dá, justamente, na maneira como aquela história é contada, haja vista que é o drama e a performance que cativa os espectadores.⁴⁹⁰ Então, quando o policial acredita que Michael Brown lembrava especificamente Hulk Hogan, na verdade, ele replica uma espécie de *kayfabe*, semelhante à dos advogados de defesa dos policiais que espancaram Rodney King, em 1992. Na lógica do WWE, que povoava sua mente, uma execução extrajudicial à queima-roupa é descrita como se fosse uma luta entre um mocinho, ao estilo Daniel Bryan, e um vilão bruto e ameaçador como Hogan. Parecia que a morte de um jovem negro se tratava, afinal, de uma épica reencenação do bíblico duelo entre Davi contra Golias, transportado agora para o cenário suburbano de uma área “antipolícia”.

A bestialidade e a demonização não significava que Wilson se recusava a reconhecer a humanidade de Brown, como ele iria admitir em um julgamento subsequente. Essa era, na verdade, uma estratégia, ou melhor, uma *kayfabe* que estrutura a antinegitude característica do sistema judiciário americano. Nos “olhos interiores” (para retomar o termo de Sylvia Wynter) dele e, conseqüentemente, nos “olhos interiores” das promotoras e do júri, Brown só poderia cumprir o papel de causador da violência e não de vítima da mesma.⁴⁹¹ Wilson, inconsciente ou não, apenas retoma uma gramática há muito tempo estabelecida, um padrão que dá corpo a uma lógica carcerária que promove a prisão massiva de negros tidos como descartáveis, que os perfila na vigilância “neutra” das cidades modernas e que, por fim e em conjunto com ele, aperta o gatilho contra outros Mike Browns.

As manifestações de Ferguson localizam-se em um lugar muito peculiar no que diz respeito à nossa cultura de memes em redes sociais. Talvez ali, ampliando uma tendência já vista no *Occupy Wall Street* e na Primavera Árabe, tenha sido perceptível uma guerra virtual em torno dessas representações que, de certa forma, sintetizavam opiniões sobre o ocorrido na instantaneidade das redes. O grande diferencial, entretanto, era a notável tentativa de desumanização antinegra daqueles memes, reanimando no consumo público um conjunto de

⁴⁹⁰ Sobre a ideia de “*kayfabe*” e o mundo do WWE, é bastante interessante acompanhar análises articulando as influências que essa indústria de entretenimento teve no estilo político de Donald Trump, ele mesmo um entusiasta e parceiro de negócios da empresa há mais de 30 anos. Cf. MOON, David S. “Kayfabe, Smartdom and Making Out: Can Pro-Wrestling Help Us Understand Donald Trump?”. *Political Studies Review*, v. 20, n. 1, 2020, p. 47-61.

⁴⁹¹ WYNTER, Sylvia. “Nenhum Humano Envolvido: Carta Aberta a Colegas”. Tradução de Stella Z. Paterniani e Patricia D. Fox. In: *Pensamento Negro Radical: Antologia de Ensaios*. São Paulo: Crocodilo Edições, 2021, p. 73.

estereótipos abjetos que os tempos pós-raciais juravam ter superado. De fato, o relativo anonimato que a internet proporciona para aqueles que assim o desejem, permitia uma massiva disseminação de memes condenatórios tanto de Michael Brown, quanto, por implicação, das pessoas que se rebelavam em Ferguson. Um desses que “viralizou” em várias redes sociais, como *Facebook*, *Twitter*, *Tumblr*, *Pinterest* etc., mostrava um homem negro segurando uma placa com os dizeres: “NENHUMA MÃE DEVE TER QUE TEMER PELA VIDA DE SEU FILHO TODAS AS VEZES QUE ELE ROUBAR UMA LOJA”. Uma montagem irônica, como logo ficou claro, de uma fotografia que originalmente mostrava três manifestantes pela memória de Michael Brown, onde estava escrito: “NENHUMA MÃE DEVE TEMER PELA VIDA DO SEU FILHO CADA VEZ QUE ELE SAIR DE CASA”.⁴⁹² Sim, nos dias explosivos de Ferguson vimos como aqueles conteúdos virtuais poderiam infectar o debate público. Ali era um sintoma, embora longe de ser um “ponto de origem”, de um pânico moral antinegitude que iria se intensificar nos anos seguintes.

Se as menções bestiais a “superpredadores”, “matilhas”, “animais” ou coisa parecida já faziam parte de uma linguagem corriqueira nas páginas policiais, não deveria ser surpresa que uma *hashtag* abertamente racista como #*Chimpout* tenha conseguido destacar-se no contexto dos protestos após o grande júri inocentar Darren Wilson. As associações pejorativas entre negros e símios, que haviam acontecido de forma massiva nas campanhas de difamação contra Obama, agora retornavam com uma peculiar obsessão em difundir antigos discursos sobre a inferioridade biológica dos negros e suas características animalizantes.

Foi nesse mesmo sentido de desumanização antinegra que a polícia de Ferguson, no que muitos notaram óbvias similitudes com imagens das manifestações dos Direitos Civis, fez uso extensivo e extralegal de cães para “controlar” aqueles que protestavam. Haja visto o quanto o processo de animalização da negritude se dá através de uma imediata comparação entre a agressividade canina e desobediência civil negra, não causou espanto que a mesma ferocidade dos cães, que separavam a comunidade do corpo desfalecido de Michael Brown, fosse associada a quem protestava obstinadamente/*anarquicamente* nas ruas de Ferguson. Como Paul Youngquist coloca: “[cães] *bloodhounds* são armas biológicas desdobradas contra um inimigo cuja ferocidade animal justifica uma resposta em espécie.”⁴⁹³

⁴⁹²TOLER, Lindsay. “Ferguson Protester’s Photo Gets Edited into Racist Meme, Goes Viral”, *Riverfront Times*, 3 de dezembro de 2014, disponível em <https://www.riverfronttimes.com/news/ferguson-protesters-photo-goes-edited-into-racist-meme-goes-viral-2594775>.

⁴⁹³apud BOISSERON, Benedicte. *Afro-dog: Blackness and the Animal Question*. New York: Columbia University Press, 2018, p. 51. Cf. também: SPRUILL, Larry. “Slave Patrols, “Packs of Negro Dogs” and Policing Black Communities”. *Phylon*, v. 53, n. 1, 2016, p. 42-66; YINGLING, Charlton; PARRY, Tyler. “The Canine Terror”, *Jacobin*, 19 de maio de 2016, disponível em

Por todas essas camadas nas quais a vida negra é desumanizada, por todas as situações onde vidas negras pareciam estar “atrasadas” e “no lugar errado”, por todas as vezes que vemos jovens, como Mike Brown, morrerem “sem que isso desencadeie uma crise ética”, é preciso entender o quanto os corpos desses sujeitos e os territórios em que eles habitam “já significam violência”.⁴⁹⁴ Daí porque, isso talvez implique uma crise na noção humanista de sciência, visto que, dentro do processo de inferiorização negra, um elemento fundamental é a impressão de que estes são incapazes de sofrer.⁴⁹⁵ Darren Wilson, por exemplo, após ter disparado mais de cinco vezes contra Brown, sequer chamou uma ambulância, sequer mediu o pulso do jovem. E mesmo o reforço policial que ele solicitou não fez isso, ao remover o corpo de Brown por meio de um SUV, após mais de quatro horas “em exibição” para sua comunidade. Como bem define Hari Ziyad: “Sob a branquitude, não há resposta para os séculos de abuso, não há reparação, porque os abusos não são *registrados* para serem curados”.⁴⁹⁶

Rastreando o astucioso entrelaçamento temporal desses discursos no presente com o ordenamento sociopolítico do Novo Mundo, Hortense Spillers vai explicar como o tráfico de escravos foi capaz de inaugurar “uma sequência humana escrita em sangue”, cuja característica central seria uma distinção entre “corpo” e “carne”. Muito mais do que uma violação física, a escravização era uma racionalização epistêmica e simbólica sobre quem poderia ser lido/visto/interpretado/amado/perdoado etc., e quem não teria essas possibilidades. Em suma, enquanto o captor, cuja existência daria sentido ao entendimento do que poderia ser compreendido como um sujeito “livre”, teria um “corpo”, os cativos, aqueles objetificados como “o grau zero de conceituação social”, seriam transformados em “carne”.⁴⁹⁷

<https://www.jacobinmag.com/2016/05/dogs-bloodhounds-slavery-police-brutality-racism/>; além de uma obra seminal sobre definições de humanidade e direitos dos animais DAYAN, Colin Joan. *The Law Is a White Dog: How Legal Rituals Make and Unmake Persons*. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 2011. Quando entrevistado poucos dias após o assassinato de Mike Brown, o seu amigo Dorian Johnson descreveu a execução que testemunhou com as seguintes palavras: “Isso o machucou muito. Podia ver em seus olhos. *Foi definitivamente como levar um tiro como um animal.*” ALCINDOR, Yamiche; STANGLIN, Doug. “Witness says teen friend shot by cop ‘like an animal’”. *USA Today*, 13 de agosto de 2014, disponível em <https://www.usatoday.com/story/news/nation/2014/08/13/ferguson-protests-continue/13989945/>.

⁴⁹⁴ FERREIRA da SILVA, Denise. “Ninguém: direito, racialidade e violência”. *Meritum: Revista de Direito da Universidade FUMEC*, v. 9, n. 1, 2014, p. 69.

⁴⁹⁵ Para uma análise crítica das teorias do afeto e sobre sciência negra, cf. PALMER, Tyrone S. ‘What Feels More Than Feeling?’: Theorizing the Unthinkability of Black Affect. *Journal of the Critical Ethnic Studies Association*, v. 3, n. 2, 2017, p. 30-56.

⁴⁹⁶ ZIYAD, Hari. “Playing ‘Outside’ in the Dark: Blackness in a Postwhite World”. *Critical Ethnic Studies*, v. 3, n. 1, 2017a, p. 147.

⁴⁹⁷ SPILLERS, Hortense. “Bebê da mamãe, talvez do papai: uma gramática estadunidense”. Tradução de Allan K. Pereira e Kênia Freitas. In: *Pensamento Negro Radical: Antologia de Ensaio*. São Paulo: Crocodilo Edições, 2021, p. 33-38. Michelle Wright faz importantes advertências sobre o que ela define como “Epistemologia da *Middle Passage*”, a forma como a unificação na experiência do Atlântico acaba por excluir outras espacialidades da narrativa da escravidão africana. Cf. WRIGHT, Michelle. *Physics of Blackness*:

Desmantelando uma delimitação epocal da Escravidão, há toda uma tradição Afro-Pessimista preocupada em refletir sobre essa “narrativa primeira”, centrada em definir o quanto esse entendimento sobre o Humano, inaugurado com a *Middle Passage*, funciona como uma ferida, violentamente inscrita e violentamente impensada pelo saber ocidental. Se a objetificação do negro faz dele “o contexto que permite o surgimento do sujeito burguês e, por negação ou contradição, define a liberdade, a cidadania e os cercamentos do corpo social”⁴⁹⁸, é de se imaginar também que o esquecimento desse trauma original atue como uma das principais estratégias de sustentação da sociedade civil.⁴⁹⁹

Após passar pela “porta do não-retorno”⁵⁰⁰ e chegar até o “Novo Mundo”, os escravizados eram (des)figurados como um “fator humano alterado”, um oposto ao ego europeu, ou seja, passavam a ser a definição substancial do Outro pelo qual a humanidade buscava se diferenciar.⁵⁰¹ Como bem coloca Calvin Warren: “O ser negro segue uma trajetória diferente da do célebre ser humano da metafísica e da ontologia. Seu nascimento é a morte – morte como nada, morte como o negro, morte como negritude, morte como o abismo da metafísica”.⁵⁰² Dessa forma, ainda que tivessem sido *inventadas* para serem exauridas economicamente no mundo social das *plantations*, às pessoas negras era imputada uma função extra: “atender às necessidades ontológicas do humano”.⁵⁰³ Paradoxalmente, é essa sua “posição do impensado” o que valoriza a Humanidade branca, permitindo-lhes “ganhar sua coerência ao saber o que não são”.⁵⁰⁴

Essas teorizações, acredito, colocam em crise definições estabelecidas sobre democracia, liberdade, ganhos sociais, futuro socialista, gramática de revolta, direitos

Beyond the Middle Passage Epistemology. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2015. Nesse sentido, para uma interessante e inventiva interpretação sobre as íntimas conexões entre a Europa, a Ásia, a África e as Américas, através do colonialismo, da escravidão, do comércio imperial e do liberalismo ocidental, em um período que vai do final do séc. XVIII até o início do século XIX, cf. LOWE, Lisa. *The Intimacies of Four Continents*. Durham: Duke University Press, 2015; além de: KIM, Jae Jyn; JUNG, Moon-Kie. “‘Not to Be Slaves of Others’: Antiblackness in Precolonial Korea”. In: João Costa Vargas & Moon-Kie Jung (ed.). *Antiblackness*, Durham/London: Duke University Press, 2021, p. 143-167.

⁴⁹⁸ HARTMAN, Saidiya. *Scenes of Subjection: Terror, Slavery, and Self-Making in Nineteenth-Century America*. Oxford: Oxford University Press, 1997, p. 62.

⁴⁹⁹ Para uma visão introdutória ao Afro-Pessimismo, cf. PEREIRA, Allan K. “A Condição Sem Análogo da Antinegriidade: Uma Introdução ao Afro-Pessimismo”. In: Fernanda Rodrigues de Miranda & Marcelo de Assunção (Org.). *Pensamento afrodiaspórico em perspectiva: abordagens no campo da História e Literatura*. Porto Alegre: Editora Fi, 2021, v. 1, p. 40-47.

⁵⁰⁰ Cf. BRAND, Dionne. *A map to the door of no return: notes to belonging*. Canada: Vintage, 2001.

⁵⁰¹ SPILLERS, Hortense. “Bebê da mamãe, talvez do papai: uma gramática estadunidense”. Tradução de Allan K. Pereira e Kênia Freitas. In: *Pensamento Negro Radical: Antologia de Ensaios*. São Paulo: Crocodilo Edições, 2021, p. 43.

⁵⁰² WARREN, Calvin L. *Ontological Terror: Blackness, Nihilism, and Emancipation*. Durham/Londres: Duke University Press, 2018, p. 38-39.

⁵⁰³ idem, p. 45.

⁵⁰⁴ HARTMAN, Saidiya; WILDERSON III, Frank B. “The Position of Unthought”. *Qui Parle*, v. 3, n. 2, 2003, p. 187.

humanos, etc. Para muitos pensadores Afro-Pessimistas, os assassinatos de negros e negras que ganharam destaque nos últimos anos apontam para a falência do ideal pós-racialista.⁵⁰⁵ Como já discutimos, a tendência ao esquecimento do passado escravocrata nos Estados Unidos [e ousaria dizer que isso vale pra toda a Diáspora] se traduz em uma romântica narrativa sobre a morte da escravidão e sobre o profundo envolvimento ativista/abolicionista para consegui-la, uma visão epocal que vê a Emancipação formal de 1862 como um sinal peremptório de uma maturidade democrática que as conquistas institucionais de direitos civis iriam “aprimorar/atualizar” no século seguinte.

Patrice Douglass faz uma interessante leitura sobre tenuidade da alforria negra a partir de uma análise dos julgamentos do sequestro da escrava Margarett Morgan e seus filhos, pelo proprietário de escravos Edward Prigg, em 1837. Enquanto o estado da Pensilvânia, baseado em uma lei estadual de 1826, que punia aqueles que sequestrassem negros com o objetivo de escravizá-los, condenou Prigg, a Suprema Corte acabou por decidir que a recaptura de escravos fugitivos era um direito inviolável dos proprietários. Para a autora, aquele caso confirmava que mesmo que algumas pessoas negras estivessem fora dos limites escravistas, elas estariam passíveis ao cativeiro através de inúmeras violências sociais e políticas.⁵⁰⁶ Indo por caminho semelhante, a historiadora Stephanie Jones-Rogers demonstra como o desenvolvimento do direito contratual e dos sistemas de gestão de posses nos EUA dos séculos XVIII e XIX produziu um entendimento social que fez com que os brancos sulistas passassem a se ver como tendo “gestão” e poder regulador sobre todas as pessoas negras, fossem elas escravizadas ou não. No pós-abolição, continua a autora, essa percepção já estava tão enraizada, que o entendimento do contrato social pelos brancos era sustentado na expectativa de que pessoas negras deveriam ser a eles subordinadas nas mais distintas ocasiões.⁵⁰⁷ Isso explica, como acidamente pontua Frank Wilderson III, que toda e qualquer pessoa branca termina “policiando” toda pessoa negra “por delegação”, ou seja, moldando comportamentos, atitudes, modos de falar, de vestir, de andar, definindo o que é ameaçador e

⁵⁰⁵ Cf. WILDERSON III, Frank B. *Red, White and Black: Cinema and the Structure of US Antagonisms*. Durham: Duke University Press, 2010b; WILDERSON III, Frank B. *Afropessimismo*. Tradução de Rogério Galindo. São Paulo: Editora Todavia, 2021.

⁵⁰⁶ DOUGLASS, Patrice D. “The Claim of Right to Property: Social Violence and Political Right”. *Zeitschrift für Anglistik und Amerikanistik*. v. 65, n. 2, 2017, p. 155-158. Para uma análise das “origens não democráticas da constituição norte-americana”, cf. BERCOVICI, Gilberto. “A Constituição Invertida: A Suprema Corte Americana no Combate à Ampliação da Democracia”. *Lua Nova*, n. 89, 2013, p. 107-134. Uma obra literária que reencena essas questões de forma poderosa, como um lembrete da atualidade desses impedimentos da liberdade negra, é JONES, Edward P. *O Mundo Conhecido*. Tradução de Fábio Fernandes, São Paulo: Editora José Olympio, 2009.

⁵⁰⁷ JONES-ROGERS, Stephanie. *They Were Her Property: White Women as Slave Owners in the American South*. New Haven: Yale University Press, 2019.

o que não é.⁵⁰⁸ Por isso, conseqüentemente, falar em Supremacia Branca não é centrar de maneira específica em atos extremos que insistem em remontar a um passado antiquado.⁵⁰⁹

A tendência, muito corrente em alguns traços da História Social, de recordar apenas aqueles escravos que ou foram explicitamente desumanizados ou abertamente responderiam às categorias de agência e resistência, acabou não percebendo que “a força da escravidão como uma imposição metafísica e não simplesmente física embaraça as linhas de poder”.⁵¹⁰ De fato, “os horrores mundanos que não são reconhecidos como horrores”, como elabora Christina Sharpe, possuem um peso significativo na *permutação* dessa inferiorização negra no presente.⁵¹¹ As representações monstruosas dirigidas à Mike Brown apenas ritualizavam contemporaneamente o quanto para as vidas negras: um “terror constante não requer violação constante”.⁵¹²

Isso tudo, repito, não significa que negros sejam incapazes de cumprir noções de humanidade. A antinegitude, na verdade, é muito mais uma incapacidade de leitura dos brancos, um não-entendimento baseado na própria manutenção dessa estrutura de poder que toma os sujeitos racializados como impróprios para a história. Para funcionar, a branquitude não apenas subjuga os negros, mas cria todo um conjunto de mecanismos sociais, políticos, filosóficos, psíquicos, libidinais e epistêmicos para que estes não funcionem como “humanos”, haja vista que apenas “humanos” são passíveis de receber e demandar direitos sob o Estado.⁵¹³

Saidiya Hartman: [...] É como se, para alcançar o reconhecimento de uma humanidade comum, o outro tivesse de ser assimilado, ou seja, neste caso, totalmente deslocado e apagado: “Só se eu conseguir me ver nessa posição poderei compreender a crise dessa posição”. Essa é a lógica dos discursos políticos e morais que vemos todos os dias – a necessidade de ver o *inocente* sujeito negro sendo perseguido

⁵⁰⁸ WILDERSON III, Frank B. “The Prison Slave as Hegemony’s (Silent) Scandal”. *Social Justice*, v. 30, n. 2, 2003, p. 20.

⁵⁰⁹ RODRIGUEZ, Dylan. “Multiculturalist White Supremacy and the Substructure of the Body”. In: *Corpus: An interdisciplinary reader on bodies and knowledge*. CASPER, Monica; CURRAH, Paisley (eds.). New York: Palgrave Macmillan, 2011, p. 57.

⁵¹⁰ DOUGLASS, Patrice D. “The Claim of Right to Property: Social Violence and Political Right”. *Zeitschrift für Anglistik und Amerikanistik*, v. 65, n. 2, 2017, p. 153.

⁵¹¹ SHARPE, Christina. *Monstrous Intimacies: Making Post-Slavery Subjects*. Duke University Press, Durham, NC and London, 2010, p. 3.

⁵¹² VARGAS, João H. Costa; JUNG, Moon-Kie (ed.). *Antiblackness*. Durham/London: Duke University Press, 2021, p. 4.

⁵¹³ ZIYAD, Hari. “Playing ‘Outside’ in the Dark: Blackness in a Postwhite World”. *Critical Ethnic Studies*, v. 3, n. 1, 2017a, p. 144.

por um Estado racista, a fim de *ver* o racismo do estado racista. Você tem que ser exemplar em sua bondade, ao contrário de ...
Frank Wilderson III: [risos] Um negro em pé de guerra!

Saidiya Hartman e Frank B. Wilderson⁵¹⁴

I'm a nigga, not a colored man, or a black, or a Negro, or an Afro-American, I'm all that. Yes! I was born in America true, does South Central look like America to you? I'm a nigga, a straight up nigga from a hard school... I'm a nigga in America, and that much I flaunt, cause when I see what I like, yo I take what I want. I'm not the only one, That's why I'm not bitter, cause everybody is a nigga to a nigga.

Ice T⁵¹⁵

Após os assassinatos de seis mulheres negras e três homens negros na *Emanuel African Methodist Episcopal Church* (AME) da Carolina do Sul, em 17 de julho de 2015, Claudia Rankine publicou um artigo bastante discutido no *The New York Times*. Um dos momentos mais impactantes do texto é quando ela comenta que para algumas de suas colegas, mães negras, a principal preocupação na vida seria com a integridade física de seus filhos negros quando estes saiam de casa.⁵¹⁷ “A condição da vida negra é o luto” é a afirmação de uma dessas amigas para definir essa sensação onde o futuro de jovens negros independe de “fazer a coisa certa”. Para Rankine, ainda que aquelas mortes na Carolina do Sul viessem a sugerir “um evento fora do tempo, como se o assassinato de negros com justificativa supremacista branca interrompesse qualquer coisa que não fosse a programação regular da televisão”, o luto vivia em tempo real no cotidiano daquelas mães e seus filhos, gerando uma sensação de que algo podia estar errado, “em todos os lugares e o tempo todo, mesmo que localmente as coisas pareçam normais”.⁵¹⁸

É de se pensar, então: o que acontece com as famílias daquelas vítimas cujo nome se torna uma causa pública? O corpo de Mike Brown, desde que foi rodeado por SUVs da polícia e ferozes bloodhounds, passou a significar muito mais do que o filho de Lesley

⁵¹⁴ HARTMAN, Saidiya; WILDERSON III, Frank B. “The Position of Unthought”, *Qui Parle*. v. 3, n. 2, 2003, p. 189. “A nigga on the warpath” [“um negro em pé de guerra”] é uma citação da música “Fuck tha Police”, presente no disco *Straight Outta Compton* (1988), do grupo de rap N.W. A.

⁵¹⁵ ICE T. “Straight Up Nigga”. Los Angeles: Rhyme Syndicate/Sire/Warner Bros. Records: 1991. *Spotify*. 3min43s.

⁵¹⁷ O escritor e jornalista Ta-Nehisi Coates reflete sobre essa angústia ao falar como os pais instruem suas crianças negras sobre o que fazer *quando* forem abordadas pela polícia. “The Talk” seria esse momento de perda da inocência (no livro de Coates isso se dá justamente quando o filho descobre o assassinato de Michael Brown): um alerta sobre como a temporalidade negra é vivida de uma outra forma, ou seja, de como os negros não lidam com o horizonte do *se*, mas sim com a expectativa do *quando*. COATES, Ta-Nehisi. *Entre o Mundo e Eu*. Tradução de Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 102.

⁵¹⁸ RANKINE, Claudia. “The Condition of Black Life Is One of Mourning,” *New York Times*, 22 de junho de 2015, disponível em <https://www.nytimes.com/2015/06/22/magazine/the-condition-of-black-life-is-one-of-mourning.html>.

McSpadden e Michael Brown Sr. O trabalho do luto, como coloca Saidiya Hartman, possui alguns riscos, como “o deslizamento entre responsabilidade e assimilação e testemunho e incorporação”. Ainda que muitos, de bom grado e com as melhores intenções, bradassem: “EU SOU MIKE BROWN”, na prática, aquilo não iria salvar o filho do jovem casal negro de Ferguson. “Considerar nossa responsabilidade para com os mortos não pode salvá-los. O vencedor já venceu. Não é possível desfazer o passado”, completa Hartman ao discutir sobre as políticas de memória e as dimensões do luto encenadas nos espaços de recordação do tráfico negreiro em África. Como não pensar que essa era uma situação semelhante à vivenciada pelos pais de Michael Brown?⁵¹⁹

“Maternas Cativas” é um conceito empregado pela filósofa Joy James para descrever obstinadas mulheres negras que desenvolvem seu ativismo a partir de comunidades devastadas e massacradas pelo legado colonial e escravocrata. Elas atuam como zeladoras [há aqui uma imediata lembrança das mulheres de Pruitt-Igoe] que atendem às necessidades de suas comunidades e famílias, desempenhando um trabalho físico e emocional para estabilizar as estruturas sociais e estatais que as atacam. De fato, o trauma, muitas vezes, acaba sendo um momento de virada, um episódio formativo na vida dessas mulheres.⁵²⁰ Sim, o filho da sra. McSpadden havia morrido de uma forma que nenhuma mãe gostaria. Era preciso, a partir de então, fazer o que fosse possível para evitar sua segunda morte nas páginas daqueles que pareciam sempre atuar na limpeza de reputação da instituição onde trabalhava o algoz do seu filho. Até porque a sua própria reputação enquanto mãe também estava em jogo, já que muitos a culpavam como incompetente na criação de Brown, acusando-a de não ter ensinado ao jovem “o devido respeito às autoridades”.

Em entrevistas, família e amigos ressaltavam o quanto Brown “era um bom menino”, que tentava superar as inúmeras privações que a antinegitude sempre impunha a jovens tidos como *impróprios*. Um garoto de 18 anos que “estava amadurecendo”, que em breve tentaria “uma nova jornada” em Vatterott College, onde estudaria aquecimento e refrigeração, quiçá sem imaginar a armadilha (um *trap!*) que era uma instituição educacional como aquela.⁵²¹

⁵¹⁹ HARTMAN, Saidiya. “Tempo da Escravidão”. Tradução de Carolina Nascimento Melo; Revisão de Fernanda Silva e Sousa. *Contemporânea: Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 10, n. 3, 2020b, p. 943.

⁵²⁰ JAMES, Joy. “Abolitionist and Ancestor: The Legacy of Erica Garner.” In: Jeffrey Insko, Michael Stancliff, Jeannine Marie DeLombard, Joy James, Brigitte Fielder, Jennifer C James, Teresa A Goddu, *Abolition’s Afterlives*, American Literary History, 2021, p. 30.

⁵²¹ VON DREHLE, David. “The Long, Tangled Roots of the Michael Brown Shooting”, *Time*, 12 de agosto de 2014, disponível em <http://time.com/3104128/michael-brown-ferguson-cop-shooting-protests/>. Robin D. G. Kelley recorda a história pessoal de Mike Brown para situar os danos em que a junção tóxica de privatização e um “estado punitivo” oferecem às escolas nos Estados Unidos. Como ele argumenta, Brown era o exemplo perfeito de jovem que havia “sobrevivido” a um sistema escolar que “disciplinava e punia”. Ele havia se formado em uma escola secundária do distrito escolar da cidade de Normandia, em North County. Marcada

Muitos também o descreviam como um “gigante gentil”, alguém cuja empatia era confirmada em mensagens para um amigo, onde dizia: “Se eu deixar esta terra hoje, pelo menos você saberá que me importo mais com os outros do que comigo mesmo”. A preocupação que ele tinha com seu entorno, como outro amigo afirmava, levava-o a sonhar em montar um negócio próprio, “fazer algo do nada”. Como bem define a repórter Elisa Crouch, a sua foto de formatura na Normandy High School (fig. 41) assemelha-se ‘a expressão de alguém que acabou de terminar uma corrida de resistência’.⁵²² O discurso daqueles jovens, na humilde cerimônia ocorrida no Vikings Hall, bem poderia se inspirar no famoso poema de Audre Lorde: “não fomos feitos para sobreviver”⁵²³ ...e, ainda assim, “consequimos”.⁵²⁴

pela segregação e pela pobreza, aquela área havia ficado em último lugar no desempenho acadêmico geral, o que havia ocasionado o seu descredenciamento. Mesmo com esses problemas estruturais, Brown planejava ir ao Vatterott College, uma cadeia de escolas comerciais com fins lucrativos, investigadas por cobrar mensalidades exorbitantes, endividar estudantes e não conseguir entregar as habilidades prometidas. Ou seja, ele iria para um *campus* de estrutura precária, marcado por lucros exorbitantes e onde aproximadamente 25% dos seus estudantes não conseguiam pagar seus empréstimos de financiamento estudantil, um exemplo do desmantelamento e encolhimento de faculdades comunitárias públicas e uma consequência da expansão do Estado neoliberal na educação. Tal qual os empréstimos *subprimes*, reforçava-se o apelo de que “ter um diploma universitário é sinal de cidadania”. De maneira que os recrutadores da Vatterott eram instruídos a buscar alunos como Mike Brown – pretos, pobres e vulneráveis. Citando documentos internos, Robin Kelley explica que os recrutadores ainda eram informados de que os potenciais inscritos seriam criminosos condenados, pessoas em reabilitação de drogas, mães dependentes da previdência social, jovens grávidas, em suma, pessoas cuja “decisão de começar, ficar ou sair da escola é baseada mais na emoção do que na lógica...”. A vida de Brown foi interrompida, mas se ele vivesse teria enfrentado a perspectiva de uma morte lenta, suportando enormes dívidas estudantis sem muitas perspectivas de conseguir um meio de subsistência para navegar em um mundo de constante vigilância e assédio policial. KELLEY, Robin D. G. “Thug Nation: On State Violence and Disposability”. In: *Policing the Planet: Why the Policing Crisis Led to Black Lives Matter*. Ed. Jordan T. Camp and Christina Heatherton. London: Verso, 2016, p. 31-32. Para uma análise expansiva do sistema educacional infantil segregado de Ferguson, cf. HANNAH-JONES, Nikole. “School Segregation, the Continuing Tragedy of Ferguson”, *ProPublica*, 19 de dezembro de 2014, disponível em <https://www.propublica.org/article/ferguson-school-segregation>.

⁵²² CROUCH, Elisa. “Michael Brown remembered as a ‘gentle giant’”, *St. Louis Post-Dispatch*, 11 de agosto de 2014, disponível em https://www.stltoday.com/news/local/crime-and-courts/michael-brown-remembered-as-a-gentle-giant/article_cbafa12e-7305-5fd7-8e0e-3139f472d130.html.

⁵²³ LORDE, Audre. “Uma litania pela sobrevivência”. In: *A unicórnica preta: Poemas*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Relicário, 2020. p. 81-84.

⁵²⁴ Aqui vale citar todo o trecho da tocante reportagem de Elisa Crouch: “Ele expressou alívio para vários amigos naquele dia, incluindo Raquan Smith. “Depois que isso foi feito e as pessoas estavam indo embora, lembro-me de tê-lo visto de lado”, disse Smith. “Ele meio que veio até mim e disse: ‘Consequimos’.” “‘Sim, cara, nós conseguimos’, eu disse a ele. Foi uma lufada de ar fresco saber que outra pessoa compartilhou a luta na escola.” CROUCH, Elisa. “Michael Brown remembered as a ‘gentle giant’”, *St. Louis Post-Dispatch*, 11 de agosto de 2014, disponível em https://www.stltoday.com/news/local/crime-and-courts/michael-brown-remembered-as-a-gentle-giant/article_cbafa12e-7305-5fd7-8e0e-3139f472d130.html.



Figura 41 – A foto de formatura de Mike Brown editada com os dizeres “Não Esqueça” valorizava o sentimento de luto e buscava manter acesa a vontade de justiça. Fonte: *Tumblr*.⁵²⁵

Todo esse esforço, comumente necessário para aqueles familiares, amigos e ativistas em defesa da memória de algum jovem morto por forças policiais, parecia em vão. De fato, mesmo um “aliado” branco progressista como o colunista Nicholas Kristof, da revista *The New York Times*, chegou a dizer que Tamir Rice, morto aos 12 anos pela polícia de Cleveland, apenas 3 dias antes de Darren Wilson ser absolvido, era um rosto “mais adequado para o movimento” do que Mike Brown, haja vista que seu assassinato “mais claro” aumentaria a probabilidade de “persuadir as pessoas de um problema”.⁵²⁶ Na verdade, uma das coisas que essa epidemia de execuções de homens e mulheres negras em tempos tidos como “pós-raciais” confirmava, é que pouco importa a capacidade de o enlutado assumir o padrão desejado de vítima exemplar para a branquitude. Toda a pressão por inclusão em concepções morais de humanidade, todo o distanciamento de “deficiências” e práticas “indisciplinadas” associadas à negritude, toda tentativa de exclusão de qualquer indício daquilo que é socialmente estabelecido como criminalidade “tipicamente negra” (drogas e gangues,

⁵²⁵ Disponível em <https://layinginthetain.tumblr.com/post/103751937189>.

⁵²⁶ HARRIS-PERRY, Melissa. “MHP on the problem with the ‘perfect victim’”, *MSNBC*, 25 de janeiro de 2015, disponível em <https://www.msnbc.com/melissa-harris-perry/mhp-takes-down-nicholas-kristof-thanks-the-strategic-advice-msna513651>. Não posso deixar passar o quanto o termo “mais claro”, citado por Kristof, contém um “sincericídio” racista mais ou menos inconsciente (afinal, Brown era mais retinto do que Rice).

prostituição, “vagabundagem”) termina servindo pouco, ou melhor, servindo apenas para reforçar a condenação daquelas pessoas negras que estão “à margem das margens”: pobres, incapacitados, *queers* e mulheres negras ignoradas pelo feminismo *mainstream*, etc.⁵²⁷ Como sugerem William Charles Anderson e Zoé Samudzi, é preciso entender que:

Membros de gangue, pessoas encarceradas, ex-presidiárias e aquelas que são expulsas pela sociedade devem ser incluídas e defendidas em nossas comunidades. Elas foram engolidas pelo binário redutor bom *versus* mau construído pelas demandas da supremacia branca por uma vitimização perfeita. O Estado pretende retratar todos aqueles que se opõem a ele como criminosos, *thugs* e *gangsters*; outros rótulos também são usados, geralmente aqueles associados à negritude, independentemente da etnia real. Quando permitimos essas definições de descartabilidade, apoiamos a agenda necropolítica do Estado, que dita que o assassinato de certas pessoas é injusto, enquanto o assassinato de outras é aceitável ou normal. O Estado não tem – ao contrário, não deveria – o direito de matar qualquer pessoa, armada ou desarmada, quer seja considerada “culpada” ou “inocente”, e a reprodução das definições do Estado de culpa e justiça posiciona em risco todas as comunidades marginalizadas. A negritude é claramente vista como inerentemente criminosa e culpada. Essa lógica racionaliza o assassinato de negros por policiais, vigilantes e outros em resposta à ameaça existencial imaginada à branquitude.⁵²⁸

Nesse sentido, a campanha *#IfTheyGunnedMeDown* (fig. 42), criada pelo ativista afro-americano C.J. Lawrence, conseguiu suscitar, logo nos primeiros dias após a morte de Brown, uma interessante provocação sobre a forma tendenciosa como uma parte da mídia tende a representar os negros em páginas policiais, estejam eles aptos a aderirem ao padrão de vítimas ou de culpados. No *Tumblr* e *Twitter*, jovens negros postavam fotos vestindo gorros e becas de formatura, uniformes militares ou aventais médicos, lado a lado com outras representações suas que poderiam ser usadas a seu desfavor em um eventual episódio, como o ocorrido com Mike Brown. O “Eles”, a quem a *hashtag* direcionava sua ácida crítica, assumia uma curiosa multiplicidade de sentidos. Como reconhecia uma de suas participantes, Brianna Chevonne, bacharel em artes pela Universidade da Carolina do Sul, além de, obviamente, ser direcionada à polícia e à mídia, aquelas postagens também se endereçavam:

⁵²⁷ ZIYAD, Hari. “Playing ‘Outside’ in the Dark: Blackness in a Postwhite World”. *Critical Ethnic Studies*, v. 3, n. 1, 2017a, p. 148. Acho interessantíssimo o movimento feito por Jackie Wang em *Carceral Capitalism*. Ela recusa-se a dizer os motivos que levaram seu irmão a estar preso em uma cadeia da Flórida, porque, afinal, isso nunca deve importar. A lógica da inocência apenas favorece um sistema carcerário que massivamente prende e castiga negros, latinos, imigrantes indocumentados, etc. O grande desafio abolicionista de Wang é esse: problematizar a exclusividade que muitos ativistas dão a vítimas perfeitas/inocentes. Cf. WANG, Jackie. “Against Innocence: Race, Gender and the Politics of Safety”. In: *Carceral Capitalism*. Cambridge: MIT Press, 2018, p. 260-295.

⁵²⁸ ANDERSON, William Charles; SAMUDZI, Zoé. *As Black as Resistance: Finding the Conditions for Liberation*. Chico, Califórnia: AK Press, 2018, p. 53-54.

a qualquer pessoa que tenha a mente pequena o suficiente para temer automaticamente um jovem negro se for noite, se ele estiver usando um capuz, se a sua música estiver muito alta ou se ele estiver tentando tirar a sua carteira do bolso. Isso pode se aplicar a qualquer pessoa de qualquer raça que seja ignorante o suficiente para ter medo de jovens negros a ponto de tirar suas vidas.⁵²⁹

Em *#IfTheyGunnedMeDown*, a política da respeitabilidade negra só aparece enquanto parte de uma performance, como um marcador da complexidade da vida negra em contraposição à simplificação grosseira que a antinegritude transmite. Adotando uma estratégia semelhante ao supracitado trabalho de Hank Willis Thomas, essa campanha oferecia um comentário arguto sobre as ilusões do neoliberalismo pós-racial, na medida em que encenava como diversos “avanços” sociais não foram suficientes para impedir a normalização da imagem do negro enquanto perigoso. Uma e outra vez, sempre que casos como o assassinato de Mike Brown acontecem, é como se estivéssemos retornando ao trecho de *Amada*, de Toni Morrison, e às manchetes sobre a morte de 2Pac, analisadas por Lindon Barrett, que citamos no começo do capítulo.

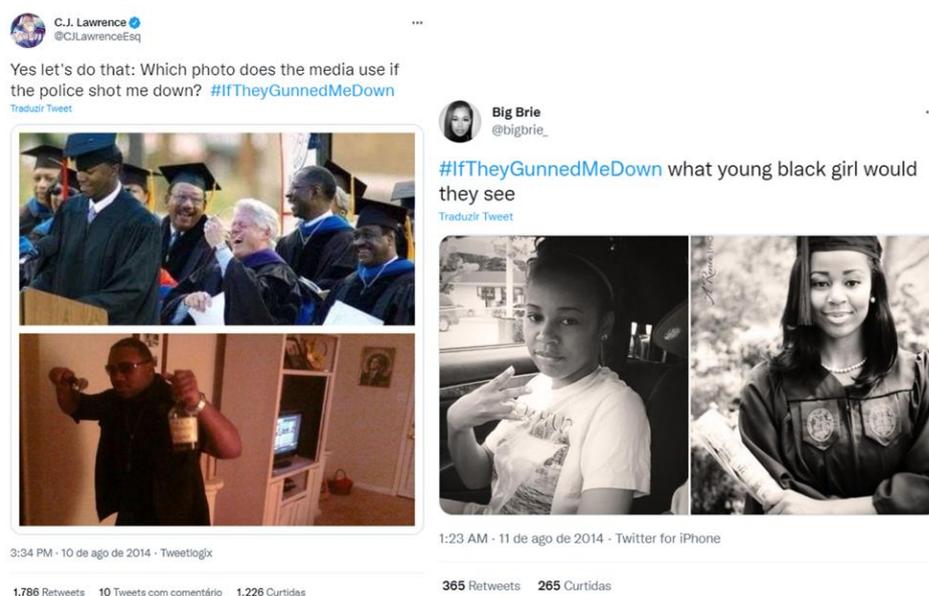


Figura 42 – Postagens seguindo a *hashtag* #IfTheyGunnedMeDown. Note-se que sua criação por C. J. Lawrence se deu em resposta direta à condenação de Mike Brown provocada pela divulgação tendenciosa de uma fotografia sua pela NBS News minutos antes naquele 10 de agosto de 2014 (fig. 29). Fonte: *Twitter*.⁵³⁰

⁵²⁹ NPR STAF. “Behind a Twitter Campaign, A Multitude of Stories”, *NPR*, 16 de agosto de 2014, disponível em <https://www.npr.org/sections/codeswitch/2014/08/16/340669034/behind-a-twitter-campaign-a-multitude-of-stories>.

⁵³⁰ Disponível em <https://twitter.com/CJLawrenceEsq/status/498537843170353152> e https://twitter.com/bigbrie_/status/498686132474114050.

Daí porque, *#IfTheyGunnedMeDown* deva ser entendida como uma alternativa contra a desumanização antinegra que, de forma mais interessante, opera sua crítica sem retomar apelos humanistas cotidianamente estabelecidos sobre o que seriam jovens negros “respeitáveis” ou não. Como argumenta Tina Campt, *#IfTheyGunnedMeDown* pode ser lida como uma prática de fugitividade. Nos seus termos:

Recusando-se a esperar passivamente por um futuro considerado altamente provável ou inevitável para a juventude negra urbana, os participantes antecipam ativamente suas mortes prematuras por meio dessas fotos. Ao fazer isso, eles encenam práticas anteriores de fugitividade, por meio de sua recusa em serem silenciados pela probabilidade de uma morte violenta futura, que enfrentam diariamente. Por meio dessas imagens, eles moldam um futuro que projetam além de sua própria morte. *Ao invés de evadirem-se ou submeterem-se a um futuro que lhes é imposto, enfrentam a imagem que negaria a complicada verdade da vida que viveram, a fim de interromper a narrativa de sua própria morte que ameaça extinguir sua capacidade de reivindicar uma vida vivida com dignidade e complexidade.* Em vez de aceitarem a narrativa de depravação urbana negra atribuída a eles, suas justaposições fotográficas interrompem e desordenam os termos da vida que lhes são impostos, mesmo na morte. Esta coleção de fotos empareadas simultaneamente reivindica respeitabilidade e petulância [*swagger*], filialidade e desobediência, dignidade e rebelião, luto, perda, melancolia e lamento. Eles remontam um arquivo fotográfico de expropriação que representa um futuro que eles antecipam que lhes será roubado – um futuro que eles devem imaginar e reautorizar no presente em face da morte iminente. Sua práxis de recusa consiste em transformar atos mundanos de construção de imagens em práticas cotidianas de fugitividade.⁵³¹ [grifos meus]

Para Campt, essa recusa “não é um simples ato de oposição ou resistência”, nem mesmo uma questão de renunciar a determinadas possibilidades oferecidas. Não se trata de uma “capitulação à negação”, ela completa.⁵³² Aqueles jovens, na verdade, “recusavam o mundo que os recusava”.⁵³³ Imprimiam um desprendimento dos termos que geralmente se impõem às pessoas negras, ou seja, a condição de, por serem inerentemente suspeitas, elas serem obrigadas a agir com o maior esforço possível para negar quaisquer indícios criminais. Na internet, *#IfTheyGunnedMeDown* apontava para algo que a *anárquica* obstinação daqueles que se manifestavam nas ruas reclamavam: o clamor humanista, a tendência sempre frequente de apresentar boas vítimas de perversos racistas, não era o suficiente no enfrentamento do mundo antinegro. Afinal, o propósito de comparar duas cenas distintas de uma mesma pessoa, como bem sintetizou seu idealizador C.J. Lawrence: “era mostrar que [nem] nossa aparência,

⁵³¹ CAMPT, Tina. *Listening to Images*. Durham : Duke University Press, 2017, p. 109.

⁵³² *Ibidem*.

⁵³³ HARTMAN, Saidiya. *Vidas Rebeldes, Belos Experimentos: Histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encrenqueiras e queers radicais*. Tradução de Floresta. São Paulo: Fósforo Editora, 2022, p. 321.

nem a classe, nem o desempenho acadêmico devem ser os fatores determinantes para vivermos ou morrermos”.⁵³⁴

Em um regime de Supremacia Branca, “eles se recusam a ver a plenitude, a vida, a beleza e tudo o que é feito pelos negros”.⁵³⁵ As revoltas negras, de maneira geral, realizam um efetivo enfrentamento contra esses modos de percepção, especialmente porque, inapelavelmente, por mais que se esforce, toda essa normatividade do que é um “bom” e um “mau” negro produz aquilo que Tina Campt chama “impossibilidade da futuridade negra”, a condição de, desigualmente, mas atravessando todas as classes sociais, viver condicionado ao *imperativo do quando* (“quando serei preso?”, “quando sofrerei uma humilhação racista?”, “quando serei violentado pela polícia?”).⁵³⁶ Enfrentar esse *imperativo do quando* através de fotografias que retraram, a um só tempo, quem você é e como sua vida será execrada se você for morto por forças policiais, como pontua Campt, “é ao mesmo tempo uma recusa e uma afirmação da capacidade da pessoa de habitar um futuro contra todas as probabilidades”.⁵³⁷ É algo doloroso, certamente, mas é uma performance de obstinada de coragem, que enfrenta a força mutiladora do tempo sobre a vida negra. Retratar e recusar a morte prematura virtualmente, em uma exposição de si, através de fotografias, certamente, não é o mesmo que destruir a propriedade material e questionar sua lógica nas ruas, ou mesmo gritar enquanto LRAD 500X-REs são usados para lhe dispersar. Seu objetivo maior, todavia, era reconhecer que essa arena das redes sociais e suas dinâmicas de compartilhamento de afetos contribuem de forma decisiva na definição dos futuros negros. O “elemento corrosivo”, de que fala o título deste capítulo, é, afinal, aquele que entende a abolição de sua sujeição em seus próprios termos. Ferguson, como venho argumentando, foi um evento fundamental para se entender a necessidade de abraçar essa impropriedade.

⁵³⁴ NPR STAF. “Behind a Twitter Campaign, A Multitude of Stories”, *NPR*, 16 de agosto de 2014, disponível em <https://www.npr.org/sections/codeswitch/2014/08/16/340669034/behind-a-twitter-campaign-a-multitude-of-stories>.

⁵³⁵ SHARPE, Christina. “Still Here”. *TOPIA: Canadian Journal of Cultural Studies*, v. 40, 2019, p. 8.

⁵³⁶ CAMPT, Tina. *Listening to Images*. Durham : Duke University Press, 2017, p. 113.

⁵³⁷ *Ibidem*.

6 – “É possível uma figuração emancipatória da negritude? Ou devemos esperar que os direitos da branquitude sejam democratizados?”⁵³⁸

Quando “nós” fomos trazidos para as Américas, “nós” éramos africanos. Diferentes países, diferentes grupos étnicos, diferentes famílias, mas o navio negreiro é (como disse Fred Moten) essa máquina generativa que nos causou essa “mutação”, que nos tornou “pessoas negras”. Você é acorrentado ao lado de vários outros fudidos e nenhum de vocês teve escolha. Isso é uma mistura. Quem somos veio disso. Uma deformação se torna uma formação. Tem uma mágica nessa falta de autodeterminação e a luta constante por autodeterminação. Só estar no mundo, sendo um só com a indeterminação do universo, é um produto disso. Esse é um aspecto central de ser negro e você vê isso no nosso trabalho criativo o tempo todo (...) Pensando na experiência negra, a divisão entre majestade e miséria não existe, elas andam juntas. Nossas circunstâncias, o contexto que nos produziu, cruzar o mar, ficamos molhados, ensopados. A pergunta é, o que vamos fazer? Você vai nadar de costas ou nadar de peito? Talvez você respire embaixo d’água. O que nos torna tão poderosos, pelo que todos somos presos, é como demonstramos, de novo e de novo, a capacidade de não só sobreviver como prosperar, nas circunstâncias mais problemáticas; capitalismo global, crise de imigração, desastres ecológicos, supremacia branca. É por isso que a negritude importa pra todo mundo. Porque somos como o futuro vai parecer, isso é inegável.

Arthur Jafa⁵³⁹

Na tarde daquele 25 de junho de 2021, ligo a TV e me deparo com o penetrante olhar espantado de Derek Chauvin durante a audiência na qual os promotores do estado de Minnesota o sentenciam a 22 anos e seis meses de prisão. Aquela cena demora menos do que as incessantes repetições televisivas dos momentos que antecedem o assassinato da sua vítima, George Floyd. Os 9 minutos e 29 segundos que provocaram sentimentos de “repulsa”, “nojo” e “incredulidade” em muitos brancos progressistas já haviam sido referenciados pelo presidente recém empossado, Joe Biden. Era preciso continuar encarando, era preciso continuar ouvindo, aconselhava o mandatário. O espetáculo da morte negra, afinal, serviria como uma espécie de “momento de aprendizado” e “união nacional”: testemunhar a agonia de

⁵³⁸ HARTMAN, Saidiya. *Scenes of Subjection: Terror, Slavery, and Self-Making in Nineteenth-Century America*. Oxford: Oxford University Press, 1997, p. 118.

⁵³⁹ VICE. “Virgil Abloh entrevista Arthur Jafa”. Tradução de Marina Schoor, 23 de setembro de 2019, disponível em <https://www.vice.com/pt/article/43k37p/virgil-abloh-entrevista-arthur-jafa>.

Floyd, de alguma forma, faria bem para a nação, acreditava o democrata que havia sucedido o presidente *kayfabe* Donald Trump.⁵⁴⁰

Muito mais do que uma exposição típica da hegemonia supremacista branca no banco dos réus, a surpresa de Chauvin foi lida como um episódio em que a temporalidade da violência antinegra havia entrado em suspensão. Parecia que de tanto as pessoas manifestarem, nos Estados Unidos e no mundo, gritando que “Sem justiça, Sem paz!”, o longo arco do universo moral, de que falava Martin Luther King, finalmente estaria pendendo para a justiça.⁵⁴¹ Aquela resolução jurídica era, para muita gente, um sinal claro de progresso e esperança. Havia alguma euforia quanto a isso, de maneira que, já em outubro de 2020, era possível ver carros de polícia decorados com o rosto de históricas lideranças políticas negras e envoltos com as cores da bandeira pan-africana. A *Netflix*, em fevereiro do ano seguinte, aproveitando uma presumida demanda de mercado por inclusão e diversidade, criava uma aba de “filmes *Black Lives Matter*” para “comemorar” o *Black History Month*. Meses antes, vários parlamentares democratas haviam aderido às peças *dashikis* e, nas sessões legislativas, frequentemente, ajoelhavam-se em memória de George Floyd e de outras vítimas dos excessos policiais. Enfim, estava em ascensão todo um conjunto de episódios nos campos político e cultural indicando que a inabalável luta antirracista “havia chegado para ficar” nos Estados Unidos.⁵⁴²

⁵⁴⁰ COSTA, Anna Gabriela. “Biden elogia decisão do caso Floyd e promete novas medidas contra racismo”, *CNN Brasil*, 20 de abril de 2021, disponível em <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/biden-elogia-decisao-do-caso-floyd-e-promete-novas-medidas-contraracismo/>. Frank Wilderson III diz que o *espetáculo* da morte negra funciona como uma espécie de terapia para este mundo. Pessoas negras não podem ser dizimadas completamente porque possuem uma utilidade muito decisiva na integração de todas aquelas não negras: suas mortes precisam ser repetidas, visualmente, como forma de tranquilização psíquica da sociedade civil. WILDERSON III, Frank B. *Afropessimismo*. Tradução de Rogério Galindo. São Paulo: Editora Todavia, 2021, p. 255. Escrevendo no contexto dos protestos pela morte de Floyd, Saidiya Hartman apontou: “O que vemos agora é uma tradução do sofrimento negro em pedagogia branca. Nesse momento extremo, a violência casual que pode resultar em perda de vidas — um policial literalmente matando um homem negro com o peso dos joelhos no pescoço do outro — se torna um ponto de inflamação para um certo tipo de consciência liberal branca, do tipo: ‘Oh meu Deus! Estamos vivendo em uma ordem racista! Como posso saber mais sobre isso?’ Essa pergunta é um sintoma da estrutura que produz a morte de Floyd. Depois, há um outro conjunto de demandas: ‘Eduque-me sobre a ordem em que vivemos’. E é como: ‘Ah, mas você está vivendo nessa ordem. Sua segurança, sua riqueza, sua boa vida dependem disso’. Então, isso nos enlouquece.” HARTMAN, Saidiya. “Abolição”. Tradução de Allan K. Periera e André Árias, *GLAC*, 22 de junho de 2020, disponível em <https://www.glacedicoes.com/post/abolicao-saidiya-hartman>. Sobre a forma como muitas sujeições/humilhações de negros podem ser tomadas como “momentos de aprendizado” após grande repercussão pública, cf. MITCHELL, W. J. T. “The Moment of Blackness”. In: *Seeing through Race*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2012, p. 41-62.

⁵⁴¹ BRADLEY, Rizvana. “Picturing Catastrophe: The Visual Politics of Reckoning”. *The Yale Review*, v. 109, n. 2, 2021, p. 159.

⁵⁴² Para alguns intitulados aliados antirracistas, aquela movimentação confirmaria o quão essenciais eram as coalizões multirraciais na longa caminhada de aprimoramento democrático. Precisamente, o imponente *Black History Museum*, inaugurado em 2016 pelo então presidente Obama, frequentemente situava o *Black Lives Matter* como uma espécie de ponto de chegada da tradição democrática norte-americana.

O grande dilema era: de que maneira ela “havia chegado para ficar”? Com qual tipo de engajamento? Pensando nisso, lembrei que poucos dias após o assassinato de Floyd, eu havia me deparado com um *tweet* da famosa jornalista esportiva e escritora Jemele Hill, convidando seus seguidores para um evento com a presença do astro da NBA Kyrie Irving, da congressista Ayana Pressley, do rapper Common, da professora Britney Cooper, e das ativistas Brittany Packnett e Alicia Garza, cofundadora do *Black Lives Matter*. Seguindo as premissas do suplemento ativista *#SayHerName*, a conversa com aquelas “lideranças fabulosas” buscava justiça por Breonna Taylor, além de novas estratégias para encorajar homens negros a melhor apoiar mulheres negras em suas comunidades.⁵⁴³ Entretanto, não bastasse a ausência de qualquer organizador de Louisville, cidade onde Breonna foi assassinada, no folheto de divulgação (fig. 43) havia um inquietante foco nas sorridentes celebridades em detrimento da própria vítima.



Figura 43 – Cartaz de divulgação do evento organizado por Jemele Hill. Fonte: *Twitter*.⁵⁴⁴

⁵⁴³ Breonna Taylor era uma mulher negra de 26 anos que foi morta por policiais do Departamento de Polícia Metropolitana de Louisville (LMPD), que cumpriam um “*no-knock warrant*” no seu apartamento na madrugada de 13 de março de 2020. O *tweet* de Jemele Hill pode ser encontrado em: <https://mobile.twitter.com/jemelehill/status/1280892155548950529>. Sobre o *#SAYHERNAME* e suas articulações em defesa da vida de mulheres trans negras, cf. PEREIRA, Allan K. “Protação do passado no presente: vidas negras *queers* também importam”. *Revista Aedos*, v. 12, n. 26, 2020, p. 345-366 disponível em <https://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/92988>.

⁵⁴⁴ Disponível em <https://mobile.twitter.com/jemelehill/status/1280892155548950529>.

Joy James, estudiosa abolicionista norte-americana há muito preocupada com os processos de desradicalização dos movimentos negros, comenta sobre como uma “economia política da justiça social” repetidamente oferece empregos, honrarias, privilégios e bons salários para uns poucos ativistas. Essas figuras, segue a autora, vivenciam baixo risco de vigilância e repressão, além de que, muito facilmente, acabam enriquecendo com seu glorioso ativismo.⁵⁴⁵ De fato, observações como essas inquietaram-me bastante, principalmente por conta do verdadeiro arrebatamento que eu anteriormente nutria pelo *Black Lives Matter*. Sim, Alicia Garza, Patrisse Khan-Cullors e Opal Tometi tornaram-se ativistas celebridades nos sete anos após Ferguson! Ainda que seja absolutamente condenável a perseguição implacável que elas tiveram de grupos de extrema direita, eloquentes em expor suas “contradições entre discurso e prática”, era notável como, após o lançamento de livros e participações em diversos seminários em prestigiosas universidades, os inúmeros convites para badalados programas de TV e as várias capas de revista indicavam que a glória do *Black Lives Matter*, enquanto movimento social formalizado, estava diretamente relacionada ao sucesso financeiro e midiático de suas líderes.

Essa ligação entre ativismo antirracista e mercantilização da sujeição negra não é algo exatamente recente. Em *Selling Antislavery*, Teresa A. Goddu analisa como as inovadoras estratégias empresariais adotadas pela *American Anti-Slavery Society* (AASS), na década de 1830, especialmente o seu centralizado sistema de distribuição de almanaques, narrativas de escravos, livros, panfletos e panoramas em defesa da liberdade dos escravos, foram determinantes no desenvolvimento do sujeito liberal branco que daria corpo ao capitalismo de consumo a partir de então. Para a autora, aquela “indústria cultural do abolicionismo” teria consagrado o empenho caritativo [lembramos das notáveis influências do evangelicalismo na época] de inúmeros salvadores brancos, que viam na compra daqueles produtos uma forma de engajarem-se na causa, aliviarem sua culpa diante da vergonhosa escravidão e reafirmarem sua humanidade através de boas ações.⁵⁴⁶ Em perspectiva semelhante, Dylan Rodriguez vai refletir sobre o avanço de um “*non-profit industrial complex*” na política de esquerda norte-americana, ou seja, a forma como, a partir da segunda metade de década de 1970 [momento de avanço da agenda neoliberal, vale sempre lembrar], houve uma crescente incorporação das lutas por mudanças sociais progressistas em um sistema de credenciamento estatal e

⁵⁴⁵ JAMES, Joy. “Apagando a revolução em nome da abolição”. Tradução de Margarida Nogueira. *Traduções Abolicionistas*, 31 de janeiro de 2022, disponível em <https://traducoesabolicionistas.com/2022/01/31/apagando-a-revolucao-em-nome-da-abolicao/>.

⁵⁴⁶ Cf. GODDU, Teresa A. *Selling Antislavery: Abolition and Mass Media in Antebellum America*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2020.

vigilância corporativa capitalista. Rodriguez faz uma importante menção ao seminal trabalho de Robert L. Allen, que, com seu livro *Black Awakening in Capitalist America*, foi um dos primeiros a pontuar de que maneira as organizações filantrópicas liberais brancas (Fundação Rockefeller, Fundação Ford, etc.) terminavam contribuindo para que o Estado tivesse mais facilidade em perseguir ativistas radicais e revolucionários dos movimentos de libertação negra do final dos anos 1960 e início dos anos 1970. A aliança filantrópica com ativistas reformistas/moderados, defensores de um “capitalismo negro”, foi decisiva no processo de criminalização e aniquilação física de um número significativo de negros radicais. Para além do avanço da ideologia da “Lei e Ordem” e da atuação do COINTELPRO, esse articulado projeto de poder, descrito por Rodriguez como “Reconstrução Branca”, seria marcado por impedimentos à radicalidade negra menos visíveis, tais como:

[...] a constrição política fundamental – através de tudo, desde leis fiscais restritivas sobre organizações de base comunitária até a aplicação arbitrária de leis repressivas que proíbem certas formas de congregação pública (por exemplo, os estatutos “*antigang*” da Califórnia que criminalizaram efetivamente a existência pública negra e marrom em uma escala maciça) – das vias e protocolos adequados de agitação para a mudança social, o que delimita drasticamente a forma e a substância que os ativismos socialmente transformadores e liberacionistas podem assumir tanto a curto como a longo prazo; e [por último,] a fundamentalmente *punitiva* e facilitada, pelo Estado, burocratização da mudança social e da dissidência, que tende a criar um institucionalizado dentro/fora dos movimentos sociais aspirantes através da canalização de ativistas para os rituais hierárquicos e o profissionalismo restritivo de campanhas discretas, *think tanks* e organizações, fora das quais geralmente é profundamente difícil organizar uma massa crítica de movimento político (devido, em parte significativa, ao dois desenvolvimentos mencionados).⁵⁴⁷

Como vimos no primeiro capítulo, as ruas de Ferguson haviam se tornado um grande mercado de ativismo político e religioso, repleto de figuras célebres disputando entrevistas em horário nobre, divulgando sua mercadoria, que nesse caso era simplesmente o seu ativismo antirracista. Logicamente, elas escamoteavam as ligações corporativas que futuramente iriam estabelecer, bem como reduziam o peso que o financiamento filantrópico e o capital das elites empresariais teriam na desradicalização daquele evento depois. De maneira geral, Ferguson também era um ponto de chegada das inúmeras tensões que esses dilemas entre cooptação ou

⁵⁴⁷ RODRIGUEZ, Dylan. “The Political Logic of the Non-Profit Industrial Complex”, *S&F Online*, v. 13, n. 2, 2016. Sobre “Reconstrução Branca”, vale a referência do mesmo autor RODRIGUEZ, Dylan. *White Reconstruction: Domestic Warfare and the Logics of Genocide*. New York: Fordham University Press, 2021.

radicalização, rebeldia ou respeitabilidade, acarretavam no trabalho político de base sustentável e na construção dos movimentos negros na contemporaneidade.

A imagem de Mike Brown, à exemplo do que já havia ocorrido com Trayvon Martin, passou a ser um *souvenir*, e muitas pessoas bem intencionadas buscaram “apoiar a causa” adquirindo camisetas, chaveiros, adesivos e outros adereços como forma de exigir justiça. Diversas celebridades negras ou brancas progressistas fizeram isso, algumas correndo, até mesmo, o risco de se indispor com padrões e patrocinadores que sempre acabam cedendo à pressão *colorblindness*. As *hashtags* e os itens comerciais, entretanto, significavam pouco no enfrentamento ao mundo antinegro. Como acidamente pontuam William Charles Anderson e Zoé Samudzi, esse ativismo liberal “impulsiona a criação e manutenção do que se poderia descrever como *movimentos micro-ondáveis*, mobilizações políticas criadas para responder aos problemas, sem realmente resolvê-los”.⁵⁴⁸

Em sua imbricação com a rebeldia controlada das democracias liberais, o “*non-profit industrial complex*” geralmente beneficia autointitulados líderes da raça que oferecem poucos desafios ao *status quo*. Como critica Dylan Rodriguez, a atual cultura política das esquerdas norte-americanas é comumente disciplinada e governada visando manter a coerência da sociedade civil branca, o que explica a tendência da “classe dominante” dessas organizações e fundações filantrópicas em ditar o que atende ou não a um ideal de democracia desejado.⁵⁴⁹ Ao ser considerado um cenário de oportunidade por essas figuras respeitáveis/disciplinadas do ativismo antirracista, Ferguson passou por uma tentativa de desradicalização que rebaixava qualquer movimento *anárquico* como *impensável* ou “sem visão de futuro”. Jodi Rios capta reclamações de moradores contra organizações como *MORE*, *OBS*, *Better Family Life*, *Urban League* e *United Way*, que estariam usando Ferguson para financiar seu trabalho de serviço comunitário sem agir com consideração e responsabilidade para com as pessoas da própria comunidade, aquelas que realmente precisam, aquelas que conseguiram que Ferguson tivesse alguma atenção.⁵⁵⁰

De certa forma, a palatabilidade e uma visão de futuro reformista foram questões decisivas para entender como a vida pessoal de várias das pessoas em rebelião seria atravessada por perdas ou ganhos. Afinal, algumas daquelas que ousaram outras modalidades

⁵⁴⁸ ANDERSON, William Charles; SAMUDZI, Zoé. *As Black as Resistance: Finding the Conditions for Liberation*. Chico, Califórnia: AK Press, 2018, p. 103. Para um abrangente estudo sobre as tensões entre antagonismo direto e acomodação nos movimentos negros afro-americanos, cf. ROBINSON, Cedric. *Black Movements in America*. New York/London: Routledge, 1997.

⁵⁴⁹ RODRIGUEZ, Dylan. “The Political Logic of the Non-Profit Industrial Complex”, *S&F Online*, v. 13, n. 2, 2016.

⁵⁵⁰ RIOS, Jodi. *Black Lives and Spatial Matters: Policing Blackness and Practicing Freedom in Suburban St. Louis*. Ithaca/NY: Cornell University Press, 2020, p. 197.

de enfrentamento/engajamento nos motins de Ferguson, diferentemente dos holofotes que personalidades como Shaun King e DeRay Mckesson iriam receber nos anos seguintes, chegaram a morrer em situações um tanto “misteriosas”: Bassem Masri, um americano-palestino de 31 anos, foi encontrado inconsciente em um ônibus; Deandre Joshua e Darren Seals foram achados baleados dentro de carros queimados; enquanto Marshawn McCarrel, Edward Crawford Jr. e Dayne Jones aparentemente teriam cometido suicídio (suas famílias questionam as circunstâncias e responsabilizam grupos supremacistas brancos que estariam atuando na região).⁵⁵¹

Nesse sentido, era perceptível como a atuação desse “*non-profit industrial complex*” era considerada nociva por muitos familiares de vítimas, que frequentemente externavam incisivas objeções ao ativismo egocêntrico de algumas figuras de destaque. Samaria Rice, mãe de Tamir Rice, afirmava estar muito insatisfeita com a apropriação e os usos que vários ativistas estavam fazendo da memória do seu filho. Junto com outra mãe em semelhante situação, ela chegou a emitir um contundente relato:

As famílias daqueles que são mortos pela polícia – e cujas mortes de entes queridos desencadeiam movimentos de massa – continuam a navegar por representações políticas falsas, zonas de batalha de repressão policial, falta de moradia e pobreza, enquanto a “liderança” negra que não foi selecionada pelas massas floresce através do status de celebridade. Essas famílias devem receber os recursos para se sustentar, suas famílias e seu trabalho dedicado à construção de infraestrutura comunitária...Parem de ativismo de celebridades; parem com os investimentos corporativos que sustentam os lobistas desta norma; ponham fim ao parasitismo da economia política sobre a morte negra e a pobreza.⁵⁵²

Essas reclamações cortantes e radicais, como era de se esperar, incomodava quem defendia uma solução liberal por meio de uma política progressista, especialmente os setores do *Black Lives Matter* que se alinhavam com o Partido Democrata. Como pontua Imani Perry, há uma demanda por mães perfeitas na cultura americana e isso é especialmente restritivo quando se trata de mães negras, obrigadas a performar uma condição de sofredoras, sempre modestas e resistentes, capazes de aguentar tudo porque, afinal, são “guerreiras”, “experientes” e “duronas”. Mesmo que seus filhos tivessem sido assassinados brutalmente por forças policiais antinegras, pede-se que elas comportem-se com a polidez necessária para

⁵⁵¹ DICKSON, E.J. “Mysterious Death Leave Ferguson Activists ‘On Pins and Needles’”, *Rolling Stone*, 18 de março de 2019, disponível em <https://www.rollingstone.com/culture/culture-news/ferguson-death-mystery-black-lives-matter-michael-brown-809407/>.

⁵⁵² PERRY, Imani. “Stop Hustling Black Death: Samara Rice is the mother of Tamir, not a ‘mother of the movement’”, *The Cut*, maio de 2021, disponível em <https://www.thecut.com/article/samaria-rice-profile.html>.

suprimir turbulências emocionais de sua comunidade.⁵⁵³ De alguma forma, como bem observa Joy James ao analisar a entrega, em vida, realizada por Erica Garner (1990-2017), após seu pai ser assassinado pela polícia de Nova York em 2014, o abolicionismo desenvolvido no enfrentamento do comissário de polícia, do prefeito, do governador e do presidente, que se recusavam a cobrar que a polícia prestasse contas sobre o ocorrido, fez ela, uma filha enlutada, (re)nascer como uma “Materna Cativa”, capaz de zelar e instruir sua comunidade sobre “as realidades que moldam uma democracia construída sobre a violência e o cativeiro negro”.⁵⁵⁴ Garner iria morrer em 2017, aos 27 anos, em decorrência de uma saúde deteriorada. A sua luta abolicionista em diálogo direto com a comunidade é uma memória a ser passada adiante, tal qual a rebeldia imprópria para a história de Bassem Masri, Deandre Joshua, Darren Seals, Marshawn McCarrel, Edward Crawford Jr. e Dayne Jones. Como tantas outras, essas foram vidas negras que encontraram a prematuridade em um contexto de obstinada luta contra o mundo antinegro. Essas pessoas recusaram os ideais normativos de esperança política, disseram não e criticaram as incongruências notáveis da atraente liberdade que o mundo dito democrático atualmente oferece. Desafiar a antinegitude que define nosso Mundo e superar a figura normativa do Homem, mesmo que não tenham garantias quanto a receber louros ou tomar proveito de alguma vitória, é lutar contra a prematuridade que marca a experiência do tempo pelo corpo negro, é tentar a ruptura desse “ciclo infernal”.⁵⁵⁵ Porém, como bem salientam William Charles Anderson e Zoé Samudzi: “os passos significativos em direção à libertação não precisam ser dramáticos”.⁵⁵⁶ Na Ferguson em rebelião, muitas pessoas aprenderam o valor da perseverança e do amor à negritude. Como vimos, esse é um tipo de luta incansável, desconfortável e comumente perigosa, que quebra expectativas de quem aguarda atos gloriosos, desfiles apoteóticos e transformações miraculosas. Ferguson é o *doravante*, é o futuro que virá, é uma batalha que se faz em “território ocupado”, minando o inimigo de maneira sorrateira, menos para si e muito mais para aqueles que virão.

⁵⁵³ Idem.

⁵⁵⁴ JAMES, Joy. “Abolitionist and Ancestor: The Legacy of Erica Garner.” In: Jeffrey Insko, Michael Stancliff, Jeannine Marie DeLombard, Joy James, Brigitte Fielder, Jennifer C James, Teresa A Goddu, *Abolition’s Afterlives*, American Literary History, 2021, p. 36. Sobre o conceito de “maternas cativas”, cf. JAMES, Joy. “The Womb of Western Theory: Trauma, Time Theft, and the Captive Maternal”. *Carceral Notebooks*, v. 12, n. 1, 2016, p. 253-296.

⁵⁵⁵ FANON, Frantz. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008, p. 109.

⁵⁵⁶ ANDERSON, William Charles; SAMUDZI, Zoé. *As Black as Resistance: Finding the Conditions for Liberation*. Chico, Califórnia: AK Press, 2018, p. 115.

Naquele escaldante mês de maio de 2020, primeiro ano da pandemia da COVID-19, um grito por abolição ousou ser entoado, primeiro em Minneapolis, onde manifestantes locais tomavam as ruas em memória de George Floyd, depois em diversas outras cidades, nos Estados Unidos e no mundo: “Sem reformas, é preciso desfinanciar a polícia!” Esse refrão parecia desagradar moderados democratas antes das eleições que aconteceriam em novembro. Esse chamado, logicamente, enfurecia os trumpistas do partido republicano, cada vez menos tímidos em suas demandas supremacistas brancas. Naquele momento, o seu comandante em chefe sabia bem que tipo de linguagem utilizar para dar o recado certo ao séquito: ele chamou os manifestantes de *thugs* e ofereceu ao governador de Minnesota o apoio do exército para reprimi-los com vigor. Porém, para além de qualquer coisa, aquela era uma música já entoada no verão igualmente quente de Ferguson, 6 anos antes. Embora alguns tivessem, em tão pouco tempo, esquecido muito do que fora aquela revolta, era como se o fogo, que destruiu uma cadeia de Minneapolis, fosse as cinzas do *QuikTrip* de Ferguson voltando a queimar. Como indicava uma pichação em uma das bombas de gasolina do “*QT People’s Park*” (fig. 15), os projetos de abolição atuais tem uma longa e imprópria história. Minneapolis estava entrelaçada a essas obstinadas lutas.

Da mesma forma que em Ferguson, porém, aqueles desejos abolicionistas foram tomados como *anárquicos*, insanos, impensáveis e impróprios. “Por que é tão difícil imaginar alternativas para o nosso atual sistema de encarceramento?”, questionava Angela Davis no já clássico *Estarão as Prisões Obsoletas?*, livro cuja primeira edição é de 2003. Como recorda a autora, há uma série de questões, mesmo na esquerda política, que interditam proposições abolicionistas: “O que pôr no lugar das cadeias e prisões após a sua abolição?” “Como os crimes serão punidos?” “Isso realmente é tão decisivo para o ‘fim do racismo’?” “O que fazer com os milhões de aprisionados?”⁵⁵⁷

Os anos seguintes aos massivos protestos de Ferguson foram marcados por diversas iniciativas para reformar a polícia na grande St. Louis. Logo nos primeiros meses de 2015, seguindo os passos de organizações ativistas que acompanham casos de brutalidade policial desde os anos 1960, um pequeno grupo de sete residentes criou o *Civilian Oversight Board* com o objetivo de “vigiar os vigilantes”, ou seja, revisar investigações internas do Departamento de Polícia Metropolitana sobre “uso de força excessiva, abuso de autoridade e discriminação” envolvendo policiais. Enquanto ideia semelhante havia sido recusada em 2006, a pressão do momento de revolta fez até com que o então prefeito, o democrata Francis

⁵⁵⁷ Cf. DAVIS, Angela. *Estarão as Prisões Obsoletas?* Tradução de Marina Vargas, Rio de Janeiro: Difel, 2018, p. 115.

Slay, se colocasse como copatrocinador do projeto.⁵⁵⁸ Naquele ano também, o governo estadual aprovou o *Senate Bill 5*, uma legislação que diminuía de 30% para 12% o limite máximo que multas e taxas poderiam ter na arrecadação dos municípios. “Os policiais deixarão de ser agentes de receita e voltarão a ser policiais”, exultava-se o governador Jay Nixon, frente à objeção de vários congressistas negros que reclamavam que uma série de provisões caprichosamente inseridas nessa lei acabavam por prejudicar com encargos quase que exclusivamente os municípios de maioria negra da região de North County.⁵⁵⁹ Somando-se a essas medidas, após as denúncias feitas pelo já citado relatório do *DoJ* sob a liderança de Eric Holder, houve a demissão/renúncia de vários funcionários acusados de práticas discriminatórias contra a população negra, sendo o nome do juiz Ronald Brockmeyer o de maior destaque.⁵⁶⁰ Também nesse contexto de mobilização, houve uma enxurrada de processos e indenizações contra administrações municipais e estaduais, além da tentativa de se estabelecer programas de anistia capazes de perdoar taxas, multas e mandatos agora comprovadamente racistas.⁵⁶¹ Muito mais que essas petições jurídicas, as manifestações de Ferguson renovaram o engajamento popular na resolução de problemas e na transformação das comunidades negras pobres. Mutirões para garantir apoio às crianças em idade escolar, grupos de leitura, oferta de roupas e suprimentos básicos para o dia-dia juntaram-se ao ativo envolvimento para registro, candidatura e participação eleitoral, em um entendimento coletivo de que vários dos manifestantes deveriam concorrer a cargos públicos como forma de contribuir para o *progresso* [é interessante como moradores e ativistas repetidamente citam esse termo como forma de avaliação da situação das pessoas negras] local.⁵⁶² Já para o

⁵⁵⁸ ST. LOUIS POST-DISPATCH. “Slay signs bill establishing St. Louis police civilian oversight board”, 6 de maio de 2015, disponível em https://www.stltoday.com/news/local/crime-and-courts/slay-signs-bill-establishing-st-louis-police-civilian-oversight-board/article_70b4c458-cbb2-5740-8fa9-d83803a08fd2.html.

⁵⁵⁹ PATRICK, Robert; DEERE, Stephen. “‘Sweeping’ court reform comes as Nixon signs bill to cap cities’ revenue, end predatory habits”, *St. Louis Post-Dispatch*, 10 de julho de 2015, disponível em https://www.stltoday.com/news/local/crime-and-courts/sweeping-court-reform-comes-as-nixon-signs-bill-to-cap-cities-revenue-end-predatory-habits/article_cafffb7e-b24d-5292-b7bb-84ef81c6e81d.html.

⁵⁶⁰ KDSK NEWS. “Brockmeyer resigns in Breckenridge Hills”, 17 de março de 2015, disponível em <https://www.ksdk.com/article/news/local/brockmeyer-resigns-in-breckenridge-hills/63-211120607>.

⁵⁶¹ PETRIN, Kae M. “Warrant-amnesty program gives residents clean slate in St. Louis-area courts”, *St. Louis Public Radio*, 15 de agosto de 2018, disponível em <https://news.stlpublicradio.org/government-politics-issues/2018-08-15/warrant-amnesty-program-gives-residents-clean-slate-in-st-louis-area-courts>.

⁵⁶² Porém, apesar de ter crescido a participação de eleitores em toda Ferguson, o que resultou na eleição de dois afro-americanos à Câmara Municipal, a ala 3 da cidade, onde Michael Brown morava, contou com um comparecimento menor que todas as demais. Cf. ENTEN, Harry. “Michael Brown’s Neighborhood In Ferguson Still Lags In Voter Turnout”, *Five Thirty Eight*, 8 de abril de 2015, disponível em <https://fivethirtyeight.com/features/michael-browns-neighborhood-in-ferguson-still-lags-in-voter-turnout/>. Em 2019, nesta mesma ala 3, a mãe de Brown, Lesley McSpadden, iria perder uma disputa a um assento no Conselho Municipal. ELIGON, John. “Michael Browns’s Mother Loses City Council Race in Ferguson, Where Her Son Was Killed by Police”, *The New York Times*, 2 de abril de 2019, disponível em <https://www.nytimes.com/2019/04/02/us/lesley-mcspadden-loses-election.html>. Nesse processo, um resultado

prefeito de Ferguson, James Knowles III, aquela mobilização pós-Mike Brown, deveria servir ao seu repetido discurso de harmonia racial local: “Este evento [a morte de Brown] será para sempre uma parte da história da cidade, mas é importante que a comunidade avance”, aconselhava o mandatário na inauguração de um marco permanente em memória do jovem.⁵⁶³

Todavia, com o passar dos anos, apesar das diversas leis, dos dólares investidos para reestruturar a comunidade, mesmo com os vários relatórios sobre a conduta racialmente tendenciosa da polícia, ativistas da região foram percebendo o quão difícil era fazer avançar as outrora tão exaltadas reformas da polícia. Muito disso se devia aos inúmeros impedimentos que os sindicatos policiais colocavam a qualquer tentativa civil de investigar e cobrar a responsabilização de agentes infratores. De fato, chega a ser absurdo que a região onde Mike Brown fora assassinato ainda tenha o maior número de tiroteios policiais *per capita* dos Estados Unidos.⁵⁶⁴ Como informa Rebecca Rivas, de 2015 a 2020, apesar de a polícia ter matado 27 pessoas em 53 eventos envolvendo o uso de força letal na grande St. Louis, nenhum desses casos chegou ao *Civilian Oversight Board*. Na verdade, o que acontece é que as *Force Investigation Unit* de cada departamento de polícia sempre tomam a dianteira nas investigações, favorecendo, logicamente, os agentes da lei. A agressividade dos sindicatos policiais, com vários casos de assédio e ameaça a vereadoras negras (acusando-as, na maioria dos casos, de serem “comunistas” e “antipolícia”), contribui para a impunidade policial e fortalece as demandas por mais investimentos em segurança pública. Centralizando as limitações do reformismo e a maneira como esses departamentos de polícia conseguem reatualizar suas práticas antinegras como se fossem progressos sociais, a ativista Kayla Reed criticava:

No caso de Mike Brown, não havia câmera. E então as pessoas pediram câmeras corporais. Os oficiais eram brancos. Então as pessoas pediram mais diversidade. Não houve consequências para os oficiais. Então as pessoas pediram uma supervisão civil. Mas cada uma dessas soluções – mais treinamento, diversidade, câmeras, supervisão civil – apenas adiciona mais

visto por muitos como um efetivo “sinal de progresso” se deu no mesmo dia em que Derek Chauvin foi condenado nas três acusações pelo assassinato de George Floyd: a ativista pela reforma Tishaura Jones foi empossada como prefeita da cidade de St. Louis, a primeira mulher afro-americana a conseguir tal posto. SCHLINKMANN, Mark. “‘Ready to serve’: Tishaura Jones sworn in as St. Louis’ 47th mayor”, *St. Louis Post-Dispatch*, 21 de abril de 2021, disponível em https://www.stltoday.com/news/local/govt-and-politics/ready-to-serve-tishaura-jones-sworn-in-as-st-louis-47th-mayor/article_8c654ea2-925d-5007-ac2d-8a98fd5b1180.html.

⁵⁶³ WESTHOFF, Ben. “Ferguson, Five Year Later”, *The Verge*, 6 de agosto de 2019, disponível em <https://www.theverge.com/2019/8/6/20754600/ferguson-michael-brown-killing-police-brutality-2014-protests-riots-5-years-later>.

⁵⁶⁴ AHL, Jonathan. “Report Show St. Louis Police Led The Nation in Killings”, *St. Louis Public Radio*, 18 de janeiro de 2021, disponível em <https://news.stlpublicradio.org/law-order/2021-01-18/report-shows-st-louis-police-led-the-nation-in-killings>.

dinheiro à polícia e pode ser desestabilizada ou controlada pelos sindicatos de polícia. Gastamos muito dinheiro com a polícia, e isso não nos mantém seguros. O que significaria gastar todo esse dinheiro com as pessoas? Isso não é radical. Isso não é revolucionário. Isso é senso comum para mim.⁵⁶⁵

Partindo dessas constatações de profunda insatisfação com os resultados das medidas reformistas, ativistas como Reed viram a necessidade de somar força com as várias pessoas que tomavam as ruas do país em memória e justiça por George Floyd e Breonna Taylor. Concentrando-se em “reimaginar a segurança pública” através do coro abolicionista “Desfinanciem a polícia!”, eles concordavam sobre a necessidade de “uma nova visão”, de “um outro futuro” para a grande St. Louis. Contando com a união de 28 organizações ativistas, assinaram, em janeiro de 2021, o chamado *The People’s Plan*, uma agenda política bastante abrangente, envolvendo educação, saúde, habitação e meio-ambiente como parte do processo corretivo necessário para a abolição das opressivas estruturas securitárias que há tanto tempo massacram populações negras naquela metrópole. Para a segurança pública, a ideia seria reduzir as interações policiais agressivas através da descriminalização do vício em drogas, doenças mentais e pobreza. O desfinanciamento da polícia, argumentavam, iria permitir um maior investimento em socorristas não violentos. No *The People’s Plan*, ressaltava-se o quão oneroso era o Departamento de Polícia custar quase um terço da receita da grande St. Louis, e o quão necessário e urgente era redirecionar aqueles fundos para a assistência social.⁵⁶⁶

Essa demanda por abolição ganhou ainda mais impulso após o recém eleito presidente Joe Biden, na contramão do clamor radical das ruas, oferecer 300 milhões de dólares para *modernizar* os departamentos de polícia. No seu argumento, uma reforma policial que facilitasse a identificação e a condenação de más condutas policiais só seria possível através de um massivo investimento financeiro.⁵⁶⁷ Como recorda Mariame Kaba, a filosofia por trás dessas reformas parte do enganador pressuposto de que mais regras aos policiais resultarão em menos violência. Ao mesmo tempo, a impensabilidade da abolição, segue autora, está relacionada ao fato de que muitas pessoas, especialmente brancas, temem que um mundo sem polícia seja ainda mais violento que o nosso. Ou seja, o discurso da reforma policial apenas reafirma uma doutrinação implacável que não permite às pessoas sequer imaginar soluções

⁵⁶⁵ RIVAS, Rebecca. “‘The fight has to change’: Why Ferguson activists ditched police reform”, *Reveal*, 6 de maio de 2021, disponível em <https://revealnews.org/article/the-fight-has-to-change-why-ferguson-activists-ditched-police-reform/>.

⁵⁶⁶ O site oficial da iniciativa está disponível em: <https://www.peoplesplanstl.org/>.

⁵⁶⁷ SPERI, Alice. “As calls to defund police grow louder, Joe Biden wants to give them more money”, *The Intercept*, 11 de junho de 2020, disponível em <https://theintercept.com/2020/06/11/defund-the-police-joe-biden-cops/>.

para a violência que não sejam feitas através de policiamento, punição e prisões. Para Kaba e outras ativistas pela abolição, uma sociedade baseada no cuidado coletivo e não no individualismo, que investisse os bilhões de dólares do planejamento securitário em alimentação, moradia e educação coletiva, seria uma sociedade potencialmente mais justa.⁵⁶⁸

O chamamento para a abolição feito por iniciativas como o *The People's Plan* partilhava um entendimento expansivo do que efetivamente é a lógica carcerária. Concordando com Ruth Wilson Gilmore e James Kilgore, eles entendem a necessidade de reconhecer as diversas frentes de luta, os distintos ritmos para se caminhar, organizar, promover ideais e negociar na arena política. Abolição, enquanto uma filosofia, não se limita à mera destruição de prisões materiais. Sua demanda deve ser compreendida como um trabalho de (re)construção das comunidades negras, de forma “exigente, deliberada, paciente e persistente”, combatendo, através da presença e do cuidado, uma “inteira ecologia da existência precária”.⁵⁶⁹ A abolição também não significa, como adverte Angela Davis, a negação peremptória de reformas que são, evidentemente, necessárias para minimamente resguardar as vidas das pessoas presas. Os grupos que elaboraram o *The People's Plan* estavam plenamente conscientes de que não há uma linha estrita entre reforma e abolição. Afinal, como poderiam negar reformas que garantissem melhorias nos serviços de saúde, proteção contra abusos sexuais e outras violações dos direitos humanos nas prisões? A grande meta, portanto, é como estabelecer uma articulação com suficiente apelo popular entre essas necessidades imediatas e um projeto maior de abolição das prisões enquanto forma dominante de punição. Em suma, como alinhar expectativas futuras sabendo que há de se sanar diversas demandas urgentes.⁵⁷⁰

Aqui é sempre interessante perguntar: como ficavam os enfurecidos pedidos para que Daren Wilson, David Pantaleo, Derek Chauvin, Dylan Roof, etc. fossem responsabilizados? O quão complicado era para grupos como o *The People's Plan* convencer as forças das ruas de que um princípio central para a abolição é se esforçar ao máximo para não replicar a lógica punitiva que se quer eliminar? O quão difícil era explicar que a violência não pode ser unicamente trabalhada *após o ocorrido*? Essencialmente, a abolição é um projeto que traz

⁵⁶⁸ KABA, Mariame. “Sim, nós queremos dizer literalmente abolir a polícia”. Tradução de Rafaela Venturim, *Traduções Abolicionistas*, 24 de junho de 2021, disponível em <https://traducoesabolicionistas.com/2021/06/24/sim-nos-queremos-dizer-literalmente-abolir-a-policia/>.

⁵⁶⁹ GILMORE, Ruth Wilson; KILGORE, James. “Em defesa da abolição”. Tradução Amós Caldeira. *Traduções Abolicionistas*, 08 de novembro de 2021, disponível em <https://traducoesabolicionistas.com/2021/11/08/em-defesa-da-abolicao/>.

⁵⁷⁰ DAVIS, Angela; RODRIGUEZ, Dylan. “O desafio da abolição penal: uma conversa”. Tradução de Amós Caldeira. *Traduções Abolicionistas*, 02 de abril de 2021, disponível em <https://traducoesabolicionistas.com/2021/04/02/o-desafio-da-abolicao-prisonal-uma-conversa/>.

profunda reflexão sobre o que deve significar o grito “Sem Justiça, Sem Paz”: não apenas uma trajetória em que ponto final se dá com a condenação e prisão de policiais cuja corrupção é confirmada por meio da morte de negros inocentes, ele passa a ser ouvido como um ímpeto para repensar a própria ideia de justiça, buscando, acima de tudo, não reinscrever o Estado como o “solucionador de conflitos”.⁵⁷¹

Um vislumbre sobre esse porvir abolicionista disputado nas ruas de Ferguson à Cincinnati, “já existe em fragmentos e pedaços, experimentos e possibilidades”, exalta Ruth Wilson Gilmore. Há pelo menos duas décadas esse chamado vem sendo teorizado por uma tradição radical que mostra o quanto a abolição “está construindo o futuro a partir do presente, de todas as maneiras possíveis”.⁵⁷² Como dizem William Charles Anderson e Zoé Samudzi, os Estados Unidos e o mundo, cujo destino, por meio da globalização do capitalismo, está a ele inextricavelmente emaranhado, “terão um rude despertar” com a abolição. O que grande parte dessas revoltas negras tem demonstrado é que a necessária superação desse sistema não envolve uma reivindicação nacionalista dos “reais valores” americanos, nem muito menos de sua promessa fundante em defesa da “liberdade e justiça para todos”. A abolição significa amar um país que ainda não existe, ou melhor, que existe apenas em lampejos, furtivamente.⁵⁷³

⁵⁷¹ Cf. WANG, Jackie. “Against Innocence: Race, Gender and the Politics of Safety”. In: *Carceral Capitalism*. Cambridge: MIT Press, 2018, p. 260-295.

⁵⁷² GILMORE, Ruth Wilson. “Making Abolition Geography in California’s Central Valley: Interview conducted by Leopold Lambert”, *The Funambulist*, 20 de dezembro de 2018, disponível em <https://thefunambulist.net/magazine/21-space-activism/interview-making-abolition-geography-california-central-valley-ruth-wilson-gilmore>.

⁵⁷³ ANDERSON, William Charles; SAMUDZI, Zoé. *As Black as Resistance: Finding the Conditions for Liberation*. Chico, Califórnia: AK Press, 2018, p.105. Cf. ANDERSON, William Charles. *The Nation on No Map: Black Anarchism and Abolition*. Chico, Califórnia: AK Press, 2021; BEY, Marquis. *Anarcho-Blackness: Notes Toward a Black Anarchism*. Chico, Califórnia: AK Press, 2020.



Figura 44 – Mural com os dizeres “Estendendo a Mão para o Futuro: Salvando Kinloch” expressando o desejo por dias melhores na cidade vizinha de Ferguson, taxada por muitos de “cidade-fantasma”. Um próspero subúrbio de maioria negra no começo do século XX, muitos dos seus moradores viam nos manifestantes de Ferguson um exemplo de obstinada esperança. Fonte: Bem Westhoff/Vice.⁵⁷⁴

Remetendo à pergunta feita por Saidiya Hartman que dá título a esse capítulo, e chegando à conclusão semelhante, não devemos esperar que haja uma efetiva democratização dos direitos à branquura.⁵⁷⁵ Nesses anos recentes de ativismo contra a antinegitude, as expectativas/decepções em torno do *Black Lives Matter* ofereceram novas confirmações sobre os riscos que se corre ao apegar-se a soluções reformistas ou mesmo tentar fazer o jogo da vítima perfeita, do manifestante respeitável/pacífico.

Então, sim, Michael Brown era disciplinado, de inúmeras formas, a saber que era errado usar “calças arriadas”, que era condenável caminhar de forma errante, como um *nigga* destemido, como um THUG desordeiro num trânsito cuja hipervigilância ajudava na sustentação do capitalismo racial que punia comunidades como a sua. Porém, ele estava sob a posse de um desejo inabalável por ser livre e não aceitar ser mais uma vez coagido por policiais brancos. Sua figuração emancipatória da negritude recusou a ordem de Darren Wilson, recusou a lógica carcerária de desprezo que tinha naquele policial apenas mais um

⁵⁷⁴ Disponível em <https://www.vice.com/en/article/bnpzda/the-spectacular-decline-of-the-historic-town-next-to-ferguson-missouri-602>.

⁵⁷⁵ HARTMAN, Saidiya. *Scenes of Subjection: Terror, Slavery, and Self-Making in Nineteenth-Century America*. Oxford: Oxford University Press, 1997, p. 118.

representante. Esse é, afinal, o ímpeto daqueles que tentam abolir o mundo antinegitude. Aqueles que cantavam em sua memória, dias depois, compartilhavam desejo semelhante. “*Hand’s Up, Don’t Shot!*” era menos um apelo passivo por paz nessa normalidade antinegra do que um contragolpe abolicionista que ruidosamente gritavam contra um dos símbolos de toda uma estrutura que os pensava enquanto menos que humanos: “Não atirem mais! Somos todos Michael Brown! Não vamos recuar! Temos um passado radical conosco!”.

O chamado pela abolição abre o tempo a outras possibilidades que não o cárcere, as mortes/violências lentas, as promessas de felicidade e progresso nacional baseados no esquecimento pós-racial, as reformas reformistas, a permutação de estereótipos antinegros, entre outras limitações que teimam em perdurar, sejam os governos progressistas ou conservadores. Por tal motivo, quem grita por abolição, invariavelmente, questiona a epocalidade da Emancipação formal (1862) e tenta reparar as dívidas que se acumulam, cada vez mais, na sobrevivência da escravidão, ou seja, nos contratos de cidadania rompidos que ainda punem a população negra.⁵⁷⁶ A “Longa Emancipação”, como entende Rinaldo Walcott, é, sobretudo, um convite a reconsiderar o significado da liberdade para além do que ela tem sido definida pelo Estado liberal:

(...) especialmente para os negros, a ideia de liberdade contém tanto a oposicionalidade quanto algo mais. Ao fazer tal afirmação, estou interessado em examinar o que chamo de *vislumbres da liberdade negra*, aqueles momentos de algo mais que existe dentro das terríveis condições de nossa atual falta de liberdade negra. (...) Os principais ideais da modernidade que constituem os registros normativos de reconhecimento da liberdade não nos dão, de fato, uma visão sobre as maneiras como os seres negros fazem algo como a liberdade despontar. As recusas da negritude incluem – mas não se limitam – a democracia representativa; a instituição do policiamento; modos de comportamento em termos de moda, estilo e atitude; lógicas reformistas que retêm a forma atual do mundo; nacionalismos de todos os tipos; bem como um modo de vida humana mais geralmente assumido como um modo de progressão linear e perfeição humana. Eu sugiro que as condições de uma liberdade negra potencial permanecem fora do imaginário da modernidade. Há uma tensão dentro da lógica da liberdade moderna, que assume uma linearidade – que aperfeiçoa *o que significa ser humano* de uma forma linear. Essa narrativa do amadurecimento é aquela em que, por exemplo, primeiro podemos reconhecer as mulheres brancas como seres humanos, e depois podemos reconhecer gays e lésbicas brancos como humanos, e esse reconhecimento oferece uma espécie de cumprimento da promessa de liberdade. A liberdade negra, eu argumento, é muito mais eruptiva e muito mais perturbadora do que as chamadas liberdades oferecidas por esse tipo de narrativa. (...) Além disso, a liberdade negra não é apenas liberdade para sujeitos negros; é uma liberdade que inaugura uma experiência humana inteiramente nova para todos. A liberdade negra, então, não é um tipo de

⁵⁷⁶ HARTMAN, Saidiya. *Perder a Mãe: Uma Jornada pela Rota Atlântica da Escravidão*. Tradução de José Luiz Pereira da Costa. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021b, p. 13.

liberdade que acompanha outros tipos de liberdade; é um fenômeno de reorientação global e reordenamento radical. Este não é um argumento excepcionalista em nome do povo negro, mas um acerto de contas das maneiras como a expropriação do povo negro e sua possível correção exigiriam reordenamento, repensar e refazer globais; um acerto de contas do tipo significaria uma reorientação do planeta e todos os modos de ser humano nele.⁵⁷⁷

Como prova a rebelião de Ferguson e várias outras experimentações radicais a partir dela replicadas, essas liberdades negras são frequentemente intratadas como excessivamente utópicas, aberrantes, *anárquicas*, estranhas (aqui muito mais no sentido de *queer*) e, por esse motivo, lidas como *impróprias* para a história. Não servem de exemplo ao ativismo que se deseja para o futuro, são obliteradas em um passado que *já passou* e que não cumpre as expectativas revolucionárias de muitos no presente. Então, quando algumas pessoas comentavam que Ferguson seria o futuro do radicalismo negro, é porque elas queriam dizer que as revoltas negras, cada vez mais, não serão apenas uma resistência em resposta ao poder, mas uma própria transfiguração radical das noções de justiça e liberdade.

No nosso momento atual, acredita Lola Olufemi, estamos testemunhando uma “recusa em grande escala”, onde as pessoas estão “passando do 0 a 100” e abraçando a abolição como uma possibilidade de entrega, de amor, de compromisso. Aquilo que por muitos era tido como impróprio, ou seja, era visto como uma anacrônica radicalidade despropositada, agora é pensado não apenas como possível, mas como urgentemente necessário.⁵⁷⁸ Claro, repito, esse é um compromisso a longo prazo. Como recorda Robin D.G Kelley, grande parte dos “sonhos de liberdade” fracassaram na maioria dos seus objetivos. Ferguson, em partes, é mais um desses casos: desradicalizado pelo reformismo e pelo ativismo de celebridades, massacrado por ameaças e corporativismo policial nos anos seguintes, sua lembrança, quando vista, é tratada por muitos como imprópria para a história, substituível por outros episódios “mais efetivos” (“atualizados”?) anos depois. A sua mensagem, porém, “as suas visões e sonhos alternativos”, a exemplo dos movimentos analisados por Kelley, “inspiram as novas gerações a continuarem lutando pela mudança”.⁵⁷⁹ Pois sim, estamos ainda aqui, procuramos um lugar de cuidado, cantamos as mesmas canções radicais de outrora, continuamos improvisando em

⁵⁷⁷ WALCOTT, Rinaldo. *The Long Emancipation: Moving Toward Black Freedom*. Durham and London: Duke University Press, 2021b, p. 2-3, 5.

⁵⁷⁸ OLUFEMI, Lola. “Revolution is not a one-time event” [transcrição], Akwugo Emejulu, Che Gosset, Ru Kaur et. all (org.), *The White Review*, 9 de junho de 2020, disponível em <https://www.thewhitereview.org/feature/revolution-is-not-a-one-time-event-2/>.

⁵⁷⁹ KELLEY, Robin D. G. *Freedom Dreams: The Black Radical Imagination*. Boston: Beacon Press, 2002, p. ix.

territórios perigosos, por necessidade e ímpeto de mudança. Somos Ferguson, e quando o mundo disso souber, algo terá acontecido.

Referências

- 3 PROBLEMS. “Real @3Problems @3P_LilTay @_3PRellyRell”. *Youtube*. 27 ago. 2012. 4min43s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fla2rgQioA0>> Acesso em: 15 jun. 2020.
- ABELLO, Oscar Perry. “Breaking Through and Breaking Down the Delmar Divide in St. Louis”, *Next City*, 19 de agosto de 2019, disponível em <https://nextcity.org/features/breaking-through-and-breaking-down-the-delmar-divide-in-st-louis>.
- ABU-JAMAL, Mumia. “The Industry of Fear”. *Social Justice*, v. 27, n. 3, 2000, p. 22-24.
- ABU-JAMAL, Mumia. *Ao Vivo do Corredor da Morte*. Tradução de Edison Cardoni. São Paulo: Editora Conrad, 2001.
- ABU-LUGHOD, Lila. “The romance of resistance: tracing transformations of power through Bedouin women”. *American Ethnologist*, vol. 17, nº 1, 1990, p. 41-55.
- AHL, Jonathan. “Report Show St. Louis Police Led The Nation in Killings”, *St. Louis Public Radio*, 18 de janeiro de 2021, disponível em <https://news.stpublicradio.org/law-order/2021-01-18/report-shows-st-louis-police-led-the-nation-in-killings>.
- AHMED, Sara. *The Promise of Happiness*. Durham/NC: Duke University Press, 2010.
- AHMED, Sara. *Willful Subjects*. Durham/London: Duke University Press, 2014.
- AL JAZEERA. “Mike Brown: The Death that Shook Ferguson” (fala presente aos 5:40 min) 10 de agosto de 2019. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/programmes/rewind/2019/08/michael-brown-death-shook-ferguson-190806075143124.html>.
- ALAGRAA, Bedour. “The Interminable Catastrophe”, *offshoot*, 1 de março de 2021, disponível em <https://offshootjournal.org/the-interminable-catastrophe/>.
- ALAGRAA, Bedour. “And the Shall be First: On the (Im)Possibility of Revenge”, *SocialText*, 20 de abril de 2022, disponível em https://socialtextjournal.org/periscope_article/and-the-last-shall-be-first-on-the-impossibility-of-revenge/.
- ALCINDOR, Yamiche. “Looting, tear gas shatter period of calm in Ferguson”, *USA Today*, 16 de agosto de 2014, disponível em <https://www.usatoday.com/story/news/nation/2014/08/16/michael-brown-shooting-ferguson-missouri-police/14152447/>.
- ALCINDOR, Yamiche; STANGLIN, Doug. “Witness says teen friend shot by cop ‘like an animal’”, *USA Today*, 13 de agosto de 2014, disponível em <https://www.usatoday.com/story/news/nation/2014/08/13/ferguson-protests-continue/13989945/>.
- ALEXANDER, Elizabeth. ““Can you be BLACK and Look at This?”: Reading the Rodney King Video(s)”. *Public Culture*, v. 7, n.1, 1994, p.77-94.
- ALTER, Charlotte. “Meet Captain Ron Johnson, Star of the Ferguson Crisis”, *Time*, 16 de agosto de 2014, disponível em <https://time.com/3117241/ron-johnson/>.
- ANDERSON, Joel. “Michael Brown’s Neighborhood In Ferguson Is Dying”, *BuzzFeed News*, 23 de novembro de 2014, disponível em <https://www.buzzfeednews.com/article/joelanderson/everyone-wants-to-get-out-of-michael-browns-ferguson-neighbo>.

ANDERSON, William Charles. *The Nation on No Map: Black Anarchism and Abolition*. Chico, Califórnia: AK Press, 2021.

ANDERSON, William Charles. “Forget ‘Looting’: Capitalism Is the Real Robbery”, *Truthout*, 29 de maio de 2020, disponível em <https://truthout.org/articles/forget-looting-capitalism-is-the-real-robbery/>.

ANDERSON, William Charles; SAMUDZI, Zoé. *As Black as Resistance: Finding the Conditions for Liberation*. Chico, Califórnia: AK Press, 2018.

ASSOCIATED PRESS. “Cop who shot Brown didn’t know he was a suspect: chief”, *New York Post*, 15 de agosto de 2014, disponível em <https://nypost.com/2014/08/15/police-identify-officer-in-michael-brown-shooting/>.

AVAKIAN, Bob. “We Stand With the Defiant Ones”, *Revolution Newspaper*, 18 de agosto de 2014, disponível em <https://revcom.us/a/349/we-stand-with-the-defiant-ones-en.html>.

ÁVILA, Arthur Lima de. “Povoando o Presente de Fantasmas: feridas históricas, passados presentes e as políticas do tempo de uma disciplina”. *Revista Expedições: Teoria da História e Historiografia*, v. 7, p. 189-209, 2016.

ÁVILA, Arthur Lima de. “O desejo e a impossibilidade de reparação: o 1619 Project e os usos do passado nos Estados Unidos contemporâneos”. In: *A História no labirinto do presente: ensaios (in)disciplinados sobre teoria da história, história da historiografia e usos políticos do passado*, Vitória: Editora Milfontes, 2021, p. 147-180.

BADIOU, Alain. *A hipótese comunista*. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2012.

BAKER, Ella. “The Black Woman in the Civil Rights Struggle: adress given at Institute of Black World, Atlanta, Georgia, 1969”. In: Joanne Grant (ed.) *Ella Baker: freedom bound*, New York: John Wiley, 1998, p. 227-231.

BALDWIN, James. “White Man’s Guilt”. *Ebony*, v. XX, n. 10, 1965, p. 47-48.

BALDWIN, James. “A Report from Occupied Territory”. In: *James Baldwin: Collected Essays*, Ed. Toni Morrison, New York: Library of America, 1998, p. 728-738.

BALKO, Radley. *Rise of the Warrior Cop: The Militarization of America’s Police Forces*. New York: PublicAffairs, 2013.

BARCHIESI, Franco; JACKSON, Shona. Introduction. *International Labor and Working-Class History*, v. 96, 2019, p. 1-16.

BARRETT, Lindon. *Conditions of Present: Selected Essays*. Durham and London: Duke University Press, 2018.

BAUCOM, Ian. *Specters of the Atlantic: Finance Capital, Slavery, and the Philosophy of History*. Durham, NC: Duke University Press, 2005.

BBC NEWS. “Ferguson police: Michael Brown was robbery suspect”, 15 de agosto de 2014, disponível em <https://www.bbc.com/news/world-us-canada-28806313>.

BELL, Derick. “The Rules of Racial Standing”. In: *Faces at the Bottom of the Well: The Permanence of Racism*, Basic Books, 1992, p. 109-127.

BELL, Kim. “Aug. 11, 2014: Man justifies the looting in Ferguson”, *St. Louis Post-Dispatch*, 11 de agosto de 2014, disponível em https://www.stltoday.com/news/multimedia/aug-11-2014-man-justifies-the-looting-in-ferguson/html_7699be22-bb74-5d4f-aa49-fcc46f5cb025.html.

BELL, Kim. “Faces of Ferguson: Five years later”, *St. Louis Post-Dispatch*, 29 de julho de 2019, disponível em https://www.stltoday.com/news/local/metro/faces-of-ferguson-five-years-later/article_7987fc40-05b4-5ab2-bb2e-ec6d2dc8c9cb.html.

BENJAMIN, Ruha. “Innovating inequity: If race is a technology, postracialism is the Genius Bar”. *Ethnic and racial studies*, v. 39, n. 13, 2016, p. 1-8.

BENJAMIN, Ruha. “Ferguson is the Future”. *Data Society*, 2018, p. 1-21.

BENJAMIN, Ruha. “Retomando nosso fôlego: Estudos de Ciência e Tecnologia, Teoria Racial Crítica e a imaginação carcerária”. In: Tarcízio Silva (org.) *Comunidades, Algoritmos e Ativismos: olhares afrodiáspóricos*. São Paulo: LiteraRUA, 2020, p. 12-24.

BERCOVICI, Gilberto. “A Constituição Invertida: A Suprema Corte Americana no Combate à Ampliação da Democracia”. *Lua Nova*, n. 89, 2013, p. 107-134.

BERLANT, Lauren. “Slow Death (Sovereignty, Obesity, Lateral Agency)”. *Critical Inquiry*, v. 33, n. 4, 2007, p. 754-780.

BERMAN, Ari. “Inside John Roberts’ Decades-Long Crusade Against the Voting Rights Act”, *Politico*, 10 de agosto de 2015, disponível em <https://www.politico.com/magazine/story/2015/08/john-roberts-voting-rights-act-121222/>.

BERNSTEIN, Robin. *Racial Innocence: Performing American Childhood from Slavery to Civil Rights*. New York: New York UP, 2011.

BEST VINES DAILY!. “‘Fuck the Police’ Ferguson riots”. *Youtube*. 24 nov. 2014. 6s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Tf8bqCUI84w>>. Acesso em: 15 de abril de 2020.

BEY, Marquis. *Anarcho-Blackness: Notes Toward a Black Anarchism*. Chico, California: AK Press, 2020.

BOCK, Jessica. “Nation of Islam, other groups call for demonstrators to leave Ferguson area before dark”, *St. Louis Post-Dispatch*, 18 de agosto de 2014, disponível em https://www.stltoday.com/news/local/metro/nation-of-islam-other-groups-call-for-demonstrators-to-leave/article_4549cca9-dfe0-5fa6-82ab-b94f1e43e701.html.

BOGAN, Jesse. “New owners of Canfield Green Apartments in Ferguson say a pleasant view is coming”, *St. Louis Post-Dispatch*, 18 de junho de 2021, disponível em https://www.stltoday.com/news/local/metro/new-owners-of-canfield-green-apartments-in-ferguson-say-a-pleasant-view-is-coming/article_0a1b5c3d-40d1-56de-8e37-1228d9faf8ef.html.

BOISSERON, Benedicte. *Afro-dog: Blackness and the Animal Question*. New York: Columbia University Press, 2018.

BONILLA-SILVA, Eduardo. *Racismo sem racistas: O racismo da cegueira de cor e a persistência da desigualdade na América*. Tradução de Margarida Goldstajn. São Paulo: Perspectiva, 2020.

BORDERS, Candence. “Remembering Black Women in St. Louis Pruitt-Igoe Housing Projects”, *Black Perspectives*, 9 de setembro de 2017, disponível em <https://www.aaihs.org/remembering-black-women-in-st-louis-pruitt-igoe-housing-projects/>.

BOSS, Owen. “Ex-Ferguson mayor defends his ‘wonderful’ city, rips critics”, *Boston Herald*, 20 de agosto de 2014, disponível em <https://www.bostonherald.com/2014/08/20/ex-ferguson-mayor-defends-his-wonderful-city-rips-critics/>.

BOUIE, Jamelle. “Conservatives Agree: Barack Obama is ‘The Real Racist’”, *Daily Beast*, 07 de dezembro de 2017, disponível em <https://www.thedailybeast.com/conservatives-agree-barack-obama-is-the-real-racist>.

BOUIE, Jamelle. “How a Demonstration Turned Into a Disaster”, *Slate*, 14 de agosto de 2014, disponível em <https://slate.com/news-and-politics/2014/08/ferguson-police-attack-protestors-with-tear-gas-rubber-bullets-on-site-reporting.html>.

BOURDIEU, Pierre. *O Senso Prático*. Tradução de Maria Ferreira e Revisão de Odaci Luiz Coradini Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

BOYZ n Hood. John Singleton/Steve Nicolaides. Estados Unidos. Columbia Pictures, 1991. Filme-vídeo (1h52min).

BRADLEY, Rizvana. “Black Cinematic and the Aesthetics of Contagion”. *The Drama Review*, v. 62, n. 1, 2018, p. 14-30.

BRADLEY, Rizvana. “Picturing Catastrophe: The Visual Politics of Reckoning”. *The Yale Review*, v. 109, n. 2, 2021, p. 158-177.

BRADLEY, Rizvana; HARTMAN, Saidiya. “Regards for One Another: A Conversation Between Rizvana Bradley and Saidiya Hartman”, *Los Angeles Review of Books*, 8 de outubro de 2019, disponível em <https://lareviewofbooks.org/article/regard-for-one-another-a-conversation-between-rizvana-bradley-and-saidiya-hartman/>.

BRAND, Dionne. *A map to the door of no return: notes to belonging*. Canada: Vintage, 2001.

BROECK, Sabine. *Gender and the Abjection of Blackness*. New York: Suny Press, 2018.

BROOKS, Andrew. *A Poetics of Interruption: fugitive speech acts and the politics of noise*. Tese (Doutorado em Filosofia). UNSW Art and Design, The University of New South Wales, 2017, disponível em <http://unsworks.unsw.edu.au/fapi/datastream/unsworks:51053/SOURCE2?view=true>.

BROWN, Vicent. *Tracky’s Revolt: The Story of na Atlantic Slave War*. Cambridge/MA: Harvard University Press, 2020.

BROWNE, Simone. *Dark Matters: On the Surveillance of Blackness*. Durham, NC: Duke University Press, 2015.

BROWNING, Barbara. *Infectious Rhythm: Metaphors of Contagion and the Spread of African Culture*. New York: Routledge, 1998.

BRUCE, La Marr Jurelle. *How to Go Mad without Losing Your Mind*. Durham: Duke University Press, 2021.

BUCK-MORSS, Suzan. “Hegel e o Haiti”. Tradução de Sebastião Nascimento. *Novos estudos CEBRAP*, n. 90, 2011, p. 131-171, disponível em <https://www.scielo.br/j/nec/a/Rms6hs73V39nPnYsv44Z93n/?lang=pt#>.

BUTLER, Judith. “Em perigo/perigoso: racismo esquemático e paranoia branca”. Tradução de Fabiana A. A. Jardim e Revisão de Jacqueline Moraes Teixeira e Sebastião Rinaldi. *Educação &*

Pesquisa, v. 46, 2020, disponível em <https://www.scielo.br/j/ep/a/gt9dkrsJwD68nxmVGKJsBZK/?lang=pt>.

BUTLER, Judith; ATHANASIOU, Athena. *Disposesi3n: lo performativo en lo pol3tico*. Tradução: Fernando Bogado. Buenos Aires: Eterna Cadencia Editora, 2017.

BUTLER, Octavia. *Kindred: Laços de Sangue*. Tradução de Carolina Caires Coelho. São Paulo: Editora Morro Branco, 2017.

BWOG COLUMBIA STUDENT NEWS. “LectureHop: Understanding OWS”, 27 de outubro de 2011, disponível em <https://bwog.com/2011/10/lecturehop-understanding-ows/>.

CABULOSA PRODUÇÕES. “Racionais Mc’s – Nego Drama – Ao Vivo na Virada Cultural SP”. *Youtube*. 24 set. 2016. 5min57s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hJ1ZR269VZg>> Acesso em: 14 de fev. 2021.

CAMPBELL, Emahunn Raheem. “A Critique of the Occupy Movement from a Black Occupier”. *The Black Scholar: Journal of Black Studies and Research*, v. 4, n. 4, 2011, p. 42-51.

CAMPT, Tina. *Listening to Images*. Durham: Duke University Press, 2017.

CARBY, Hazel. ““On the Threshold of Woman’s Era’: Lynching, Empire, and Sexuality in Black Feminist Theory”. *Critical Inquiry*, v. 12, n. 1, 1985, p. 262-277.

CARBY, Hazel. “We must burn them”, *London review of Books*, v. 44, n. 10, 26 de maio de 2022, disponível em: <https://www.lrb.co.uk/the-paper/v44/n10/hazel-v.-carby/we-must-burn-them>.

CARLSTON EDWARDS. “Rev. Jesse Jackson in Ferguson Missouri 8/18/2014”. *Youtube*. 19 ago. 2014. 2min48s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qRrH92Vm218>> Acesso em: 15 jun. 2020.

CARMICHAEL, Rodney. “Culture Wars: Trap Music Keeps Atlanta On Hip-Hop’s Cutting Edge. Why Can’t The City Embrace It?”, *NPR*, 15 de março de 2017, disponível em <https://www.npr.org/sections/therecord/2017/03/15/520133445/culture-wars-trap-innovation-atlanta-hip-hop>.

CASSELMAN, Ben. “The Poorest Corner of Town”, *Five Thirty Eight*, 26 de agosto de 2014, disponível em <https://fivethirtyeight.com/features/ferguson-missouri/>.

CBS NEWS. “Angry crowd gathers after Missouri police shoot teen”, 10 de agosto de 2014, disponível em <https://www.cbsnews.com/news/angry-crowd-gathers-after-missouri-police-shoot-teen/>.

CBS NEWS. “Nearly \$400.000 raised online for Ferguson cop who fatally shot teen”, 25 de agosto de 2014, disponível em <https://www.cbsnews.com/news/ferguson-shooting-nearly-400k-raised-online-for-officer-darren-wilson-who-fatally-shot-michael-brown/>.

CBS NEWS. “Police withholding name of officer in fatal Missouri shooting”, 12 de agosto de 2014, disponível em <https://www.cbsnews.com/news/michael-brown-police-withholding-name-of-officer-in-fatal-mo-shooting/>.

CCBB. *Acorde! O Cinema de Spike Lee* (Catálogo). Ministério da Cultura, 2018.

CERVENAK, Sara Jane. *Wandering: Philosophical Performances of Racial and Sexual Freedom*. Durham: Duke University Press, 2014.

CHESSUM, Jake. “Oprah Winfrey’s Comments about Recent Protests and Ferguson Spark Controversy”, *People*, 01 de janeiro de 2015, disponível em <https://people.com/celebrity/oprah-on-recent-protests-and-ferguson/>.

CHILDS, Dennis. *Slaves of the State: Black Incarceration from the Chain Gang to the Penitentiary*. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press, 2015.

CHOMSKY, Noam. “Occupy The Future”, *In These Times*, 1 de novembro de 2011, disponível em <https://inthesetimes.com/article/occupy-the-future>.

CIELLO, Fernando José. “Feminist killjoys e reflexões (in)felizes sobre obstinação e felicidade”. *Revista Estudos Feministas*, v. 24, n. 3, 2016, p. 1019-1022.

CLOHERTY, Jack; CURRY, Colleen. “Dad of Slain Unarmed Missouri Teen Michael Brown: ‘We Need Justice for Our Son’”, *ABC News*, 11 de agosto de 2014, disponível em <https://abcnews.go.com/US/dad-slain-unarmed-missouri-teen-michael-brown-justice/story?id=24929787>.

COATES, Ta-Nehisi. “The Case for Reparations”, *The Atlantic*, 21 de maio de 2014, disponível em <https://www.theatlantic.com/magazine/archive/2014/06/the-case-for-reparations/361631/>.

COATES, Ta-Nehisi. *Entre o Mundo e Eu*. Tradução de Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

CODREA-RADO, Anna. “Where Are The Intellectuals? An Essay on Occupy Wall Street”, *The Brooklyn Ink.*, 1 de novembro de 2011, disponível em <http://brooklynink.org/2011/11/01/34004-where-are-the-intellectuals-an-essay-on-occupy-wall-street/>.

COHEN, Cathy J. “Deviance as Resistance: A New Research Agenda for the Study of Black Politics”. *Du Bois Review*, v. 1, n. 1, 2004, p. 27-45.

COHEN, Cathy J. *Democracy Remixed: Black Youth and the Future of American Politics*. New York: Oxford University Press, 2010.

COHEN, Cathy J. “Punk, Sapatonas e Welfare Queens: O Potencial Radical da Política Queer?”. Tradução de Valeria Lima de Almeida. *Revista Docência e Cibercultura*, v. 3, n. 3, 2019.

COHEN, Cathy J.; JACKSON, Sarah J. “Ask a Feminist: A Conversation with Cathy J. Cohen on Black Lives Matter, Feminism and Contemporary Activism”. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, v. 41, n. 4, p. 775-792.

COLLINS, Patricia Hill. “Mammies, Matriarcas e Outras Imagens de Controle”. In: *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e política do empoderamento*. Tradução de Jamile Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019, p. 135-178.

COPELAND, David A. “The Stono Rebellion, 1739”. In: *Debating the Issues in Colonial Newspapers: Primary Documents on Events of the Period*. Westport, Connecticut/London: Greenwood Press, 2000, p. 81-93.

CORREA, Tom. “Anarchy in Ferguson”, *The American Cowboy Chronicles*, 22 de agosto de 2014, disponível em <http://www.americancowboychronicles.com/2014/08/anarchy-in-ferguson-missouri.html>.

COSTA, Anna Gabriela. “Biden elogia decisão do caso Floyd e promete novas medidas contra racismo”, *CNN Brasil*, 20 de abril de 2021, disponível em

<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/biden-elogia-decisao-do-caso-floyd-e-promete-novas-medidas-contraracismo/>.

CRAWLEY, Ashon. “Otherwise Movements”, *The New Inquiry*, 19 de janeiro de 2015, disponível em <https://thenewinquiry.com/otherwise-movements/>.

CRENSHAW, Kimberlé. “Race to the Bottom: How the post-racial revolution became a whitewash.” *The Baffler*, no. 35, 2017, disponível em: <https://thebaffler.com/salvos/race-to-bottom-crenshaw#footnote6>.

CRENSHAW, Kimberlé; HARRIS, Luke; HOSANG, Daniel; LIPSITZ, George. “Introduction”. In: *Seeing Race Again: Countering Colorblindness Across the Disciplines*. Berkeley: University of California Press, 2019, p. 1-19.

CROUCH, Elisa. “Michael Brown remembered as a ‘gentle giant’”, *St. Louis Post-Dispatch*, 11 de agosto de 2014, disponível em https://www.stltoday.com/news/local/crime-and-courts/michael-brown-remembered-as-a-gentle-giant/article_cbafa12e-7305-5fd7-8e0e-3139f472d130.html.

CUEVAS, Ofelia. “Welcome to My Cell: Housing and Race in the Mirror of American Democracy”. *American Quarterly*, v. 64, n. 3, 2012, p. 605-624.

D’ANGELO. “Black Messiah”. New York: RCA Records: 2014. Spotify. 55min54s.

D’SOUZA, Dinesh. *The End of Racism: Principles for a Multicultural Society*, New York: Free Press, 1995.

DAGBOVIE, Pero G. *Reclaiming the Black Past: The Use and Misuse of American History in Twenty-First Century*. London/New York: Verso Books, 2018.

DAVIS, Angela. “Prison Abolition”. In: TAYLOR, Mosley; DIAWARA, Manthia; AUSTIN, Regina (eds). *Black Genius: African-American Solutions to African-American Problems*. New York: W.W. Norton & Co., 1999.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DAVIS, Angela. “Afro Imagens: Política, Moda e Nostalgia”. Tradução de Jaqueline Silva Santos, *Geledés*, 11 de novembro de 2016, disponível em <https://www.geledes.org.br/afro-imagens-politica-moda-e-nostalgia-por-angela-davis/>.

DAVIS, Angela. *Estarão as Prisões Obsoletas?* Tradução de Marina Vargas, Rio de Janeiro: Difel, 2018.

DAVIS, Angela; RODRIGUEZ, Dylan. “O desafio da abolição penal: uma conversa”. Tradução de Amós Caldeira. *Traduções Abolicionistas*, 02 de abril de 2021, disponível em <https://traducoesabolicionistas.com/2021/04/02/o-desafio-da-abolicao-prisonal-uma-conversa/>.

DAVIS, Kathleen. *Periodization and Sovereignty: How ideas of feudalism and secularization govern the politics of time*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2008.

DAWKINS, Marcia. “Mixed Messages: Barack Obama and Post-Racial politics”. *Spectator*, v.30, n. 2, 2010, p. 9-17.

DAYAN, Colin Joan. *The Story of Cruel and Unusual*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 2007.

DAYAN, Colin Joan. *The Law Is a White Dog: How Legal Rituals Make and Unmake Persons*. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 2011.

DELOMBARD, Jeannine Marie. *In the Shadow of the Gallows: Race, Crime, and American Civil Identity*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2012.

DEUTSCH, Kevin. “For St. Louis Gangs, Ferguson Has Become a Recruiting Tool”, *Newsweek Magazine*, 20 de agosto de 2014, disponível em <https://www.newsweek.com/ferguson-recruitment-boon-gangs-265884>.

DEVEREAUX, Ryan. “Troy Davis Protesters Occupy Wall Street”, *New America Media*, 26 de setembro de 2011, disponível em <https://www.facingsouth.org/2011/09/troy-davis-protesters-occupy-wall-street.html>.

DICKSON, E.J. “Mysterious Death Leave Ferguson Activists ‘On Pins and Needles’”, *Rolling Stone*, 18 de março de 2019, disponível em <https://www.rollingstone.com/culture/culture-news/ferguson-death-mystery-black-lives-matter-michael-brown-809407/>.

DIKEÇ, Mustafa. *Urban rage: The revolt of the excluded*. Yale University Press, 2017.

DILLON, Stephen. “‘We’re not Hiding but we’re invisible’: Law and Order, the Temporality of Violence, and Queer Fugitive”. In: *Fugitive Life: The queer politics of the prison state*. Durham: Duke University Press, 2018, p. 27-53.

DO NOT Resist. Craig Atkinson/Laura Hartrick. Estados Unidos. Vanish Films, 2016. Filme-vídeo (1h12min).

DOLLARD, Pat. “Exposed: Michael Brown Was A Member Of The Ultraviolent ‘Bloods’ Street Gang”, 17 de agosto de 2014, disponível em <http://patdollard.com/2014/08/meet-the-real-michael-brown-violent-gun-toting-gangbanger/>.

DOUGLASS, Patrice D. “The Claim of Right to Property: Social Violence and Political Right”. *Zeitschrift für Anglistik und Amerikanistik*, v. 65, n. 2, 2017, p. 145-159.

DOUGLASS, Patrice D. “Assata is Here DisLocating Gender in Black Studies”. *Souls: A Critical Journal of Black Politics, Culture, and Society*, v. 22, n. 1, 2020, p. 89-103.

DREIER, Peter; SWANSTROM, Todd. “Suburban Ghettos Like Ferguson Are Ticking Time Bombs”, *The Washington Post*, 21 de agosto de 2014, disponível em <https://www.washingtonpost.com/posteverything/wp/2014/08/21/suburban-ghettos-like-ferguson-are-ticking-time-bombs/>.

DU BOIS, W. E. B. *Black Reconstruction: An Essay Toward a History of the Part Which Black Folk Played in the Attempt to Reconstruct Democracy in America, 1860-1880*. New York: Harcourt, Brace and Company, 1935.

DU BOIS, W. E. B. *As Almas da Gente Negra*. Tradução de Heloisa Toller Gomes. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 1999.

duCILLE, Ann. *Technicolored: Refleitions on Race in Time of TV*, Durham: Duke University Press, 2018.

EDWARDS, Erica R. *Charisma and the Fictions of Black Leadership*. Minneapolis/London: University of Minnesota Press, 2012.

ELIGON, John. “Michael Browns’s Mother Loses City Council Race in Ferguson, Where Her Son Was Killed by Police”, *The New York Times*, 2 de abril de 2019, disponível em <https://www.nytimes.com/2019/04/02/us/lesley-mcspadden-loses-election.html>.

ELINGTON, John. “Michael Brown Spent Last Weeks Grappling With Problems and Promise”, *The New York Times*, 24 de agosto de 2014, disponível em <https://www.nytimes.com/2014/08/25/us/michael-brown-spent-last-weeks-grappling-with-lives-mysteries.html>.

ELLISON, Ralph. *Homem Invisível*. Tradução de Mauro Gama. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2013.

ELZIE, Johnetta. “[Ferguson Forward]‘When I close my eyes at night, I see people running from tear gas’”, *Ebony*, 8 de setembro de 2014, disponível em <https://www.ebony.com/news/ferguson-forward-when-i-close-my-eyes-at-night-i-see-people-running-from-tear-ga/#axzz3FTUHgnS1>.

ENTEN, Harry. “Michael Brown’s Nighborhood In Ferguson Still Lags In Voter Turnout”, *Five Thirty Eight*, 8 de abril de 2015, disponível em <https://fivethirtyeight.com/features/michael-browns-neighborhood-in-ferguson-still-lags-in-voter-turnout/>.

FABIAN, Johannes. *O tempo e o Outro: como a antropologia estabelece seu objeto*. Tradução de Denise Jardim Duarte. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

FAÇA a Coisa Certa. Spike Lee. Estados Unidos. 40 Acres & A Mule Filmworks, 1989. Filme-vídeo (2 hrs).

FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Tradução: José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FANON, Frantz. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FANT, Keilee; et al. Plaintiffs, v. THE CITY OF FERGUSON, Defendant. Court:United States District Court, E.D. Missouri, Eastern Division. 26 mai. 2015, disponível em <https://casetext.com/case/fant-v-city-of-ferguson>.

FERGUSON, Roderick. *Aberrations in Black: Toward a Queer of Color Critique*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2004.

FERGUSON, Roderick. *The Reorder of Things: The University and Its Pedagogies of Minority Difference*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2012.

FERGUSON, Roderick. “Michael Brown, Ferguson and the Ghosts of Pruitt-Igoe”. *Cultural Critique*, v. 90, 2015, p. 140-142.

FERREIRA da SILVA, Denise. *Toward a Global Idea of Race*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2007.

FERREIRA da SILVA, Denise. “Ninguém: direito, racialidade e violência”. *Meritum: Revista de Direito da Universidade FUMEC*, v. 9, n. 1, 2014, p. 67-117.

FERREIRA da SILVA, Denise. “Dívida Impagável: Lendo Cenas de Valor Contra a Flecha do Tempo”. In: *A Dívida Impagável*. Tradução de Amílcar Packer e Pedro Daher. São Paulo: Forma Certa, 2019, p. 149-184.

FERREIRA da SILVA, Denise. “Pensamento Fractal”. Tradução: Mariana dos Santos e Nicolau Galvão. *Plural: Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo*, v. 27, n. 1, 2020, p. 206-214.

FERREIRA da SILVA, Denise; CHAKRAVARTTY, Paula. “Accumulation, Dispossession, and Debt: The Racial Logic of Global Capitalism – An Introduction”. *American Quarterly*, v. 64, n. 3, 2012, p. 361-385.

FIEDERER, Luke. “Clássicos da Arquitetura: Projeto Habitacional Pruitt-Igoe/Minoru Yamasaki”. Tradução de Eduardo Souza, *Arch Daily*, 19 de maio de 2017, disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/871669/classicos-da-arquitetura-projeto-habitacional-pruitt-igoe-minoru-yamasaki>.

FOR RENT. “Canfield Green Apartments in Saint Louis, MO”. *Youtube*. 10 ago. 2015. 1min26s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=htdymnKFA>> Acesso em 05 mai. 2021.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. *Em Defesa da Sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

FREDDIE JONES. “Ferguson Police: Bring it, You Fucking Animals!’ To Proteters”. *Youtube*. 17 ago. 2014. 2min37s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AQuo5-ewDR8>> Acesso em: 15 jun. 2020.

FREELON, Deen; MCILWAIN, Charlton; CLARK, Meredith. “Beyond the Hashtags: #Ferguson, #BlackLivesMatter, and the Online Struggle for the Offline Justice”, *Center for Media and Social Impact*, Fevereiro de 2016, disponível em https://cmsimpact.org/wp-content/uploads/2016/03/beyond_the_hashtags_2016.pdf.

FRIEDMAN, Milton. *Capitalismo e Liberdade*. Tradução de Luciana Carli. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

FRONTLINE PBS I NON-OFFICIAL ARCHIVE [CC]. “Growing Up Poor (1986)”. *Youtube*. 10 abr. 2021. 58min15s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RTanGnGTpXY&t=3064s>> Acesso em 10 abr. 2022.

GAINES, Kevin. *Uplifting the Race: Black Leadership, Politics, and Culture in the Twentieth Century*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1996.

GARZA, Alicia. “A herstory of the #BlackLivesMatter movement by Alicia Garza”, *Feminist Wire*, 7 de Outubro de 2014, disponível em: <https://www.thefeministwire.com/2014/10/blacklivesmatter-2/>.

GILMORE, Ruth Wilson. “Fatal Couplings of Power and Difference: Notes on Racism and Geography”. *The Professional Geographer*, v. 54, n. 1, 2002, p. 15-24.

GILMORE, Ruth Wilson. *Golden gulag: prison, surplus, crisis, and opposition in globalizing*. Los Angeles (CA): University of California Press, 2007.

GILMORE, Ruth Wilson. “Making Abolition Geography in California’s Central Valley: Interview conducted by Leopold Lambert”, *The Funambulist*, 20 de dezembro de 2018, disponível em <https://thefunambulist.net/magazine/21-space-activism/interview-making-abolition-geography-california-central-valley-ruth-wilson-gilmore>.

GILMORE, Ruth Wilson; GILMORE, Craig. “Beyond Bratton”. In: *Policing the Planet: Why the Policing Crisis Led to Black Lives Matter*. Ed. Jordan T. Camp and Christina Heatherton. London: Verso, 2016, p. 173-201.

GILMORE, Ruth Wilson; KILGORE, James. “Em defesa da abolição”. Tradução Amós Caldeira, *Traduções Abolicionistas*, 08 de novembro de 2021, disponível em <https://traducoesabolicionistas.com/2021/11/08/em-defesa-da-abolicao/>.

GILROY, Paul. *Entre Campos: Nações, Cultura e o Fascínio da Raça*. Tradução de Celia Maria Marinho de Azevedo. São Paulo: Annablume, 2007.

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: Modernidade e Dupla Consciência*. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Editora 34, 2012.

GLAVE, Justin. “Street Battle Against Cops Again in Ferguson Despite Midnight Curfew”, *Daily Beast*, 17 de agosto de 2014, disponível em <https://www.thedailybeast.com/street-battle-against-cops-again-in-ferguson-despite-midnight-curfew>.

GLISSANT, Édouard. *Poética da Relação*. Tradução de Manuela Mendonça. Lisboa: Sextante Editora, 2011.

GLISSANT, Édouard. *O pensamento do tremor: La cohée du Lamentin*. Tradução de Enilce do Carmo Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Gallimard/Editora UFJF, 2014.

GLISSANT, Édouard. “La Querella con La Historia”. In: VALDÉS GARCÍA, Félix (org.). *Antologia del pensamiento crítico caribeño contemporáneo*. West Indies, Antillas Francesas y Antillas Holandesas. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2017, p. 297-301.

GODDU, Teresa A. *Selling Antislavery: Abolition and Mass Media in Antebellum America*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2020.

GODOI, Rafael. “Doing times: contemporary prison temporalities”, *Academia Letters*, disponível em: https://www.academia.edu/50984692/Doing_times_contemporary_prison_temporalities.

GOFF, Phillip; CULOTTA, Carmen; DITOMASSO, Natalie; JACKSON, Matthew, DiLEONE, Brooke; “The Essence of Innocence: Consequences of Dehumanizing Black Children”. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 106, n. 4, 2014, p. 526-545.

GOLDBERG, David Theo. *The Racial State*. Malden/ MA: Blackwell Publishing, 2002.

GOLDBERG, David Theo. *The Threat of Race: Reflections on Racial Neoliberalism*, Oxford: Wiley-Blackwell, 2009.

GOLDBERG, David Theo. *Are We All Postracial Yet?* Cambridge: Polity Press, 2015.

GOLDSTEIN, Mattew. “Another Shadow in Ferguson as Outside Firms Buy and Rent Out Distressed Homes”, *The New York Times*, 3 de setembro de 2014, disponível em <https://dealbook.nytimes.com/2014/09/03/another-shadow-in-ferguson-as-outside-firms-buy-and-rent-out-distressed-homes/>.

GOOGLE, INC. *Google Maps*. Disponível em: <https://www.google.com/maps/place/Pleasant+View+Gardens/@38.738976,-90.2735397,15z/data=!4m5!3m4!1s0x0:0xeb701e66a24e7a8b!8m2!3d38.738977!4d-90.2735293>.

GORDON, Avery. *Ghostly Matters: Haunting and the Sociological Imagination*. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press, 2008.

GORDON, Colin. "Patchwork Metropolis: Municipal Zoning in Greater St. Louis". In: *Mapping Decline: St. Louis and the Fate of the American City*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2008, p. 112-152.

GORDON, Colin. "How Racism Became Police in Ferguson", *Dissent*, 5 de março de 2015, disponível em <https://www.dissentmagazine.org/blog/how-racism-became-policy-in-ferguson>.

GRAEBER, David. *Direct Action: An Ethnography*. Oakland, CA: AK Press, 2009.

GRAEBER, David. *The Democracy Project*, New York: Spiegel and Grau, 2013.

GRAHAM, Stephen. *Cidades Sitiadas: O Novo Urbanismo Militar*. Tradução de Alyne Azuma. São Paulo: Boitempo, 2016.

GRAY, Herman. "Subject(Ed) to Recognition". *American Quarterly*, v. 65, n. 4, 2013, p. 771-798.

GUILFORD, Gwynn. "These seven charts explain how Ferguson – and many other US Cities – wring revenue from black people and the poor", *Scroll.in*, 01 de setembro de 2014, disponível em <https://scroll.in/article/676612/these-seven-charts-explain-how-ferguson-and-many-other-us-cities-wring-revenue-from-black-people-and-the-poor>.

GUTERL, Matthew Pratt. *The Color of Race in America, 1900-1940*. Cambridge: Harvard University Press, 2001.

HABELSTAN, Jack. "The Wild Beyond: Whith and For the Unedrcommons". In: Stefano Harney e Fred Moten. *The Undercommons: Fugitive Planning & Black Study*. New York: Minor Compositions, 2013.

HALEY, Sarah. *No Mercy Here: Gender, Punishment, and the Making of Jim Crow Modernity*, Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2016.

HANCOCK, Ange-Marie. *The Politics of Disgust: The Public Identity of the Welfare Queen*. New York: New York University Press, 2004.

HANNAH-JONES, Nikole. "School Segregation, the Continuing Tragedy of Ferguson", *ProPublica*, 19 de dezembro de 2014, disponível em <https://www.propublica.org/article/ferguson-school-segregation>.

HANNAH-JONES, Nikole; INTERLANDI, Jeneen; GYASI, Yaa. "How the Bad Blood Started", *The New York Times - 1619 podcast series*, 13 de setembro de 2019, disponível em <https://www.nytimes.com/2019/09/13/podcasts/1619-slavery-healthcare.html?showTranscript=1>.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Bem-estar comum*. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2016.

HARRIS, Cheryl I. "Whiteness as Property". *Harvard Law Review*, v. 106, n. 8, 1993.

HARRIS, Frederick C. "The Rise of Respectability Politics", *Dissent Magazine*, inverno de 2014, disponível em <https://www.dissentmagazine.org/article/the-rise-of-respectability-politics>.

HARRISON, Da'Shaun. *Belly of the Beast: The Politics of Anti-Fatness as Anti-Blackness*, Berkeley: North Atlantic Books, 2021.

HARRIS-PERRY, Melissa. "MHP on the problem with the 'perfect victim'", *MSNBC*, 25 de janeiro de 2015, disponível em <https://www.msnbc.com/melissa-harris-perry/mhp-takes-down-nicholas-kristof-thanks-the-strategic-advice-msna513651>.

HARTMAN, Saidiya. *Scenes of Subjection: Terror, Slavery, and Self-Making in Nineteenth-Century America*. Oxford: Oxford University Press, 1997.

HARTMAN, Saidiya. “The Dead Book Revisited”. *History of the Present*, v. 6, n.2, 2016, p. 208-215.

HARTMAN, Saidiya. “On Working with Archives: interviewed by Thora Siemsen”, *The Creative Independent*, 18 abril 2018, disponível em <https://thecreativeindependent.com/people/saidiya-hartman-on-working-with-archives/>.

HARTMAN, Saidiya. “Abolição”. Tradução de Allan K. Periera e André Árias, *GLAC*, 22 de junho de 2020a, disponível em <https://www.glacedicoes.com/post/abolicao-saidiya-hartman>.

HARTMAN, Saidiya. “Tempo da Escravidão”. Tradução de Carolina Nascimento Melo e Revisão de Fernanda Silva e Sousa. *Contemporânea: Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 10, n. 3, 2020b, p. 927-948.

HARTMAN, Saidiya. “Vênus em Dois Atos”. Tradução de Fernanda Silva e Sousa e Marcello R. S. Ribeiro. In: *Pensamento Negro Radical: Antologia de Ensaio*. São Paulo: Crocodilo Edições, 2021a, p. 105-129.

HARTMAN, Saidiya. *Perder a Mãe: Uma Jornada pela Rota Atlântica da Escravidão*. Tradução de José Luiz Pereira da Costa. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021b.

HARTMAN, Saidiya. *Vidas Rebeldes, Belos Experimentos: Histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encenqueiras e queers radicais*. Tradução de Floresta. São Paulo: Fósforo Editora, 2022.

HARTMAN, Saidiya; WILDERSON III, Frank B. “The Position of Unthought”. *Qui Parle*, v. 3, n. 2, 2003, p. 183-201.

HARVEY, Thomas B.; STAICER, Janae. “Policing in St. Louis: ‘I Feel Like a Runaway Slave Sometimes’”. In: *The Cambridge Handbook of Policing in the United States*. Tamara Rice Lave & Eric J. Miller (eds.), 2019, 39-62.

HAYES, Mike. “Missouri Police Wear ‘I Am Darren Wilson’ Bracelets To Ferguson Protest”, *BuzzFeed News*, 24 de setembro de 2014, disponível em <https://www.buzzfeednews.com/article/mikehayes/missouri-police-wear-i-am-darren-wilson-bracelets-to-ferguso>.

HEZAKYA NEWZ & FILMS. “1986 Special Report: ‘The Vanishing Black Family’”. *Youtube*. 25 fev. 2022. 1h31min39s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vrw416MnJ8>> Acesso em 10 abr. 2022

HIGGINBOTHAN, Evelyn Brooks. *Righteous Discontent: The Women’s Movement in the Black Baptist Church, 1880-1920*. Cambridge: Harvard University Press, 1993.

HOFT, Jim. “BREAKING: Ferguson’s Michael Brown PICTURED Flashing GANG SIGNS”, *The Gateway Pundit*, 14 de agosto de 2014, disponível em <https://www.thegatewaypundit.com/2014/08/breaking-michael-brown-was-a-local-gangster-seen-flashing-gang-signs/>.

HOLLAND, Sharon Patricia. *The Erotic Life of Racism*. Durham and London: Duke University Press, 2012.

hooks, bell. “A margem como um espaço de abertura radical”. Tradução de Jamille Pinheiro. In: *Anseios: Raça, gênero e políticas culturais*. São Paulo: Editora Elefante, 2019, p.280-295.

HORNE, Gerald. *The Apocalypse of Settler Colonialism: The Roots of Slavery, White Supremacy and Capitalism in 17th Century North America and the Caribbean*. New York: Montly Review, 2018.

HURSTON, Zora Neale. *Moses, Man of the Mountain*. New York: Harper Perennial, 1990.

ICE T. “Straight Up Nigga”. Los Angeles: Rhyme Syndicate/Sire/Warner Bros. Records: 1991. Spotify. 3min43s.

INSTITUTE FOR INTERGOVERNMENTAL RESEARCH. “After-Action Assessment of the Police Response to the August 2014 Demonstrations in Ferguson, Missouri.”, *COPS Office Critical Response Initiative*. Washington, DC: Office of Community Oriented Policing Services, 2015, p. 121-133, disponível em <https://www.policefoundation.org/wp-content/uploads/2018/08/After-Action-Assessment-of-the-Police-Response-to-the-August-2014-Demonstrations-in-Ferguson-Missouri.pdf>.

ITON, Richard. *In the Search of the Black Fantastic: Politics and Popular Culture in the Post-Civil Rights Era*. New York: Oxford University Press, 2008.

ITON, Richard. “Still Life”. *Small Axe*, v. 17, n. 1, 2013, p. 22-39.

JACKSON, Cassandra. “Fantasies of Wounding: Black Male Bodies in Hip Hop”. In: *Violence, Visual Culture, and the Black Male Body*. Abingdon/NY: Routledge, 2011, p. 42-61.

JACKSON, George. *Soledad Brother – Part 2*. Chicago/IL: Chicago Anarchist Black Cross, 2018.

JACKSON, Kellie Carter. “‘Dare you meet a woman’: black women, abolitionism, and the protective violence, 1850-1859”. *Slavery & Abolition: A Journal of Slave and Post-Slave Studies*, v. 42, n. 2, 2021, p. 269-292.

JACKSON, Lauren Michele. “The 1619 Project and the Demands of Public History”, *The New Yorker*, 8 de dezembro de 2021, disponível em <https://www.newyorker.com/books/under-review/the-1619-project-and-the-demands-of-public-history>.

JACKSON, Zakiyyah Iman. “Losing Manhood: Plasticity, Animality, and Opacity in the (Neo)Slave Narrative”. In: *Becoming Human: Matter and Meaning in an Antiracist World*. New York: New York University Press, 2020, p. 45-82.

JAFFE, Alexandra. “Huckabee: Michael Brown Acted Like a ‘Thug’”, *CNN*, 3 de dezembro de 2014, disponível em <https://edition.cnn.com/2014/12/03/politics/ferguson-mike-huckabee-michael-brown-shooting-thug/index.html>.

JAMES, Cyril Lionel Robert. *Os jacobinos negros: Toussaint L’Ouverture e a Revolução de São Domingos*. Tradução de Afonso Teixeira Filho. São Paulo: Boitempo editorial, 2000.

JAMES, Joy. “Politicizing the Spirit: ‘American Africanisms’ and African Ancestors in the Essays of Toni Morrison”. *Cultural Studies*, v. 9, n. 2, 1995, p. 210-225.

JAMES, Joy. “Erasing the Spectacle”. In: *Resisting State Violence: Radicalism, Gender, and Race in U.S. Culture*. Minneapolis/London: University of Minnesota Press, 1996, p. 24-43.

JAMES, Joy. (ed.). *Imprisoned Intellectuals: America’s Political Prisoners Write on Life, Liberation and Rebellion*. Lanham, MD: Rowman & Littlefield Publishers, 2003.

JAMES, Joy. “‘Concerning Violence’: Frantz Fanon Rebel Intellectual in Search of Black Cyborg”. *The South Atlantic Quarterly*, v. 112, n. 1, 2013a, p. 57-70.

JAMES, Joy. “Afrorealism and the Black Matrix Maroon Philosophy at Democracy”. *The Black Scholar*, v. 43, n. 4, 2013b, p. 124-131.

JAMES, Joy. “The Womb of Western Theory: Trauma, Time Theft, and the Captive Maternal”. *Carceral Notebooks*, v. 12, n. 1, 2016, p. 253-296.

JAMES, Joy. “Abolitionist and Ancestor: The Legacy of Erica Garner.” In: Jeffrey Insko, Michael Stancliff, Jeannine Marie DeLombard, Joy James, Brigitte Fielder, Jennifer C James, Teresa A Goddu, *Abolition’s Afterlives, American Literary History*, 2021, p. 27-39.

JAMES, Joy. “Apagando a revolução em nome da abolição”. Tradução de Margarida Nogueira. *Traduções Abolicionistas*, 31 de janeiro de 2022, disponível em <https://traducoesabolicionistas.com/2022/01/31/apagando-a-revolucao-em-nome-da-abolicao/>.

JOHNSON, Walter. “On Agency”. *Journal of Social History*, Nova York, v. 37, n. 1, 2003, p. 113-124.

JOHNSON, Walter. *The Broken Heart of America: St. Louis and the Violent History of United States*. New York: Basic Books, 2020.

JONES, Edward P. *O Mundo Conhecido*. Tradução de Fábio Fernandes, São Paulo: Editora José Olympio, 2009.

JONES-ROGERS, Stephanie. *They Were Her Property: White Women as Slave Owners in the American South*. New Haven: Yale University Press, 2019.

KABA, Mariame. “Sim, nós queremos dizer literalmente abolir a polícia”. Tradução de Rafaela Venturim, *Traduções Abolicionistas*, 24 de junho de 2021, disponível em <https://traducoesabolicionistas.com/2021/06/24/sim-nos-queremos-dizer-literalmente-abolir-a-policia/>.

KAHARVEY. “Nelly makes appearance in Ferguson protests”, *The Grio*, 19 de agosto de 2014, disponível em <https://thegrio.com/2014/08/19/nelly-makes-appearance-in-ferguson-protests/>.

KARERA, Axelle. “Blackness and the pitfalls of Anthropocene ethics”. *Critical Philosophy of Race*, v. 7, n. 1, 2019, p. 32-56.

KARERA, Axelle. “Black Feminist Philosophy and the Politics of Refusal”. In: *Oxford Handbook of Feminist Philosophy*. Oxford: Oxford University Press, 2020, disponível em <https://www.oxfordhandbooks.com/view/10.1093/oxfordhb/9780190628925.001.0001/oxfordhb-9780190628925-e-9>.

KDSK NEWS. “Brockmeyer resigns in Breckenridge Hills”, 17 de março de 2015, disponível em <https://www.ksdk.com/article/news/local/brockmeyer-resigns-in-breckenridge-hills/63-211120607>.

KEELING, Kara. *Queer Times, Black Futures*. New York: New York University Press, 2019.

KELLEY, Robin D. G. *Yo’ Mama’s Disfunktional! Fighting the Culture Wars in Urban America*. Boston: Beacon, 1997.

KELLEY, Robin D. G. *Freedom Dreams: The Black Radical Imagination*. Boston, MA: Beacon Press, 2002.

KELLEY, Robin D. G. “Thug Nation: On State Violence and Disposability”. In: *Policing the Planet: Why the Policing Crisis Led to Black Lives Matter*. Ed. Jordan T. Camp and Christina Heatherton. London: Verso, 2016, p. 15-33.

KELLEY, Robin D. G. “O que Cedric Robison quis dizer com capitalismo racial?”, *Boston Review*, 12 de janeiro de 2017, Tradução de Allan K. Pereira, disponível em <https://medium.com/@allankardecpereira/o-que-cedric-robinson-quis-dizer-com-capitalismo-racial-dc05e769a71f>.

KELLING, George L.; WILSON, James Q. “Broken Windows: The Police and Neighborhood Safety”, *Atlantic*, 1982, disponível em <https://www.theatlantic.com/magazine/archive/1982/03/broken-windows/304465/>.

KEYES, Alisson. “The East St. Louis Race Riot Left Dozens Dead, Devastating a Community on the Rise”, *Smithsonian Magazine*, 30 de junho de 2017, disponível em <https://www.smithsonianmag.com/smithsonian-institution/east-st-louis-race-riot-left-dozens-dead-devastating-community-on-the-rise-180963885/>.

KIM, Jae Jyn; JUNG, Moon-Kie. “‘Not to Be Slaves of Others’: Antiblackness in Precolonial Korea”. in João Costa Vargas & Moon-Kie Jung (ed.). *Antiblackness*, Durham/London: Duke University Press, 2021, p. 143-167.

KING JR., Martin Luther. “Letter From Birmingham Jail”. *The Atlantic Monthly*, agosto de 1963, v. 212, n. 2, p. 78-88, disponível em <https://www.theatlantic.com/magazine/archive/2018/02/letter-from-a-birmingham-jail/552461/>.

KING JR., Martin Luther. *A Testament of Hope: The Essential Writings and Speeches of Martin Luther King, Jr.* New York City: Harper Collins, 1990.

KIRN, Jacob. “Ferguson crisis: Most business insurance covers riots”, *St. Louis Business Journal*, 12 de agosto de 2014, disponível em <https://www.bizjournals.com/stlouis/news/2014/08/12/ferguson-crisis-most-business-insurance-covers.html?page=all>.

KISH, Zenia; LEROY, Justin. “Bonded Life: Technologies of Racial Finance from Slave Insurance to Philanthrocapital”. *Cultural Studies*, v. 29, n. 5-6, 2015, p. 630-651.

KLEIN, Joe. “Why Barack Obama Could Be the Next President”, *Time*, 23 de Outubro de 2006, disponível em: <http://content.time.com/time/covers/0,16641,20061023,00.html>.

KLEIN, Richard. “Hank Willis Thomas”, disponível em <https://www.cairnsartgallery.com.au/files/media/original/001/2b3/5ec/100/ThomasBrochure.pdf>.

KOHLER, Jeremy. “Diferent Versions of the encounter that led to a fatal police shooting”, *St. Louis Post-Dispatch*, 11 de agosto de 2014, disponível em https://www.stltoday.com/news/local/crime-and-courts/different-versions-of-the-encounter-that-led-to-a-fatal-police-shooting/article_29f84765-24f3-53bb-8ca3-77f780f79d8f.html.

KOLK, Heidi Aronson; ALLEN, Michael. “Can We Preserve the Ferguson QuikTrip?”, *NextSTL*, 2 de setembro de 2014, disponível em <https://nextstl.com/2014/09/can-preserve-ferguson-quicktrip/>.

KOTEF, Hagar, *Movement and the Ordering of Freedom: On Liberal Governances of Mobility*. Durham: Duke University Press, 2015.

KUTNER, Max. “A Brief History of the Word ‘Thug’”, *Newsweek*, 29 de abril de 2015, disponível em www.newsweek.com/brief-history-word-thug-326595.

LENTIN, Alana. “Post-Race, Post-Politics: The Paradoxical Rise of Culture after Multiculturalism”. *Ethnic and Racial Studies*, v. 37, n. 8, 2012, p. 1268-1285.

LI, Shirley. “The Evolution of Police Militarization in Ferguson and Beyond”, *The Atlantic*, 14 de agosto de 2014, disponível em <https://www.theatlantic.com/national/archive/2014/08/the-evolution-of-police-militarization-in-ferguson-and-beyond/376107/>.

LINEBAUGH, Peter; REDIKER, Marcus. *A hidra de muitas cabeças: marinheiros, escravos, plebeus e a história oculta do Atlântico revolucionário*. Tradução de Berilo Vargas. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

LIPSITZ, George. *How Racism Take Place*. Philadelphia: Temple University Press, 2011.

LOPEZ, German; DESMOND-HARRIS, Jenée; HUGGINS, Rachel e WILLIAMS, Lauren. “‘This was the new Jim Crow’: an oral history of the Ferguson protests”, *Vox*, 9 de junho 2016, disponível em <https://www.vox.com/2015/8/10/9123517/ferguson-protests-michael-brown-oral-history>.

LORDE, Audre. *A Burst of Light: Essays*. Ithaca, New York: Firebrand Books, 1988.

LORDE, Audre. “Usos da Raiva”. In: *Irmã Outsider*. Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019, p. 155-168.

LORDE, Audre. “Uma litania pela sobrevivência”. In: *A unicórnica preta: Poemas*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Relicário, 2020. p. 81-84.

LOWE, Lisa. *The Intimacies of Four Continents*. Durham: Duke University Press, 2015.

LOWERY, Wesley. *They Can't Kill Us All: The Story of Black Lives Matter*. London: Penguin Books, 2017.

LUSSENHOP, Jessica. “Rev. Al Sharpton Recruits ‘Justice Disciples’ to Restore Order to Ferguson”, *Riverfront Times*, 13 de agosto de 2014, disponível em <https://www.riverfronttimes.com/stlouis/rev-al-sharpton-recruits-justice-disciples-to-restore-order-to-ferguson/Content?oid=2607347>.

MALAKLOU, M. Shadee. “Dilemmas of Coalition and the Chronopolitics of Man”. *Theory and Event*, v. 21, n. 1, Special Issue: Afro-pessimism and Black Feminism, 2018, p. 215-258.

MANDINGO. Richard Fleischer/Dino Di Laurentiis. Estados Unidos. Dino Di Laurentiis Company, 1975. Filme-vídeo (2h7min).

MBEMBE, Achille. *On the postcolony*. Berkeley: University of California Press, 2001.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: Biopoder, Soberania, Estado de Exceção, Política de Morte*. Tradução de Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MCCARTHY, Jesse. “A Notes on Trap”, *n+1*, v. 32, n. 1, 2018, disponível em <https://www.nplusonemag.com/issue-32/essays/notes-on-trap/>.

MCCOY, Terrence. “The Oath Keepers: The Little-Know Militia Now Roaming the Streets of Ferguson”, *The Washington Post*, 1 de dezembro de 2014, disponível em <https://www.washingtonpost.com/news/morning-mix/wp/2014/12/01/the-oath-keepers-the-militant-militia-now-roaming-the-streets-of-ferguson/>.

MCDERMOTT, Kevin. “Ferguson Police ID officer Darren Wilson as shooter of Michael Brown”, *St. Louis Post-Dispatch*, 15 de agosto de 2014, disponível em https://www.stltoday.com/news/local/metro/ferguson-police-id-officer-darren-wilson-as-shooter-of-michael/article_033ddd67-ce7b-56d0-adf9-6887503d9420.html.

- MCKITTRICK, Katherine. "Reading the demonic". In: *Demonic Grounds: Black Women and the Cartographies of Struggle*, Minneapolis: University of Minnesota Press, 2006, p. xxiv-xxxi.
- MCKITTRICK, Katherine. "On Plantations, prisons, and a black sense of place". *Social & Cultural Geography*, v. 12, n. 8, 2011, p. 947-963.
- MCKITTRICK, Katherine. "Mathematics Black Life". *The Black Scholar*, v. 44, n. 2, 2014, p. 16-28.
- MCKITTRICK, Katherine. "Rebellion/Invention/Groove". *Small Axe*, v. 20, n. 49, 2016, p. 79-91.
- MCKITTRICK, Katherine. "The Smallest Cell Remembers a Sound". In: *Dear Science and Other Stories*. Durham and London: Duke University Press, 2021a, p. 35-57.
- MCKITTRICK, Katherine. *Futuros da Plantação*. Tradução de Bru Pereira, Lucas Maciel & Janaína Tatim. América Latina: Fecundações Cruzadas, 2021b.
- MCPHERSON, Tara. *Reconstructing Dixie: Race, Gender, and Nostalgia in the Imagined South*. Durham: Duke University Press, 2003.
- MCWHORTER, John. "Racism in America Is Over", *Forbes*, 30 de dezembro de 2008, disponível em https://www.forbes.com/2008/12/30/end-of-racism-oped-cx_jm_1230mcwhorter.html.
- MELAMED, Jodi. *Represent and Destroy: rationalizing violence in the new racial capitalism*. Minneapolis/London: University Minnesota Press, 2011.
- MENDIETA, Eduardo. "Interview with George Yancy". In: *On Race: 34 Conversations in a Time of Crisis*. George Yancy (ed.). Oxford University Press. 2018, p. 213-223.
- METZL, Jonathan. *The Protest Psychosis: How Schizophrenia Became a Black Disease*. Boston: Beacon, 2010.
- MILLS, Charles W. *The racial contract*. Ithaca/NY: Cornell University Press, 1997.
- MILLS, Charles W. "White Time: The Chronic of Injustice of Ideal Theory". *Du Bois Review*, v. 11, n. 1, 2014, p. 27-42.
- MILLS, Collen. "Framing Ferguson: Fox News and the construction of US racism". *Race & Class*, v. 58, n. 4, 2017, p. 39-56.
- MIRZOEFF, Nicholas. "The Murder of Michael Brown: Reading the Ferguson Grand Jury Transcript". *Social Text*, v. 34, n. 1, 2016, p. 49-71.
- MIRZOEFF, Nicholas. *The Appearance of Black Lives Matter*, Miami: Name Publications, 2017.
- MITCHELL, W. J. T. *Seeing through Race*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2012.
- MOCK, Brentin. "Everyone's talking about the Ferguson looters. Let's shame the polluters, too", *Grist*, 22 de agosto de 2014, disponível em <https://grist.org/climate-energy/everyones-talking-about-the-ferguson-looters-lets-shame-the-polluters-too/>.
- MOON, David S. "Kayfabe, Smartdom and Making Out: Can Pro-Wrestling Help Us Understand Donald Trump?". *Political Studies Review*, v. 20, n. 1, 2020, p. 47-61.
- MORRIS, Phillip. "America Begins its Journey into a Post-Racial Era", *Cleveland Plain Dealer*, 6 de novembro de 2008, disponível em https://www.cleveland.com/morris/2008/11/phillip_morris_america_begins.html.

MORRISON, Toni. "Living Memory: a meeting with Toni Morrison". In: GILROY, Paul. *Small Acts*. London: Serpent's Tail, 1993, p. 175-182.

MORRISON, Toni. *Amada*. Tradução José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MOSKOP, Walker. "Crime in Ferguson, 2010-2012", *St. Louis Post-Dispatch*, 16 de agosto de 2014, disponível em https://www.stltoday.com/news/multimedia/crime-in-ferguson-2010-2012/html_f385f6f7-a43f-5a52-993a-6c4ec3f0528b.html.

MOTEN, Fred. *Stolen Life*. Durham/London: Duke University Press, 2018.

MOTEN, Fred; HARNEY, Stefano. *The Undercommons: Fugitive Planning & Black Study*. New York: Minor Compositions, 2013.

MOTEN, Fred; HARNEY, Stefano. "Michael Brown". *boudary 2*, v. 42, n.4, 2015, p. 81-87.

MOTEN, Fred; KELLEY, Robin D.G. "Do Black Lives Matter?: Robin D.G. Kelley and Fred Moten in Conversation.". *The Abolitionist: A Publication of Critical Resistance*, v. 25, 2016, p. 3-9.

MUHAMMAD, Khalil Gibran. *The Condemnation of Blackness: Race, Crime, and the Making of Modern Urban America*. Cambridge: Harvard University Press, 2010.

MURILLO III, John. *Quantum Blackanics: Untimely Blackness and Black Literature Out of Nowhere*, Tese (Doutorado em Filosofia). Department of English, Brown University, 2016.

NADASEN, Premilla. "Black Feminism Will Save Us All: Why We Desperately Need Real Intersectional Feminism", *In These Times*, 11 de setembro de 2018, disponível em <https://inthesetimes.com/article/black-feminism-intersectional-donald-trump-class-race>.

NEAL, Mark Anthony. *Soul Babies: Black Popular Culture and the Post-Soul Aesthetic*. New York: Routledge, 2002.

NEW YORK DAILY NEWS. "Capt. Ron Johnson meets with protesters in Ferguson". *Youtube*, 15 ago. 2014. 3min14s. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=D_DXtz_Hj44. Acesso em: 24 novembro de 2020.

NEW YORK TIMES, "Welfare Queen Becomes Issue in Reagan Campaign", 15 de fevereiro de 1976, disponível em <https://www.nytimes.com/1976/02/15/archives/welfare-queen-becomes-issue-in-reagan-campaign-hitting-a-nerve-now.html>.

NEWMAN, Lily Hay. "This Is the Sound Cannon Used Against Protesters in Ferguson", *Slate*, 14 de agosto de 2014, disponível em <https://slate.com/technology/2014/08/1rad-long-range-acoustic-device-sound-cannons-were-used-for-crowd-control-in-ferguson-missouri-protests.html>.

NICKELSBURG, Monica. "A brief history of Guy Fawkes mask", *The Week*, 8 de janeiro de 2015, disponível em <https://theweek.com/articles/463151/brief-history-guy-fawkes-mask>.

NICKS, Denver. "How Ferguson Went From Middle Class to Poor in a Generation", *Time*, 18 de agosto de 2014, disponível em <https://time.com/3138176/ferguson-demographic-change/>.

NITKIN, David; MERRITT, Harry. "A new twist to an intriguing family history", *Baltimore Sun*, 02 de março de 2007, disponível em: <https://www.baltimoresun.com/news/bal-te.obama02mar02-story.html>.

NIXON, Rob. *Slow Violence and the Environmentalism of the Poor*. Cambridge: Harvard University Press, 2011.

NORTON, Claire; DONNELLY, Mark. *Liberating Histories*, New York: Routledge, 2018.

NPR STAF. “Behind a Twitter Campaign, A Multitude of Stories”, *NPR*, 16 de agosto de 2014, disponível em <https://www.npr.org/sections/codeswitch/2014/08/16/340669034/behind-a-twitter-campaign-a-multitude-of-stories>.

NYONG’O, Tavia. *Afro-Fabulations: The Queer Drama of Black Life*. New York: New York University Press, 2019.

O NASCIMENTO de uma Nação. D.W. Griffith/Harry Aitken. Estados Unidos. D.W. Griffith Productions, 1915. Filme-vídeo (3hrs7min).

O’NEILL, Ann. “Who was arrested in Ferguson?”, *CNN*, 23 de Agosto de 2014, disponível em <https://edition.cnn.com/2014/08/22/us/ferguson-arrests/index.html>.

OBAMA, Barack. “Remarks by the President on Education Reform at the National Urban League Centennial Conference”, *The White House Office Press Secretary*, 29 de julho de 2010, disponível em <https://obamawhitehouse.archives.gov/the-press-office/remarks-president-education-reform-national-urban-league-centennial-conference>.

OLIVA, Ribeiro. “Da Aethiopia à África: As Ideias de África, do Medieval Europeu à Idade Moderna”. *Fênix: Revista de História e Estudos Culturais*, v. 5, n. 4, 2008, p. 1-20.

OLUFEMI, Lola. “Revolution is not a one-time event” [transcrição], Akwugo Emejulu, Che Gosset, Ru Kaur et. all (org.), *The White Review*, 9 de junho de 2020, disponível em <https://www.thewhitereview.org/feature/revolution-is-not-a-one-time-event-2/>.

ORENSTEIN, Peggy. “Mixed Messenger,” *New York Times*, 28 de Março de 2008, disponível em: <https://www.nytimes.com/2008/03/23/magazine/23wwln-lede-t.html>.

OSBORNE, Peter. “Global Modernity and the Contemporary: Two Categories of the Philosophy of Historical Time”. In: BEVERNAGE, Berber; LORENZ, Chris (eds.). *Breaking up Time: Negotiating the Borders between Present, Part and Future*, Vandenhoeck & Ruprecht, 2010, p. 69-84.

OSTERWELL, Vicky. *In Defense of Looting: A Riotous History of Uncivil Action*. New York: Bold Type Books, 2020.

OWNED: A Tale of Two Americas. Giorgio Angelini/Maggie Burns. Estados Unidos. Section Perspective, 2019. Filme-vídeo (1h23min).

PALMER, Tyrone S. ‘What Feels More Than Feeling?’: Theorizing the Unthinkability of Black Affect. *Journal of the Critical Ethnic Studies Association*, v. 3, n. 2, 2017, p. 30-56.

PALMER, Tyrone S. “Otherwise than Blackness: Feeling, World, Sublimation”. *Qui Parle: Critical Humanities and Social Sciences*, v. 29, n. 2, 2020, 247-283.

PANZA, Sancho. “Listen to Mike Brown’s VERY Explicit Rap Songs Featuring Drugs, Drinking and Murder”, *SooperMexican*, 15 de agosto de 2014, disponível em <http://soopermexican.com/2014/08/15/listen-to-mike-browns-very-explicit-rap-songs-featuring-drugs-drinking-and-murder/>.

PATRICK, Robert; DEERE, Stephen. “‘Sweeping’ court reform comes as Nixon signs bill to cap cities’ revenue, end predatory habits”, *St. Louis Post-Dispatch*, 10 de julho de 2015, disponível em https://www.stltoday.com/news/local/crime-and-courts/sweeping-court-reform-comes-as-nixon-signs-bill-to-cap-cities-revenue-end-predatory-habits/article_cafffb7e-b24d-5292-b7bb-84ef81c6e81d.html.

PATTERSON, Orlando. *Escravidão e Morte Social: um Estudo Comparativo*. Tradução Fábio Duarte Joly. São Paulo, Edusp, 2008.

PATTON, Stacey. “Why blacks aren’t embracing Occupy Wall Street”, *The Washington Post*, 25 de novembro de 2011, disponível em https://www.washingtonpost.com/opinions/why-blacks-arent-embracing-occupy-wall-street/2011/11/16/gIQAwc3FwN_story.html.

PEREIRA, Allan K. “O cinema e suas imagens migrantes: violência regenerativa em Taxi Driver”. in Iranilson Buriti Oliveira; José Otávio Aguiar (Org.). *Identidades & Sensibilidades: o cinema como espaço de leituras*. 1ed. São Paulo: Humanitas, 2015, v. 3, p. 125-150.

PEREIRA, Allan K. “Intervir no passado performando o tempo: Achille Mbembe e a Crítica da Razão Negra”. *História e Cultura*, Franca, v. 6, n. 3, dez-mar. 2017, p.172-192, disponível em <https://ojs.franca.unesp.br/index.php/historiaecultura/article/view/2175>.

PEREIRA, Allan K. “Protação do passado no presente: vidas negras *queers* também importam”. *Revista Aedos*, v. 12, n. 26, 2020, p. 345-366, disponível em <https://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/92988>.

PEREIRA, Allan K. Escritas insubmissas: indisciplinando a História com Hortense Spillers e Saidiya Hartman. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, v. 14, n. 36, p. 481-508, 2021, disponível em <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1719>.

PERLSTEIN, Rick. “Exclusive: Lee Atwater’s Infamous 1981 Interview on the Southern Strategy”, *The Nation*, 13 de novembro de 2012, disponível em: <https://www.thenation.com/article/exclusive-lee-atwaters-infamous-1981-interview-southern-strategy/>.

PERRY, Imani. “Stop Hustling Black Death: Samara Rice is the mother of Tamir, not a ‘mother of the movement’”, *The Cut*, maio de 2021, disponível em <https://www.thecut.com/article/samaria-rice-profile.html>.

PETRIN, Kae M. “Warrant-amnesty program gives residentes clean slate in St. Louis-area courts”, *St. Louis Public Radio*, 15 de agosto de 2018, disponível em <https://news.stlpublicradio.org/government-politics-issues/2018-08-15/warrant-amnesty-program-gives-residents-clean-slate-in-st-louis-area-courts>.

PEW RESEARCH CENTER. “Stark Racial Divisions in Reactions to Ferguson Police Shooting”, 18 de agosto de 2014, disponível em <https://www.pewresearch.org/politics/2014/08/18/stark-racial-divisions-in-reactions-to-ferguson-police-shooting/>.

PHLIP, M. NourbeSe. *Zong!* Hartford/CT: Wesleyan University Press, 2008.

PIACENZA, Joana. “American Racial Disconnect on Fairness and Discrimination”, *Public Religion Research Institute*, 10 de junho de 2014, disponível em <https://www.prrri.org/spotlight/graphic-of-the-week-americans-racial-disconnect-on-fairness-and-discrimination/>.

PILGRIM, David. “The Brute Caricature”, *Jim Crow Museum: Ferris State University*, novembro 2000, disponível em <https://www.ferris.edu/HTMLS/news/jimcrow/brute/homepage.htm>.

PILGRIM, David. *Understanding Jim Crow: Using Racist Memorabilia to Teach Tolerance and Promote Social Justice*. Oakland, California: Ferris State University/PM Press, 2015.

PIPER, Brandie; WILLIAMS, Aja. “St. Louis NAACP condemns National Guard usage”, *USA Today*, 18 de agosto de 2014, disponível em <https://www.latimes.com/nation/nationnow/la-na-nn-missouri-police-shooting-20140810-story.html>.

PIRES, Barbara Gomes. “Righth to Main: Debility, Capacity, Disability.” (resenha). *Revista Mana*, v. 27, 2021, p. 1-4.

PUAR, Jasbir. *The Right to Maim: Debility, Capacity, Disability*. Durham: Duke University Press, 2017.

QUASHIE, Kevin. *The Sovereignty of Quiet: Beyond Resistance in Black Culture*. New Brunswick, New Jersey and London: Rutgers University Press, 2012.

RANKINE, Claudia. “The Condition of Black Life Is One of Mourning”, *New York Times*, 22 de junho de 2015, disponível em <https://www.nytimes.com/2015/06/22/magazine/the-condition-of-black-life-is-one-of-mourning.html>.

RANKINE, Claudia. *Cidadã: uma lírica americana*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Editora Jaboticaba, 2020.

RASBERRY, Vaughn. “Black Cultural Politics at the End of History”. *American Literary History*, v. 24, n. 4, 2012, p. 796-813.

RAZSA, Maple John. “Beyond ‘Riot Porn’: Protest Video and Production of Unruly Subjects”. *Ethnos*, v. 19, n.4, 2014, p. 496-524.

REAGAN FOUNDATION. “President Reagan’s Remarks to International Association of Chiefs of Police 9/28/1981.” *Youtube*. 17 abr. 2017. 38min47s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=t5WaY6qPmC4>> Acesso em: 15 jun. 2020.

REDMOND, Shana L. *Anthem: Social Movements and the Sound of Solidarity in the African Diaspora*. New York: New York University Press, 2014.

RETRO REPORT. “Willie Horton: Political Ads That Changed the Game”. *Youtube*. 14 jul. 2016. 4min42s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sdJ97qWHOxo>> Acesso em 10 mai. 2021.

RIOS, Jodi. *Black Lives and Spatial Matters: Policing Blackness and Practicing Freedom in Suburban St. Louis*. Ithaca/London: Cornell University Press, 2020.

RIVAS, Rebecca. “‘The fight has to change’: Why Ferguson activists ditched police reform”, *Reveal*, 6 de maio de 2021, disponível em <https://revealnews.org/article/the-fight-has-to-change-why-ferguson-activists-ditched-police-reform/>.

ROBERTS, Dorothy. “O problema com a medicina racista”, *TED Talks*, novembro de 2015, disponível em https://www.ted.com/talks/dorothy_roberts_the_problem_with_race_based_medicine?language=pt.

ROBINSON, Cedric. *Black Marxism: The Making of the Black Radical Tradition*. London: Zed Books: 1983.

ROBINSON, Cedric. *Black Movements in America*. New York/London: Routledge, 1997.

RODRIGUEZ, Dylan. *Forced Passages: Imprisoned Radical Intellectuals and the U.S. Prison Regime*, Minneapolis, MN: University of Minnesota Press, 2005.

RODRIGUEZ, Dylan. “Multiculturalist White Supremacy and the Substructure of the Body”. In: *Corpus: An interdisciplinary reader on bodies and knowledge*. CASPER, Monica; CURRAH, Paisley (eds.). New York: Palgrave Macmillan, 2011, p. 39-60.

RODRIGUEZ, Dylan. “Goldwater’s left hand: Post-raciality and the roots of the post-racial racist state”, *Cultural Dynamics*, v. 26, n.1, 2014, p. 29-51.

RODRIGUEZ, Dylan. “The Political Logic of the Non-Profit Industrial Complex”, *S&F Online*, v. 13, n. 2, 2016, disponível em <https://sfoonline.barnard.edu/navigating-neoliberalism-in-the-academy-nonprofits-and-beyond/dylan-rodriguez-the-political-logic-of-the-non-profit-industrial-complex/>.

RODRIGUEZ, Dylan. *White Reconstruction: Domestic Warfare and the Logics of Genocide*. New York: Fordham University Press, 2021.

ROITHMAYR, Daria. “Racial Cartels”. *Michigan Journal of Race and Law*, v. 16, n. 1, 2010, p. 44-79.

ROMANO, Aja. “A history of ‘wokeness’”, *Vox*, 9 de outubro de 2020, disponível em <https://www.vox.com/culture/21437879/stay-woke-wokeness-history-origin-evolution-controversy>.

ROORDA, Jeff. *Ferghanistan: The War on Police*. St. Louis: JCR Strategic Consultants, 2015.

ROTHMAN, Lily. “What Martin Luther King Jr. Really Thought About Riots”, *Time*, 28 de abril de 2015, disponível em: <https://time.com/3838515/baltimore-riots-language-unheard-quote/>.

ROTHSTEIN, Richard. “The Making of Ferguson”, *Economic Policy Institute*, 15 de outubro de 2014, disponível em <https://www.epi.org/publication/making-ferguson/>.

ROWLAND, Lee. “There is no 5-Second Rule for the First Amendment, Ferguson”, *ACLU*, 21 de agosto de 2014, disponível em <https://www.aclu.org/blog/free-speech/freedom-press/there-no-5-second-rule-first-amendment-ferguson>.

RUPTLY. “USA: New Black Panthers join protest against police in Ferguson”, *Dailymotion*. 18 ago. 2014. 1min40s. Disponível em: <<https://www.dailymotion.com/video/x23b60g>> Acesso 16 de junho 2020.

SAKUMA, Amanda. “Hip-Hop’s anthem in Ferguson”, *MSNBC*, 15 de outubro de 2014, disponível em <https://www.msnbc.com/msnbc/hip-hops-anthem-ferguson-msna435991>.

SANTORA, Marc. “New York mayor Bill de Blasio calls for suspension of protests after shooting of police officers”, *The Sunday Morning Herald*, 23 de dezembro de 2014, disponível em <https://www.smh.com.au/world/new-york-mayor-bill-de-blasio-calls-for-suspension-of-protests-after-shooting-of-police-officers-20141223-12ckg1.html>.

SAUERWEIN, Kristina. “Police Won’t Name Officer Who Shot Unarmed Missouri Teen”, *Time*, 12 de agosto de 2014, disponível em <https://time.com/3103785/michael-brown-ferguson-st-louis-police-officer-name/>.

SCHAPER, David. “Generation Gap Divides Local Opinion On Ferguson Protests”, *NPR*, 23 de agosto de 2014, disponível em <https://www.npr.org/2014/08/23/342733988/generation-gap-divides-local-opinion-on-ferguson-protests>.

SCHLINKMANN, Mark. “‘Ready to serve’: Tishaura Jones sworn in as St. Louis’ 47th mayor”, *St. Louis Post-Dispatch*, 21 de abril de 2021, disponível em https://www.stltoday.com/news/local/govt-and-politics/ready-to-serve-tishaura-jones-sworn-in-as-st-louis-47th-mayor/article_8c654ea2-925d-5007-ac2d-8a98fd5b1180.html.

SCOTT, Nate. “Charles Barkley responds to Kenny Smith’s open letter on Ferguson”, *For the Win*, 4 de dezembro de 2014, disponível em <https://ftw.usatoday.com/2014/12/charles-barkley-responds-to-kenny-smiths-open-letter-on-ferguson>.

SELBY, Nick. “The Michael Brown Incident Revisited”, 15 de março de 2017, disponível em <http://nselby.github.io/The-Michael-Brown-Incident-Revisited/>.

SERKET. “Rodney King’s LA Riots Speech, May 1st 1992”. *Youtube*. 28 jun. 2019. 2min26s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tVidK2kagPA>> Acesso em: 20 dez. 2020.

SEXTON, Jared. *Amalgamation Schemes: Antiracism and the Critique of Multiracialism*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.

SEXTON, Jared. “Properties of Coalition: Blacks, Asians, and the Politics of Policing”. *Critical Sociology*, v. 36, n. 1, 2010, p. 87-108.

SEXTON, Jared. “The Social Life of Social Death: On Afro-Pessimism and Black Optimism”. *InTensions*, vol. 5, 2011, p. 1-47.

SHAKUR, Assata. *Assata: Uma Autobiografia*. Tradução de Amani Oxumké. Salvador: Sequestro Preto, 2021.

SHAPIRO, Joseph. “In Ferguson, Mo., Before Michael Brown There Was Henry Davis”, *NPR*, 12 de setembro de 2014, disponível em <https://www.npr.org/2014/09/12/348010247/in-ferguson-mo-before-michael-brown-there-was-henry-davis>.

SHARPE, Christina. *In the Wake: On Blackness and Being*. Durham, NC: Duke University Press, 2016.

SHARPE, Christina. “Still Here”. *TOPIA: Canadian Journal of Cultural Studies*, v. 40, 2019, p. 5-14.

SHARPE, Christina. *Monstrous Intimacies: Making Post-Slavery Subjects*. Duke University Press, Durham, NC and London, 2010.

SIMONE, AbdouMaliq. “O Inabitável”. Tradução de Beatriz Jaguaribe. *Revista Eco-Pós*, v. 22, n. 3, 2019, p. 9-20.

SLOTKIN, Richard. *Gunfighter Nation: The Myth of the Frontier in Twentiethcentury America*. New York: Atheneum, 1992.

SMALLWOOD, Stephanie. “The Politics of the Archive and History’s Accountability to the Enslaved”. *History of the Present*, v. 6, n. 2, 2016, p. 117-132.

SNEAD, James A. “On Repetition in Black Culture”. *Black American Literature Forum*, v. 15, n. 4, 1981, p. 146-154.

SOLNIT, Rebecca. “Foreword”. In: SCHNEIDER, Nathan. *Thank You Anarchy: Notes from the Occupy Apocalypse*. Berkeley: University of California Press, 2013, p. ix-xiii.

SPENCE, Lester K. *Knocking the Hustle: Against the Neoliberal Turn in Black Politics*. New York: Punctum Books, 2015.

SPENCER, Jonathan F. “Pollution and Floods in St. Louis: The Confluence of Human Activity and Environmental Tendencies”, *StoryMaps*, 4 de dezembro de 2019, disponível em <https://storymaps.arcgis.com/stories/eaa2bb95c1e946a992e7ff05a44678a0>.

SPERI, Alice. “As calls to defund police grow louder, Joe Biden wants to give them more money”, *The Intercept*, 11 de junho de 2020, disponível em <https://theintercept.com/2020/06/11/defund-the-police-joe-biden-cops/>.

SPILLERS, Hortense. “Bebê da mamãe, talvez do papai: uma gramática estadunidense”. Tradução de Allan K. Pereira e Kênia Freitas. In: *Pensamento Negro Radical: Antologia de Ensaio*. São Paulo: Crocodilo Edições, 2021, p. 29-69.

SPRUILL, Larry. “Slave Patrols, “Packs of Negro Dogs” and Policing Black Communities”. *Phylon*, v. 53, n. 1, 2016, p. 42-66.

“STATE OF MISSOURI V. DARREN WILSON: TRANSCRIPT OF GRAND JURY” 20 de agosto – 21 de novembro, disponível em <https://dataspace.princeton.edu/handle/88435/dsp014q77ft580>.

“STATE OF MISSOURI V. DARREN WILSON: TRANSCRIPT OF GRAND JURY” 16 september 2014, disponível em <https://dataspace.princeton.edu/handle/88435/dsp014q77ft580>.

ST. LOUIS POST-DISPATCH. “August 11: Day of Protests, Night of Frenzy”, 11 de agosto de 2014, disponível em https://www.stltoday.com/news/august-11-day-of-protests-night-of-frenzy/html_6ca91d21-5d0d-557d-b110-23f85f6edd05.html.

ST. LOUIS POST-DISPATCH. “Editorial: In Ferguson, time for leaders to step forward and speak clearly”, 18 de agosto de 2014, disponível em https://www.stltoday.com/opinion/editorial/editorial-in-ferguson-time-for-leaders-to-step-forward-and-speak-clearly/article_201508e4-2629-53de-9c13-5e3600366b98.html.

ST. LOUIS POST-DISPATCH. “Slay signs bill establishing St. Louis police civilian oversight board”, 6 de maio de 2015, disponível em https://www.stltoday.com/news/local/crime-and-courts/slay-signs-bill-establishing-st-louis-police-civilian-oversight-board/article_70b4c458-cbb2-5740-8fa9-d83803a08fd2.html.

ST. LOUIS PUBLIC RADIO, “St. Louis History in Black & White”, disponível em <https://www.stlpublicradio.org/projects/black-white/>.

ST. LOUIS-MO GOVERNMENT. “Health Department Releases Report on Obesity in the City of St. Louis”, 6 de maio de 2015, disponível em <https://www.stlouis-mo.gov/government/departments/health/news/health-department-releases-report-on-obesity-in-the-city-of-st-louis.cfm>.

STARR, Barbara. “Missouri National Guard’s term to Ferguson protesters: ‘Enemy Forces’”, *CNN*, 17 de abril de 2015, disponível em <https://edition.cnn.com/2015/04/17/politics/missouri-national-guard-ferguson-protesters/index.html>.

STEPHENS III, Roberts. “In Defense of Ferguson Riots”, *Jacobin Mag*, 14 de agosto de 2014, disponível em <https://www.jacobinmag.com/2014/08/in-defense-of-the-ferguson-riots/>.

STRAUSS, Jesse. “‘Occupy the Hood’: Including all of the 99%”, *AlJazeera*, 10 de outubro de 2011, disponível em <https://www.aljazeera.com/features/2011/10/10/occupy-the-hood-including-all-of-the-99>.

STRINGS, Sabrina. *Fearing the Black Body: The Racial Origins of Fat Phobia*. Nova York: New York University Press, 2019.

STROUD, Matt; SOTTEK, T.C. “We spent the night in Ferguson”, *The Verge*, 15 de agosto de 2014, disponível em <https://www.theverge.com/2014/8/15/6005451/victory-in-ferguson-missouri>.

STUCKEY, Sterling. *Slave Culture: Nationalist Theory and the Foundations of Black America*. New York: Oxford University Press, 1987.

STUTZ, Colin. “Inside D’Angelo ‘s ‘Black Messiah’ Listening Party: A Look at Its Lyrics & Political Message”, *Billboard*, 14 de dezembro de 2014, disponível em <https://www.billboard.com/music/rb-hip-hop/inside-dangelo-black-messiah-listening-party-lyrics-6406169/>.

SWAN, Rachel. “Red Snare: Behind the Trayvon Martin Protests Is a 70-year-Old White Communist”, *SF Weekly*, 24 de julho de 2013, disponível em <https://archives.sfweekly.com/sanfrancisco/red-snare-behind-the-trayvon-martin-protests-is-a-70-year-old-white-communist/Content?oid=2826832>.

TADIAR, Nefirti. “Life-Times of Disposability within Neoliberalism”. *Social Text*, v. 35, n. 1, 2013, p. 19-48.

TAYLOR, Keeanga-Yamahtta. *From #BlackLivesMatter to Black Liberation*, Chicago, Illinois: Haymarket Books, 2016.

TERADA, Rei. “Hegel and the Prehistory of the Postracial”. *European Romantic Review*, v. 26, n. 3, 2015, p. 289-299.

THE PRUITT-IGOE Myth. Chad Freidrichs/Paul Fehler/Jaime Freidrichs/Brian Woodman. Estados Unidos. Unicorn Stencil, 2011. Filme-vídeo (1h19min).

TITLEY, Gavan. “The Debatability of Racism: Networked Participative Media and Racism”, *Rasismista Ja Rajoista*, 17 de fevereiro de 2016, disponível em <https://raster.fi/2016/02/17/the-debatability-of-racism-networked-participative-media-and-postracialism/>.

TOLER, Lindsay. “Ferguson Protester’s Photo Gets Edited into Racist Meme, Goes Viral”, *Riverfront Times*, 3 de dezembro de 2014, disponível em <https://www.riverfronttimes.com/news/ferguson-protesters-photo-gets-edited-into-racist-meme-goes-viral-2594775>.

TOPAZ, Jonathan. “Ferguson mayor: No ‘racial divide’”, *Politico*, 19 de agosto de 2014, disponível em <https://www.politico.com/story/2014/08/ferguson-mayor-james-knowles-race-110147>.

TOPAZ, Jonathan; MCCALMONT, Lucy. “Obama sending Holder to Ferguson”, *Politico*, 18 de agosto de 2014, disponível em <https://www.politico.com/story/2014/08/ferguson-obama-eric-holder-110104>.

TROUILLOT, Michel-Rolph. *Silenciando o passado: Poder e a Produção da História*. Tradução de Sebastião Nascimento. Curitiba: huya, 2016.

TSENG, Thomas. “Millennials: Key to Post-Ethnic America?”, *New Geography*, 30 de julho de 2008, disponível em <http://www.newgeography.com/content/00137-millennials-key-post-ethnic-america>.

TUCK, Eve; YANG, K. Wayne. “La descolonización no es una metáfora”. *Tabula Rasa*, n. 38, 2021, p. 61-111.

U.S. DEPARTMENT OF JUSTICE, INVESTIGATION OF FERGUSON POLICE DEPARTMENT, *United States Department of Justice Civil Rights Division*, 4 de março de 2015, disponível em https://www.justice.gov/sites/default/files/opa/press-releases/attachments/2015/03/04/ferguson_police_department_report.pdf.

UNDERCOVER BLACK MAN. “Attack of the GIANT NEGROES!!”, 10 de julho de 2007, disponível em <http://undercoverblackman.blogspot.com/2007/07/attack-of-giant-negroes.html>.

UNITED STATES CENSUS BUREAU, disponível em <https://www.census.gov/quickfacts/fact/table/fergusoncitymissouri/POP010210>.

VADUM, Matthew. “Michael Brown: A Criminal and a Thug”, *Frontpage Magazine*, 17 de agosto de 2014, disponível em <https://archives.frontpagemag.com/fpm/michael-brown-criminal-and-thug-matthew-vadum/>.

VARGAS, João H. Costa. *The Denial of Antiracism: Multiracial Redemption and Black Suffering*. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press, 2018.

VARGAS, João H. Costa. “Racismo não da conta: antinegritude, a dinâmica ontológica e social definidora da modernidade”. *Em Pauta*. Rio de Janeiro, 2020, n. 45, v. 18, p. 16-26.

VARGAS, João H. Costa; JAMES, Joy. “Refusing Blackness-as-Victimization: Trayvon Martin and the Black Cyborgs.” In: *Pursuing Trayvon Martin*, edited by George Yancy and Janine Jones. Lanham, MD: Lexington Books, 2012, p. 193-204.

VARGAS, João H. Costa; JUNG, Moon-Kie (ed.). *Antiracism*. Durham/London: Duke University Press, 2021.

VERINI, James. “Is There an ‘Obama Effect’ on Crime?” *Slate*, 5 de outubro de 2011, disponível em <https://slate.com/news-and-politics/2011/10/the-obama-effect-a-surprising-new-theory-for-the-continuing-crime-decline-among-black-americans.html>.

VESELY-FLAD, Rima. *Racial Impurity and Dangerous Bodies: Pollution and Criminalization of Blackness in US Society*. Minneapolis/MN: Fortress Press, 2017.

VICE. “Virgil Abloh entrevista Arthur Jafa”. Tradução de Marina Schoor, 23 de setembro de 2019, disponível em <https://www.vice.com/pt/article/43k37p/virgil-abloh-entrevista-arthur-jafa>.

VON DREHLE, David. “The Long, Tangled Roots of the Michael Brown Shooting”, *Time*, 12 de agosto de 2014, disponível em <http://time.com/3104128/michael-brown-ferguson-cop-shooting-protests/>.

von ECKARDT, Wolf. “Death of the ‘City of the Future’”. *The Washington Post, Times Herald*, 24 de junho de 1972.

WACQUANT, Loïc. “Da Escravidão ao Encarceramento em Massa: Repensando a ‘Questão Racial’ nos Estados Unidos”. In: *Contragolpes: seleção de artigos da New Left Review*. Org. Emir Sader. São Paulo: Boitempo, 2006, p. 11-30.

WALCOTT, Rinaldo. *On Property: Policing, Prisons, and the Call for Abolition*. Ontario: Biblioasis, 2021a.

WALCOTT, Rinaldo. *The Long Emancipation: Moving Toward Black Freedom*. Durham and London: Duke University Press, 2021b.

WANG, Jackie. *Carceral Capitalism*. Cambridge: MIT Press, 2018.

WARREN, Calvin L. *Ontological Terror: Blackness, Nihilism, and Emancipation*. Durham/Londres: Duke University Press, 2018.

WARREN, Calvin L. “Abandoning Time: Black Nihilism and the Democratic Imagination”, *Amerikastudien/American Studies*, v. 66, n. 1, 2021, p. 247-251.

WAX-THIBODEAUX, Emily; LOWERY, Wesley; MARK, Berman. “County investigation: Michael Brown was shot from the front, had marijuana in his system”, *The Washington Post*, 18 de agosto de 2014, disponível em <https://www.washingtonpost.com/news/post-nation/wp/2014/08/18/county-investigation-michael-brown-was-shot-from-the-front-had-marijuana-in-his-system/>.

WAYTZ, Adam; HOFFMAN, Kelly M.; TRAWALTER, Sophie. “A Superhumanization Bias in Whites’ Perceptions of Black”. *Social Psychological and Personality Science*, v. 6, n. 3, 2015, p. 352-359.

WEHELIYE, Alexander. *Phonographies: Grooves in Sonic Afro-Modernity*. Durham: Duke University, 2005.

WEHELIYE, Alexander. *Habeas Viscus: Racializing Assemblages, Biopolitics and Black Feminist Theories of the Human*. Durham, North Carolina: Duke University Press, 2014.

WELLS, Ida B. “Southern Horrors: Lynch Law in All Its Phases”. In: *Southern Horros and Other Writings: The Anti-Lynching Campaign of Ida B. Wells, 1892-1900*. Boston, MA: Bedford/St. Martin’s Press, 1997, p. 50-72.

WESTHOFF, Ben. “Ferguson, Five Year Later”, *The Verge*, 6 de agosto de 2019, disponível em <https://www.theverge.com/2019/8/6/20754600/ferguson-michael-brown-killing-police-brutality-2014-protests-riots-5-years-later>.

WHITE, Hayden. “O evento modernista”. *Lugar Comum*, n. 5-6, 1999, p. 191-219, disponível em https://uninomade.net/wp-content/files_mf/112811120216O%20evento%20modernisata%20%E2%80%93%20Hyden%20White.pdf.

WILDER, Gary. “Apart Together: Aimé Césaire and Léopold Senghor had a radical vision for the world: decolonisation without national Independence”, *Aeon*, 29 de setembro de 2015, disponível em <https://aeon.co/essays/how-cesaire-and-senghor-saw-the-decolonised-world>.

WILDERSON III, Frank B. “The Prison Slave as Hegemony’s (Silent) Scandal”. *Social Justice*, v. 30, n. 2, 2003, p. 18-27.

WILDERSON III, Frank B. “Gramsci’s Black Marx: Whither the Slave in Civil Society?”. *Social Identities: Journal for the Study of Race, Nation and Culture*, v. 9, n. 2, 2010a, p. 225-240.

WILDERSON III, Frank B. *Red, White and Black: Cinema and the Structure of US Antagonisms*. Durham: Duke University Press, 2010b.

WILDERSON III, Frank B. *Afropessimismo*. Tradução de Rogério Galindo. São Paulo: Editora Todavia, 2021.

WILLIAMS, Juan. “Obama’s Color Line”, *New York Times*, 30 de novembro de 2007, disponível em <https://www.nytimes.com/2007/11/30/opinion/30williams.html>.

WILLIAMS, Patricia. “Language is part of the machinery of oppression – just look at how black deaths are described”, *The Guardian*, 10 de junho de 2020, disponível em <https://www.theguardian.com/commentisfree/2020/jun/10/language-is-part-of-the-machinery-of-oppression-just-look-at-how-black-deaths-are-described>.

WILSON, Andrew B. “Demolition Marks Ultimate Failure of Pruitt-Igoe Project,” *Washington Post*, 27 de agosto de 1973, p. 3.

WILSON, William Julius. *The Declining Significance of Race*, Chicago: University of Chicago Press, 1980.

WILTZ, Teresa. “Ferguson, Other U.S. Suburbs See Poverty Rise”, *Pew States*, 26 de agosto de 2014, disponível em <https://www.pewtrusts.org/pt/research-and-analysis/blogs/stateline/2014/08/26/ferguson-other-us-suburbs-see-poverty-rise>.

WISE, Tim. *Between Barack and a Hard Place: Racism and White Denial in the Age of Obama*, San Francisco: City Lights Books, 2009.

WOODS, Clyde. "Life after Death". *The Professional Geographer*, v. 54, n. 1, 2002, p. 62-66.

WRIGHT, Michelle. *Physics of Blackness: Beyond the Middle Passage Epistemology*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2015.

WYLY, Elvin (et. al.) "New Racial Meaning of Housing in America". *American Quarterly*, v. 64, n.3, 2012, p. 571-604.

WYNTER, Sylvia. "Beyond Miranda's Meanings: Un/Silencing the 'Demonic Ground' of Caliban's Women." In: Carole Boyce Davies and Elaine Savory Fido, eds., *Out of the Kumbla: Caribbean Women and Literature*. Trenton: Africa World Press, 1990, p. 355-372.

WYNTER, Sylvia. "Unsettling the Coloniality of Being/Power/Truth/Freedom: Towards the Human, After Man, Its Over-Representation: An Argument". *CR: The New Centennial Review*, v. 3, n. 3, 2003, p. 257-337.

WYNTER, Sylvia. "Nenhum Humano Envolvido: Carta Aberta a Colegas". Tradução de Stella Z. Paterniani e Patricia D. Fox. In: *Pensamento Negro Radical: Antologia de Ensaio*. São Paulo: Crocodilo Edições, 2021, p. 71-104.

YEELES, Adam. "Heat and Hotheads: The Effect of Rising Temperatures on Urban Unrest", *New Security Beat*, 23 de março de 2015, disponível em <https://www.newsecuritybeat.org/2015/03/heat-hothead-effect-rising-temperatures-urban-unrest/>.

YINGLING, Charlton; PARRY, Tyler. "The Canine Terror", *Jacobin*, 19 de maio de 2016, disponível em <https://www.jacobinmag.com/2016/05/dogs-bloodhounds-slavery-police-brutality-racism/>.

YOUNG, Kevin. "Moon Shot: Race, a Hoax, and the Birth of Fake News", *The New Yorker*, 21 de outubro de 2017, disponível em <https://www.newyorker.com/books/page-turner/moon-shot-race-a-hoax-and-the-birth-of-fake-news>.

ZALLOUA, Zahi. *Žižek on Race: Toward an Anti-Racist Future*. London: Bloomsbury, 2020.

ZAMPARONI, Valdemir. "Da escravatura ao trabalho forçado: teorias e práticas". *Africana Studia*, n. 7, 2004, p. 299-325.

ZIYAD, Hari. "Playing 'Outside' in the Dark: Blackness in a Postwhite World". *Critical Ethnic Studies*, v. 3, n. 1, 2017a, p. 143-161.

ZIYAD, Hari. "Solidarity can't work without understanding that Blackness has a role in every struggle", *The Black Youth Project*, 18 de abril de 2017b, disponível em <http://blackyouthproject.com/solidarity-cant-work-without-understanding-blackness-role-every-struggle/>.

ŽIŽEK, Slavoj. "O violento silêncio de um novo começo". In: *Occupy: movimentos de protestos que ganharam as ruas*. Tradução de Fernando Marcelino e Chrysantho Sholl. São Paulo: Boitempo/Carta Maior, 2012a, p. 15-26.

ŽIŽEK, Slavoj. "Occupy Wall Street: what is to be done next?", *The Guardian*, 24 de abril de 2012b, disponível em <https://www.theguardian.com/commentisfree/cifamerica/2012/apr/24/occupy-wall-street-what-is-to-be-done-next>.

ŽIŽEK, Slavoj. “Violência policial e violência divina”. Tradução Arthur Renzo, *Blog da Boitempo*, 07 de agosto de 2015, disponível em <https://blogdaboitempo.com.br/2015/08/07/zizek-violencia-policial-e-violencia-divina/>.